UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
Programa de Pós-Graduação em Educação

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: Educação Ambiental

TATIANA NOVAES DE OLIVEIRA

A Dimensão Política da Educação Ambiental: experiências significativas do professor na educação básica.

Rio Claro – SP
2018

TATIANA NOVAES DE OLIVEIRA

A Dimensão Política da Educação Ambiental: experiências significativas do professor na educação básica.

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho

Rio Claro, SP
2018

O48d

Oliveira, Tatiana Novaes de
A Dimensão Política da Educação Ambiental: experiências significativas do professor na educação básica. / Tatiana Novaes de Oliveira. -- Rio Claro, 2018
209 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientador: Luiz Marcelo de Carvalho

1. Dimensão política. 2. Educação Ambiental. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Educação Ambiental e a Dimensão Política: experiências significativas de formação do professor da educação básica

AUTORA: TATIANA NOVAES DE OLIVEIRA
ORIENTADOR: LUIZ MARCELO DE CARVALHO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. LUIZ MARCELO DE CARVALHO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Profa. Dra. LAÍSA MARIA FREIRE DOS SANTOS
Departamento de Ecologia - Centro de Ciências da Saúde / Instituto de Biologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro / RJ

Profa. Dra. DALVA MARIA BIANCHINI BONOTTO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Rio Claro, 28 de novembro de 2018

TÍTULO ALTERADO PARA: **A Dimensão Política da Educação Ambiental: experiências significativas do professor na educação básica.**

Dedico a todos os professores e professoras que acreditam
na Educação para a construção de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fonte que tudo é pela possibilidade da experiência e realização deste mestrado.

Agradeço aos meus queridos: pai e mãe, sem os quais essa jornada não seria possível. Agradeço a eles o dom da vida, o apoio material, emocional e o zelo que sempre tiveram para comigo.

Agradeço ao Regis pelo apoio incondicional, pela estadia, amizade, pelas trocas e incentivo.

Agradeço ao professor Luiz Marcelo pela orientação cuidadosa e carinhosa, cujo estímulo, nos períodos em me encontrei desestimulada e perdida, me levou adiante. Obrigada professor por sua presença constante e confiança no trabalho, o senhor é e continuará sendo, para mim, o maior exemplo de professor e pesquisador. Obrigada por tudo!

À professora Dalva, agradeço por ser sempre essa pessoa sensível, carinhosa e que me marcou profundamente desde a graduação. O mundo precisa de mais seres como você! Expresso aqui toda minha gratidão e admiração.

Agradeço à professora Laisa pela disponibilidade em participar deste trabalho através da leitura cuidadosa e as valiosas contribuições para o trabalho, sua presença enriqueceu os vários sentidos que este trabalho me trouxe. Minha gratidão.

Agradeço à professora Maria Rosa por todo aprendizado ao longo do estágio docência. Você e a turma que acompanhei foram essenciais para meu crescimento profissional e pessoal, foram momentos intensos de trocas, aprendizado e emoção.

Agradeço ao professor Luciano, relator do meu projeto de pesquisa, sem as contribuições e os apontamentos que realizou no projeto, eu não teria um caminho claro quanto ao trabalho a ser realizado. Obrigada professor!

Um especial agradecimento ao Leonardo de Barros, corretor e revisor desta dissertação. Léo, nada como um especialista no assunto para deixar o texto mais elegante, legível e correto. Sua revisão foi mais que isso, foi o gás que eu precisava na hora certa.

Agradeço à equipe gestora e professores da E.E. Prof. Clodoveu Barbosa, que não pouparam esforços para facilitar minhas indas e vindas, e aos colegas que vibraram com minha conquista.

A todos os amigos e amigas da pós-graduação, que de maneira única e especial contribuíram para este processo através das trocas de ideias, sugestões de leituras e pelo apoio nas horas difíceis, amigues vocês fizeram esse mestrado valer a pena!
Desses agradeço em especial à Geise Daniele, a Talita Jordão, Mary Nardi e Tais Degasperi, pelo nosso “Clube da Árvore”.
Não posso deixar de citar a Júlia Patire e o Thiago Ribeiro amigos para todas as horas, que me receberam de peito e casa abertas, quem tem amigo, tem tudo!
Gratidão meus queridos.

RESUMO 9

Abstract 11

PRÓLOGO 1

1 INTRODUÇÃO 4

1.1 Contexto de motivações para essa pesquisa 16

2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA 19

3 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS, CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E SUAS TRAJETÓRIAS DE VIDA 27

Profª SocGeo 28

Profª BioA 38

Prof Hist 47

Prof. SocHis. 56

Profª BioB 67

Profª GeoA 76

Prof GeoB 83

Prof. Fisc 94

4 Experiências Formativas em relação à Temática Ambiental e à dimensão política 106

4.1 EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM RELAÇÃO À TEMÁTICA AMBIENTAL 106

4.1.1. Experiências em contextos não escolares 106

4.1.2 Experiências em contextos escolares 111

4.2 EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM RELAÇÃO À DIMENSÃO POLÍTICA 119

4.2.1 Dimensão política no contexto não escolar 120

4.2.2 Dimensão política no contexto escolar 125

5 EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS 140

5.1 Escola: lugar das possibilidades. 158

5.2 Limitações para trabalhar com a temática ambiental na escola 160

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 166

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 171

Anexo I - Roteiro para Entrevistas 176

Anexo II – Transcrição completa de uma entrevista 177

RESUMO

O presente trabalho busca mobilizar sentidos sobre a relação entre as experiências de vida de oito professores da educação básica e a dimensão política da Educação Ambiental, de forma a compreender as possibilidades que as diferentes experiências de vida oferecem para a sensibilização dos professores, para o trabalho com a temática ambiental. Entendemos a educação enquanto ato político e, assumindo que os professores, quando têm clareza de sua prática pedagógica com relação à temática ambiental, atuam de maneira intencional para a transformação da sociedade.

A perspectiva qualitativa foi vista como mais apropriada ao estudo, e o instrumento para a produção dos dados foi a entrevista em profundidade. Para a análise tomamos como referencial teórico a Análise dialógica do discurso (BAKHTIN, 2006).

Procuramos identificar as experiências que aproximaram os professores tanto de aspectos relacionados à temática ambiental quanto da dimensão política da temática ambiental. Com relação à temática ambiental no contexto escolar as vivências como as saídas de campo, a lembrança de professores que envolviam, de maneira mais ampla, as questões ambientais em suas aulas e as vivências na universidade foram destacadas. No contexto não escolar experiências lúdicas durante a infância, as práticas familiares, e a participação em comunidades religiosas foram citadas. Sobre a dimensão política no contexto não escolar a referência à participação políticas dos pais em sindicatos e mobilizações, a participação em comunidades eclesiais de base e os grupos de amigos foram citados como importantes experiências. Já no contexto escolar, o contato com professores que propunham o debate de ideias, no ensino superior a participação nos Movimentos Estudantis, o contexto conflituoso da universidade pública e o contato com a pesquisa científica foram experiências que os sensibilizaram para a dimensão política da educação e da temática ambiental.

Assim identificamos as motivações para o trabalho, bem como os conteúdos, recursos e procedimentos didáticos que os professores recorrem ao tentar incluir a temática ambiental em suas aulas. Além de elencar as possibilidades e limitações para o trabalho com essa temática na escola.

Palavras chave: Dimensão política; Educação ambiental; experiências significativas; envolvimento político; temática ambiental.

ABSTRACT

The present work seeks to mobilize meanings about the relationship between the life experiences of eight teachers of basic education and the political dimension of Environmental Education, in order to understand the possibilities that the different life experiences offer for the sensitization of teachers, for the work with the environmental theme. We understand education as a political act, and assuming that teachers, when they have clarity of their pedagogical practice regarding the environmental theme, act in an intentional way for the transformation of society.

The qualitative perspective was seen as more appropriate to the study, and the instrument for producing the data was the in-depth interview. For the analysis we take as theoretical reference the Dialogical analysis of the discourse (BAKHTIN, 2006).

We tried to identify the experiences that approached the teachers both aspects related to the environmental theme and the political dimension of the environmental theme. With regard to the environmental theme in the school context, experiences such as field trips, the remembrance of teachers that involved more broadly the environmental issues in their classes and the experiences at the university were highlighted. In the non-school context, playful experiences during childhood, family practices, and participation in religious communities were cited.

Regarding the political dimension in the non-school context, the reference to parental political participation in unions and mobilizations, participation in grassroots ecclesial communities and groups of friends were cited as important experiences. In the school context, contact with teachers who proposed the debate of ideas, higher education participation in Student Movements, conflict context of the public university and contact with scientific research were experiences that sensitized them to the political dimension of education and of environmental issues.

Thus we identify the motivations for the work, as well as the contents, resources and didactic procedures that teachers use when trying to include the environmental theme in their classes. In addition to listing the possibilities and limitations for working with this theme in school.

Key words: Political dimension; Environmental Education; significant experiences; political involvement; environmental themes.

PRÓLOGO

O meu interesse pelos processos da natureza iniciou-se muito cedo em minha vida. Meu pai, mineiro, que nasceu e cresceu na “roça” desde sempre nos ensinava sobre o que conhecia, como identificar espécies de bambu, diferenciar paineiras de quaresmeiras, bois de vacas, dentre outros conhecimentos que a convivência com a natureza lhe propiciou. Tal proximidade com os elementos da natureza se fazia mais intensa nas viagens à casa de tios que moravam em fazendas; lá podíamos observar animais silvestres, ter contato com árvores nativas e nadar em rios límpidos. Outros momentos de contato com a natureza ocorriam quando íamos à praia e ficávamos hospedados em acampamentos em meio à Mata Atlântica. Essas foram experiências, em lugares tão diversificados com as quais aprendíamos muito.

Na escola, o interesse pela natureza e seus processos continuou e, desde a 5ª série, tive certeza de que queria ser professora de Ciências e Biologia. Ao longo do percurso escolar, contei com bons professores que me instigaram rumo ao conhecimento, eram carismáticos e me permitiram compreender que a vida e a ciência se constituíam, em maior parte, de dúvidas e não de respostas prontas e acabadas. Isso me fascinava.

Estimulada por esse convívio, escolhi fazer graduação em Biologia, em busca de algumas respostas para os questionamentos que trazia. Cursei as modalidades de bacharelado e licenciatura, sempre com o objetivo de lecionar. Durante minha graduação, tive professores que considero inspiradores, três em especial, vinculados à área da Educação.

Ainda nesse período, tive oportunidade de me envolver com os movimentos estudantis, por meio de encontros nacionais e regionais de estudantes de Biologia. A vivência nesses coletivos despertou em mim um senso crítico ainda mais aguçado, pois podíamos discutir outros temas relacionados à nossa formação, a temática ambiental e as implicações políticas e sociais da atuação do Biólogo e do professor. Hoje vejo a participação no movimento estudantil como um fator essencial para minha compreensão da dimensão política da Educação. Agir intencionalmente através do ensino de Biologia parecia a grande chave para, de maneira coletiva, enfrentar o aumento da degradação ambiental, e ao mesmo tempo contribuir para a formação humana e cultural de meus alunos.

O contato com a Educação Ambiental (EA) veio depois, quando já atuava como professora em uma escola pública. Na época o governo do estado de São Paulo estava instituindo o programa “Escolas Sustentáveis” (2013), e no local onde lecionava, a direção delegou-me a responsabilidade de implementar o programa. Recém-formada, senti-me um tanto desafiada pela demanda, sobretudo por se tratar de um tema que era, até então, pouco conhecido por mim e que envolveria a escola toda. Recorri à Universidade em busca de apoio e mais conhecimentos sobre a Educação Ambiental.

Acabei por participar da oitava edição do Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA) e pude entrar em contato com a pesquisa na área. Com isso pude perceber que existem muitas perspectivas de Educação Ambiental. A partir dessa experiência, encontrei o meu lugar, tanto em relação à docência quanto em relação à possibilidade de pesquisa. Por meio de minha atuação como professora de Biologia, de minha participação em congressos e simpósios, do contato com a literatura do campo e as reflexões dali geradas, pude compreender que a temática ambiental se relaciona com diferentes dimensões da esfera humana. Vi na EA a possibilidade de repensar o ensino da Biologia, encontrei nessa pesquisa um caminho de construção de conhecimentos individuais e coletivos, isto é, uma possibilidade de enfrentamento de alguns problemas ambientais, sociais e políticos.

Envolvi-me, então, com o grupo de pesquisa do qual faço parte atualmente, para poder entender melhor como a Educação Ambiental, e a pesquisa nesse campo, vêm sendo construídas ao longo do tempo, em suas perspectivas e dimensões, em suas implicações teórico-metodológicas no meio científico e na prática social de sua ação.

Ao entrar no mestrado, em conversas com o professor orientador deste trabalho, pude aproximar-me da dimensão política da Educação Ambiental, a qual nem sempre é considerada. Pensando justamente nas implicações e nos embasamentos teórico-metodológicos das práticas pedagógicas, resolvemos investigar as experiências de vida de professores e até que ponto tais experiências contribuíram ou não para os colocar em uma postura mais aberta para trabalhar com a temática ambiental em suas disciplinas.

O projeto foi desenvolvido pensando nas condições materiais, contextuais, temporais e estruturais da pesquisadora e do programa. Foi necessário considerar o

tempo de desenvolvimento do mestrado, a escolha dos participantes, o contato que seria necessário manter com os participantes e as possíveis contribuições da pesquisa para a área. Portanto, este trabalho não tem a pretensão de encontrar soluções para os problemas ambientais, mas apontar caminhos para mobilização de sentidos sobre a temática ambiental, sobre a Educação Ambiental, e, em especial de sua dimensão política.

Em meio a altos e baixos, a pesquisa tem sido um processo de aprendizado incessante, desde os momentos de entrevista, em que podemos conhecer um pouco da prática de outros professores, até o período da escrita, em que reconhecemos nossas falhas e limitações, bem como nossas potencialidades enquanto pesquisadores, de maneira a contribuir para um processo de construção de conhecimento no qual o esforço da crítica constante é alimentada.

1 INTRODUÇÃO

Já há muito tempo pesquisadores e ambientalistas vêm alertando a sociedade sobre as mudanças irreversíveis que algumas atividades humanas estão causando no planeta. O livro de Rachel Carson (1962), no qual a autora denuncia os graves problemas ambientais causados pela aplicação descontrolada e irresponsável de pesticidas, foi uma das primeiras publicações que alcançou o grande público. Atividades humanas essenciais à nossa sobrevivência foram desenvolvidas ao longo dos séculos de maneira predatória, de modo a gerar desequilíbrios de toda ordem. A poluição das águas oceânicas, a emissão de gases poluentes, e as graves consequências das mudanças climáticas para a Biosfera têm sido colocadas na “ordem do dia” e chamado a atenção de diferentes setores sociais, inclusive como notícias de destaque em muitos dos meios de comunicação de massa.

Atualmente algumas dessas mudanças ambientais afetam de maneira séria o modo de vida dos seres vivos. O fato é que nem todas as populações humanas, quer quando consideradas em diferentes tempos históricos, quer quando consideradas em espaços geográficos diferentes, são impactadas da mesma maneira ou com a mesma intensidade. Populações com menores condições materiais, que vivem em zonas de extrema pobreza em situações vulneráveis, e populações de países subdesenvolvidos - ou, como preferem alguns autores, de países periféricos (SANTOS, 2016) - sofrem de maneira mais intensa algumas das alterações ambientais provocadas.

Desde os anos 60, a comunidade ambientalista que começava naquele momento histórico a se articular vem tentando, por meio de mobilização coletiva, fazer frente aos impulsos predatórios das grandes indústrias e de outros setores econômicos. No entanto, as reações contra os movimentos ambientalistas foram ficando mais fortes e mais visíveis. Vale a pena relembrar que também, nesse período, vislumbramos o surgimento dos movimentos de contra cultura, que, assim como os movimentos ambientalistas, foram reprimidos ideológica e politicamente. É nesse contexto de embate contra hegemônico, que os movimentos ambientalistas ganham força e colocam na ordem do dia questões relativas à temática ambiental. Tais iniciativas voltam-se

para lutas diversas tais como, a redução da emissão de gases, ressalvas aos alimentos transgênicos, por uma agenda de educação ambiental dentre outras. Alguns desses ambientalistas têm como tema central a crítica ao sistema capitalista, e são marcados pela dimensão política de suas reivindicações.

Como já nos asseverou Gerd Bornheim (1985, p. 24) “a natureza tornou-se agora, antes de tudo, um tema visceralmente e necessariamente político”. A natureza só pode assim ser tomada por um tema político quando entendemos que os processos naturais são alterados e afetados pelas interações que se estabelecem entre a humanidade e os outros elementos da natureza. Assim sendo, o entendimento que acatamos é o de que os processos naturais, tais como são, não podem ser vistos isoladamente como aqueles que caracterizam a chamada “temática ambiental”. Como “temática ambiental”, tais processos só podem ser analisados, quando os seres humanos, organizados em sociedade, de alguma maneira alteram esses processos.

Alguns autores que têm contribuído com reflexões sobre o tema alegam que a causa fundamental da degradação ou dos problemas ambientais é gerada pelo modelo social de produção capitalista (BIGLIARDI; CRUZ, 2007; ROGRIGUES; GUIMARÃES, 2010; LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013; STENGERS, 2015). Esse modelo de produção e industrialização, pautado pela ideologia do domínio/exploração que as sociedades exercem sobre os outros elementos da natureza (CAMBI, 1999), agrava ainda mais as desigualdades sociais e aumenta os impactos das atividades humanas sobre o ambiente.

Bigliardi & Cruz (2007, p. 130) ao refletirem sobre as implicações do sistema capitalista de produção nas relações e com a natureza, afirmam que:

> a lógica deriva do ritmo crescente imposto ao processo de trabalho, o qual não é adequado às necessidades de recuperação das energias vitais dos trabalhadores, bem como da regeneração da natureza afetada pelo processo produtivo.

Uma tentativa que vem sendo proposta e construída ao longo dos anos é o enfrentamento desses problemas por meio da Educação Ambiental (EA). Para Trein (2012 p. 309), é necessário repensarmos a forma de ser e estar no mundo, e para tanto, seria necessária uma ação intencional e consciente rumo à tais transformações. A aposta é que a EA seria essa ação consciente e intencional rumo às transformações que desejamos, e isso implicaria um

câmbio radical, que modificaria as maneiras de sermos no mundo, alterando toda a estrutura material e social da vida.

Se identificamos como imperiosa a transformação das relações entre humanidade e a natureza e propomos uma mudança de paradigma nos meios de produção material e social, é necessário que sejam transformados também:

> as visões de mundo que dão sustentação política e ideológica, científica e tecnológica ao sistema que mercantiliza todas as dimensões da vida. [...] A educação como espaço concreto de ação-reflexão, com potencial para a formação integral dos sujeitos sociais, desempenha papel fundamental (TREIN, 2012, p. 310)

Nesse sentido, entendemos que a Educação Ambiental significa a confluência dos campos ambiental e educativo. A EA, dessa maneira, pode ser entendida como prática educativa intencional que tem o compromisso político de questionar o modo como estão postas as relações entre humanidade e a natureza, entre o modelo de produção e as desigualdades sociais. Assim abre-se caminho para entendê-la como possível aproximação entre o campo próprio da Educação e a temática ambiental.

A Educação Ambiental está incluída dentro do que hoje se constitui como *campo ambiental*, e expressa uma amplitude de modos de pensar e agir, tanto nas áreas da pesquisa quanto de atuação pedagógica. Para Carvalho (2005), o campo faz parte do:

> heterogêneo universo do *ambiental*, tomado enquanto relevante fenômeno sócio-histórico contemporâneo, produz uma rede de significados e se apresenta como uma *questão*, catalisadora de um importante espaço argumentativo (CARVALHO, 2005, p.3).

Caracterizando esse universo ambiental do qual a Educação Ambiental faz parte, podemos dizer que ele abarca um universo de significados, e pode ser entendido como um espaço narrativo organizado, no qual estão incluídos valores éticos, políticos e existenciais que regulam a vida individual e coletiva em um campo de relações sociais (CARVALHO, 2005).

Uma vez que não existe, *a priori*, uma relação clara entre a temática ambiental e a Educação, a busca por compreendermos de forma mais clara essa aproximação tem sido empreendida por diversos pesquisadores (CARVALHO, 2001; CARVALHO 2006; BONOTTO et al 2010; AGOGLIA-

MORENO, 2010). Esses autores evidenciam uma grande variedade metodológica e os diversos conflitos pertinentes a essa relação.

Carvalho (2006), por exemplo, chama a atenção para o reconhecimento, por diferentes setores sociais, quanto às possibilidades das propostas educativas em relação à temática ambiental:

> Nos diferentes setores sociais, há uma forte tendência em reconhecer o processo educativo como uma possibilidade de provocar mudanças e alterar o atual quadro de degradação do ambiente com o qual deparamos (CARVALHO, 2006, p. 3).

No entanto, assim como o autor anteriormente mencionado, Lima (1999) sublinha a dualidade inerente à questão educacional:

> A questão educacional comporta uma dualidade e pode ser conduzida de uma forma libertadora ou opressora, a depender da luta entre concepções, valores e práticas sociais dos grupos que dividem e disputam o mesmo campo. Assim, tanto a educação quanto a questão ambiental, apesar das múltiplas dimensões que envolvem são, em nosso entendimento, questões essencialmente políticas que comportam visões de mundo e interesses diversificados (LIMA, 1999, p. 2).

Aqui vale a ressalva que tem sido enfatizada por alguns autores quanto à tendência exagerada em identificar os processos educativos como a única possibilidade de enfrentamento da degradação ambiental. Essa supervalorização leva facilmente à idealização ou à mistificação sobre o potencial transformador da Educação. É reconhecendo os limites das práticas pedagógicas que conseguiremos então ter as possíveis dimensões de suas potencialidades (CARVALHO, 1989; CARVALHO; CAVALARI; SANTANA, 2002, p. 33).

No Brasil, a constituição histórica da Educação Ambiental e seu desenvolvimento inicial não se deram no campo da Educação, mas vincularam-se de forma mais direta aos movimentos ecológicos, refletindo de forma mais intensa o debate ambientalista em detrimento das teorias educacionais (CARVALHO, 2001). No contexto de sua origem, “poderíamos dizer que EA é herdeira direta do movimento ecológico e do debate internacional sobre meio ambiente (CARVALHO, 2001, p. 46)”.

Segundo a autora (CARVALHO, 2012) discutir o movimento ecológico e a Educação Ambiental sem no entanto:

> situá-lo[s] em relação ao ambiente utópico que lhes deram origem e a sua filiação contracultural, seria reduzir a compreensão daquilo que fundamentalmente os inspira e conferem poder de atração e convocação à ação (CARVALHO, 2012, p. 48).

Ainda no exercício de contextualização do surgimento do campo da EA, Carvalho (2006) aponta que:

> desde sua fase inicial, o movimento ambientalista tem na crítica ao estado e aos excessos de centralização de poder uma de suas proposições centrais. Entre suas utopias estão a democratização das diferentes esferas do poder, a democracia pluralista e os processos de autonomia e autogestão (CARVALHO, 2006, p. 4).

Segundo Silva (1996, p. 50) os discursos do movimento ecológico são historicamente determinados, ou seja, podem ser localizados e marcados pela contraposição à sociedade de consumo urbano-industrial. Sintonizamos com a ideia de Silva (1996) que se move em sentido à crítica socioambiental, sem negar que existem outros discursos ecológicos bastante ligados a uma perspectiva neoliberal. Apostamos ainda na ideia de que a falta de clareza sobre a constituição do campo da EA, pode desmobilizar as práticas pedagógicas tirando aquilo que, em essência, se constitui como sua particularidade. Assim, podemos dizer que o caráter de mobilização política talvez seja um dos fatores essenciais para que a ação pedagógica crítica em EA seja potencializada. Nessa direção, a EA é vista como um possível caminho para estimular diferentes visões sobre a relação entre sociedade e natureza através de uma prática pedagógica intencional.

Algumas das reivindicações do movimento ambientalista foram tomadas como base pela Educação Ambiental, mas ao longo dos anos, foram sendo construídas diversas perspectivas de Educação Ambiental. Trein (2012) faz algumas considerações sobre o que se tem tentado historicamente constituir enquanto a chamada Educação Ambiental Crítica. A autora aponta que:

> é como se a EA olhasse a educação desde um outro campo. [...] a EA parece desconsiderar o acervo de conhecimentos já produzidos e sistematizados pela área da educação. [...] Em nossas reflexões apontamos para a necessária articulação entre o ambiental e o educacional, sob pena de vivermos a contradição de ser prescritivos para aquilo que não

> conhecemos a fundo: a educação e, mais especificamente, a escola. Por outro lado, se almejamos que a produção material e social da vida se dê em outras bases ontoe-pistemológicas não podemos prescindir de uma educação ambiental crítica que contribua para transformar as relações sociais de produção em direção a um outro projeto civilizatório (TREIN 2012, p. 313-314).

Com o passar do tempo o campo da EA foi se alterando, o que se refletiu em modificações em seus objetivos, sua natureza conceitual, ontológica, epistemológica e metodológica. Para Payne (2009, p. 56), na década de 70, o objetivo maior da EA seria transmitir conhecimentos factuais sobre o ambiente e seus processos biológicos. Segundo esse autor ainda ao longo dos anos, as práticas de EA passaram a ter maior preocupação com as perspectivas de uma educação política e socialmente crítica, o que aumentaria suas potencialidades.

Para cumprir essa demanda é necessário ao campo se reinventar, ousar, e para Sund & Öhman (2014), há a necessidade de repolitizar a Educação Ambiental, de modo a trazer a riqueza dos temas controversos para as práticas de EA. Tal perspectiva, consequentemente, poderia estimular o pensar de maneira integrada, para a formação de sujeitos com atitudes críticas e participativos (SUND; ÖHMAN, 2014).

As perspectivas que mais se sintonizam com essa necessidade de repolitizar a EA são aquelas que se afinam à Teoria Crítica, nomeadas hoje de Educação Ambiental Crítica. Algumas iniciativas dessa corrente fundamentam suas práticas pedagógicas na luta contra-hegemônica, anticapitalista, e nas perspectivas de Educação libertária e histórico-crítica.

Carvalho (2015) nos chama atenção para o fato de que todo processo educativo é intencional, a depender das escolhas teórico-metodológicas, pode reforçar ou subverter as ideias hegemônicas postas pelo atual modelo social de produção capitalista. A intencionalidade, independente de qual seja, está vinculada à dimensão política da educação.

Nesse sentido, seria possível afirmar que a dimensão política é inerente ao processo educativo? É possível um ato intencional sem que esteja orientado por concepções, valores, princípios e ideais? Apostamos na ideia de que todo ato educativo tem uma dimensão política e, assim sendo, é impossível pensar

ou fazer educação sob uma suposta neutralidade. Nessa perspectiva Saviani (1985) discute a dimensão política da Educação, afirmando que:

> toda prática educativa, enquanto tal, possui uma dimensão política, assim como toda prática política possui, em si mesma, uma dimensão educativa (SAVIANI, 1985, p. 94).

Quando nos referimos ao caráter político da educação, não estamos nos referindo à política partidária, institucionalizada, mas sim à dimensão do que é político. Chantal Mouffe (2003) nos ajuda a estabelecer tal distinção:

> Por "político" refiro-me à dimensão do antagonismo que é inerente a todas as sociedades humanas, antagonismo que pode assumir formas muito diferentes e emergir em relações sociais diversas. "Política", por outro lado, refere-se ao conjunto de práticas, discursos e instituições que procuram estabelecer uma certa ordem e organizar a coexistência humana em condições que são sempre potencialmente conflituosas, porque afetadas pela dimensão do "político" (MOUFFE, 2003, p. 15)

Assim, o significado que estamos atribuindo à dimensão política do processo educativo vai ao encontro com o que é proposto por Mouffe (2003). Política que, vinculada à educação, promove a autonomia, a consciência para a transformação, estando vinculada a um dado projeto de sociedade.

Tal dimensão da educação é também enfatizada por Severino (2002), para quem:

> a prática educativa é fundamentalmente política, e deve estar compromissada em possibilitar aos educandos a percepção das relações de poder existentes na sociedade (SEVERINO, 2002, p. 89).

Assim, a perspectiva sobre a dimensão política fica mais específica no sentido que estamos traçando para este trabalho. Podemos pensar que quando o ato educativo ocorre no sentido de esclarecer e questionar e as relações conflitantes existentes na sociedade, a dimensão política do ato educativo pode ser fortalecida, mobilizando os sujeitos à uma transformação social. Para nós, quando há clareza sobre as causas e os efeitos destas relações de poder, é possível atuar na transformação social.

Ao considerarmos a dimensão política do ato educativo, abrimos caminho para pensar sobre o papel do cidadão nas transformações sociais que almejamos. Apostando na ideia de que estar em contato com posicionamentos

contraditórios poderia favorecer um pensamento pluralista, onde o indivíduo seria capaz de ter maior clareza sobre as relações de poder na sociedade, reconhecendo as dinâmicas sociais que as influenciam. Tal possibilidade abre, também, a perspectiva de que, assim, o cidadão pode atuar ética e politicamente no sentido das transformações dessas relações.

Nessa direção, vale então questionarmos em qual Educação apostamos: uma educação que reforce as relações desiguais de poder ou uma educação que permita a compreensão, a crítica e o engajamento em ações de possíveis transformações dessas relações?

Isabelle Stengers (2015) problematiza a questão da explicitação do conflito, como caminho para que questões ambientais, educacionais e políticas sejam discutidas. Para ela, o conflito é importante, mas o que precisa ser discutido é:

> sua ligação com a produção de inteligibilidade que está em questão, que ameaça dar respostas antes de ter aprendido a formular questões, propor certezas antes de ter feito a experiência da perplexidade (STENGERS, 2015, p. 27).

É essa experiência da perplexidade que nos leva neste trabalho a relacionar a temática ambiental, a Educação e a dimensão política da EA. Carvalho (2015) nos alerta que o reconhecimento e a explicitação da dimensão política da EA, podem ser caminhos no enfrentamento dos problemas ambientais pelos quais passa a sociedade atual, mas pode, por outro lado “nos colocar nos caminhos, também arriscados, do pragmatismo e das perspectivas liberais e neoliberais, presentes no âmbito da educação” (CARVALHO, 2015, p. 171) mostrando que a dimensão política tem muitas facetas.

Carvalho (2006) propõe, considerando a perspectiva da EA crítica, três dimensões constituintes da prática pedagógica em Educação e em especial para a EA, a saber: dimensão dos conhecimentos, dimensão dos valores (axiológica) e a dimensão da participação. O autor considera que, para que haja a efetividade dos processos educativos no geral, e em especial para as atividades que envolvam a temática ambiental, devem ser consideradas as três dimensões em complementaridade. Para esse autor, a articulação entre elas pode ser entendida como a dimensão política do ato educativo, assim as três dimensões são:

> Vistas como dimensões de complementaridade e de reciprocidade com a dimensão política, esses diferentes aspectos do nosso trabalho sustentam a possibilidade de intencionalizarmos as nossas ações, visando à formação de seres humanos. (CARVALHO, 2006, p. 7).

Cientes que diferentes perspectivas têm sido propostas para o desenvolvimento de práticas de EA, ressaltamos que o ato educativo só se caracteriza, de fato, com toda a sua força, como político, quando essas três dimensões são consideradas em sua complementaridade. Caso contrário, as práticas pedagógicas que considerem apenas a questão do conhecimento científico, os conteúdos, ou as que consideram apenas os valores (dimensão axiológica), ou aquelas que se pautam apenas na participação, deixam escapar o que o ato educativo teria de mais transformador, que é a integração intencional de suas três dimensões. Sem considerarmos as três dimensões o ato educativo pode ser fragilizado, não alcançando assim sua dimensão política.

Torales (2013, p. 2) admite que “a EA oportuniza o debate, o questionamento e a negociação de projetos políticos, culturais e sociais.” Podemos ainda acrescentar que o trabalho articulado com as 3 dimensões da EA abre possibilidades de compreensão sobre a interdependência que a questão ambiental tem com outras áreas e outros assuntos.

Assim, considerando tal proposta, as atividades de EA que se resumem a cumprir metas curriculares e que não integram ou promovem as dimensões em sua completude, são fragilizadas no seu potencial de transformação social, justamente por não considerar a dimensão política em sua totalidade.

Tomamos a natureza política da educação, ou seja a articulação entre as três dimensões propostas por Carvalho (2006), como elemento essencial para a efetividade das práticas pedagógicas. Apostamos que ter clareza sobre esta natureza pode potencializar a intencionalidade da ação pedagógica do professor, por exemplo, ao trabalhar os conteúdos relacionados à temática ambiental, e que esta intencionalidade é o motor das transformações que podemos ver acontecendo por meio da Educação.

Sobre a construção de um sujeito crítico e que participa ativamente das demandas sociais, Pinheiro (1997, p. 145) escreve notas para a formação de

um sujeito político. Para Pinheiro (1997) existe uma diferença entre indivíduo e sujeito, uma vez que o indivíduo seria uma pessoa comum visto apenas como um elemento a mais do tecido social, sem que exista ou carregue necessariamente as suas experiências próprias ou a sua história de vida. Já o sujeito, só existe no interior de uma situação e este sendo um agente desta situação. Para exemplificar, qualquer pessoa é conceitualmente um indivíduo, mas para o autor, podemos chamar de sujeitos àqueles que se envolvem em ações sociais efetivas. Para Pinheiro (1997) existem três formas simultâneas e superpostas para a constituição do sujeito:

> 1) a ontológica, que se refere à estrutura, 2) a da atualização histórico-social da estrutura e 3) a do sujeito empírico das ações sociais efetivas. Esta terceira forma concentra em si todas as formas de constituição do sujeito e representa a forma mais imediata e visível de manifestação objetiva da subjetividade. Por isso mesmo é, também, a forma imediatamente dada à observação e suscetível de mudança de comportamento de acordo com a atualização histórico-social da estrutura (ontologia). Minha definição de sujeito da ação política recobre, portanto, um aspecto particular dessa terceira forma. Todavia, o exame das determinações do seu comportamento, das opções que faz e das ações que realiza exige uma teoria da constituição do sujeito (PINHEIRO, 1997, p. 144).

Não nos debruçaremos aqui em teorias sobre a constituição do sujeito, mas se trouxermos a noção de que um sujeito é aquele indivíduo que age em determinada situação ou que tenha uma atitude participativa intencional em sua realidade, podemos explorar as possíveis relações entre o ser professor e ser sujeito de uma ação política. Se entendermos que aquele que atua nas relações sociais de maneira efetiva sendo o sujeito de uma ação política estamos, de certo modo, caracterizando a atuação pedagógica dos professores, como ação política. Quando pensamos em uma atuação voltada à temática ambiental ou à Educação ambiental, temos que os professores podem ser tidos como sujeitos próprios da ação.

Temos então que fazer e pensar uma Educação Ambiental na qual se considere a dimensão política exigem que o educador esteja sensível e que tenha clareza sobre esta dimensão.

Nessa direção questionamos, quais os caminhos possíveis para despertar nos educadores esse envolvimento com a dimensão do político e quanto ao seu papel como formador do sujeito político?

Nesta pesquisa, a nossa intenção é a de colocar como foco as experiências de vida dos professores e explorar aquelas que, de alguma forma se apresentam como tendo contribuído para um maior envolvimento desses professores para com a temática ambiental e a dimensão política da EA. Segundo estudo feito por Hart e Nolan (1999) existe uma complexa relação teórico-prática na ação pedagógica dos professores, constatando a influência dos conhecimentos, das crenças, valores e experiências pessoais dos professores em suas práticas em sala de aula.

Assim, esta investigação visa, em uma etapa inicial, identificar professores mais sensíveis à temática ambiental e que em suas práticas pedagógicas exploram em sala de aula possíveis relações entre a temática ambiental e os conteúdos dos seus currículos.

A partir da definição de um grupo de professores com essas características, a intenção é mobilizar sentidos sobre as relações entre as suas experiências de vida e o trabalho com a temática ambiental e seu envolvimento com a dimensão política.

Essas experiências de vida estão, de certa forma, atreladas aos saberes docentes, que são compreendidos como o conjunto de ideias, crenças, concepções, razões, argumentos e discursos que os professores vão construindo ao longo de suas vidas (TARDIF, 2001) e ao longo de suas trajetórias profissionais.

Dessa forma, nos parece pertinente indagar sobre as experiências que tenham sido significativas para a constituição de professores envolvidos com a dimensão política, sujeitos de sua ação pedagógica e sensibilizados para o trabalho com a temática ambiental. Alves (2013) em sua pesquisa investigou as experiências de vida de três professoras de Ciências e Biologia e como essas experiências as colocaram frente à dimensão política da temática ambiental. Em nosso estudo exploraremos as experiências de oito professores que ministram disciplinas não apenas ligadas à área das Ciências da Natureza como a Física e a Biologia, mas também de áreas como a Geografia,

Sociologia e História, tentando mobilizar sentidos sobre as experiências de vida que os colocam frente à dimensão política da temática ambiental.

Para nós o perfil militante desses professores, participantes da pesquisa é uma característica indispensável, pois relacionamos essa característica à questão do conflito. Os professores que têm um perfil de militância serão profissionais que possivelmente estimulem seus alunos ao debate, para que deem voz às causas pelas quais lutam, ou que consideram como importantes. Sendo assim, ter um perfil de militância será um importante critério na escolha dos participantes.

Para Carvalho (2001) a militância associa-se a uma ação política, seja esta ação direta ou indireta. Para a autora:

> o ser militante é uma experiência menos atrelada a organizações partidárias-ideológicas e mais voltada a uma militância de ideias e princípios. Representa, sobretudo, um compromisso pessoal com um amplo ideário político existencial que reúne sensibilidades políticas emancipatórias, estéticas e afetivas (CARVALHO, 2001, p. 207).

Para não cairmos em uma visão romantizada de um profissional militante, gostaríamos de ampliar esta noção admitindo que podem existir professores militantes ditos conservadores, ou que, de certa forma tentam inculcar conhecimentos nos alunos. Nossa visão de militância converge para o que Carvalho (2001) define como um valor que se soma ao espaço do profissional é um traço que se delineia a partir da convergência de múltiplos atravessamentos, seja de sua área específica, ou do campo ambiental, da militância política, das lutas em movimentos sociais, e pode ser também do mundo da ação política profissionalizada.

Em sua definição de militância, Carvalho (2001, p. 212) aponta que esta inclui a atuação política, mas também outras dimensões da vida individual e coletiva, como as práticas materiais cotidianas e as condutas morais, sugerindo que o centro da postura militante “é a coerência entre o ser e o fazer”.

Identificamos nesses profissionais com perfil de militância e participação uma atuação marcada pelo compromisso com uma educação transformadora, com um viés emancipatório de educação, com um ideal político amplo, e isso

nos permitirá posteriormente mobilizar[1] sentidos sobre as contribuições das vivências refletidas no discurso dos professores sobre o que pensam sobre sua atuação profissional, sobre os conteúdos das disciplinas envolvendo atividades com a temática ambiental.

Assim, considerando a importância e o significado do trabalho dos professores para as práticas educativas que envolvam a temática ambiental, e os pressupostos que orientam esta investigação, elegemos as seguintes perguntas, como norteadoras desta pesquisa: Que experiências de vida relatadas pelos professores, podemos compreender como significativas no processo de sensibilização para a prática educativa relacionada à temática ambiental? Que experiências podemos compreender como significativas no processo de sensibilização desses professores para a prática educativa que considere a dimensão política?

Considerando as questões apresentadas, elencamos os seguintes objetivos: A partir das experiências de vida dos professores, mobilizar sentidos sobre a relação entre experiências de vida dos professores e a dimensão política da Educação Ambiental e compreender as possibilidades que diferentes experiências de vida oferecem para o envolvimento dos professores, com a temática ambiental.

1.1 Contexto de motivações para essa pesquisa

Nos primeiros anos de atuação profissional, o governo do Estado de São Paulo oferece, como parte integrante do estágio probatório, um curso de formação continuada aos professores ingressantes. Na ida para um desses encontros, um colega nos contou sobre um sonho que tivera e manifestou o desejo de organizar um grupo de estudos. A ideia era montar um Coletivo Educador (mencionado na p. 23) que realizasse encontros abertos, ofertados

[1] Usamos o verbo Mobilizar no sentido apresentado pelo dicionário Houaiss, onde, entre outras possibilidades aponta para: causar a mobilização de (algo ou alguém ou de si próprio); movimentar(-se), mover(-se); pôr(-se) em ação (conjunto de pessoas) para uma tarefa.

aos alunos de escolas públicas e particulares, para formação complementar à da sala de aula. Um dos objetivos desse grupo de professores seria propiciar debates e discussões, com a participação de alunos e professores, sobre temas de maior recorrência e importância na atualidade, incluindo assuntos de ampla circulação pelas grandes mídias com um viés mais político.

Inicialmente, esse colega, que agora menciono e que foi indicado para ser participante da pesquisa, convidou outros professores que tivessem interesse por uma metodologia de construção de conhecimento mais ampla, horizontal e coletiva. Foi então, criado um grupo virtual para reunir professores com disposição para integrar esse Coletivo Educador.

Alves (2013), em sua pesquisa, identificou que existem contradições entre a fala de professores e "seu envolvimento e participação nas esferas de atuação política, especialmente no que se refere à articulação com outros sujeitos" (2013, p. 81). Tal constatação serve de indicativo para ressaltar a singularidade da experiência vivida por esses professores. Esses docentes que participam do Coletivo Educador se configuram enquanto sujeitos com características de militância, que se afinam às metodologias de ensino mais abertas e que entendem a importância de estarem em coletivos para fortalecerem as ações tanto pedagógicas quanto políticas.

Assim, o grupo instituído, se reuniu para definir os temas e a metodologia dos encontros, e discutir sobre a sua atuação profissional em sala de aula. Ao participar de alguns encontros foi possível verificar que, o objetivo, por se tratar de eventos com alunos, era criar um espaço no qual toda e qualquer discussão pudesse ser o mais horizontal possível, mesmo cientes dos limites dessa horizontalidade. Os professores, ao conversarem e pensarem juntos sobre os temas, os encontros, ao dividir angústias e sonhos, deixavam nítido, através de seus depoimentos e propostas, que compreendiam o papel social da educação e tinham clareza da dimensão política dessa atuação.

Nas reuniões para organização dos eventos com alunos, os professores definiram que os eventos seriam abertos, realizados em lugares públicos, e divulgados pela internet. Os eventos foram batizados de JORNADAS. O público-alvo seriam alunos de escolas públicas e particulares. Ali, nos eventos, o papel, ou a função dos professores organizadores seria de "instigadores" do debate, sem se colocarem hierarquicamente em posição superior para que os

estudantes pensassem e exprimissem suas dúvidas e opiniões mais livremente. Isso explicitou ainda mais o perfil de alguns desses professores como possíveis participantes da pesquisa.

Sendo assim, logo que tivemos contato com essa experiência, começamos a nos indagar sobre as possíveis experiências de vida e experiências formativas que teriam influências mais diretas na constituição de professores motivados para uma participação política mais efetiva e explicitamente concretizada. Esse foi o contexto que nos mobilizou, então, para a realização dessa investigação, procurando envolver como sujeitos de pesquisa, tanto professores vinculados a esse coletivo, como outros com o perfil por nós definido.

Nos próximos capítulos encontram-se os procedimentos da pesquisa, onde exploramos o estilo de pesquisa escolhido para esta investigação; os principais referenciais metodológicos que orientaram a pesquisa e os instrumentos de coleta e análise dos dados.

A seguir fazemos uma síntese das entrevistas realizadas, com a descrição das oito entrevistas, caracterizando os professores participantes e suas trajetórias de vida. Nessa síntese, procuramos contemplar os momentos de contato com a natureza na infância, adolescência, as experiências escolares com relação à temática ambiental, as vivências ao longo da graduação, a formação docente, o trabalho pedagógico que cada um realiza com a temática ambiental. Além disso, procuramos sistematizar as motivações e dificuldades relatas por cada professor para o trabalho com a temática ambiental na escola, bem como as experiências que os sensibilizaram para o trabalho com a dimensão política.

Nos capítulos posteriores apresentaremos as análises sobre experiências que os sensibilizaram para a temática ambiental nos contextos escolar e não escolar, bem como as experiências que os sensibilizaram para a dimensão política também nos contextos escolar e não escolar. Finalizamos o texto, com o Capítulo 5, no qual, procuramos sistematizar e discutir as experiências dos professores em seus trabalhos como profissionais no contexto escolar, procurando enfatizar suas experiências com a temática ambiental e as relações dessas com a dimensão política do trabalho docente.

2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Considerando os pressupostos sistematizados e, a partir deles, o problema de investigação, questões e objetivos da pesquisa a abordagem qualitativa, em seus fundamentos (ALVES MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998; BOGDAN E BIKLEN, 2010), foi identificada como a mais adequada para esta pesquisa, uma vez que buscamos analisar as experiências significativas ao longo da vida de professores.

A abordagem qualitativa prevê maior grau interpretativo dos dados, o que pode permitir ao pesquisador compreender, por um lado, o comportamento humano considerado à luz das experiências de vida de cada participante da pesquisa e, por outro, as possíveis relações dessas experiências com seu modo de agir e pensar. Esse estilo de pesquisa é utilizado quando se pretende relacionar o sujeito e o mundo, de modo a ultrapassar uma simples explicação pontual de dados empíricos.

Para Gibbs (2009), essa abordagem pode ajudar a ampliar a análise dos dados, pois coloca-os em articulação com o contexto, seja ele histórico, social, cultural, econômico ou ambiental, e assim dimensiona uma questão que não se apresenta como uma interpretação imediatista e superficial da realidade, mas sim em suas relações.

A abordagem qualitativa pode nos ajudar a estabelecer um diálogo, através da mobilização de sentidos entre o referencial teórico escolhido e os discursos dos participantes da pesquisa obtidos a partir das entrevistas. Segundo Valentin (2016) “o sentido é construído pelo leitor num processo que se inicia pelo repertório de sua própria produção cultural”, considerando ainda que “a zona de contato entre o leitor e o texto é rica geradora de significados” (VALENTIN, 2016, p.31).

Para a análise dos dados tomaremos como referencial teórico autores que consideram as relações entre a palavra, a estrutura sociopolítica e a ideologia, já que a ideologia se materializa, para esses autores sob a forma de interação verbal (BAKHTIN, 2006).

Assim, embora o referencial para análise das entrevistas não tenha se pautado rigorosamente nas perspectivas da análise dialógica do discurso, a

teoria enunciativa da linguagem proposta por Bakhtin e seu círculo (VOLÓCHINOV, 2017) tem sido entendida por nós como um caminho produtivo para a compreensão de processos de produção de sentidos sobre os diferentes aspectos que envolvem a realidade humana.

Assim, o processo de análise das entrevistas parte dos referenciais que apontam para a necessidade de estarmos atentos para as relações entre a fala e a constituição social da fala, entre a linguagem e o contexto no qual essa linguagem ou os discursos foram produzidos.

Segundo Aguiar, Soares & Machado (2015 p. 61), os significados de uma palavra não se reduzem aos aspectos linguísticos do pensamento nem à dimensão intelectual da fala, pois estariam justamente na relação entre contexto e a produção do enunciado. Para esses autores, as palavras:

> revelam indícios da forma de pensar sentir e agir do sujeito, que, como ser mediado pela história, se apropria das características de sua cultura e as converte em funções psicológicas. Ao destacarmos a importância da palavra no levantamento de pré-indicadores, referimo-nos não a qualquer palavra, e sim, conforme pontua Vigotski (2001), à unidade do pensamento verbal e da fala intelectual, isto é, à palavra com significado. (AGUIAR SOARES; MACHADO, 2015, p 62).

É nesse contraponto entre o individual psicológico e o social ideológico que se encontra a difícil missão do pesquisador. Para nós, o desafio é não cair no subjetivismo da interpretação ao mesmo tempo em que nos atentamos à estrutura dos enunciados, de forma a mobilizar sentidos sobre o que está nas entrelinhas do discurso buscando uma interdiscursividade.

Retomando nosso objetivo principal para esta investigação que é a de mobilizar sentidos sobre as experiências de vida de oito professores, temos que:

> A prática docente, o envolvimento com a participação em outros espaços (culturais, sociais, políticos), e as experiências com a temática ambiental ganham sentido na medida que são relacionados, estabelecendo sentidos contextualizados com a experiência do narrador, tendo a experiência como fonte de possibilidade narrativa (AGUIAR SOARES E MACHADO, 2015. p. 61).

A intenção é que a partir dos discursos narrados sobre as experiências de vida, possamos elencar núcleos de significados, que desde a perspectiva histórico-dialética evidenciem:

> por meio do processo de análise e síntese do sujeito em foco, as particularidades históricas e sociais que configuram a articulação de sua singularidade e genericidade, isto é, a contraditória existência dos aspectos idiossincráticos, históricos e sociais e como, nessa contraditória existência, se produzem mutuamente (AGUIAR SOARES; MACHADO, 2015, p. 65).

Como forma de interação verbal e diálogo entre pesquisadora e pesquisados, o instrumento proposto para a produção dos dados de pesquisa é a entrevista em profundidade (ALVES MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998) As entrevistas em profundidade permitem ao pesquisador explorar temas pré-estabelecidos para a pesquisa, mas também assuntos que possam surgir a partir do diálogo. Para garantir esse dialogismo recorreremos ao procedimento de recorrência das entrevistas. A recorrência é o momento em que as entrevistas são registradas, transcritas e então enviadas aos participantes. Os participantes têm assim, a oportunidade de rever as perguntas e as respostas e, consequentemente, a chance de adicionar, retirar ou modificar informações cedidas no primeiro momento. A intenção desse procedimento é intensificar e potencializar o processo de produção dos sentidos a serem estudados posteriormente.

O projeto de pesquisa, bem como o roteiro das entrevistas com as perguntas que seriam feitas aos participantes passaram pelo comitê de ética da universidade e sendo aprovado, demos início às entrevistas. A partir da entrevista, realizamos a transcrição completa das entrevistas, e posteriormente, cada participante recebeu as transcrições para confirmar as informações e assegurar a fidedignidade de seus depoimentos. Após a leitura, e anotações dos professores as transcrições foram novamente recolhidas para análise.

Para Gibbs (2009) a reincidência é uma característica da pesquisa qualitativa que visa a ampliação do volume de dados coletados de modo a propiciar um panorama sobre o contexto da produção dos dados e das experiências de vida dos entrevistados.

O roteiro da entrevista, que se encontra no ANEXO I permitiu explorar questões como os momentos de contato com a natureza em ambientes menos

antropomorfizados, a aproximação dos participantes com a docência, as experiências na universidade no que tangem: à docência, à relação com a temática ambiental, às participações em espaços que favoreceram a discussão ou um maior contato com a dimensão política e, por fim, a relação entre a temática ambiental e a prática pedagógica de cada um.

Para o momento das entrevistas, elaboramos algumas perguntas mais abrangentes de modo a abordar grandes temas. Dessa forma conseguimos garantir um diálogo aberto e espontâneo. Assim foi possível, ainda realizar algumas intervenções com novas perguntas que foram sendo elaboradas ao longo das conversas. A abertura para a possibilidade de troca também permitiu que explorássemos alguns temas mais específicos de interesse para a pesquisa. As entrevistas construídas dessa maneira ampliam o estabelecimento de possíveis relações entre a estrutura sociopolítica na qual vivemos e as experiências de vida dos professores entrevistados.

Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, gravadas com gravador disponibilizado pela Universidade. A transcrição completa de todas as entrevistas pode ser acessada por meio do link https://docs.google.com/document/d/18NjKxVJLmZmXHsiXL5LrjXm7kxOW7lERGvCRgv-4pjk/edit?usp=sharing. No ANEXO II, apresentamos a título de exemplo a transcrição de apenas uma entrevista transcrita.

Para a identificação e seleção dos professores participantes da pesquisa, alguns critérios foram definidos o que indica que a seleção dos sujeitos não foi casual, mas orientada pela pesquisadora.

A primeira etapa desse processo de identificação e seleção ocorreu na oportunidade em que a pesquisadora visitou um encontro de um coletivo de educadores. Este grupo era formado por professores que se reuniam com o objetivo de elaborar e propor, para alunos de escolas públicas e particulares, eventos[2] onde estariam em discussão temas da atualidade. A ideia de formar um coletivo educador, segundo os professores, seria o fato de a escola ser um espaço um tanto quanto limitador para algumas das discussões que eles

[2] Os encontros abertos promovidos por este coletivo foram denominados JORNADAS.

gostariam de propor aos alunos. De acordo com um dos professores envolvidos na organização, o coletivo educador:

> "é uma ideia coletiva que apareceu da vontade, da necessidade de a gente conseguir conversar sobre temas, de maneira um pouquinho mais aprofundada, e num espaço um pouco mais livre. No sentido de que dentro do ambiente escolar você tem algumas restrições, algumas limitações que precisam ser respeitadas e que às vezes acabam interferindo na qualidade do debate possível de ser feito (Prof. GeoB)."

Nesse primeiro encontro que participamos, pudemos conhecer professores que apresentavam: uma preocupação com o que é coletivo, um perfil de militância ambiental ou política e um envolvimento em espaços de discussão e mobilização social, sejam esses espaços formais ou informais.

Estabelecidas as percepções iniciais pela pesquisadora, definimos alguns critérios para inclusão dos participantes na pesquisa, a seguir:

a) Relacionar a temática ambiental com sua disciplina específica.
b) Apresentar um perfil de militância, conforme discutido à página 15 na Introdução desse texto.

O primeiro critério para a seleção dos participantes está relacionado à temática ambiental. Inicialmente foi perguntado aos professores que participavam do Coletivo Educador: "Você estabelece em sua prática docente relação entre a sua disciplina específica e a temática ambiental?". Essa pergunta seria o ponto de partida para identificar professores que, mesmo tendo formações iniciais nas diferentes áreas do conhecimento, reconhecem a importância do trabalho com a temática ambiental. Além disso, a expectativa era a de que esses profissionais desenvolvessem alguma atividade de Educação Ambiental em suas aulas. Essa etapa exploratória inicial de identificação e contato com os professores foi feita individual e virtualmente através de contato por e-mail.

Em caso de resposta positiva, uma outra pergunta foi adicionada a fim de garantir que o professor participante do coletivo não apenas respondesse superficialmente com um "sim" ou "não", mas pudesse explicitar também até que ponto eles procuram em suas aulas estabelecer relações entre a temática ambiental e conteúdos das disciplinas que lecionam. Assim, ao dar indicativos

de que, de fato, estabelece conexões entre a temática ambiental com os conteúdos da disciplina, o(a) professor(a) era identificado como um potencial sujeito de pesquisa, e, se aceito o convite, seria incluído(a) como um participante dela.

A justificativa que apresentamos a esses questionamentos iniciais está relacionada aos conteúdos curriculares. Sendo os conteúdos parte de um currículo a ser seguido e entendendo que o currículo é o caminho por meio do qual os professores pautam sua prática pedagógica, concluímos que esses docentes, de alguma forma, se motivam a privilegiar algumas temáticas mais do que outras, e dentre essas, a temática ambiental. Se toda prática é orientada por concepções, quando respondem que os conteúdos específicos de suas disciplinas são associados à temática ambiental, os professores indicados como participantes da pesquisa talvez não ignorem as implicações de suas escolhas, o que nos permite, dessa forma, explorar, como núcleos de significados, algumas dessas motivações apontadas por eles.

Os professores selecionados apresentam um perfil de militância, que, como já definido anteriormente, se caracteriza por apresentarem certo grau de coerência entre o ser e o fazer, e que mesmo sem haver tido formação específica em Educação Ambiental, os participantes da pesquisa, desenvolvem atividades que envolvam a temática ambiental.

No momento do primeiro encontro entre pesquisadora e os participantes do coletivo educador, o perfil de militância ficou evidente pelas falas e propostas de alguns dos docentes ali presentes. Apostamos que um dos possíveis pontos de ligação entre as disciplinas específicas que lecionam e a temática ambiental, bem como essa postura profissional está, de certa maneira, mais envolvida com a dimensão política da educação.

Após a identificação de um primeiro grupo de professores que seria integrado à pesquisa, utilizamos a técnica da “bola de neve” (ALVES MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998), solicitando a cada um deles a indicação de outros(as) professores(as) que pudessem estabelecer relações com a temática ambiental em suas aulas e que, na visão deles, tivessem também um perfil de militância. As indicações foram feitas sucessivamente, até que os nomes começaram a se repetir atingindo um ponto de redundância, o

que nos permitiu identificar participantes com pré-requisitos necessários para participarem da pesquisa.

Vale ressaltar que foram apontados tanto professores que faziam parte do coletivo visitado, quanto professores que não participavam desses encontros do coletivo. Os professores seriam incluídos como participantes da pesquisa se correspondessem aos dois critérios previamente definidos e se suas respostas para ambas as perguntas fossem positivas.

Assim selecionamos oito professores para entrevistar. Os participantes identificados moram e lecionam em cidades circunscritas no Circuito das Águas Paulista. Por questões de logística no desenvolvimento da pesquisa e deslocamento da pesquisadora, a seleção dos participantes se restringiu, geograficamente a essa região, que engloba os municípios de Lindóia, Águas de Lindóia, Amparo, Holambra, Jaguariúna, Monte Alegre do Sul, Pedreira, Serra Negra e Socorro.

Antes de realizar a pesquisa com os professores selecionados, a pesquisadora realizou duas entrevistas piloto com professores que não participariam da pesquisa, para testar os equipamentos de gravação de áudio, estimar o tempo das entrevistas, para só então dar início ao agendamento e gravação das entrevistas com os participantes.

Após realizar as transcrições das oito entrevistas, uma cópia do texto impresso foi entregue a cada professor. Assim, eles tiveram a oportunidade de ler sua própria entrevista e, se desejassem, poderiam adicionar ou retirar informações, agregar detalhes ou mesmo corrigir possíveis erros. Após algumas semanas, a pesquisadora recolheu os textos e verificou que, das oito entrevistas entregues para conferência, uma continha informações adicionais, comentários e alterações feitas pela professora, e outra um breve relato do professor manifestando suas impressões ao ler suas falas transcritas.

A seguir, a pesquisadora leu sistematicamente as oito entrevistas, com o objetivo de fazer uma descrição de cada uma delas, de modo a fornecer ao leitor um panorama sobre a trajetória de vida de cada professor. A descrição consta no Capítulo 3 dessa dissertação.

A partir da leitura do conjunto das entrevistas, selecionamos todos os trechos das entrevistas que remetem às experiências que aproximaram os professores da temática ambiental, independentemente do contexto. Todos os

trechos foram selecionados e organizados em uma tabela, onde cada professor era citado junto aos trechos selecionados. O mesmo procedimento foi feito buscando experiências de vida que os aproximaram do que é político, ou seja, da dimensão política da Educação Ambiental.

Com as tabelas em mãos, pudemos identificar os contextos no quais essas experiências ocorreram, por exemplo, se foram experiências vividas na infância, com a família ou outros espaços sociais, na escola ou fora dela, quer seja a da educação básica ou no ensino superior. Além desses contextos procuramos, também identificar as experiências vividas como profissionais docentes da educação básica. Assim pudemos organizar e analisar as experiências que os aproximaram da temática ambiental e da dimensão política nos contextos escolar e não escolar. Considerando essas quatro possíveis dimensões das experiências dos professores procuramos mobilizar sentidos na tentativa de compreender o significado dessas experiências por eles relatadas nas entrevistas.

3 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS, CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E SUAS TRAJETÓRIAS DE VIDA

Após a identificação e seleção dos professores, chegamos a 8 (oito) participantes de pesquisa, que atuam em diferentes áreas do conhecimento e trabalham com a temática ambiental em suas aulas. Dos oito professores mencionados, três não participavam do Coletivo Educador inicialmente visitado pela pesquisadora. A maior parte das entrevistas foram realizadas nos meses de junho e julho de 2017. A pesquisadora encontrou maior dificuldade em agendar um horário com o sétimo e oitavo professores e, por isso, as entrevistas deles foram realizadas posteriormente às dos outros, no mês de novembro do mesmo ano. O sétimo professor entrevistado foi o mais citado por colegas na etapa inicial da pesquisa, indicando-nos que seria um importante participante.

Para nomear os participantes de pesquisa, em vez de sujeito A ou B, o que retira por completo a identidade da pessoa, escolhemos manter uma abreviação da disciplina lecionada pelo participante, caracterizando o entrevistado, sem no entanto identificá-los. Dessa maneira, os(as) leitores(as), ao ler as trechos da entrevista, poderão facilmente associá-los à área de conhecimento, ou ao lugar de fala do entrevistado. Optamos também por manter, na identificação dos participantes, o gênero, daí os nomes **Prof.** para os professores homens ou **Profª** para as mulheres.

Segue o Quadro I sistematizando as principais características de cada professor entrevistado:

Professor/ Disciplina	**Onde cursou a Escola básica**	**Graduação e Pós Graduação**	**Tempo de docência e onde atua**	**Participa do coletivo?**	**Idade**
SocGeo- Sociologia e Geografia	1ª à 4ª séries escola pública 5ª ao ensino médio escola particular	Unicamp	5 anos em escolas públicas e particulares	Sim	23 anos
Hist- História	1ª e 2ª series escola particular Todo o resto em escolas públicas	UNESP Assis	4 anos em escolas públicas	Sim	28 anos

SocHis-Sociologia e História	1ª à 3ª séries escola pública 4ª à 8ª série particulare Ensino médio escola pública	Unicamp	9 anos em escolas públicas e particulares	Sim	28 anos
BioA-Biologia	Sempre em escolas públicas	UNESP Rio Claro	23 anos escolas particulares	Não	46 anos
GeoA-Geografia	Fundamental escola pública Médio escola particular	UNESP Rio Claro	7 anos em escolas públicas e particulares	Não	29 anos
BioB-Biologia	Sempre em escolas particulares	UNESP Rio Claro e mestrado na UNESP Botucatu	9 anos em escolas públicas e particulares	Não	37 anos
GeoB-Geografia	Sempre em escolas particulares	Unicamp e mestrado na UNESP Rio Claro e Doutorado pela USP São Paulo	13 anos em escolas particulares	Sim	33 anos
Fisc- Física	1ª à 4ª série escola pública 5ª ao médio em escola particular	Unicamp	4 anos em escolas públicas e particulares	Sim	28 anos

Quadro com algumas informações sobre cada professor entrevistado

Profª SocGeo

A primeira professora entrevistada foi a Prof.ª SocGeo, que tem 23 anos e leciona as disciplinas de Geografia para o ensino fundamental e Sociologia para o ensino médio. Ela é formada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, com habilitação em Geografia. Leciona há cinco anos em escolas das redes pública e particular. Embora já conhecesse a professora, por meio de um amigo em comum da época em que ela cursava a Universidade, sua inclusão no grupo de participantes da pesquisa foi definida a partir da visita feita ao Coletivo.

Como mencionado na p. 24, as primeiras questões do roteiro da entrevista tinham como objetivo explorar tópicos que remetessem aos momentos de contato com a natureza ou ambientes preservados, ao longo da infância e adolescência. Para a Prof.ª SocGeo o contato com ambientes

preservados e com a natureza era frequente, pois morava em uma cidade pequena no interior do estado de São Paulo, próximo à zona rural. Ela relata sobre o cuidado diário com a horta e com as galinhas.

No período escolar, as experiências mais marcantes foram durante as saídas de campo com a turma. A Prof.ª SocGeo estudou, do ensino infantil até o fundamental I, em escola pública municipal e, do ensino fundamental II até o ensino médio, em escola particular. A primeira lembrança que nos conta ao lembrar-se das atividades relacionadas com a temática ambiental na escola, aproximadamente aos seis anos de idade, quando sua turma visitou a estação de tratamento de água da cidade. Ela cita dois episódios marcantes que foram desdobramento da visita: na estação de tratamento, a turma ganhou mudas de árvores, que posteriormente foram plantadas no espaço escolar, além disso, ao voltar para a escola sua turma construiu uma maquete em miniatura com a réplica dos processos de tratamento observados. Outra lembrança foi quando visitou, com a escola, na quarta série do ensino fundamental, uma fazenda onde toda a produção agrícola era sustentável. Ali eles fizeram estudo sobre o lençol freático e sobre a dinâmica de produção agrícola.

Sobre seu interesse pela carreira docente, a Prof.ª SocGeo diz que, desde a infância pensava em ser professora, tendo o exemplo de sua avó e da maioria das mulheres da família que são professoras, ela nunca pensou em fazer outra coisa que não fosse a docência.

Quando questionada sobre os fatores que podem ter contribuído para seu envolvimento político ao longo de sua infância e adolescência, a Prof.ª SocGeo relata que desde pequena é incentivada pela família a ser crítica com todas as informações que chegam até ela, a questionar as causas e os porquês, a se posicionar e a justificar suas opiniões e gostos. Conta-nos que sua mãe era participante ativa do sindicato dos professores em protestos e mobilizações; já o pai era bancário e também tinha envolvimento com a militância de classe. Uma passagem que exemplifica essa prática comum do questionamento pode ser encontrada no excerto:

> “E eu lembro que desde muito cedo, minha mãe [...] me mandava assistir o jornal e dar um resumo pra ela do que estava acontecendo, tipo, eu tinha uns 5 ou 6 anos. Aí ela já ficava instigando, falando: “Mas por quê?”. Eu lembro que em casa a coisa era sempre a dúvida, então desde muito pequena

> era: “Mas por que você acha isso?” [...] Nunca era sem o “justifique” no final da pergunta (risos).”

A Prof.ª SocGeo associa esse hábito de questionar e refletir à construção da sua criticidade, que a teria estimulado a se aproximar de pessoas com as mesmas características. Dessa forma o grupo de pessoas com as mesmas características se constrói e vai se fortalecendo. Sobre isso ela afirma que

> “chegou uma hora que eu percebi que, às vezes, eu questionava e as pessoas não gostavam muito [...] aí eu fui encontrando meu grupo de pessoas [...] e isso só foi se fortalecendo, porque aí, né, a união fez a força ali. Eu encontrei uma galera que também falava [...] acho que o que fez a diferença na minha vida [...] é uma relação de amizade e profissional que se misturam...”.

Outro fato citado como motivador de sua sensibilidade política é a participação nas comunidades eclesiais de base da Igreja Católica. Ao ser indagada sobre o início do seu envolvimento com as questões sobre política, com questões sociais e de mobilização, a professora reconhece a importância dos programas de Catequese e Crisma como o início de sua militância. Para ela, o fato de ter que aprender a falar sobre religião e ensinar esses preceitos para crianças trouxe uma noção de responsabilidade sobre “o que” e o “como” iria ensinar:

> “Eu comecei sendo catequista de crisma, e foi aí que, com 14 anos, eu tive que aprender a falar com crianças de 10, então ali eu precisei começar a falar em público. E procurando sempre questões sociais, porque eu fui criada dentro de uma religião, mas a minha visão de religião, que eu herdei dos meus pais, era muito relacionada com a Teologia da Libertação, com as comunidades eclesiais de base, então quando eu fui ser catequista de crisma foi por isso. E aí que eu comecei a me instigar, poxa mas então porque tem desigualdade?”

A Prof.ª SocGeo relaciona as atividades desse período como o início da construção de sua militância política, inclusive com uma sensibilidade maior para os assuntos que envolvem a temática ambiental. A escolha do tema para as aulas da Crisma:

> “Eu lembro que, até relacionando com o lance ambiental, a gente falava muito da questão da Terra, a gente trabalhou muito isso. Tiveram, acho que 6 meses, de uma turma que eu

> trabalhei no crisma, que a gente trabalhou só com alguns materiais da pastoral da Terra, trabalhando alguns vídeos, algumas músicas, e pensando na questão da terra. Eu acho que ali foi o meu primeiro... (ela corrige-se) experiência de verdade com essas questões de militância mesmo, de você falar em público de você procurar estudar, pensar no que você vai falar, de você debater com as pessoas."

Avaliando a importância desse momento para a construção de sua militância, a Prof.ª SocGeo nos conta sobre as represálias sofridas na igreja, devido ao conflito de ideias gerado por tentar trabalhar a temática ambiental dentro da perspectiva da Teologia da Libertação. Ela diz que recebeu dos superiores da Igreja:

> "DVDs e CDs de orientação de padres famosos, falando que Che Guevara era um assassino, que o Leonardo Boff não merecia ser escutado. Eu lembro que eu passei para eles a Carta da Terra, do Leonardo Boff, que foi um trabalho bem legal que a gente fez e, quando eu fiz esse trabalho com eles, a gente foi super condenado. Praticamente eu e meu grupo, a gente foi convidado a se retirar."

É assim que a Prof.ª SocGeo começou a entender a característica militante e política da sua atuação, reconhecendo que os conflitos podem fortalecer ou enfraquecer sua prática. Ela explica que, depois de enfrentar os conflitos com a igreja, sua militância mudou de perspectiva. Relata que tentou desenvolver outros tipos de trabalhos sociais, como forma de uma ação política mais marcada, porém, depois de um tempo, se sentiu desarticulada de um grupo ou causa e se afastou desses trabalhos. Passado esse período, ela ingressou na faculdade.

A Prof.ª SocGeo relata que, ao longo da sua graduação, no curso de Ciências Sociais, o contato com a temática ambiental foi quase nulo. O pouco que teve ocorreu nas disciplinas que fez para se habilitar em Geografia. Quando questionada quais conteúdos ou temas dentro da Geografia eram relacionados com a temática ambiental, ela cita a regionalização do espaço, o espaço rural, o espaço urbano e a relação de interdependência entre eles.

Outro momento em que a temática ambiental aparecia era quando os professores das disciplinas articulavam o sistema capitalista e as consequências dos modos de produção, onde os professores explicitavam que o meio ambiente é explorado, assim como a força de trabalho. Apesar disso,

acrescenta que esses assuntos apenas perpassavam as aulas e que não eram o foco das disciplinas.

É interessante citar que, no momento da entrevista, a docente faz uma análise sobre a falta de formação relacionada ao trabalho com a temática ambiental. Ela diz que, posteriormente, no mercado de trabalho, serão cobradas algumas competências dos professores de Geografia e que não foram trabalhadas na formação inicial:

> “Nunca passei por uma matéria que falasse: “Olha pessoal vamos aprender a desenvolver projetos relacionados ao meio ambiente”. Nunca! E é engraçado porque é algo que a gente é cobrado. Na escola que eu estou trabalhando a gente vai começar agora com um trabalho de horta, e eu falei que eu quero participar de todas as palestras [...] Porque a faculdade não me deu base nenhuma pra isso.”

Ainda sobre os fatores que possivelmente contribuíram para o envolvimento político ao longo de sua trajetória, ela cita um estágio que realizou durante a graduação, vinculado a uma empresa de comunicação e tecnologia. O objetivo do estágio era o desenvolvimento de jovens lideranças em comunidades carentes ao redor da universidade. Nessa experiência, a Prof.ª SocGeo organizou encontros temáticos com os jovens, cuja proposta era usar a arte e o cinema para identificar, discutir problemas enfrentados pela população do bairro, posteriormente, elaborar propostas de melhorias, que seriam divulgadas à comunidade através de um site que seria criado por eles. As intervenções elaboradas pelos jovens líderes seriam posteriormente encaminhadas aos órgãos responsáveis, como reivindicações da comunidade.

Os temas que a Prof.ª SocGeo desenvolveu ao longo do estágio foram: Poder, Política, Estado, Governo e Movimentos sociais. Em cada encontro com os jovens eram desenvolvidas algumas etapas. Primeiro ela explicava o assunto dando uma base teórica aos jovens, citava exemplos sobre cada um dos temas envolvendo questões como: as relações de poder existentes na sociedade; como o poder político pode ser exercido; os tipos de poder coercitivo, e de como a estrutura do Estado poderia usar esse poder; explicava sobre elaboração de políticas públicas; dentre outros temas. Posteriormente os alunos poderiam usar esta base teórica para tentar resolver algum problema no bairro. No encontro cujo tema foi movimentos sociais, a professora explicou

como a população pode exercer seu poder fiscalizador ou até de como a população pode proceder para tentar mudar algumas questões ou problemas sociais.

A Prof.ª SocGeo avalia que essa experiência foi muito importante para sua formação, inclusive em relação à temática Ambiental. Nas palavras dela:

> "Como a gente tinha também uma preocupação ambiental, a gente não queria fazer panfleto, e aí o que eles fizeram, com uma outra colega minha que era da mídia, ela passou pra eles como trabalhar com site em HTML. Então eles produziam páginas em HTML, com o conteúdo e a proposta deles era divulgar pra todas as casas CDs ou pen drives que fossem compartilhados, com os textos dizendo sobre o problema."

A professora destaca que os jovens tinham clara noção de que a participação dos moradores do bairro era essencial para que atingissem os objetivos e conseguissem as melhorias dos problemas por eles apontados. Ela lembra-se da fala de um desses jovens preocupados com a mobilização e organização dos moradores locais:

> "Ah, tem que falar para o pessoal levar um prato pra gente conversar depois". Então eles tinham, mesmo tendo 11 ou 12 anos, eles entendiam como era importante a pessoa ser parte daquilo, que não era só falar, tinha que ter uma interação ali [...] mesmo na cidade grande, eles terem essa percepção de comunidade, de ter uma relação afetiva com quem mora em volta."

Isso pode nos indicar que os professores que têm claras as intencionalidades de sua prática educativa podem conseguir mobilizar ações coletivas para a transformação social. A Prof.ª SocGeo relata que, no desenvolvimento do projeto, ela dava algumas noções aos jovens sobre as etapas de mobilização necessárias para levar as propostas às instâncias responsáveis, e conta que se surpreendeu quando em determinado momento uma jovem participante do projeto disse:

> "Ah, agora é só deitar na BR né. Se nada disso der certo a gente vai deitar na BR e só levanta quando arrumarem tudo!"

Questionada sobre o porquê do seu espanto, e por que a garota sugeriu tal atitude a docente responde:

> "Acho que foi quando a gente estudou os Movimentos Sociais, quando a gente conversou e a gente viu que tinham [sic] ações

> que eram diretas, que existiam várias ações mais leves, mais tranquilas, mas que chegava um momento que eles tinham ações diretas. Um protesto, as greves, então, eu acho que ela tirou disso daí. Ou, talvez, também da própria vivência dela, porque Campinas tem um histórico de movimento social muito legal, né. Então, talvez tenha sido até alguma vivência dela na comunidade, ali no bairro, ou do curso, acho que uma junção dos dois."

Para a Prof.ª SocGeo, ter feito graduação em uma universidade pública fez toda a diferença para estimular seu envolvimento com o que é político. Ela cita a participação nos movimentos estudantis, a vivência em um campus universitário, as contradições dos movimentos sociais, os movimentos de greve, todas essas experiências são apontadas como ricas em reflexão, crítica e aprendizado. A professora reconhece que o ambiente universitário a colocou frente a muitas contradições e complementa dizendo que algumas situações vivenciadas nos movimentos estudantis são relatadas por ela como formativas, visto que ela usa a metodologia de Grupos de Trabalho hoje em suas aulas. Abaixo trazemos dois trechos nos quais a Prof.ª SocGeo evidencia não só a importância de ter cursado uma universidade pública, como também os reflexos disso em sua prática docente:

> "Eu fui aprender o que era Grupo de Trabalho quando a gente ocupou a reitoria [...] Hoje eu uso muito isso [...] quando você tem uma sala tão grande, a discussão principalmente pra Sociologia não rende [...] esse esquema de dividir em grupos de trabalho e depois eles apresentarem uma ideia, isso foi fantástico e isso eu aprendi no movimento estudantil."

E ainda sobre o fato de a universidade ser pública, acrescenta:

> "numa compreensão de que o público ele é de todos, que o público ele é pra todo mundo e precisa de acesso. Acho que inclusive enxergar os problemas da Universidade pública, foi algo que modificou muito a minha visão de várias coisas, porque eu sempre quis fazer universidade pública, mas eu tinha uma visão idealizada. Quando eu cheguei lá, encontrei as contradições...".

Na entrevista, foram feitos alguns questionamentos sobre a participação dela no coletivo identificado. As perguntas focalizaram suas percepções quanto às articulações entre a participação no coletivo e a docência; isto é, quanto à

dimensão formativa do coletivo e as influências dessa mesma formação na sua prática docente no tocante à temática ambiental.

A Prof.ª SocGeo, analisando as experiências no coletivo, diz que a participação no grupo é interessante porque favorece uma troca de ideias já que os professores são de diversas áreas do conhecimento, o contato entre eles estimula a interdisciplinaridade. Segundo ela, participar dos eventos ali organizados teve um caráter formativo para sua prática docente relacionada à temática ambiental, pois a troca entre os professores proporcionou a ela um entendimento dos problemas ambientais, além de ser um espaço onde conseguia dialogar sobre as perspectivas das diversas áreas de conhecimento.

A Prof.ª SocGeo relata que, em um dos eventos organizados pelo coletivo, discutiu-se um projeto estadual que propõe a construção de duas barragens nos limites do município onde moravam. Segundo a professora, participar do coletivo possibilitou ampliar o entendimento sobre os impactos não só ambientais, mas também econômicos, sociais, políticos e geográficos da construção das barragens, porque:

> “quando a gente foi tratar do assunto das barragens, eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. [...] Depois eu entendi, que foi explicado, que foi colocado a questão das famílias, a questão da biodiversidade daquele local, de quem que vai lucrar com aquela mudança ambiental.”

A professora reconhece a importância das discussões do Coletivo para aumentar seus conhecimentos em outras áreas, porque os debates eram amplos, profundos e proporcionavam reflexão, nas palavras dela:

> “as nossas discussões eram sempre assim, a gente ia e pontuava uma coisa, pontuava outra, sei que a gente não concluía nada! Nada era concluído, e acho que isso que é a gente aprender, não concluir. É sempre sair com dúvida.”

A Profª SocGeo pertence a uma área do conhecimento mais voltada às Ciências Humanas, e ainda fez disciplinas que a habilitaram para lecionar a disciplina de Geografia, uma área que tem maior proximidade com as questões ambientais e com a temática ambiental de modo geral. Ainda na época da graduação, como relatado anteriormente, a Profª SocGeo realizou um estágio vinculado à uma empresa de comunicação, e quando questionada se nesse estágio a temática ambiental estava presente, ela responde afirmativamente e

disse que a relação se fez presente em dois filmes que passou aos jovens. Um dos filmes foi *A História das Coisas*, cuja narrativa é um convite à reflexão sobre todo o processo de produção dos bens de consumo, envolvendo a extração de matéria prima, a exploração da mão de obra, a poluição e o desperdício ao longo de toda a cadeia produtiva. O outro documentário foi *Ilha das Flores*, que se desenrola acompanhando a cadeia produtiva de um tomate, desde seu plantio, colheita até seu descarte no contexto das populações que vivem em condições subumanas nos lixões do Brasil.

No relato da Profª SocGeo, pudemos perceber uma abertura a um entendimento mais amplo sobre a dimensão política da EA refletida em sua prática. Ela diz, por exemplo:

> "às vezes variavam os filmes. Mas teve... em algum momento, a gente conversou sobre o *História das Coisas*, quando a gente foi falar sobre poder, se não me engano, ou sobre o Estado. Foi em um dos dois, que aí a gente falava de como a natureza acaba sendo tão explorada quanto o trabalhador, de como existiam várias esferas de poder e de como a gente exerce também um poder sobre a natureza, e isso gera um monte de problemas. Eu lembro que a gente conversou baseado no filme. No *Ilha das Flores* também, a gente conversou um pouquinho da questão do lixo, do que é descartado, do que não é, e de como a gente lida com isso."

Ao trazer para os estudantes as noções de exploração da natureza e do trabalho, a professora toca em questões importantes relacionadas com a EA. A Profª SocGeo identifica várias motivações para incluir a temática ambiental nas suas aulas, inclusive em uma das escolas onde leciona uma horta está em processo de construção. Alguns conteúdos do currículo de Sociologia e Geografia apontados por ela, possíveis de serem relacionados com a temática ambiental são: Agroecologia, a expropriação da Terra, a dominação do homem pelo homem, questões identitárias, dentre outras. Ela ressalta que:

> "Então acho que dá pra trabalhar muito essa perspectiva de sujeito, de identidade dentro da Sociologia. Na Geografia já é mais claro né, mais na Sociologia acho que dá pra fazer esse recorte bem interessante também. E essa relação com a exploração também de como o nosso sistema, o meio ambiente, assim como o trabalhador, assim como a mulher, assim como o negro, assim como o homossexual acabam sendo um objeto de exploração das características dominantes [...] E aí tudo que está em volta acaba virando objeto de exploração e a natureza não foge disso."

Questionada sobre as relações entre a educação e sua dimensão política, a Profª SocGeo afirma que a:

> "Educação serve pra instigar, para fazer as pessoas perceberem que elas são agentes sociais, que elas precisam interferir, que elas precisam se posicionar e tentar transformar as coisas [...] Isso, tanto pra construção de uma coletividade quanto de uma individualidade, [é importante para] que a pessoa entenda seus direitos, os seus lugares e os seus não lugares [...] Eu acho que a Educação tem que mostrar que essas coisas existem. A gente tem que olhar além do que está sendo mostrado."

A partir de sua experiência docente a Profª SocGeo cita uma atividade de EA que foi desenvolvida em uma escola particular. Tal experiência, ela diz, deveria ter sido um trabalho interdisciplinar sobre a água. Aqui, ela diz "deveria ter sido" porque no relato a professora conclui que a iniciativa não deu os resultados que esperavam. Segundo ela, a parte inicial do projeto, da qual participou mais ativamente, apontava para uma tentativa de contextualização e problematização da crise hídrica ocorrida no estado de São Paulo em 2013. Segundo a professora:

> "o projeto era o seguinte: primeiro, a gente teve uma aula expositiva de como a gente precisa dessa água, partindo do nosso corpo, e, depois, as questões econômicas, e a gente conversou bastante sobre a seca que aconteceu aqui no estado de São Paulo. O problema hídrico que a gente teve aqui no estado de São Paulo, e de como esse problema, era muito mais administrativo, um problema de gestão, do que um problema ambiental em si. Não era um problema da natureza, não foi algo que a natureza causou, foi algo totalmente tratado pela falta de administração, de capacidade de administração política daquele meio natural. E a gente explorou bastante essa ideia."

Porém, a escolha da parte prática a ser desenvolvida no projeto da escola se deu através de uma competição. Nessa atividade, a escola promoveu uma competição entre as salas para ver qual tinha reduzido o consumo de água ao longo do ano. Com isso, o intuito era fazer um acompanhamento mês a mês das contas de água dos alunos, para ao final, premiar a sala que economizou mais.

A Profª SocGeo relata que a intenção era ser interdisciplinar, mas todos se desestimularam com o tempo e o trabalho não foi finalizado como planejado. Ela relata que, no começo, o projeto funcionou muito bem, alunos e

professores estavam empenhados, mas que, talvez o período de férias, tenha desmotivado a sequência das atividades. Aponta ainda outros motivos que talvez tenham contribuído para o insucesso do projeto:

> "Mas, no fim, o complicado foi que eu acabei indo sozinha nessa, porque no começo todos os professores se empolgaram, e a Geografia vai trabalhar que é um problema de gestão, a Matemática vai fazer o cálculo das contas, a Ciências vai montar o ciclo da água num tamanho reduzido. Então vamos fazer tudo junto, e a professora de Português ajuda nos panfletos e não sei o quê. Aí, acabou que passou um tempo, e tava [sic] só eu fazendo e ficou tudo meio enrolado, os alunos também começaram a perder o foco e descambou tudo. [...] Então, foi um trabalho muito legal, rendeu bem, só que eu acho que ele poderia ter dado muito mais resultados se tivesse tido uma unidade em torno do projeto."

Ela ainda aponta alguns motivos estruturais do por quê entende que o trabalho não tenha dado certo:

> "talvez se a gente tivesse... porque aí acho é até um problema da escola particular, talvez se a gente se a gente tivesse um ATPC, por exemplo, para a gente conversar toda semana, e falar: E aí pessoal, como que tá o projeto? Em que pé está? Se a gente tivesse esse espaço, talvez tivesse dado certo."

A Profª SocGeo aponta a necessidade de um momento de reunião entre os professores, ela identifica a importância de um momento de trabalho pedagógico coletivo, o que na visão dela, fortaleceria a articulação para o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar. A professora também elenca alguns motivos que poderiam comprometer o bom desenvolvimento de atividades que tenham por foco um trabalho interdisciplinar com a temática ambiental. Ela cita como exemplo: a falta de comprometimento dos colegas professores, falta de tempo e principalmente falta de planejamento das atividades em conjunto.

A entrevista com a Prof.ª SocGeo ocorreu no dia 02/06/2017, na casa da pesquisadora e durou 1h e 20min. Após a primeira entrevista pudemos identificar algumas questões que deveriam ser melhor exploradas, e assim abordamos alguns outros temas nas entrevistas com os outros professores.

Profª BioA

A segunda entrevista ocorreu dia 09/06/2017 com a Prof.ª BioA, 46 anos, bacharel em Ciências Biológicas com habilitação em Ciências pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Rio Claro. O primeiro contato com a Prof.ª BioA foi em um dos eventos organizados pelo coletivo de professores, intitulado JORNADAS. Fomos apresentadas pelo Prof. SocHis, pois somos ambas da área da Biologia e eles lecionam na mesma escola. Feitas as apresentações, descobrimos que a Prof.ª BioA e eu cursamos a mesma Universidade, o que gerou uma simpatia inicial e pudemos estreitar o contato para a realização da entrevista.

A professora relata que teve pouco contato com a natureza ou ambientes preservados quando criança, pois morava em Santo André na grande São Paulo. Ela conta que a casa onde morava não tinha quintal, o bairro tinha poucas árvores e o maior contato que tinha com a natureza era em parques, que por sua vez, ressalva ela, eram ambientes construídos, que continham apenas grama e sem árvores de mata nativa. Para ela, em São Paulo as questões de urbanização e da poluição estavam muito presentes.

Quando ela tinha 10 anos de idade, a família mudou-se para uma cidade do interior, onde vivem até hoje. Segundo ela, essa mudança aumenta o contato com a natureza e ambientes preservados, pois as brincadeiras passaram a acontecer numa fazenda no final da rua onde moravam. A Prof.ª BioA se recorda de brincar em pastos e lagos, de coletar plantas, e frutas e se lembra também do espanto em ver galinhas e outros animais pela primeira vez.

O período de escolarização da Prof.ª BioA foi durante a ditadura militar. É marcante para ela que as manifestações típicas da infância eram reprimidas na escola: as crianças não podiam falar, sorrir ou questionar. As aulas se resumiam a decorar perguntas e respostas ditadas pelo professor, e não havia espaço para as respostas escritas e pensadas pelos alunos.

Quando questionada sobre como era trabalhada a temática ambiental em seu período escolar, ela relata que a visão posta para os alunos na época era que:

> “o Brasil era o país do futuro, que ia produzir comida pro mundo inteiro, e que na Amazônia tudo seria cultivado, que deveria realmente ser destruído, e não tinha esse papo de meio ambiente.”

Noções de preservação e de conservação ambiental que são hoje muito caras ao movimento ambientalista não eram preocupações na época em que um projeto de desenvolvimento econômico era prioridade governamental. A Prof.ª BioA alega que apenas foi ter consciência ambiental durante o período da graduação na faculdade.

Sobre o interesse pela área da Biologia, ela diz ter tido dois motivos principais: um primeiro advindo de uma visão romântica sobre a profissão do biólogo, que, segundo ela, poderia salvar o mundo; outro motivo foi buscar mais informações e respostas para seus questionamentos sobre Evolução. A Prof.ª BioA relata que, durante o ensino médio, teve uma professora de Biologia que não acreditava na Evolução, e isso a deixou muito intrigada e interessada no assunto, em como se davam os processos dentro da Biologia, e por conta dessa curiosidade resolveu prestar Biologia.

Filha de um poeta e de uma dona de casa, a professora diz que o pai era um livre pensador, um homem questionador que gostava de instigar os filhos a não concordarem com ele. O pai da Prof.ª BioA foi preso político na época da ditadura, e ela conta que ele tinha um medo constante de que algo acontecesse aos membros de sua família.

Quando questionada sobre o que possivelmente teria despertado para um envolvimento político, a Prof.ª BioA diz que, na escola:

> “Você não podia questionar em escola, você não podia fazer uma pergunta, você era reprimido o tempo inteiro no cotidiano. Não só politicamente. [...] Então a prática política acho que ela nasce da indignação, pra mim, ela nasceu dessa indignação.”

Sobre seu interesse e aproximação com a docência, ela relata que o pai queria que os filhos fossem professores, mas ela inicialmente resistiu a essa vontade do pai e cursou o bacharelado em Ciências Biológicas. Iniciou a carreira dando aulas em cursinho pré-vestibular por conta da situação financeira, durante a faculdade. Depois, quando começou a lecionar, se apaixonou pela profissão, descobriu que amava estar com gente, entre jovens. Diz que não escolheu dar aula, que a escola a escolheu e, assim, resolveu fazer licenciatura em Ciências Biológicas.

Ela leciona há 23 anos em escolas particulares, mas, no início de sua carreira profissional, atuou em escolas públicas. Relata o início de sua carreira

profissional na escola pública através dos estágios propostos pelas disciplinas da licenciatura. Relatou sobre as dificuldades que enfrentou e os caminhos que trilhou até escolher lecionar apenas na rede particular. Um dos fatores que, de acordo com ela, motivaram esse afastamento foi o fato de ser jovem e inexperiente para enfrentar a realidade da escola pública. Sobre essa realidade a Profª BioA registra que:

> "Era uma realidade muito triste, eu ensinava matemática e eu pensava como que eu vou ensinar matemática nisso, nessa estrutura ruim? A gente fala que são três coisas para aprender: o professor querendo ensinar, o aluno querendo aprender e o ambiente. O ambiente era todo errado. Mesmo que o aluno quisesse aprender e o professor quisesse ensinar, era um ambiente todo atravessado, muitos alunos não tinham caderno, era uma coisa bem difícil."

Uma reflexão presente no relato da Prof.ª BioA e também nas entrevistas da Prof.ª SocGeo e do Prof. Hist. é a questão do gênero das professoras de Ciências e Biologia. Os três relatam que, ao longo de sua trajetória, as professoras mulheres eram a maioria, e a Prof.ª BioA, acerca disso, acredita que a sociedade pré concebeu ideias sobre quais profissões seriam as mais adequadas para homens ou mulheres. A Prof.ª BioA relata que tinha vontade de ser artista, de estudar artes plásticas, mas que o incentivo social e familiar era para profissões consideradas mais femininas:

> "enfermeira, que era considerada uma profissão que a mulher poderia exercer já a engenharia não era muito recomendada à mulher, queira ou não, ninguém fala isso muito abertamente, mas o tempo inteiro te excluíam disso, não te levavam a crer que você poderia ser uma engenheira."

Sobre a aproximação com a temática ambiental e com Educação Ambiental, a Prof.ª BioA relata que durante a graduação frequentou um grupo de extensão chamado BioMar. O grupo realizava atividades com crianças, apresentando animais e seus habitat. Segundo sua percepção, o objetivo do grupo não era conscientizar realmente sobre a conservação do ambiente marinho e, em retrospecto, ela aponta que não concordaria, hoje, com as atividades propostas pelo grupo. Para ela:

> "Apesar de hoje eu questionar o que a gente fazia na época. Porque, hoje, eu acho que tava errado o que a gente chamava de Educação Ambiental; [...] era uma coisa meio zoológico, em

> que você punha lá o bicho para contemplação do homem, e o homem como ser que teria o direito sobre aquelas espécies."

No momento da entrevista ao ser indagada se as perspectivas de EA eram discutidas no grupo, a professora diz que não, que as atividades propostas refletiam a visão dos estudantes (graduandos) na época. Questionada sobre os motivos que a teriam feito mudar sua percepção a respeito das atividades, a Prof.ª BioA cita a maternidade, que ampliou seu modo de entender o mundo e que:

> "ser mãe, queira ou não, muda um pouco como a gente encara também essa coisa do futuro, porque, daí, a gente quer um futuro muito mais amplo né [...] o mundo vai mudando e você também vai enxergando coisa que você não via antes."

Relata que, quanto a aulas mais específicas sobre Educação Ambiental ela não se lembra de ter e, o contato com a EA se deu através dos grupos de extensão. A docente comenta ainda sobre alguns professores que, durante a graduação, serviram como inspiração para que ela pudesse pensar em um ensino mais crítico, como aqueles que propunham reflexões sobre a prática docente nas disciplinas de prática de ensino e didática.

Nesse período, a professora relata que sua participação política era muito grande, ela se considerava uma militante ativa. Participou do movimento estudantil logo no primeiro ano de graduação, ajudou na criação do Centro Acadêmico da Biologia (CAB) do campus, participou da elaboração do Estatuto do Centro Acadêmico, ajudou a criar e a viabilizar um cursinho voltado para a comunidade, que oferecia aulas de reforço de Biologia e aulas preparatórias pré-vestibular. Todas essas atividades estavam relacionadas ao âmbito universitário, mas ela também se lembra de uma atuação mais ampla, dentro do contexto histórico de então, que articulava as atividades dentro e fora da Universidade:

> "[era] a época dos caras pintadas, então foi uma época até de a gente querer falar, a gente quer falar sobre isto. Levamos muita gente para discursar lá, levamos Luiza Erundina, levamos José Dirceu, fizemos show do Tom Zé lá dentro, depois com uma conversa com ele muito legal, foi uma época bem interessante de movimentação."

A Prof.ª BioA diz que esse contexto histórico e político do Brasil era um estímulo à participação e que atualmente ela se percebe menos participativa, menos mobilizada nesse aspecto. Ela lembra que o envolvimento ativo com as questões políticas era motivo de preocupação dos pais. Nessa direção, sobre quais teriam sido as contribuições da universidade pública no estímulo ao seu envolvimento político, ela diz que:

> "Em todo departamento tem um representante discente, em cada comitê, em cada coisa tem um representante discente. Isso abre portas para a gente ser político, para a gente pensar a política mesmo. [...] O aluno da escola [universidade] pública, ele tem muita autonomia porque ele tem que se virar [...] A universidade pública, ela acaba incentivando as pessoas a serem mais autônomas."

A Prof.ª BioA diz que, quando terminou a faculdade e regressou para sua cidade, sua atuação política diminuiu. A justificativa para tal distanciamento foi a desilusão com as pessoas que participavam dos movimentos:

> "coisas que a gente acreditava, lutava e aí não foi do jeito que a gente esperava, se vendeu pra um lado que a gente não queria. Mas não deixei de ter o idealismo, não deixei de procurar."

Para a professora, os espaços de discussões em espaços informais, a participação em mobilizações, encontros, coletivos, e atividades sociais para a troca de ideias e informações são muito importantes. Ela recorda que, na época do impeachment do ex-presidente Fernando Collor, existia apenas uma única fonte de informações, a televisão e que hoje, com as redes sociais e o surgimento de outras mídias, a população consegue se informar melhor e construir outros pontos de vista sobre um determinado fato histórico. Para ela, a abertura para discussão e para pontos de vista diferentes, deve ser estimulada dentro e fora da escola, pois, "ser diferente não tem problema".

Relativamente às relações entre a temática ambiental e a prática pedagógica da Profª BioA, suas primeiras experiências na docência foi como professora contratada em uma escola pública, ainda na cidade onde se graduou. Essa experiência a marcou negativamente, pois o bairro em que a escola estava localizada era violento e distante de sua residência. Relata que não foi uma experiência estimulante: as condições de trabalho eram ruins e

havia falta de material. Para ela, as vivências que teve se refletem na sua prática através dos exemplos que usa em sala de aula:

> “é diferente um exemplo que você só leu num livro e você nunca fez, do que um exemplo que você fez. [...] Na prática docente entra como uma vivência que você leva pra sala de aula, o que é diferente daquilo que você ensina só porque você aprendeu, só porque você leu. Uma experiência que você nunca fez, queira ou não você só está reproduzindo algo que na prática às vezes não é exatamente daquele jeito. Até na linguagem.”

A segunda experiência profissional da professora na rede pública estadual foi diferente, nesta ocasião ela pôde escolher trabalhar apenas com Ecologia nos primeiros anos do ensino médio e conta que:

> “Quando eu vim pra cá, [...] Eu dava aula para magistério, e dava aula pro noturno, pro colegial noturno. Já foi diferente, é uma escola central, [...] você tinha já uma variação dentro da sala. Violência bem menor, [...] com eles eu decidi trabalhar só ecologia. Porque eu podia decidir o que eu ia dar. Eu conversei com a coordenação, e falei pra ele que queria trabalhar com ecologia, porque eu só dava aula para os primeiros anos, e ele falou: “Trabalha, pode fazer.” A gente trabalhou a importância, os conceitos, apesar de ser noturno, como isso impactava a vida deles, foi legal, eu gostei muito, muito, muito!”

A docente também ministrou aulas para o antigo Magistério e, nesta ocasião, decidiu que trabalharia com as alunas a partir de uma perspectiva pluralista, de modo a trazer diferentes visões sobre um mesmo assunto e, assim, estimular o conflito de ideias. Nesse relato, podemos identificar que ela usa com a turma, que era composta exclusivamente por mulheres, a mesma metodologia que outrora alguns professores utilizaram com ela nas aulas de graduação, para suscitar o questionamento e a reflexão. A fim de comprovar o sucesso dessa prática, a de fazer as alunas pensarem, ela acrescenta ainda que:

> “Acho que daquela turma de magistério muitas não foram para a área de educação, mas as que foram e que eu encontro ainda falam sobre estas práticas.”

A Profª BioA diz que usa bastante a questão do conflito de ideias em sua prática docente, sempre como estímulo aos alunos, para que pensem para

além de uma perspectiva hegemônica e superficial, isto é, a partir de outros pontas de análise de uma questão, como exemplifica:

> "Isso é muito legal, essa pluralidade, mostrar que ser plural não é ruim. Eu pensar diferente do outro não é ruim, e o outro tem o direito de pensar diferente. Hoje é mais aberto, antigamente não, ou você estava dentro da caixa ou você era eliminado daquele grupo."

A Profª BioA diz que sempre tenta fazer uma problematização ou contextualizar a temática ambiental com outros assuntos que estejam trabalhando no currículo de Biologia. Está muito presente, em seus relatos sobre sua prática docente, a questão de tentar trazer outro ponto de vista aos alunos, para fazê-los pensar para além do que está posto, como no trecho:

> "Essa semana mesmo, como foi semana do meio ambiente, em todas as salas, mesmo o assunto não sendo meio ambiente, dei uma passada, uma discutida sobre a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris. Ontem a gente estava falando de verminoses. Eu disse: "Gente, precisa de Saneamento Básico", uma coisa que eu joguei pra eles e eles pararam, é um primeiro ano assim bem infantil que eu tenho em uma das escolas, [...] eu falei pra eles: "Tudo bem, vocês têm esgoto na casa de vocês. Vocês têm água tratada na casa de vocês. Mas vocês produzem seu próprio alimento? Ou vocês compram o alimento de quem não tem esgoto? De quem não tem água tratada? Quem garante que o seu alimento não chega contaminado?" Então você tem, mas o outro não tem e você depende dele. Ele faz parte de você! Ele faz parte do seu ambiente, ele faz parte do mundo ao seu redor, você não vive sozinho! Você não vive só com os seus iguais. Então eu tento sempre encaixar isso, seja o assunto que for, tento dar uma enfiadinha."

A professora relata que tenta trazer em suas aulas a noção de coletividade, de interdependência entre os seres humanos e os elementos da natureza, dos seres humanos entre si, sempre no sentido de fazer os alunos pensarem, criticarem, ou entenderem através de discussões, o que está ocorrendo no local e no mundo a partir da contraposição de ideias, argumentos e exemplos.

Quanto ao que a motiva a trabalhar com a temática ambiental em sala de aula, a Profª BioA aponta os sérios problemas ambientais pelos quais estamos passando. A perda de áreas verdes para ocupação urbana é um deles:

> "você vê as pessoas perdendo suas terras agora pra uma inundação de uma área para fazer uma represa que não vai

> servir pra nada... Isso me motiva! Quando você vê que a sociedade está indo mal, está indo mal e não está percebendo."

Nesse sentido, ela relata uma experiência significativa em parceria com a professora de Ciências, em uma das escolas particulares onde leciona, sobre a arborização no centro da cidade. Segundo ela, o centro da cidade tem poucas árvores, porque os comerciantes alegam que as árvores atrapalham as vitrines das lojas. Com isso em mente, elas articularam-se com os alunos para conscientizar os moradores e comerciantes sobre a importância das árvores no centro da cidade. Ela conta que:

> "A gente fez um projeto, eu só ajudei a professora de Ciências, o projeto é dela, eu só (gesto de finalização com as mãos)… As ruas, elas são muito sem árvores porque tem muita loja, e a árvore atrapalha a vitrine. A gente fez um trabalho de conscientização do comércio, de tentar, conseguimos pôr algumas árvores em alguns lugares, não muitas, porque realmente eles acham que atrapalha a vitrine e é melhor não ter a árvore do que ter, é melhor vender a blusa do que respirar! Essa foi uma prática que foi mais para a sociedade."

Conta ainda que realizou projetos com a horta da escola e atividades fora da sala de aula, no jardim ou na "Sala Verde" que é embaixo de uma árvore. Sobre essas experiências com os alunos, fez questão de ressaltar que:

> "quando a gente faz, a gente vai pros jardins, mas eles em si não põem a mão na massa."

Isso porque a classe socioeconômica dos alunos que eles atendem nessa escola é muito alta e as mães dos alunos não gostam que eles cheguem sujos de terra em casa. Ela arremata dizendo que já recebeu reclamações por conta disso e que, hoje, não mais coloca os alunos em contato direto com a terra.

A Profª BioA fala que as possibilidades de sucesso com esse trabalho são pequenas, porém relata que, na escola, as diretrizes pedagógicas possibilitam o melhor entrosamento entre todas as atividades desenvolvidas na escola com a sensibilização para com a temática ambiental:

> "Lá é uma escola em que um dos donos é biólogo é uma pessoa muito consciente, é um cara que tem uma consciência ecológica fantástica, e ele leva isso pra dentro da escola (...) tem uma prática muito minimalista, usar o mínimo de papel possível, usar tudo o máximo que dá. "

Por outro lado a professora lista alguns dos obstáculos em trabalhar a temática ambiental nas escolas particulares, como o currículo ser fechado demais ou engessado, o sistema apostilado, e também o perfil de preparação para o vestibular que tais instituições possuem. Outra fala notável sobre o que a ela entende que seja um empecilho para trabalhar a temática ambiental é:

> "Eu acho que dificuldade é você mudar o comportamento. porque por mais que a gente fale, a gente fala, a gente é uma pessoa distante, por mais que você tente interagir e estar próximo, você é alguém de fora.

Outra dificuldade elencada por ela para trabalhar com a temática ambiental na escola é a forte influência familiar na percepção dos adolescentes, que segundo ela, supera a influência que os professores têm sobre os alunos.

A entrevista foi realizada na casa da professora e teve duração de 1h e 15 minutos. Após o término da entrevista, em conversa informal conosco a Prof.ª BioA se lembrou de outras informações, assim perguntamos se poderíamos adicionar as declarações ao corpo da entrevista, e, com sua permissão realizamos algumas anotações no caderno de campo, sobre a prática docente com a temática ambiental e sobre lembranças da época da graduação.

Prof Hist

O terceiro entrevistado leciona a disciplina de História e será chamado de Prof. Hist. É formado pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Assis, e trabalha há quatro anos em escolas públicas da região. Os momentos de contato com a natureza e ambientes preservados na infância e adolescência foram poucos, e a seu ver, pouco estimulados pela família. Ele se lembra de algumas viagens para a praia ou em visitas à casa de uma tia, onde ele e os irmãos eram incentivados ao cuidado com as hortaliças, mas esse cuidado, por sua vez, não tinha uma preocupação educativa, era apenas uma distração ou diversão.

Em seu período escolar, relatando sobre como era trabalhada a temática ambiental ou as atividades de Educação Ambiental, diz que eram poucas, pontuais, e geralmente vinculadas à mudança de atitudes, ou que visavam um "comportamento ecologicamente correto".

Ele cursou o ensino infantil, as 1ª e 2ª séries do ensino fundamental I em escola particular ,e a partir disso até o ensino médio em escolas públicas. Sobre isso, ele disse não se lembrar de atividades que envolviam a temática ambiental na escola mas ressalvou, dizendo que sua memória talvez não fosse boa o suficiente.

Ao concluir o ensino médio, a docência não era vista como um caminho profissional. Tentou, então, vestibular para Jornalismo e Arquitetura, mas as faculdades eram longe de onde morava, e ele não gostou das cidades. Resolveu estudar mais um ano no cursinho pré-vestibular e decidiu, enfim, por História. Ele relata sempre ter gostado da área das Ciências Humanas, mas identifica que o grupo de amigos o incentivou na escolha pela docência:

> "A gente conversava muito, discutia sobre muitas coisas eu comecei a pensar nessa possibilidade de ser professor, justamente para estender esse espaço de debate para outras atividades que eu fosse ter ao longo da vida. Aí, eu pensei numa área que eu já gostava que era História [...] a partir das trocas de ideias, debates, discussões, que isso foi amadurecendo."

Assim como a Prof.ª SocGeo, o Prof. Hist. participou como catequista e monitor de Crisma, e reconhece a importância desses programas para suas escolhas profissionais e políticas. Por ser um espaço permeado de conflitos e interesses o Prof. Hist. aponta esse período como fundamental em sua formação:

> "no Crisma, também foi um lugar importante para a minha formação. Considero que lá talvez tenha sido um espaço de transformação radical mesmo [...] Como catequista, eu fui obrigado a começar a estudar um pouco mais para passar os encontros e discutir e argumentar e defender aquilo que a gente passava nos encontros. Talvez seja aí o grande, o ponto de mudança mesmo."

Inclusive, ele aponta as atividades na Igreja como essenciais para sua aproximação com a docência, porque, até então, antes de ser catequista, ele:

> "não tinha estímulo para leitura, quando eu comecei a passar o encontro de crisma que isto foi se tornando uma necessidade mesmo; estudar para dominar um pouco do conteúdo que ia ter que passar... enfim criar um pouco de didática, metodologia, talvez seja até por isso que eu tenha me interessado por essa questão de dar aula."

Ter vivido essa experiência foi importante também para sua sensibilização à dimensão política, pois tanto ele quanto a Prof.ª SocGeo se identificaram com a Teologia da Libertação:

> "A gente sempre teve um grupo que gostava muito de discutir. A gente defendia muito a Teologia, que inclusive, para setores mais conservadores da Igreja não é muito bem quista, que é a Teologia da Libertação. A gente lia bastante coisa desses teólogos, desses filósofos, então pra gente sempre foi importante essa dimensão política da religião [...] de disputar esse espaço mesmo, porque é um espaço importante na sociedade. [...] pra mim a dimensão política é essencial, e onde se manifesta na verdade essa dimensão é na discussão. Então, tá muito ligado à crisma, não consigo desassociar essa formação da formação na igreja."

Outra atividade que o Prof. Hist. cita como sendo basilar para seu envolvimento político ao longo da sua trajetória, agora um pouco mais velho, no início da graduação, mas ainda na sua cidade natal, foi a participação no coletivo REPRESENTA JUVENTUDE[3]. Esse grupo era formado por universitários e tinha como intenção estimular a formação dos Grêmios estudantis nas escolas, e depois o objetivo passa ser a organização de debates com temas mais voltados ao campo da política. Esse grupo também aparece nas entrevistas do Prof. SocHis e da Prof.ª SocGeo. O Prof. Hist. participou ativamente de outros coletivos, grupos de discussões e movimentos, pois também é filiado a um partido político.

Na graduação o Prof. Hist. cita que cursou uma disciplina que diferia da grade de disciplinas de outros cursos de graduação em História. A disciplina de História Ambiental foi adicionada ao currículo, em substituição à disciplina "Introdução ao pensamento Geográfico". Isso se constituiu em uma especificidade na trajetória acadêmica do Prof. Hist. Segundo o relato do

[3] Coletivo formado por universitários cujo objetivo era promover debates e atrair público jovem para discutir questões públicas voltadas à política. O público alvo eram alunos de escolas públicas.

professor, a disciplina surpreendeu os graduandos, pois estavam acostumados a ter disciplinas da licenciatura como Metodologia, Introdução à Filosofia, à Política, História Econômica e essa disciplina gerou certo estranhamento. Tal sensação talvez tenha sido maior pelo posicionamento que o professor tinha com relação à dimensão política da Educação e da responsabilidade em relação à escola pública. O Prof. Hist. relata que:

> "'Ele [o professor da disciplina] tinha um discurso político muito interessante, porque logo que ele apresentava o curso ele já falava [sobre isto], acho que ele foi um dos únicos professores que falou sobre a questão da educação pública, que a gente estava lá e tinha gente pagando para a gente estar lá. Então, a gente tinha que corresponder a essa expectativa porque é algo muito caro a universidade pública, então não tem como levar no relaxo até por uma questão política [...], tem gente pagando pra gente estar lá, para ter uma formação de qualidade."

Alguns relatos do Prof. Hist. nos apontam possíveis caminhos para entender sua sensibilização com relação à temática ambiental. Quando questionado sobre o que o professor da disciplina trabalhava sobre história ambiental e sobre as relações disso dentro do conteúdo de História no currículo oficial do estado, o Prof. Hist. diz que:

> "ele trabalhou muito as questões da História do Brasil a partir de uma perspectiva ambientalista [...] Ele discutia muito as questões dos conflitos no campo. A questão da construção do país a partir da exploração do meio ambiente, das riquezas naturais, sempre numa perspectiva ligando tudo isso ao sistema Capitalista. [...] Até hoje eu acabo utilizando um pouco disso na sala de aula. Outro dia mesmo eu passei para eles [seus alunos] um documentário que ele passou no curso. Era o Fordlândia."

O Prof. Hist. lembra-se ainda, sobre a EA na época da graduação, que existiam cursos de Extensão promovidos por alunos da Psicologia e Biologia, no contexto de projetos com catadores de recicláveis, mas que ele preferiu não se dedicar a isso, por estar envolvido com outra área do conhecimento, no caso a História.

Quando questionado sobre as experiências vividas ao longo de sua trajetória e as influências delas em sua prática pedagógica ele diz:

> "ter essa participação, no grêmio estudantil, ou, de outras formas, a partir de grupos de debate, já organizei alguns

> grupos em escolas, discussão a partir de filmes, documentários, isso pra mim é um ato político.”

O Prof. Hist usa a sala de aula para fazer debates, pois vê que os alunos reconhecem a importância do diálogo professor- aluno, e aluno- aluno. O Prof. Hist. entende que o espaço do debate estimula a participação política e destaca a importância dessa diferenciação:

> “Não é a mesma coisa da minha atividade política fora da escola, mas é uma adequação [dela] ao modelo escolar; é o que dá para fazer dentro da escola, claro que sem levar em conta a política partidária, mas política no sentido geral, amplo, de troca de ideias, de discussão sobre questões que são importantes no cotidiano.”

Apesar de ver diferenças entre as ações políticas na escola e fora dela, o docente, em parceria com colegas, ajudou a promover um cursinho comunitário. Ele ressalta a questão da coletividade nas ações políticas e diz que talvez só tenha organizado o cursinho porque não o fez sozinho, mas com a ajuda de outro professor.

O convite para dar aulas nesse cursinho também parte de um princípio de identificação com professores que tenham um perfil de militância. Um fator importante que o Prof. Hist. cita é o caráter voluntário do cursinho que eles fizeram questão de deixar claro aos alunos que:

> “Tem sido uma experiência interessante, muito importante, não só pelas aulas em si; é uma experiência que eu acho importante para mostrar para eles que nem tudo que a gente faz é por dinheiro, que a gente não faz as coisas só por uma troca [que], enfim, a gente faz porque tem outras coisas envolvidas, tem muito mais coisas envolvidas, na verdade, do que só o retorno financeiro.”

Sobre o perfil e objetivos desse trabalho, ele relata que tem um caráter para além do conteúdo, pois o cursinho é visto como um espaço muito mais potente para abordar a temática ambiental:

> “Acho que a temática ambiental pode vir a calhar para isso, porque eles podem se emancipar a partir dessas coisas. Talvez uma aula sobre o tema pode gerar ali futuros ambientalistas. Essa é a ideia, principalmente por ser um espaço mais próximo, são menos alunos, é uma aula informal, não é aquela coisa. Acho que é muito mais potente!”

Na entrevista, foram feitos questionamentos sobre a participação do Prof. Hist. no coletivo visitado por nós. Algumas perguntas focalizaram as percepções sobre as relações entre a participação no coletivo e a docência, a dimensão formativa do grupo e as influências dessa participação para sua prática docente com relação à temática ambiental. Quando os questionamentos vão no sentido de identificar as contribuições da participação do professor no coletivo, o Prof. Hist. diz saber que existe essa relação, mas pensa ser difícil explicitar de forma objetiva. Ele diz ainda que as contribuições do coletivo para sua prática docente também são difíceis de serem mensuradas.

Ainda sobre a participação no coletivo educador ele relata que por não ter um perfil de liderança, às vezes, se sentia mais à vontade para ouvir do que para falar ou comentar, e reafirma que o objetivo principal dos encontros é tornar as discussões horizontais:

> "na hora da discussão, quer sejam os amigos, os alunos, ou os desconhecidos que vão, todos lá tem o espaço de fala garantido, respeitado, e todos vão para contribuir de forma que sempre surpreendeu todo mundo que participou."

Ainda sobre a participação em coletivos e as contribuições disso para a prática educativa e autoformação:

> "o JORNADAS, como não é institucionalizado, é muito importante para discutir esses temas sem a limitação da escola. Então para mim, é fundamental como espaço de discussão, de criação, de valores, de consciência, porque ele é muito menos limitador."

Surge aqui um elemento a ser considerado neste estudo: a importância dos espaços informais como promotores de formação docente e interação política. Para esse professor participar de um coletivo educador:

> "é fundamental como um complemento da atividade docente, mesmo que lá a gente não se encare enquanto docente. Esses espaços de trocas de ideias têm que ter de diversas formas quer seja na escola, em comunidades de bairros, ou o Jornadas. O próprio bar, que seja, porque tem isso: a gente sai a noite, nos bares, e discute essas coisas também. Inclusive as nossas organizações do JORNADAS a maioria foi feita nesses espaços, porque é um espaço para ser ocupado mesmo."

Quanto as análises das práticas pedagógicas do Prof. Hist. que envolvem a temática ambiental, apontaríamos a concepção sobre a temática ambiental explanada. Para ele, as questões ambientais estão intrinsecamente ligadas às questões civilizatórias; e entende que não dá para dissociar uma coisa da outra. Nesse sentido, ele afirma:

> "a gente vive num organismo e interage com ele, é importante a gente ter essa consciência e cuidar, pra gente conseguir entender nosso papel enquanto ser nesse organismo. Por uma questão de consciência e de civilização inclusive, não só individual mas no geral. [...] Não dá para entender a educação se não for para analisar a partir de parâmetros civilizatório, pra gente evoluir enquanto civilização. Não consigo imaginar mais como uma coisa individual."

O Prof. Hist. identifica que uma das motivações para trabalhar com a temática ambiental nas aulas de história é discutir nosso sistema econômico, que segundo ele está muito ligado às questões ambientais. Nessa medida, um excerto a seguir transcrito, remete à uma compreensão mais ampliada da temática ambiental e, para nós, representa com clareza a dimensão política da EA:

> "a gente está vivendo o ápice das desigualdades, o ápice do desmatamento, o ápice de todas as crises: políticas, sociais, morais, econômicas, ambientais. Se a gente não conseguir pensar enquanto civilização, enquanto sociedade, a gente vai ter sempre essas crises. [...] Agora uma crise ambiental? Como a gente enquanto espécie vai conseguir reverter um processo que pode inclusive levar à extinção da própria espécie?"

Podemos ainda associar seu entendimento sobre a questão ambiental com a disciplina de História Ambiental durante a graduação. Quando questionado sobre as contribuições dessa disciplina para sua atuação docente com relação à temática ambiental, ele diz que:

> "Foi bastante interessante. Apesar de não conseguir trabalhar muitos temas relacionados ao meio ambiente no currículo de História, porque é muito fechado o currículo escolar, eu acho que ele é muito fechado [...] foi importante para abordar uma nova perspectiva, [para] mostrar que existem várias dimensões históricas a serem abordadas e é importante interligar todas elas. Optar por uma é esquecer de várias outras."

Ainda sobre as possibilidades para o trabalho com a temática ambiental em sala de aula, conectado ao currículo de história, o Prof. Hist. se recorda de um documentário que o professor da disciplina de História Ambiental exibiu:

> "ele passou Iracema: uma Transamazônica, falando da construção da Transamazônica durante o período da ditadura. Esse eu não consegui passar para os alunos, mas é algo que dá para trabalhar tranquilamente."

O Prof. Hist. diz conseguir relacionar o conteúdo de História com a temática ambiental em vários momentos. Quando trabalha a Revolução Industrial, por exemplo, ele fala sobre a exploração do ambiente, sobre os conflitos ambientais que surgiram ao longo da Primeira República no Brasil, relembrando de alguns assuntos que teve durante a graduação, o professor consegue fazer relações entre a construção do Brasil e toda a exploração ambiental que aconteceu nesta época.

Existem alguns conteúdos em que ele consegue aproximar mais a temática ambiental como os conflitos no campo durante a Primeira República, a formação dos latifúndios no Brasil desde o período colonial, em História do Brasil, relaciona os conteúdos do currículo quando o mesmo trata da exploração não só do trabalho, mas a exploração das riquezas, do Pau Brasil, o nordeste açucareiro, a região sudeste com a mineração. Mesmo tendo todas essas pontes de conexão entre a História e a temática ambiental, o professor admite que:

> "No meu currículo, toda vez que eu vou trabalhar a Revolução Industrial eu falo sobre as questões ambientais. Claro que numa perspectiva histórica [e] também numa perspectiva econômica, ligando o ambiental à exploração, ao surgimento do capitalismo, à exploração capitalista, eu sempre trabalho essas questões, mas não é uma prática à parte, está dentro do currículo. [...] Falo de como foi intensa essa exploração dos recursos, depois falo sobre os conflitos no campo, mas não é um projeto que eu faço à parte, está dentro do conteúdo, eu tenho muita dificuldade inclusive de conseguir sair desse currículo porque é muito fechado e é muito denso. O currículo de História é muito denso, é muita coisa. Principalmente no ensino médio, que é o que eu estou trabalhando agora, não tem muita abertura. Você parar um pouco para discutir algumas coisas é difícil, são poucas aulas e muito conteúdo. [...] É mais no meio da aula que a gente fala um pouco sobre desmatamento, sobre exploração, como o mundo se configura a partir dos recursos depois do capitalismo, primeiro no surgimento e agora."

Há também um momento interessante de seu relato no qual ele diz ter trabalhado a questão do consumo e da produção de resíduos sólidos a partir do filme de animação Wall-e. Segundo ele a experiência não deu certo devido à realidade das condições socioeconômicas dos alunos. Relata que um aluno do sétimo ano fez uma intervenção, questionando-o quando apresentou os números da média de produção mensal de lixo por uma família brasileira. O aluno se contrapôs dizendo que ele não se enquadrava nessa média:

> **"**Ele falou que, na casa dele, eles consomem o básico do básico e não sobra. A comida é feita, todo mundo come e não sobra, não tem esse lixo, essa sobra, porque consomem o mínimo. Então, é uma média, tudo bem, tem norte-americano que consome/produz 3 kilos de lixo, mas ele não produz nada. E a gente a hora que joga na média e fala que todo mundo produz isso, ele bateu o pé e falou: Não, eu não! Minha família não, em casa a gente não produz isso de lixo por dia porque consome o mínimo do mínimo. Então, foi interessante, assim, chocante. Porque eu fui falar de consumo e foi esse mesmo menino que falou que a família dele vendeu um cavalo para ele poder comprar um celular. Porque todo mundo da idade dele tinha um celular, ele queria um e parece que ele vendeu um cavalo, foi alguma coisa assim. Eu estava falando justamente do desperdício, aí eu fiquei pensando, será que esse menino desperdiça? É uma outra consciência, porque ele tem que lidar com aquilo que, para ele, é muito mais finito**."**

Ao ser questionado sobre o que aprendeu com essa experiência, o Prof. Hist. respondeu que foi uma experiência importante para que ele pudesse pensar sobre a questão de maneira mais profunda. Ele ainda acrescenta que esse episódio trouxe a consciência de que é preciso saber onde e como falar sobre assuntos que são importantes para nossa sociedade atual, bem como é necessário não culpabilizar sujeitos que sofrem de maneira desigual com certas condições de consumo, desperdício, dentre outras situações:

> "não se pode jogar nas costas de quem está na base da pirâmide e não no topo. [...] Tome cuidado com quem você vai falar de consumo, porque às vezes você está falando [...] como se todos tivessem lá nessa sociedade de consumo e não é bem assim, né, principalmente na escola, na escola pública."

O Prof. Hist. diz que, em certas ocasiões, as possibilidades de trabalho com a temática ambiental na escola se traduzem em dificuldades, porque, segundo ele:

> "às vezes quem precisa escutar não está nem disposto a escutar. Então, esse menino, que talvez nem fosse a pessoa

> que merecesse escutar e pensar sobre, mas ele estava lá disposto e falou e opinou. Agora não sei se isso atinge a todos ou se atinge a quem deveria..”

Outra dificuldade para trabalhar com a temática ambiental deve-se ao fato de o currículo de História ser muito fechado e os conteúdos, muito densos, de modo que incluir a temática ambiental levaria um tempo de que não se dispõe.

Sobre outras atividades relacionadas à temática ambiental em sua prática docente, ele relata uma aula que cedeu para que aos alunos ficassem na horta da escola desenvolvendo a atividade junto com a professora de Biologia, e comenta que gostou de participar desse momento, e refletir sobre uma suposta preocupação das escolas com a questão da sustentabilidade e com a produção de alimento:

> “Foi bem bacana e vejo que isso está se tornando uma realidade mais palpável hoje em dia, pensando na minha época de estudante, que não faz tanto tempo assim. Me formei no ensino médio faz 12 anos, e para hoje em dia, tem mudado bastante, as escolas estão mais preocupadas em ter uma horta, em produzir o próprio alimento.”

O Prof. Hist. é conhecido da pesquisadora há algum tempo e, portanto o contato para a entrevista ficou facilitado. No dia 16/06/2017, realizamos a gravação da entrevista que teve duração aproximada de 1h e 10 min.

Prof. SocHis.

O quarto entrevistado é professor de Sociologia com habilitação em História, chamado aqui de Prof. SocHis. Ele foi o idealizador do coletivo de professores visitado, que organiza os eventos JORNADAS. O Prof. SocHis. tem 28 anos, é formado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, e leciona há nove anos nas redes pública e particular da região. Conhecemos o Prof. SocHis. no curso promovido pela Diretoria de Ensino regional, ambos tínhamos sido aprovados no concurso e fomos a um encontro de formação presencial. Durante a viagem, pudemos conversar sobre a docência, sobre os anseios e as angústias geradas pela profissão e, assim, nos fortalecermos enquanto profissionais.

O Prof. SocHis. relata que os momentos de contato com a natureza e ambientes preservados ao longo de sua infância e adolescência foram apenas em viagens com a família para a praia, cachoeiras e acampamentos. Apesar de terem sido episódios pontuais, a família demonstra ter, de maneira geral, uma preocupação com as questões ambientais que se manifestam, atualmente, nas tentativas e projetos familiares de composteira orgânica e da horta doméstica, ambas almejando uma vida mais sustentável.

Sobre as lembranças de como a temática ambiental esteve presente ao longo de sua trajetória escolar, o Prof. SocHis relata que, em algum momento da trajetória escolar, começou a pensar sobre reciclagem e a poluição, que participou de feiras de ciências, mas não se aprofundou em nessas lembranças. O Prof. SocHis. cursou do ensino infantil até o ensino fundamental I em escolas municipais públicas, o fundamental II em uma escola particular de cunho religioso e, posteriormente, o ensino médio no Centro Paula Souza de ensino técnico.

Quando questionado sobre o interesse pela docência e sobre como resolveu ser um professor, ele responde com uma risada sonora, dizendo que não escolheu ser professor, mas que a docência o escolheu, alegou ainda que dar aulas foi a saída para uma necessidade financeira. Lembra que, no segundo ano de faculdade, mandou currículo para uma escola particular da cidade, para concorrer à vaga de professor auxiliar, sem saber ao certo quais as atribuições de um professor auxiliar. Segundo ele, um colega de faculdade o informou que o cargo era para a assistência de crianças pequenas e que talvez ele não se enquadrasse. Passado algum tempo, a mesma escola lhe telefonou, perguntando se ele assumiria as aulas, pois a professora de Sociologia e História estava se aposentando, e assim:

> “isso apareceu na minha vida, foi assim mesmo, eu nunca mais parei, mas óbvio, que existia um interesse da minha parte, eu só não sabia como seria.”

Vemos no trecho uma contradição na fala do professor, já que a docência teria ocorrido devido a uma necessidade, mas que também havia algum interesse prévio pela profissão.

Sobre a escolha do curso o Prof. SocHis. comenta que, no vestibular, escolheu alguns cursos quando ligados à Comunicação, Midialogia e

audiovisual, mas não passou e resolveu fazer curso pré-vestibular. Durante esse ano, não obteve maiores informações e orientações sobre os cursos de graduação e outras profissões. Portanto a escolha de cursar Ciências Sociais foi baseada em manuais de profissões e em revistas sobre vestibular, que é algo que ele não recomenda que seja feito.

Diz que, desde muito cedo na graduação, já teve contato com a licenciatura. No segundo ano, a primeira disciplina foi de políticas públicas. Ele afirma que, ao começar a trabalhar como professor, sua prioridade passou a ser seu trabalho e não mais a faculdade. O docente considera isso um motivo para a redução de seu aproveitamento nas aulas e na vivência universitária. Relativamente ao seu percurso na graduação, o Prof. SocHis. comenta que sempre gostou de estar dentro da escola, tanto enquanto professor como enquanto aluno, mesmo que fosse apenas para observar, o que demonstra um grande apreço pela área profissional escolhida.

Quando questionado sobre as experiências e estágios na licenciatura e quais as implicações deles para sua prática docente, o Prof. SocHis. diz que o ajudaram a:

> “pensar a Educação enquanto campo científico. [...] algumas foram importantes para eu entender um pouco da área da legislação, psicologia da educação [...] a que mais mexeu comigo foi uma que trabalhou com políticas públicas só que mais no contexto do Neoliberalismo, de começar a perceber que a educação acaba se tornando, acaba ficando à mercê do grupo dirigente, da ideologia, da visão política. Eu demorei um pouco para entender isso.”

Acrescenta ainda que se der continuidade aos estudos e puder fazer um mestrado que com certeza será na área da Educação, pois é a área que mais o instiga a pensar.

O professor SocHis. não tem nenhuma lembrança de atividades relacionadas com a temática ambiental ou com EA durante sua graduação. Ele consegue apontar apenas a disciplina de Antropologia, na qual as leituras propostas traziam muito da vivência de povos, etnias e das relações que estabeleciam com o ambiente. Articulando o exposto ao trabalho com a temática ambiental, acrescenta:

> “A gente vai pensando um pouco na questão das diferenças, nosso jeito de viver em relação ao jeito deles.”

Exploramos na entrevista algumas experiências que podem ter sido motivadoras de um envolvimento político ao longo da trajetória do Prof. SocHis. Ele relata que, em casa, no contexto familiar, conversar sobre as mobilizações era recorrente, pois o pai era bancário e participante ativo do Sindicato dos Bancários. Lembra também que quando entrou na faculdade, aos finais de semana na sua cidade, ele e um grupo de amigos começaram a organizar e articular um grupo chamado REPRESENTA JUVENTUDE, cujo intuito era:

> "trabalhar com Grêmio estudantil nas escolas [...] A gente chegou a organizar alguns debates aqui, com essa temática do campo da política. [...] Através do "Representa Juventude", eu tive oportunidade de entrar em algumas escolas, trocar ideia com a molecada."

Esse grupo (Representa Juventude) está presente também nos relatos da Prof.ª SocGeo. e do Prof. Hist., evidenciando, não apenas o contato próximo entre os três, mas também, de certa forma, a importância destas experiências coletivas através da militância. Está presente no discurso dos professores o fortalecimento de uma rede de amigos engajados com as questões políticas e educacionais. Essa rede vai sendo construída e fortalecida no sentido de uma ação política conjunta. Apenas para termos em mente, os três professores fazem parte do coletivo visitado, já as professoras BioA., BioB., e GeoA. não faziam parte do coletivo.

Ao relembrar algumas atividades que realizou com o grupo do REPRESENTA JUVENTUDE, o professor se registra que:

> "A gente chegou a organizar uma atividade com a temática ambiental, na semana do meio ambiente, na Casa do Teatro. Em 2009, 2010 [...] A gente assistiu *A História das coisas*, e assistimos a um vídeo curtinho chamado *Chicken a la carte*. Depois rolou um debate, fechamos um círculo e começamos a trocar ideia. Não foi só o *Ilha das Flores*."

Um fator que o Prof. SocHis. percebe que talvez tenha estimulado seu envolvimento político foram as vivências nas casas dos avós em São Paulo, que permitiram ver as desigualdades sociais dentro da mesma cidade. A experiência de poder estudar tanto na escola pública quanto na particular

também possibilitou vivenciar outros tipos de desigualdades. Sob esse prisma argumenta:

> "não que isso tenha uma relação direta com a sensibilidade política, mas começa a te tirar um pouco da bolha. Quanto mais distante você está da tua bolha, mais aberto ao novo você vai estar. Tem gente que talvez não consiga enxergar a política como uma ferramenta importante de mudança e de construção coletiva justamente por não conseguir se desvencilhar da bolha."

O Prof. SocHis. se lembra de um episódio que nos remete à aproximação com perspectivas mais transformadoras ou libertárias de educação, quando seu pai o presenteou com o livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire. Sobre a importância dessas referências na Educação e na sua prática docente, o professor comenta que:

> "Foram referências muito importantes, porque você entra numa escola, no terceiro semestre de faculdade, sem referências para fazer contraponto ao sistema, você acaba sendo engolido por ele. Então, você vai reproduzir aquilo que você vê os outros fazendo, e que diferença você vai fazer ali? [...] A gente tem que ir pra escola para fazer a diferença."

Ao ser questionado sobre as principais contribuições da universidade pública para sua formação e para estimular seu envolvimento político, o docente diz que o ambiente universitário proporciona estímulo à criatividade, à criticidade, além de promover o contato com uma literatura plural e com movimento estudantil. Segundo o Prof. SocHis. o contato com quem realmente elabora conhecimentos, ou seja, com professores que faziam contraposição de posturas políticas, foi importante no estímulo ao pensamento crítico. E arremata:

> "Foi na faculdade minha primeira experiência de assistir uma assembleia, de assistir um Seminário, um Simpósio, um Congresso, debates, a faculdade acabou me proporcionando essas primeiras experiências, e isso vai instigando a gente. Essa é uma parte importante da nossa formação política, a condição de estudante enquanto cidadão."

O Prof. SocHis acredita que seu próprio curso de graduação acaba aproximando os alunos dos temas da política, pois quando estudam a Ciência Política acabam por refletir sobre a política para além da esfera partidária, e

eleitoral. Isso nos faz pensar sobre as capacidades técnicas sobre a área de formação de cada um dos professores entrevistados. As Ciências Humanas sensibilizam ou põem em pauta com mais propriedade as questões políticas e, por isso, talvez desperte esses professores para essa dimensão, tanto com relação à educação, quanto à assuntos relacionados a temática ambiental. Nossa aposta é que, devido à literatura com a qual tiveram contato durante a graduação e a partir de todos os temas estudados, eles conseguem estabelecer de maneira mais clara e intencional as relações diversas entre os conteúdos e principalmente entre conteúdos específicos das Ciências Humanas com a temática ambiental.

O professor SocHis admitiu que não consegue limitar suas atividades apenas à sala de aula, disse que ele sempre está envolvido com outras atividades culturais fora da escola. Contou que, ao longo da sua militância, além do grupo REPRESENTA JUVENTUDE, que exibia filmes e realizava debates, ele ainda fazia panfletagem na rua. Foi nessa época que presenciou, pela primeira vez, sessões públicas na Câmara Municipal.

Outras atividades que têm relevância em sua experiência são o contato com a música e a participação em um grupo de Teatro. O Prof. SocHis. canta em uma banda e diz que, para ele, a música sempre teve relação com a política, pois a escolha do repertório é uma escolha política. Quanto ao teatro, cita principalmente a peça *O Rei da Vela*, escrita por Oswald de Andrade, pois segundo ele:

> “é uma peça super política [...] Hoje eu tenho mexido com essa questão do vídeo e cinema que também tem uma motivação política.”

Ao ser questionado sobre a relação entre todas as atividades de que participa e a docência, o professor identifica que a relação é grande e manifesta sua angústia em não conseguir aproximar mais essas vertentes de sua vida, à sua prática docente por falta de tempo para planejar aulas. Sobre as relações entre a docência, o envolvimento político e a temática ambiental o Prof. SocHis. relata sobre uma série de documentários e videozinhos que está pensando em elaborar, e esses vídeos abordam um pouco essa relação:

> “se você pegar um vídeo que eu fiz recentemente da viagem que a escola fez pra São Paulo, o vídeo começa mostrando o

> rio. Eu gosto muito de pegar a cidade, e indiretamente você está dialogando com a questão ambiental. Gosto muito de pensar no impacto."

O Prof. SocHis. cita como motivação para o trabalho com a temática ambiental na sala de aula a questão da urbanização. Para ele, a ocupação do espaço na construção das cidades é um tema que o sensibiliza. O fato de estar em grandes centros urbanos lhe proporciona uma espécie de alerta para a desconexão gerada entre o ambiente natural e as grandes cidades. Para ele:

> "Nas viagens para São Paulo, eu sempre fui acompanhando o trajeto para fora do carro, as construções em volta das estradas, [...] Sempre me chamou muito a atenção por que não tinha terra em volta do rio Pinheiros, ou Tietê mas, sim concreto, porque a minha referência era o Camanducaia, eram os rios das cidades que eu tinha visitado com meus pais, uns rios no meio da floresta, nas trilhas, na cachoeira, e na cidade…"

E aponta que, nessa imbricada relação, a temática ambiental acaba aparecendo como uma consequência de uma visão mais ampla que se tem de arte, de mundo.

O Prof. SocHis. quando questionado sobre as influências das vivências e momentos de contato com a natureza para sua prática docente, traz os temas da abertura e da sensibilidade, dizendo que:

> "A questão da sensibilidade só se constrói quando você vai tendo contato com coisas que você não conhece, seja através dos livros, através de um passeio, um filme, de conversas com outras pessoas que vivenciam coisas diferentes daquilo que você vivencia. E essa sensibilidade vai fazendo a gente explorar com mais responsabilidade certos temas."

Pensando em atividades mais focadas na temática ambiental desenvolvidas pelo Prof. SocHis. o primeiro conteúdo que ele relaciona à temática ambiental, assim como o Prof. Hist. é a Revolução Industrial. Para ele, a temática ambiental está associada ao progresso e ao desenvolvimento econômico. Ele exemplifica alguns temas abordados por ele em aula, como as construções de barragens hidrelétricas e os impactos gerados, a extinção de espécies, a relação de comunidades ribeirinhas com o ambiente onde habitam, citando ainda que o Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM em anos anteriores, abordou como temas da redação a preservação ambiental e as

implicações para o desenvolvimento econômico, e que estas relações são plausíveis de serem abordadas por ele em sala de aula.

O Prof. SocHis. relata uma atividade que ele realizou diretamente com os alunos, e que foi significativa para uma das escolas onde leciona, porque chamou a atenção dele e dos alunos de maneira geral. Quem propôs a atividade foi a professora de Química e foi executada pelas alunas (todas mulheres) de uma sala do terceiro ano do ensino médio. Segundo ele:

> "ano passado teve um trabalho bem legal de uma turma do terceiro colegial, que se propôs a desenvolver um trabalho com relação a isso, conversaram com todas as salas. Conversaram dentro de uma dinâmica, foi bem legal, não foi uma palestrona, eles tentaram construir uma dinâmica de modo que todas as salas pudessem refletir: por que eles deixam lixo no chão?"

Ainda refletindo sobre sua prática docente com relação à temática ambiental o Prof. SocHis. assumiu que esse é um assunto que tem perpassado suas aulas em maior parte no tocante à geração de lixo e resíduos sólidos, bem como na contextualização sócio-histórica dessa temática. Segundo ele:

> "sobre a questão do lixo, eu continuo e vou continuar falando sobre isso. No contexto da Sociologia e da História eu não consigo falar de escravidão sem pensar nos reflexos da escravidão para a cultura brasileira hoje. Eu sempre reforço que a gente herdou uma cultura escravista, que está diretamente associada ao descarte incorreto das coisas que a gente consome."

Quando questionado sobre a possibilidade de trabalhos interdisciplinares entre a sua e outras áreas curriculares, o docente afirmou que é totalmente possível. Relembra, por exemplo, a fala das alunas de um terceiro ano do ensino médio durante a intervenção que fizeram na escola sobre o lixo. A fala das alunas, nesse projeto da disciplina de Química, corroborava alguns conceitos já trabalhados por ele em suas aulas. Em outro momento, relata o impacto positivo que tais experiências coletivas têm na formação dos alunos:

> "Bacana seria se você estivesse fazendo a diferença junto com outros, os alunos vão percebendo isso [...] Vejo que as coisas que eu falo são legitimadas pelas coisas que o outro professor fala, e vice versa, vários alunos vem comentar nos bastidores"

O Prof. SocHis. diz usar alguns vídeos como disparadores de discussões em sala, principalmente com relação à temática ambiental. Segundo ele:

> "os vídeos geram uma curiosidade, geram certos impactos de primeiro momento, a ponto de deixar os alunos com vontade de falar."

Alguns dos vídeos que ele usou foram o curta metragem *Rio de lama*, para abordar os impactos ambientais das construções de barragens, os documentários *Ilha das Flores* e o *Lixo Extraordinário*, para debater sobre lixo e resíduos sólidos, e ainda, a animação *A História das coisas*, para tratar da Revolução Industrial.

Além disso, uma facilidade apontada para trabalhar a temática ambiental em sala é que são assuntos que perpassam a vida cotidiana dos alunos. Segundo ele, as propostas de trabalho com esse tema são recebidas com animação pelos alunos. Por conta disso, os professores deveriam tentar construir mais conexões com outras matérias, de modo a contemplar a transdisciplinaridade.

Dentre os temas em que enxerga a possibilidade de serem trabalhados na disciplina que ministra, cita a alimentação orgânica relacionada à distribuição da Terra, a economia solidária e as trocas de mercadorias, a urbanização e loteamento como expropriação e desconexão das pessoas e da terra, a questão do lixo e do consumo, dentre outros. Arremata com uma reflexão importante:

> "Talvez se essa temática ambiental estivesse mais presente na nossa vida, geraria um impacto em outras coisas, no campo da arquitetura, no campo do urbanismo,a própria engenharia."

Uma questão que está bastante presente nas atividades desenvolvidas por ele nas disciplinas que leciona, é a preocupação com a questão da Urbanização. O Prof. SocHis. quando leva a questão da Urbanização para a sala de aula, diz que acaba falando um pouco sobre os impactos ambientais que a urbanização traz, sobre o que acontece com os rios, sobre a poluição do ar, a questão da produção do lixo, dentre outras coisas. Segundo ele:

> "Essa minha sensibilidade pela questão da urbanização vem mais pela minha vivência em São Paulo. Hoje, a gente tem viajado para algumas cidades, últimas férias a gente viajou

> para o Rio de Janeiro, fomos umas 3 vezes para o Rio de Janeiro, a gente vai para Recife agora, vou para Brasília em julho agora. Então assim, o meu interesse em ir para essas cidades é também para pensar um pouquinho sobre a dinâmica de funcionamento dessas zonas urbanas. Minha sensibilidade se constrói mais no meio urbano do que em meio à natureza mesmo."

Para o Prof. SocHis. a sensibilidade às questões ambientais se dá muito fortemente pelos processos de urbanização e pelas consequências ambientais desses processos. Apesar de todo esse envolvimento, ele admite ainda que a temática ambiental:

> "é uma área que eu preciso aprender a explorar melhor, é algo que ainda não entrou por completo no contexto da minha sala de aula."

Destaca também a sua vontade de encabeçar projetos melhores nesse sentido:

> "Tenho vontade, mas falta tempo, para tentar desenvolver alguma coisa [...] vir na escola do mesmo jeito, trabalhar do mesmo jeito [...] mas botar a mão na massa! Quem vai fazer a horta, o minhocário e a composteira, se as pessoas não têm tempo? A escola não entende também que você tem que ter um profissional só para pensar um pouco mais, fazer os projetos funcionarem..."

Quanto às dificuldades elencadas pelo Prof. SocHis. para trabalhar com a temática ambiental ou elaborar atividades de EA na escola particular, ele sublinha a falta de autonomia dos alunos para algumas decisões não permitidas pela direção. Nos dois contextos, público e particular, o professor destaca o material apostilado e o cronograma, com tempo apertado como empecilhos para um trabalho mais qualitativo com a temática ambiental em sala de aula. Explora essas dificuldades exemplificando sobre a Mineração, assunto do currículo dos oitavos anos.

De acordo com o professor, a apostila do oitavo ano trata do assunto explorando apenas as causas da mineração. Logo demandaria mais aulas e mais tempo para abordar também as consequências da mineração. Ele alega que se preocupa mais em contextualizar essa matéria após o incidente em Mariana (MG):

> “Mas isso que me incomoda, eu quero falar sobre os impactos, mas a apostila me diz que eu preciso para ali nas consequências da Mineração para aquela época. Você gasta mais umas duas aulas para falar dos impactos, porque os alunos vão pesquisar, vão apresentar, se gasta um tempo maior. Ninguém vai vir avaliar depois se o trabalho que você fez foi legal ou não, mas vão perguntar se chegou na apostila 3…”

Outras dificuldades em trabalhar com a temática ambiental apontadas pelo Prof. SocHis. foram a falta de aprofundamento e conhecimento na área ambiental e a dificuldade de realizar trabalhos coletivos dentro das escolas.

Quando questionado sobre a importância e contribuições da participação no coletivo para sua prática docente, ele diz ter um caráter formativo e acrescenta que gosta de organizar os debates, pois aprende sempre muito com cada encontro (JORNADAS), com colegas e alunos. Apontou ainda que vê a possibilidade desse coletivo se transformar em um grupo independente de Pesquisa sobre Educação, ou um grupo que trabalhe mais a formação de professores, ou ainda de produção de conteúdo para fazer a disputa ao discurso posto de maneira hegemônica pelos meios de comunicação. Para ele:

> “sendo uma construção coletiva, a gente vai pensando coletivamente, dividindo tarefas, mas o JORNADAS hoje me instiga a voltar a fazer esses debates dentro da escola...”.

Na finalização da entrevista o Prof. SocHis. Traz ainda uma fala importante sobre a relação formativa dos encontros do coletivo, em especial a articulação entre temática ambiental, dimensão política e prática docente:

> “no próprio debate sobre as barragens, pude ter acesso às informações que eu não tinha, ter essa consciência de que a temática ambiental é discutida também em determinados contextos, como a de um Conselho Municipal, pensar que existe um Conselho específico para trabalhar essa área. E, hoje, isso é uma expressão que faz parte do meu vocabulário em sala de aula, quando eu tento levantar com os alunos quais seriam os mecanismos que a gente tem para poder bater de frente com o poder público. Hoje, eu posso falar com mais propriedade sobre o Conselho Municipal de Meio Ambiente, por ter tido essa experiência, esse contato. O JORNADAS foi interessante porque, se tiver algum aluno meu que queira investigar um pouco mais sobre a temática do meio ambiente e da sustentabilidade, eu tenho quem indicar [...] Agregou principalmente na construção dessa rede de contatos, e adquirir mais informações sobre o próprio funcionamento dos

> conselhos, ter um contato mais próximo com a legislação ambiental.”

A entrevista com o Prof. SocHis. foi realizada na casa do professor no dia 18/06/2017 e teve duração de 1h e 40 min.

Profª BioB

No dia 12/07/2017 realizamos a entrevista com outra professora de Biologia, a Prof.ª BioB, que é formada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista – UNESP e leciona há nove anos. Conhecemos a Prof.ª BioB pela oportunidade em esteve com os alunos em excursão para acompanhar o processo de produção de mudas de árvores nativas em uma ONG. A Profª BioB também participou esporadicamente dos encontros do grupo de pesquisa da UNESP. A docente foi selecionada para a pesquisa a partir da indicação dos primeiros professores, durante o processo de identificação dos possíveis participantes. Ela não é integrante do Coletivo visitado pela pesquisadora. A Prof.ª BioB já atuou na rede pública, mas atualmente trabalha apenas em escolas particulares.

Para ela a Biologia é uma paixão. Ela relata que desde criança se empolgava muito com os momentos de contato com a natureza. Seus pais, através de viagens, incentivaram-na para o contato com a natureza e ambientes preservados. Na infância, as brincadeiras da Prof.ª BioA eram com terrários e animais de estimação. Ela costumava fazer observações sobre plantas e insetos anotando as curiosidades em seu caderno de campo. Suas brincadeiras ocorriam principalmente no sítio da família em uma cidade do interior. Um maior contato com os aspectos da Biologia e com o estudo da vida era estimulado através dos programas de televisão:

> “Foi sempre uma coisa muito interna, coisa que eu me emociono na verdade. Vejo alguma coisa de meio ambiente na TV e me emociono”.

Ela lembra carinhosamente da escola onde cursou o jardim de infância, que era em uma fazenda com intenso contato com animais, áreas verdes, e outros elementos da natureza. Quando foi para o ensino fundamental, esses

momentos de vivência em ambientes naturais foram reduzidos a ponto de a professora relatar que a escola, nos níveis fundamental e médio, não contribuiu em nada para sua paixão pela Biologia. Ela relata que nas várias escolas em que estudou ao longo dos ensinos fundamental e médio não existiam atividades diversificadas de ciências, e o ensino era totalmente dentro da sala de aula:

> “A escola acho que não teve influência nenhuma nisso [na paixão por Biologia].”.

Para a Prof.ª BioB. a questão da falta de experiências e vivências em ambientes preservados e de saídas de campo na escola marcaram-na tanto que ela se lembra da única vez na quinta série em que a turma foi visitar uma usina de cana de açúcar para estudar o controle biológico da broca de cana.

Quando questionada sobre o interesse pela docência, ela diz que, logo nos primeiros anos de escolarização até o final do ensino fundamental, ela brincava que era professora imitando os gestos e montando uma salinha de aula com os alunos imaginários. Ela conta que, ao chegar em casa, replicava para as bonecas e seus “alunos invisíveis” o que as professoras haviam feito nas aulas. Dar aulas era sua brincadeira favorita. Relata ter feito isso durante quase toda sua educação básica. Quando começou a ter a disciplina de Ciências na escola, as aulas de brincadeira passaram a ser exclusivamente da matéria.

Devido a essa paixão, quando terminou o ensino médio, ela queria prestar vestibular para Biologia, mas, por desestímulo familiar, prestou para Educação Física. Ela conta que passou mas, logo no segundo semestre, desistiu do curso e prestou Biologia. A família a desestimulava a ser professora por causa da desvalorização da profissão.

Por outro lado, a Prof.ª BioB. se recorda de uma professora que teve no ensino fundamental que serviu de inspiração na profissão e reconhece que até hoje existem traços advindos dessa época:

> “Até hoje, é muita coisa na lousa, lousa, muitos desenhos na lousa, ela era assim também, parece que eu puxei alguma coisinha dela.”

Quando indagada sobre quais fatos ou experiências poderiam ter relação com a construção de seu envolvimento político, a professora diz que nunca teve relação forte com grupos que lutavam por uma causa, nem mesmo com a causa ambiental. Relativamente a essa falta de envolvimento com práticas políticas mais explícitas, a própria Prof.ª BioB aponta o possível motivo:

> "como eu sempre estudava fora, atividades extras eu nunca conseguia participar, mas se tivesse tido alguma coisa sobre meio ambiente, eu ia lembrar."

Sobre o fato de ter feito graduação em uma Universidade pública e sobre a importância dessa experiência na construção de seu envolvimento político, a Prof.ª BioB relata que a diversidade de pessoas que frequentam a universidade pública, é um fator que a fez reconhecer o valor do esforço que as pessoas fazem para estudar. Ela conta que conviveu com pessoas oriundas de diversas partes do Brasil, buscando conhecimento e outra realidade de vida.

Ela chegou a participar por pouco tempo de um grupo de extensão universitária, sobre permacultura, mas não se envolveu muito. Nesse aspecto a dimensão da participação política ao longo da graduação ficou adormecida. Na entrevista, sobre o que a teria afastado, diz não ter perfil de liderança ou proatividade com relação à política ou outras atividades. Na tentativa de explorar as causas dessa falta de liderança ou o por quê dessa autoimagem ela diz:

> "Eu vou muito até a parte de discussão, de incentivar as observações, os questionamentos. Chega na hora da ação, de fazer alguma coisa, é uma barreira, é uma parte que eu paro ali."

Existe, no discurso da Prof.ª BioB., uma contradição com relação à temática ambiental na graduação. Quando questionada se a temática ambiental foi abordada durante as disciplinas da licenciatura, a professora relata que não, mas ao mesmo tempo, menciona as aulas de um professor pesquisador da área da EA. Mais adiante na entrevista, quando questionada se ela tinha alguma lembrança da graduação, de professores que a incentivaram ou que mostraram como trabalhar a temática ambiental na escola, ela cita

professores cujas aulas e os questionamentos propostos foram importantes e marcantes.

Esse professor, segundo ela, é pesquisador da área da Educação Ambiental, e ministrava a disciplina de Estágio Supervisionado. A Prof.ª BioB. mesmo tendo cursado Ciências Biológicas, um curso com bastante afinidade com o campo da Educação Ambiental, não reconhece a universidade como um fator importante para sua formação. Para ela, o trabalho com a temática ambiental é adquirido mais através da prática docente:

> "da faculdade acho que não, a gente vai aprendendo muito sozinha, cada aula que você dá, cada turma que você pega".

Em contrapartida, uma experiência acadêmica que marcou positivamente a Prof.ª BioB. foi uma disciplina isolada que realizou recentemente na UNICAMP, sobre Educação Ambiental. Segundo ela, a disciplina teve influência direta na sua prática profissional. Ter feito esta disciplina foi uma experiência muito rica devido às trocas que aconteciam durante as aulas, ela menciona também o fato de estar mais velha, mais madura e já atuando na escola, pois isso teria facilitado as relações entre a disciplina e sua prática docente:

> "A aula dele inteira era questionando tudo [...] Me encantou de uma forma que eu comecei a puxar muito o jeito dele pra minha aula."

Essa disciplina isolada era aberta a qualquer pessoa que se interessasse pelo tema, como funcionários da SANASA, pessoas que já haviam participado de grupos de pesquisa em Educação Ambiental, muitos funcionários da universidade (UNICAMP) e alguns alunos convidados. Para a Prof.ª BioB:

> "o pessoal tinha muita experiência diferente. O que a gente aprendia com a experiência do outro! [...] Todo mundo tinha que rodar em vários grupos diferentes toda aula. Não era pra gente sempre trabalhar com o mesmo grupo."

Novamente a Prof.ª BioB. aponta modelos de professores que influenciaramm suas práticas docentes e agregaram novos procedimentos metodológicos. Quando questionada sobre as influências e contribuições da

disciplina para sua prática docente, a Prof.ª BioB. diz que passou a ser mais crítica com relação às atitudes dos alunos, e acrescenta que agora está:

> "Sempre cutucando os alunos e eles falando, fazendo refletir, será que precisa mesmo? [...] A aula deixa de ser só o professor falando e vira uma aula, uma conversa, todo mundo junto, dando as opiniões. Lógico que a parte mais teórica que a gente precisa dar também entra nisso aí. É o professor mais mediando a conversa, mas com muitos questionamentos durante a aula."

Quando questionada se mais alguma experiência ao longo da sua vida que a marcou ou que a fez entender a importância de se trabalhar a temática ambiental em sala de aula, a Prof.ª BioB. cita um estágio com Agroecologia que:

> "tinha uma agrônoma [...] eu acompanhava o trabalho dela e que foi nessa parte de alimentação e agrotóxico. Nessa parte, ela foi muito importante para mim. Foi um estágio que a gente trabalhou num assentamento, que era um lugar que eu queria levar os alunos também e um dia eu vou levar pra conhecer..."

A entrevista de cada professor também abordou atividades culturais, sociais, ou mais políticas que os professores possivelmente se envolvem fora do âmbito escolar (ver item SENSIBILIDADE POLÍTICA do Anexo I). A Prof.ª BioB. relata que fez algumas tentativas de se articular enquanto sociedade civil para ações mais políticas, de participação nas questões ambientais da cidade onde mora, mas que as iniciativas foram frustradas por dissonância de interesses dos participantes.

Uma dessas tentativas se concretizou quando o vice-prefeito da cidade convidou alguns setores da sociedade civil organizada como comerciantes, membros de ONGs, pessoas do turismo para conversar sobre melhorias que gostariam de fazer na cidade. Ela e o marido, que realiza atividades de lazer e esportes de aventura, foram convidados a participar. E eles indicaram, no setor de meio ambiente, quais as principais melhorias que, em seu modo de ver, demandavam investimentos. Porém, segundo ela:

> "como essas ações de tratamento de esgoto, da coleta seletiva são difíceis de fazer e ele [vice-prefeito] não conseguia viabilizar isso rapidamente ele deixou de querer essas reuniões, porque ele não estava conseguindo desenvolver o negócio."

Ao perceber que seriam muitas melhorias e que não daria conta de executá-las, o próprio vice-prefeito achou interessante interromper o canal de comunicação com a comunidade e se fechou em suas decisões partidárias de gestão. A Prof.ª BioB. relata que tem notícias de conflitos entre prefeito e vice, porque, aos olhos da população, o vice se articulava melhor, pelo menos demonstrando algum interesse em ouvir a população; já o prefeito, segundo ela, não dava a real importância aos assuntos ambientais.

Em outra passagem interessante da entrevista, a profesora relata que seu nome foi indicado para participar do Conselho Municipal de Meio Ambiente e, segundo relatos que chegaram até ela, existiu certa oposição a esta indicação, dizendo: “Não, não põe ela porque ela é muito radical.” Sobre aceitar o cargo, ela disse imediatamente que sim, de modo a transparecer um traço de atitude política que é escamoteado por se apresentar como alguém sem perfil de liderança. Ela explica que, talvez tenha sido melhor não ser chamada, pois poderia ter lhe sucedido o que ocorreu com uma secretária de Meio Ambiente de uma cidade vizinha, que sofreu ameaças e perseguições.

Em conversa informal com a pesquisadora após o término da entrevista, a Prof.ª BioB relatou que o município onde mora não tem um programa de Educação Ambiental para a rede municipal de ensino. Ela se propôs a escrever um projeto, encaminhou-o mas, por entraves burocráticos e segundo ela, má vontade política, o projeto foi arquivado. A pesquisadora acrescentou essas informações em suas anotações no caderno de campo, com autorização da entrevistada.

Sobre sua prática docente e as possíveis contribuições dessas atividades sociais e culturais, mais voltadas a uma participação política, a Prof.ª BioB relata que é possível estabelecer uma relação mais clara e efetiva, porém ela mesma analisa sua falta de liderança, considerando:

> “Precisa você ter tempo e ir mesmo desenvolver o projeto, e foi onde eu falei que eu paro. Eu cutuco e na hora de fazer uma coisa maior eu acabo parando.”

Ela tenta apontar uma justificativa para sua falta de envolvimento mais direto com a participação política em sua prática docente, porém essa tentativa não parece se sustentar, como exemplifica no trecho:

> “eu não moro na cidade que eu trabalho [...] Se eu quisesse, de fato, falasse ‘vou me empenhar’, ‘vou ficar o dia inteiro lá trabalhando’, daria para fazer. Quando você é conhecida na cidade é diferente, se eu sou daqui e trabalho aqui, acho que é muito mais fácil de acontecer.

Uma experiência que nos parece envolver e explorar as três dimensões da EA (Ética/Estética, Participação e Conhecimentos) que ela pretende realizar com alunos do ensino médio é levá-los a um assentamento de um grupo parte do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Conforme mencionado, a docente conheceu o assentamento na época do estágio em Agroecologia. Essa experiência seria importante porque:

> “os agricultores têm muita história pra contar pros alunos, sem falar que são alunos que nunca entraram num assentamento, só criticam pelo que os pais falam, aquela visão anti reforma agrária, e seria legal uma coisa pro ensino médio. Essa algum dia eu vou fazer.”

A Profª BioB., assim como a Profª BioA., está sempre preocupada em incluir a temática ambiental em suas aulas:

> “toda aula eu sempre vou dando alguma coisa. Nas aulas de Ciências, o meio ambiente está sempre dentro, alguma crítica, chamo atenção.”

Relativamente às motivações para a inclusão da temática ambiental em suas aulas, a professora demonstra uma grande coerência e coesão entre as dimensões pessoal e profissional, mostrando que falar sobre a temática ambiental faz parte do seu *habitus professoral*. Sobre essa pergunta, a professora diz:

> “Porque eu não sou assim só na escola, é dentro de casa, é onde eu estiver, eu brigo na rua (risos).”

A pesquisadora tenta investigar se tal motivação teria vindo da época da faculdade, ou de algum exemplo ou experiência marcante ao longo da sua trajetória. Ela conclui que, na verdade, é uma motivação interna e que vem desde a época da infância.

Ela aposta nas saídas de campo como estratégias de ensino que despertem nos alunos uma consciência ambiental. Isso vem ao encontro do que já explicitamos nesse trabalho, para o desenvolvimento dessa

sensibilidade, sobre a importância das saídas de campo ou de estudos do meio. É necessário frisar que a Profª BioB leciona apenas em escolas particulares e, portanto, as limitações que geralmente ocorrem nas escolas públicas, como recursos financeiros, suporte com relação a transporte dentre outros, ficam minimizadas, e a professora pode investir em saídas para estudar diversos temas com os alunos *in loco*.

Alguns dos temas que a Profª BioB aborda com os alunos nas saídas de estudo do meio são Agroecologia, permacultura, erosão, água, lixo, reflorestamento, Zoologia, biodiversidade da Mata Atlântica, a produção de mudas de árvores nativas, sustentabilidade, alimentação, transgênicos dentre outros temas que variam de acordo com o local onde leva os alunos.

Desses, um exemplo das atividades propostas aos alunos do sexto ano é o desenvolvimento de um projeto de sítio agroecológico seguido de uma visita. Nessa atividade, os alunos devem imaginar-se como agrônomos agroecológicos, a fim de sanarem alguns problemas ambientais de um sítio imaginário. Para isso, devem usar algumas técnicas apresentadas anteriormente pela professora. Assim desenham o croqui e descrevem as técnicas que podem utilizar. No relato sobre a atividade, ela destaca:

> **"**6º ano, eles têm Agroecologia na apostila, e é uma porcaria, tudo errado pra falar a verdade. E eles têm sítios, aqui muita gente planta café, tem gado. Então, eu tento fazer um comparativo: primeiro eu dou uma teoriazinha bem básica de Agroecologia; daí eles já conhecem algumas técnicas, passo alguns vídeos, e depois, tem uma atividade que eles fazem um croqui de um sítio agroecológico. Eles fazem um desenho em dupla usando as técnicas, e eu coloco algumas situações problemas: aqui um morro, desenho uma cartolina antes pra eles, um morro que está sem vegetação, aqui tem uma erosão, aqui tem uma nascente, agora esse é seu sítio, como você pode resolver? Faz de conta que você é um agrônomo agroecológico, como você modificaria esse sítio? E eles fazem. [...] Até criação de gado, eles insistem em colocar porque todo mundo cria gado, então vamos colocar o rodízio de pasto e árvores pro gado ficar na sombra. Depois, a gente vai, esse ano a gente foi lá no sítio "Duas cachoeiras", porque lá está na prática tudo o que eles viram, ele não cria gado, mas lá estão algumas do que eles aprenderam, desenharam e viram.**"**

Ela comenta sobre os reflexos destas atividades que são positivos, pois os alunos depois contaramm para ela sobre o sítio deles e sobre a degradação ambiental que já acontece lá. Após as saídas de campo, os estudantes

começaram a questionar os próprios pais e avós com relação ao manejo e ao cuidado ambiental do próprio sítio. Com isso, a professora avaliou que estas saídas de campo os fazem repensar as práticas familiares, e os estimula no contato com o ambiente, a ter outra visão dos fatos.

Quando questionada sobre as dificuldades de trabalhar a temática ambiental na escola, ao contrário dos outros professores entrevistados, a Profª BioB. relata que não encontra nenhuma dificuldade para abordá-la com os alunos, diz ter total apoio da direção e coordenação. Como leciona em escola particular, não encontra dificuldades estruturais. Um ponto que ela apresenta como um possível desafio para o trabalho de campo, ou estudo do meio, foram com alunos menores, que segundo ela:

> "falta um pouco de brilho nos olhos quando você propõe alguma coisa, isso com os mais novos."

Sobre o planejamento dessas atividades com os alunos a docente diz que a cada ano é desenvolvido um tema com uma perspectiva diferente. Ou os temas vêm do programa de aula e são discutidos em sala de aula, ou são necessidades apontadas pelos alunos advindos de alguma vivência que tiveram. Nesse sentido ela relata sobre uma atividade que fez com o tema da reciclagem de lixo na cidade:

> "Tem essa questão do lixo no sexto ano. Teve um trabalho bem legal que eles tinham que ver como era a reciclagem na cidade, eles dividiram em tipos de lixo para saber como era feita a reciclagem.Teve um grupo que trouxe um catador de lixo pro trabalho. E o catador deixou bem claro que ninguém separa o lixo e como isso dificulta o trabalho deles, que eles tinham que ir no lixão. [...] A gente associou, a gente falou: Nossa porque a gente dificulta o trabalho dessas pessoas? Por que a gente não separa antes pra eles?"

A Profª BioB aponta uma constante preocupação com as relações entre a temática ambiental e as questões culturais. Ao longo da entrevista, ela relata que uma professora da faculdade levou sua turma para visitar uma aldeia indígena que vivia na transição entre o ambiente rural e o urbano. Segundo ela, foi uma decepção a visita, visto que ela carregava algumas expectativas em relação ao modo de vida das populações indígenas e:

> "Eu fiquei totalmente decepcionada. Era a tribo e nunca vi tanto lixo jogado no chão, porque o índio não produz o lixo, ele não produz o plástico, mas colocaram pra ele utilizar. Eles jogavam

> saco de arroz assim ó, lata, tudo no meio da tribo deles. Tudo de alvenaria,tinha lata de lixo, mas o lixo não estava na lata. Aquela coisa, não é da cultura deles o plástico, o vidro, então como utilizar uma coisa que não é da sua cultura? Eu queria mostrar justamente isso: como são os índios que estão nessa interface. Eles dão depoimentos, os índios conversando com os alunos. É um pouco mais difícil de acontecer por ser longe, ter que dormir..."

Quando perguntamos se algo a teria marcado com relação à temática ambiental, a Profª BioB cita a já mencionada experiência que teve ao longo de um estágio, ainda na época da graduação. Ela diz que faz planos de levar os alunos ao assentamento onde realizou esse estágio. A proposta seria um estudo do meio em parceria com a professora de Geografia da escola. Para ela, os alunos poderiam estudar sobre o ambiente, sobre o sistema de produção agroecológica além de refletir sobre a dinâmica social e cultural de um assentamento.

A entrevista foi realizada na casa da Prof.ª BioB e durou cerca de 1h e 05 min.

Profª GeoA

Entrevistamos também a Prof.ª GeoA. no dia 18/07/2017. Ela é formada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Rio Claro e leciona há sete anos. Conheci pessoalmente a Prof.ª GeoA. no dia da entrevista, por indicação do Prof. SocHis, já que trabalham juntos. Ela chegou ao local da entrevista acompanhada de uma colega também professora de Geografia, que estava de carona com ela. A conversa fluiu tranquilamente. Logo percebi que se tratava de uma pessoa extrovertida e, antes mesmo de iniciarmos a entrevista, descobri que ela se graduou na mesma universidade que a Prof.ª BioA. No início da carreira, a Prof.ª GeoA. Lecionou em ambas as redes: pública e particular, porém atualmente leciona apenas em escolas particulares.

A Prof.ª GeoA nasceu e cresceu em uma cidade do interior paulista, onde a vegetação que circundava sua cidade natal era a monocultura de cana de açúcar. Assim, os momentos de contato com a natureza ou ambientes

preservados na infância e adolescência praticamente não existiram. A professora diz que o contato com praia e outros ambientes naturais aconteceram depois do ingresso na universidade, já que no dia-a-dia conhecia apenas a cana de açúcar. O ambiente monotípico de sua região estimulou a Prof.ª GeoA. a buscar mais informações sobre os biomas e ambientes brasileiros. A escolha de fazer Geografia adveio das condições ambientais do entorno de sua cidade natal:

> "aquela fuligem da queimada, então contato com o meio ambiente quase nenhum, tanto é que isso foi uma das coisas que me fez fazer Geografia."

A importância da experiência de apreciação estética vem à tona na entrevista com a Prof.ª GeoA, pois ela considera a cidade natal como sendo feia, e sem preservação, diz que é suja e que não tem nada de interessante para observar. Ela destaca ainda a agradável sensação que tem quando está em outros lugares em que pode apreciar a natureza preservada e ambientes naturais. Acrescenta que atualmente os momentos e experiências em tais ambientes são escassos por falta de tempo.

Sobre como era trabalhada a temática ambiental no período escolar, a Prof.ª GeoA apresenta experiências significativas. Ela relata com entusiasmo a influência que alguns professores tiveram em sua formação. Porém, nos deixa transparecer certa crítica quanto aos professores do ensino fundamental:

> "O ensino fundamental eu não tenho boas lembranças não, porque foi no estado [escola pública] e eu não tive bons professores. Quando eu fui pro ensino médio, eu tive dois professores de Geografia e Biologia que eram espetaculares."

Com relação às experiências marcantes na adolescência, a Prof.ª GeoA. se recorda com carinho da professora de Biologia do ensino médio, que proporcionou para a turma uma saída de campo, onde puderam testemunhar o assoreamento de um rio, estudar suas causas e as consequências. Esse episódio a marcou tanto que, na prova do vestibular se lembrou de que acertou a questão sobre assoreamento dos rios. Em sua prática docente, a professora relata que, atualmente, muito do que traz para a sala de aula que se relaciona com a temática ambiental provém do que aprendeu em Biologia no ensino médio.

Quanto ao interesse pela docência ela diz que desde a infância sempre gostou da escola e que admirava as professoras pelo prestígio social que tinham:

> "chegava perto da professora e sentia que a professora estava cheirando creme, creme sabe? E eu achava a professora, assim, ela era tão arrumadinha, ela parece ser tão feliz nessa profissão."

Lembra ainda que ganhou, na terceira série, um presente como recompensa pela assiduidade na escola. As memórias que a Prof.ª GeoA. descreve sobre sua relação com a escola nos apontam para uma possível construção de afetividade com o ambiente escolar, o que teria propiciado boas condições para a escolha futura da profissão.

Apesar de gostar muito da profissão, ela relata que no início de sua carreira, enfrentou experiências difíceis na escola onde fez estágio obrigatório para as disciplinas da licenciatura. Tais situações desiludiram-na um pouco com relação à docência, mas apesar de todas as dificuldades enfrentadas antes e agora em sua prática, ela não almeja cargos de gestão ou mesmo uma mudança de profissão. Para ela as partes boas de ser professora superam muito as dificuldades.

Exploramos dentre as experiências de vida da docente aquelas que podem ter contribuído para o despertar de seu envolvimento político. Ela identifica que sua formação política teria acontecido no plano individual, já que, por conta própria, sem a participação de amigos ou grupos, ela foi estudando, lendo e percebendo sobre essa dimensão. Ao se comparar com amigos e colegas de trabalho, ela não vê neles uma consciência ecológica muito presente.

A Prof.ª GeoA continua explicando o porquê na visão dela as pessoas da cidade onde ela nasceu não têm essa consciência ambiental e consequentemente política sobre a temática ambiental:

> "A vida das pessoas é trabalhar para comprar as coisas [...] Metade da cidade, metade não, vamos colocar 80% da cidade trabalha nessa usina de açúcar e álcool. Então, eles vão ter consciência, por exemplo, da queimada? Da monocultura que erode o solo? Não tem, não é coletivo, não é coletivo porque é dali que eles tiram o sustento."

Completando a reflexão sobre o envolvimento político, a Prof. GeoA. ressalta a importância da escola para explicitação dos conflitos ambientais existentes na região:

> "Se não plantar isso, vai fazer o quê? Todo mundo da cidade trabalha lá. Quem não trabalha lá é dono de comércio. É muito individualista, é uma coisa que eu fui ver na escola, eu aprendi na escola, foi a escola que me deu essa consciência."

Tal depoimento pode ser visto como contraditório, pois, como mencionado, ela afirma que o desenvolvimento de seu envolvimento político se deu no nível individual. Nesse trecho da entrevista, ela ressalta, por sua vez, a importância das experiências escolares para sua formação, principalmente na explicitação da dimensão política da temática ambiental.

Sobre a escolha pela graduação em Geografia, além das questões já citadas, estava muito presente a possibilidade de conhecer novos lugares, diferentes dos que ela estava habituada. Para além disso, acrescenta:

> "pra mim, o que pesou em Geografia foi muito essa parte Ambiental. Eu gostava muito dessa parte de solo, de vegetação e, pra mim, quando o professor falava aquelas coisas na aula, era tudo muito óbvio, era muito fácil. Eu achava que, se eu chegasse na faculdade, eu ia além daquilo, que era o que eu queria trabalhar."

Nessa parte da entrevista, a Prof.ª GeoA faz algumas reflexões sobre o curso de Geografia, sobre como foi o trabalho com a temática ambiental ao longo da graduação. Relata, não apenas momentos muito positivos como saídas de campo, professores com bom relacionamento interpessoal com os alunos, mas também momentos negativos, certo descaso dos professores que ao desmarcar aula em cima da hora; ou o "conteudismo" descontextualizado, sem debates em sala de algumas disciplinas. Talvez, nesse momento, ao longo da graduação, ela estivesse balizando as expectativas que tinha em relação ao curso e à realidade encontrada na faculdade onde se formou.

Mais especificamente voltadas à temática ambiental, ela cita as disciplinas de Geomorfologia aplicada à análise ambiental e Análise de Impactos Ambientais, a primeira classificada por ela como "muito boa e legal" e a segunda, como "mal aproveitada". Através dos relatos dessa professora, pudemos identificar uma relação não só entre as atividades que ela teve

durante a graduação e as que propõe aos alunos, como também a dimensão política que o curso lhe promoveu:

> “Ela [professora] era maravilhosa, que deu Análise da Paisagem, que era legal. Foi bem legal. A gente fez trabalho de campo, e ela sempre tentava associar, não só o que está explícito na paisagem, mas fazer uma contextualização histórica era legal. Eu gostava dessa aula.”

Ao abordarmos mais a fundo a questão do envolvimento político ao longo da graduação, a docente aponta a questão da diversidade de pessoas, de pensamentos, de ideias presente no ambiente da universidade pública. A diversidade e a pluralidade de ideias, de pessoas, de professores e de perspectivas de pensamentos foram destacadas como fatores estimulantes. Através da escuta, da troca de ideias, da partilha de impressões, da participação de espaços plurais, a diversidade se constitui como importante elemento promotor do envolvimento político. A importância dessa troca, do convívio com a diversidade, é explicitada no trecho a seguir:

> “Você fica muito mais aberto a novas experiências, você aprende de fato. [...] Você aprende a escutar. [...] E do ponto de vista político também, porque eu penso uma coisa, aí ele te fala você escuta, você tem aquela reflexão. Pensa, pode ser que eu esteja errado, e a gente teve muito dentro de sala de aula desse tipo de discussão.”

Para ela, é por meio do conflito saudável e da empatia que o professor pode ter grande potencial para estimular essas reflexões:

> “É isso que a gente tem que fazer em sala de aula, a gente não pode ser parcial, em momento nenhum, mas tem que mostrar pra eles que as pessoas são diferentes e por isso as opiniões são diferentes.”

Na apostando de que tais posturas de estímulo ao conflito saudável podem ser aprendidas através das atividades pedagógicas com claras intencionalidades políticas dos atos pedagógicos, a Profª GeoA. complementa:

> “um dos meus objetivos pessoais como professora é tentar diminuir ódio, tentar diminuir intolerância, é fazer com que eles enxerguem o outro lado, que as pessoas não são iguais. [...] É esse o meu objetivo, é isso que eu quero, porque foi isso que eu aprendi na faculdade com os professores”

Exploramos ainda outras atividades sociais, culturais, ou políticas que ela teria, fora do contexto escolar, mas que poderiam contribuir para a sua prática docente ou para o trabalho com a temática ambiental. A professora apesar de não participar do coletivo educador que a pesquisadora visitou, relata que tem um grupo de amigos, também professores, que se reúne periodicamente para a troca de ideias sobre a docência. Para ela, esses encontros e espaços são importantes para a articulação política:

> "Qualquer conversa que a gente tenha, mesmo que seja no *happy hour*, sempre tem um fundo político [...] Esse é um momento que a gente vai falar do que aconteceu durante a semana, o que a gente poderia fazer para melhorar a Educação, quais são as ideias que a gente tem para o futuro."

Não poderemos desconsiderar os espaços informais como importantes *loci* da formação política dos professores entrevistados. Quanto às contribuições dos momentos com o grupo de amigos, para sua prática docente, ela diz:

> "Acrescenta muito, a gente precisa dessa troca de experiências entre professores, é muito válido, porque às vezes você acha que está fazendo certo, mas não está. E a gente tem que estar aberto a esse tipo de mudança, errei, não foi legal, vou tentar fazer de outra maneira."

Para ela, a temática ambiental, a dimensão política da educação e a prática docente, estabelecem relações importantíssimas que ajudam na mobilização dos sentidos que estamos tentando construir ao longo do trabalho:

> "É o nosso papel: a gente trabalha no sentido até de quebrar paradigmas, porque todo santo dia, quando a gente usa a temática ambiental dentro da escola, ela é política! Ela [a temática ambiental] é política porque, por exemplo, você vai falar de indústria, você vai falar de Revolução Industrial. Eu sempre falo pra eles: "Gente, olha o nome, Revolução industrial: RE-VO-LU-ÇÃO. Imagina a mudança que isso fez no mundo. Isso fez o quê? A gente aumentou a produção, e se aumenta a produção aumenta o quê? Aumenta o consumo. Se aumenta o consumo, as pessoas vão ser incentivadas a trabalhar cada vez mais para comprar cada vez mais. Aí a gente fala do Protocolo de Kyoto, quem não assinou? Estados Unidos, porque os Estados Unidos não assinam, e as transnacionais, espalhadas pelo mundo inteiro. É o sistema capitalista que a gente vive e isso é político. Então nesse sentido a gente bate de frente com o sistema. Quando a gente está dando esse tipo de aula, e esse tipo de aula você não vai ser partidário, mas você não vai ser imparcial, aí não tem

> como. Isso está presente todo santo dia. Eles perguntam o que a gente pensa, e nesse momento você tem que ser super cuidadoso pra ver como você vai responder".

A professora investe na aproximação do conteúdo ensinado com a realidade do aluno para o ensino da temática ambiental. Para ela de acordo como foi ensinado na graduação e em outros cursos, seria necessário trazer a temática ambiental relacionando com o que os alunos vivenciam em suas vidas cotidianas. A Profª GeoA diz que na região onde mora e leciona, no Circuito das Águas, dar aula de Geografia é mais fácil devido aos exemplos que consegue explorar:

> "é muito fácil pra gente porque está muito próximo da realidade deles [...] Por exemplo eu vou falar de problema ambiental eu tenho que contextualizar com eles do que acontece aqui [...] Eu vou falar de poluição do ar eu vou falar da [fábrica da cidade] eu tenho que falar da fábrica de gelatina lá [...] Porque aí eles entendem, senão fica um negócio muito vago [...] Parece coisa que é clichê, que a gente fica batendo na mesma tecla sempre mas é assim que começa, e é assim que eu acho que a gente tem que trazer a temática ambiental pra dentro da sala de aula: começar do ambiente que o aluno vive."

Para facilitar o entendimento do aluno a Profª GeoA. tenta contextualizar os conteúdos a serem estudados, para ela:

> "quanto mais coisa a gente conseguir trazer que aconteça no ambiente que eles vivem, mais significativa vai ser a aprendizagem e mais consciência ambiental eles vão ter. Porque é o ambiente em que eles vivem, que eles têm que cuidar."

Entre as atividades significativas que envolvem a temática ambiental ou EA desenvolvidas pela Profª GeoA. incluíam seminários, a produção e análise de recursos audio-visuais, e atividades que, segundo ela, não dão muito trabalho, pois:

> "eu costumo a facilitar ao máximo pra eles, eu vou dar um trabalho que eu penso que vá ser significativo e que não vai dar tanto trabalho pra eles fazerem. Porque os pais reclamam também deles fazerem trabalho em casa, tem todas essas variáveis que a gente tem que considerar."

Ela comentou sobre uma exposição de fotos que organizou em parceria com outro professor de Geografia em uma das escolas que leciona. A atividade

foi elaborada para comemorar a semana do Meio ambiente. Os alunos, por sua vez, deveriam registrar um problema ambiental ou uma área preservada, de modo a justificar o por que tinham registrado aquela área. De acordo com seu relato:

> "ficou legal, porque a gente fez a exposição, e cada foto eles tinham que fazer uma legenda do problema ambiental que tinha ali, o que poderia ser feito para solucionar. Foi um trabalho que não deu trabalho, porque eles mandaram as fotos para a gente por e-mail e a escola mandou imprimir."

Quando questionada se ela se lembrava de outra atividade com a temática ambiental, ela citou uma atividade que desenvolveu na escola pública:

> "Esse foi um trabalhinho muito simples, que foi na escola pública com o sexto ano. Foi muito simplesinho mesmo, pegamos uma folha sulfite, dobramos, fizemos como se fosse um folhetinho. O título era: "Atitudes do Ecocidadão". Então, o que o Ecocidadão fazia? O Ecocidadão não jogava lixo no bueiro, não deixava a torneira aberta, mas tudo coisinha simples. Foi em Ciências, foi em parceria com a professora de Ciências."

O nome dessa atividade nos chamou a atenção e a questionamos sobre o que ela consideraria um "Ecocidadão" e se o conceito havia sido trabalhado em sala:

> "O Ecocidadão seria uma pessoa que tenta reduzir, no seu dia a dia, os impactos ambientais. Uma pessoa que tenta gerar menos lixo, consumir menos água, menos energia elétrica e contribuir para o desenvolvimento sustentável. Foi o que a professora de Ciências trabalhou, o desenvolvimento sustentável, aí a gente fez o folhetinho."

A Profª GeoA. não aponta dificuldades para o trabalho com a temática ambiental na escola.

A entrevista foi realizada na casa da pesquisadora e durou aproximadamente 1h e 20 min.

Prof GeoB

O sétimo professor entrevistado foi o Prof. GeoB que é professor de Geografia em uma escola particular e nunca lecionou na rede pública. Ele tem 33 anos e leciona há 13. Graduou-se em Geografia pela Universidade Estadual

de Campinas (Unicamp) nas modalidades de bacharelado e licenciatura. Realizou mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) no campus de Rio Claro e, atualmente é aluno do doutorado no programa de pós-graduação em Geografia, na Unicamp. Conhecemos o Prof. GeoB nos encontros do coletivo educador, foi assim que soubemos que trabalhava em uma das escolas onde também leciona o Prof. SocHis.

Em nossas conversas preliminares, enquanto preparava o equipamento para a gravação, o Prof. GeoB manifestou solidariedade ao meu mestrado, e me informou que está cursando o doutorado, com uma tese cujo tema é o Antropoceno e as mudanças climáticas.

Assim após um breve relato sobre a pesquisa que estamos desenvolvendo, após indicar nosso problema de investigação, os objetivos dessa pesquisa, solicitei ao professor, com apoio do roteiro da entrevista, que fizesse alguma referência a momentos de contato com a natureza ou ambientes preservados durante sua infância e adolescência. Por ter nascido em São Paulo, os momentos de contato com a natureza eram raros para o Prof GeoB. Em São Paulo, na zona Leste, ele se lembra de frequentar locais sem muitas praças ou áreas verdes, com muitas construções, canteiros centrais de grandes avenidas sem árvores, ou plantadas pela prefeitura.

Esses momentos aumentaram posteriormente quando sua família se mudou para uma cidade do interior. Sobre isso, ele relata que conseguia enxergar o rio, ver paisagens com árvores o que lhe era bem diferente. Segundo ele, quando se mudaram para essa cidade do interior:

> “a coisa que eu mais gostava de ter mudado pra cá era do céu. Porque lá em São Paulo não tem estrela né: ou está encoberto com nuvem porque chove bastante, garoa bastante, ou porque tá sujo mesmo e você não enxerga o céu, aquele céu sujo que tem lá em São Paulo. E aqui não cara, qualquer noite, qualquer hora você olha pra cima e está tudo ali. Quanto mais longe da cidade, mais fantástico a coisa vai ficando. [...] Então, eu fui conhecer a represa, eu fui conhecer o rio, eu fui ver mata, eu fui entrar nesses lugares pelas estradas de terra e aí a coisa foi ficando mais constante.”

O professor relata que atualmente as oportunidades de contato com a natureza são esporádicas. Quando quer fugir da rotina, vai a lugares tranquilos para acalmar-se e contemplar a natureza.

Quando questionado sobre como a temática ambiental era trabalhada durante seu período escolar, o Prof. GeoB manifesta certo assombro em perceber que a temática quase não estava presente, e que o assunto era pouco discutido, como no trecho:

> "Claro que tinha aula sobre desmatamento, o professor falava, explicava sobre a questão da Amazônia, falava do Cerrado, mas uma aula que falasse sobre questões ambientais especificamente em Biologia, Geografia, eu não lembro não. [...] Fiquei até assustado agora, eu nunca tinha parado pra pensar. Não era um tema que se conversava na época. "Na época", parece que eu tenho 50 mil anos, eu terminei o ensino médio em 2002. Que engraçado."

Ele diz que ganhou proximidade com o assunto mais tarde, durante a graduação.

O Prof. GeoB é licenciado e bacharel em Geografia pela Unicamp e, por ter feito a escolha pelas duas modalidades permaneceu durante sete anos no ambiente universitário. Ao comentar a opção pela Geografia, ele indica que o curso foi uma sugestão de sua mãe enquanto olhavam os catálogos de cursos. Ela teria indicado essa carreira pelo gosto que ele tinha de olhar e comparar mapas. Ainda assim, sua primeira opção em outras universidades foi Jornalismo. Acrescenta que, mesmo após a aprovação no vestibular, entrou para o curso sem saber ao certo a área de atuação de um geógrafo, nem sobre as disciplinas a serem cursadas.

O contato com a educação na vida do Prof. GeoB se inicia muito cedo, muito ligado às vivências com sua mãe, que era professora na rede pública do estado e que, por não ter com quem deixar os filhos, levava-os, no contraturno de seus estudos, para a escola onde lecionava. Ele recorda-se de comer merenda e vivenciar o ambiente escolar desde muito jovem, seja enquanto filho de professora ou aluno. Ressalva, por outro lado, que apesar dessa experiência na escola pública, a mãe sempre fez questão de mantê-lo em colégios particulares.

Sobre seu interesse pela docência, o Prof. GeoB diz que isso nunca foi uma vontade, que não pensava em ser professor. Em contrapartida, relatando suas primeiras experiências no ofício, ainda durante a graduação, essa falta de vontade em ser professor já não existia, como no trecho a seguir:

> “no segundo semestre de 2003, alguns amigos conhecidos da Geografia e de outros cursos lá da Unicamp, começaram a se movimentar para montar um cursinho comunitário. A princípio seria em Campinas, mas, por uma questão de grana, de não ter as condições de montar tudo aquilo, um menino que era de Jundiaí achou um lugar lá em Jundiaí e tinha o espaço bacana pra fazer, aí a gente montou. Começo de 2004, eu comecei a trabalhar lá como voluntário, não ganhava nada, saía daqui de busão, ia lá pra lá, ficava 3 horas no busão pra dar 2 aulas, e voltava pra trás. Eu ficava mais tempo na estrada do que... Mas foi muito massa, a primeira aula que eu dei na vida foi pra uma sala de 250 pessoas. (risos) Foi um batismo de sangue! Eu costumo dizer que eu estava que parecia uma minhoca mole, não sentia minhas pernas, não lembrava meu nome direito, foi engraçado. Hoje em dia é engraçado, na época eu fiquei desesperado. Mas foi ali que eu descobri o que era isso. Que apesar de eu nunca ter pensado em dar aula, apesar de eu nunca ter visto isso como uma alternativa, eu gostei! A hora que eu entrei na sala e comecei a falar, a molecada olhando pra minha cara e prestando atenção no que eu estava dizendo, me fazendo pergunta, eu falei: “Ah é por aqui acho.” E aí começou.”

Acrescenta que essa experiência de voluntariar no cursinho prévestibular teve importância fundamental em sua formação enquanto docente, principalmente no seu entendimento sobre o que é ser professor e qual o seu papel social enquanto tal.

Para ele não ter experiências profissionais na escola pública é uma das “manchas” em seu currículo. Ele se sente arrependido, de certa forma, mas alega que atualmente já não tem mais fôlego para enfrentar a realidade do cotidiano de uma escola pública, após 13 anos de magistério:

> “Durante muito tempo eu quis e tive medo, porque eu era muito novo. Eu achei que não ia dar conta. Porque hoje em dia a gente tem esse grupo de pessoas que são professores e trocar experiência é tranquilo, mas, na época que eu comecei eu não conhecia ninguém. Eu ouvia as histórias, ficava sabendo de coisas e me dava um certo medo e, hoje em dia, eu não tenho medo, mas não tenho coragem, não tenho energia, força.”

Já quanto à época de sua graduação, o Prof. GeoB comenta sobre a influência das disciplinas da licenciatura para sua prática docente. Ele reconhece a importância do conhecimento das áreas da pedagogia para lidar com os diversos problemas que um professor pode vir a enfrentar em sala de aula. Para ele, ss disciplinas da licenciatura forneceram a possibilidade de escolher um caminho profissional mais ético:

> “São bifurcações da vida né, você vai tendo escolhas, e um dos caminhos possíveis de escolha é o caminho da ética. E quando eu digo ética não é essa coisa chata de… É uma questão ética de compromisso mesmo, de papel social. Os professores têm um papel social, que a gente tem que cumprir, quer dizer, a gente pode cumprir ou a gente pode não cumprir, tem essa escolha, tem esse momento de escolha. Boa parte dessa consciência, dessa percepção de que sim, a gente tem um papel social, sim, a gente tem uma responsabilidade veio dessas disciplinas.”

Ao ser indagado sobre como foi construído, ao longo do tempo, seu envolvimento político, o Prof. docente diz que política sempre foi um assunto recorrente no núcleo familiar. Sua mãe sempre esteve envolvida com o sindicato dos professores, participando de assembleias e mobilizações, e seu pai, apesar de ser executivo e trabalhar em empresas, sempre fora muito interessado em questões que tangiam a política e economia. Ele lembra que o assunto estava presente nos comentários das reuniões de família, em almoços nos finais de semana, e acrescenta que:

> **“**em casa, a conversa sobre política sempre rolou bastante. Eles [os pais] foram ativos durante a época da ditadura, os dois. Não assim, grandes personagens da história brasileira, mas fizeram o que dava pra fazer. Então esses temas acabaram sempre aparecendo em casa. Sempre bem informados os dois, sempre lendo muito jornal, enfim, sabendo do que estava acontecendo, e passavam pra gente, pra mim e pro meu irmão. Esse tema sempre fez parte do nosso cotidiano.”

Sobre as contribuições da graduação para a construção de seu envolvimento político, o Prof. GeoB diz que, na faculdade, encontrou um grupo de colegas, cuja mobilização política ele considerava interessante. Esse grupo era constituído por alunos, orientandos de um docente universitário, que o Prof. GeoB considera, até hoje, uma inspiração. Após conhecer este grupo de amigos, o Prof GeoB diz que:

> “Aí participei do centro acadêmico, montei chapa, ajudei a fundar a Atlética por incrível que pareça, fiquei bem envolvido com essas questões de política estudantil, quase fui pro DCE lá na Unicamp. [...] hoje em dia eu jamais faria aquilo de novo, mas na época foi o que precisou acontecer. Foi ai que começou.”

Assim fica evidente que a amizade com esse grupo foi um de seus primeiros contatos com uma ação política intencional. O docente diz que, após as primeiras aproximações, acabou se afastando do movimento estudantil por conta do envolvimento de partidos políticos com os centros acadêmicos. Ele alega que a política estudantil, misturada às questões partidárias, não eram o caminho que ele desejava trilhar na militância. Ele comenta ainda que, após sua saída do movimento e apesar de não participar mais ativamente do centro acadêmico, o interesse por uma ação política permanecia.

Com isso, sua militância sai do contexto da universidade e passa a acontecer em outros espaços, como em greves e assembleias de professores, em passeatas em São Paulo, dentre outras ações mais voltadas à mobilização política. Cita, por exemplo, que, na época em que estava sendo discutido o Plano Diretor da cidade de Campinas, ele acabou se envolvendo bastante nos debates e discussões.

Perguntado se, durante a graduação, cursou alguma disciplina específica que falasse sobre a temática ambiental, o Prof. GeoB respondeu negativamente e informou que, nos cursos de Geografia, existe um conflito permanente sobre o que são “Ambiente” e “Meio Ambiente”. Ele afirma que algumas das disciplinas que trabalhavam as questões ambientais remetiam, geralmente, a questões conflituosas advindas da relação sociedade-ambiente:

> “Até tive algumas disciplinas que tinham “ambiente” no título, [...] mas tinha “Ambiente e Sociedade”, “Ambiente urbano”. Tinham esses nomes, e a ementa da disciplina acabava falando mais sobre essas questões instrumentais e, sempre, toda vez que esse tema aparecia, a maior parte que esse tema aparecia, ele aparecia como uma questão sociopolítica assim, de conflitos, de problemas, gerados por alguma faísca na relação entre a gente e o ambiente, em áreas de disputa de terra, em desmatamento da Amazônia, de plantio de soja, de desmatamento do Cerrado, conflitos com relação a isso, populações tradicionais que vão desaparecendo sempre nessa pegada. Na cidade: coleta de lixo, como é esse negócio de enchente. E sempre que o assunto aparecia era sempre nessa briga, nesse embate.

Em uma das passagens de sua entrevista o professor afirma, dentre as experiências que o influenciaram na universidade e o influenciam até hoje na sua docência com relação à temática ambiental, estavam as viagens realizadas com a turma durante a graduação. Segundo ele, ter conhecido diferentes

lugares, relevos e culturas favorece sua prática docente por ter histórias para contar de diferentes locais que visitou. Ele lembra que:

> “Na Geografia a gente tem muito essa oportunidade de fazer trabalho de campo, viaja bastante. Eu conheci um monte de lugar com a Unicamp. Fui pra Argentina, fui pro estado de São Paulo inteiro, fui pra Minas, fui pro Paraná, fui pro Rio de Janeiro, um monte de lugares que a gente vai por causa das disciplinas. Vai ver um determinado tipo de relevo, vai ver uma vegetação, vai conhecer uma determinada região e sempre tem história pra contar desses lugares que a gente visita.”

Já em relação à sua prática docente, para ele a temática ambiental está presente de maneira intrínseca em suas aulas. Ele consegue relacioná-la com muitos conteúdos previstos no currículo de Geografia. Segundo o professor:

> “a questão ambiental é meio que inerente à Geografia. A gente, normalmente, o tempo inteiro, quando fala sobre a Geografia a gente está falando de um jeito ou de outro sobre a questão ambiental. De um jeito ou de outro, com uma preocupação maior ou menor, porque a questão dos solos, a gente fala da vegetação, e, na hora de preparar as aulas para a escola, mesmo que, hoje em dia, boa parte das escolas usa apostila, essas coisas, a gente sempre tem chance de ir encaixando alguma coisa. E, sempre que o assunto aparece ou sempre que o assunto permite, eu tento encaixar alguma conversa ou algum debate sobre a questão ambiental.”

Um dos projetos que ele desenvolve em suas aulas é incluir, em qualquer assunto que surja no primeiro ano do ensino médio, uma discussão ou informações sobre a temática ambiental. Ele disse que, desde o início do ano letivo até o dia da entrevista (em novembro de 2017), havia conseguido fazer essa inclusão em todas as aulas. Para ele, uma das dificuldades de trabalhar com a temática ambiental em sala é o desinteresse dos alunos, porque:

> “quem está assustado, ali falando, são os caras que sabem o que está acontecendo. São os climatólogos, os geofísicos, os geólogos, a galera que lida com essas questões mais de perto, eles estão assustados. A galera, no cotidiano, do dia a dia, nem sabe o que está acontecendo, não sabe o que está rolando porque não está preocupada. Então, muda ciclo de chuva: de repente fica seco onde não era pra ficar, de repente, fica muito calor onde não era para estar, de repente, fica muito frio onde não era para estar. Os ritmos que a gente conhece do ano alteram, e a pessoa acha que é um fato isolado. Não é cara, a gente já está vivendo, a gente já está experienciando mudanças grandes, graves relacionadas às mudanças climáticas, mas literalmente, é falar pro nada, quando fala dessas questões gigantes.”

Sobre essa falta de interesse dos alunos com as questões que a temática ambiental envolve, o Prof. GeoB desenvolveu uma ideia, para tentar explicar o por que as pessoas se fecham para assuntos globais que impactam a sociedade no nível macro. Ele chama de “Teoria dos Morros”, conforme suas palavras:

> “Aqui, a vida é pra dentro, não é uma vida pra fora. [...] as pessoas têm uma preocupação grande com assuntos locais, mas fora dali geralmente não. A tentativa é sempre de tentar mostrar que existe vida fora dali. [...] porque a maneira como você percebe o lugar que você mora tem a ver, mas é uma viagem minha! Eu nunca fui atrás de conversar com as pessoas pra saber se de fato tem procedência. Mas a impressão que eu tenho é essa [...] o pessoal não tem a menor curiosidade de saber o que acontece fora de Pedreira. Não se interessa, e aí eu começo a viajar porque você abre a janela de casa tem montanha, você vai andar de carro a cidade é numa panela, é um vale, é fechado, você só tem duas possibilidades de saída ou ir pra Jaguariúna ou vir pra Amparo, o resto é tudo fechado, então é uma vida pra dentro, é fechada nesse lugar.”

É com essa teoria, nomeada por ele de Teria dos Morros que tenta explicar o porquê, as pessoas nessa região, apresentarem certo desinteresse com as questões inclusive mais políticas ligadas à temática ambiental. Por ficarem fechadas em seus “vales cercados de montanhas” as pessoas teriam dificuldades em entender que vivemos em um mundo impactado pelas relações sociedade-natureza, e conclui que essa é a Geografia que ele acredita, fazendo as pessoas entenderem estas imbricadas relações.

Para além dessa percepção ele diz ter realizado atividades que envolviam a temática ambiental, em outra escola particular, onde ele e os colegas professores de todas as disciplinas se uniram para falar sobre o tema ambiental. Segundo ele essa atividade foi:

> “Na verdade, o formato meio que misturava um monte de coisa, [...] teve aluno que se animou em fazer uma espécie de teatro, uma encenaçãozinha, como se tivessem apresentando um jornal, falando sobre notícias ambientais, que eles iam atrás, eles buscavam. Deu bastante certo. Teve aluno que trouxe poesia, teve aluno que trouxe texto, praticamente juntou a escola toda de todas as disciplinas.”

Quando questionado sobre a possibilidade de um trabalho coletivo na escola com a temática ambiental, o Prof. GeoB demonstra uma preocupação que vai para além dos conteúdos das atividades de EA. Ele diz que geralmente

as atividades com essa temática desenvolvidas na escola acabam tendo uma abordagem genérica, falando sobre reciclagem, economia de água, sem chegar ao centro da questão, ao que, de fato, é importante.

Ele relata suas preocupações com relação às atividades de EA realizadas na escola, contando sobre uma notícia que viu enquanto preparava aulas. Segue o trecho da entrevista onde o Prof. GeoB narra a notícia que assistiu:

> "estava procurando por notícias e achei um vídeo, essa semana a gente bateu um recorde novo, a gente chegou a 403 partes por milhão de Carbono na atmosfera. Eu fui procurar notícias sobre isso e achei um vídeo na Globo News de uma apresentadora conversando com uma senhora que estava no Comitê da Organização Mundial Metereológica que é quem monitora essas coisas. A senhora, na Alemanha, bastante preocupada, triste! Você via na cara da mulher que ela devia ter saído de uma reunião e que as notícias não foram boas, ela estava com um ar cansado, pesado, e uma das últimas frases que ela disse, foi assim: "Eu não vejo um futuro muito bom para a espécie humana no planeta, de acordo com as informações que a gente tem." Aí corta pra apresentadora do programa, ela dá um sorriso assim, e fala: "Diante dessas coisas todas que você acabou de contar pra gente, qual é o papel do indivíduo nesse processo? O que a gente pode na nossa casa, no nosso cotidiano fazer para ajudar a diminuir os índices de emissão de Gás Carbônico?". Aí volta pra mulher, a mulher com uma cara tipo [o professor imita a expressão facial da entrevistada] "Ah você pode repensar seus atos de consumo, você pode repensar seu consumo de carne, você pode repensar…" Mas qualquer coisa que a gente faz hoje tem o que eles chamam de pegada ecológica. Aí a entrevistada falou: "O mais importante é a gente começar a prestar atenção em quem a gente elege, se essa pessoa tem uma preocupação sincera com a questão ambiental, pressionar os políticos para novas legislações, porque esse problema é um problema coletivo, é um problema global, está afetando o planeta todo, as atitudes individuais são importantes, mas não são elas que vão resolver o problema." [ele volta a dizer por ele mesmo] Não é você em casa, escovando o dente, usando menos água, que vai…. Claro que isso é importante, é uma questão ética importante, é uma responsabilidade, e eu transmito isso pros alunos também.

O Prof. GeoB diz que, de maneira geral, não há dificuldades para trabalhar a temática ambiental em sala, contudo aponta alguns desafios como a falta de envolvimento ou engajamento dos alunos nas aulas e nas discussões sobre o tema. O professor percebe que, quando a situação trazida por ele para discussão envolve temas do nível local, os alunos se comovem, por outro lado

com temas que abrangem um nível global, a interação se torna mais difícil e abstrata:

> “Agora, quando falo de questões macro, globais que envolvem... Aí a coisa fica muito distante eu imagino, e eles não se preocupam, mesmo quando é uma questão global que tem interferência local. Por exemplo as mudanças climáticas. Nada assim, não vejo nenhuma grande mobilização em termos de repensar e alterar certos hábitos.”

Um ponto importante apontado como um desafio para trabalhar a temática ambiental na escola é a dificuldade em qualificar o debate sobre essas questões. Segundo ele:

> “o que eu vejo dificuldade é de qualificar o debate! De falar o que precisa ser falado. Na verdade, como tudo, a gente pode ficar na superfície ou a gente pode dar uma aprofundada e chegar no miolo da questão. Isso eu acho mais complicado, porque, aí, as pessoas não estão de fato muito interessadas. Mostrar que está preocupado com o ambiente é até uma questão desejável hoje em dia, [...] mas preocupado com o que especificamente? Como? Por quê? Dar uma verticalizada nas questões. Aí a galera não está muito interessada não. [...] Mas porque não choveu em 2013? Vamos entender o porquê não choveu em 2013. Ninguém está a fim de saber, ninguém está a fim de perguntar. [...] E aí, eu acho que a mídia tem um papel importante nisso também por que não aprofunda. Você vê no jornal, os caras têm as possibilidades, têm a grana, o tempo, a visibilidade, mas não aprofundam a questão. Dá a notícia de um troço grave, que a gente atingiu um limite alto, grande, de concentração de carbono na atmosfera, que vai ter consequências imensas para o planeta todo, e aí quando volta pergunta qual a responsabilidade da gente em casa. [...] A abertura para conversar tem, de fato, tem! Qualquer pessoa se você parar na rua, e for falar de questão ambiental, a pessoa vai junto contigo. Mas daí a qualificar uma conversa e verticalizar o debate, não acontece.”

Em contrapartida, o Prof. GeoB aponta como uma das motivações para o trabalho com a temática o fato de acompanhar as notícias sobre o meio ambiente, e de ver que a questão tem se tornando séria demais para não ser abordada sempre e com todos os alunos. Outra motivação advém da proximidade do professor com o tema de sua tese de doutorado, que, conforme indagamos, teria influenciado sua prática docente:

> “É porque eu comecei a ficar preocupado. Eu, sabendo mais sobre esse tema, eu vendo o tamanho do problema que têm se transformado essas questões, eu achei que uma das minhas obrigações, por uma questão ética mesmo, educacional,

> didática mesmo, sei lá, era tentar trazer isso pros alunos com os quais eu tenho contato."

O docente acrescenta que há muitas possibilidades de tratar da temática ambiental atualmente, visto que é um assunto que está presente nas redes sociais, na mídia, etc. Para ele, hoje existiria muita informação e material disponíveis para promover o debate em sala, para preparação de aulas, mas que o centro da questão ambiental estaria ainda por ser atingido, e esse cerne seria, precisamente, político.

O Prof. GeoB é também integrante do coletivo educador visitado. Sobre sua participação no grupo, ele os fala de como teria se dado a articulação do coletivo:

> "O JORNADAS é uma ideia coletiva que apareceu da vontade, da necessidade de a gente conseguir conversar sobre temas, de maneira um pouquinho mais aprofundada, e num espaço um pouco mais livre, no sentido de que dentro do ambiente escolar você tem algumas restrições, algumas limitações que precisam ser respeitadas e que, às vezes, acabam interferindo na qualidade do debate possível de ser feito. Nisso, eu digo limitações de tempo, limitações de escopo, porque você tem que cumprir o diabo das apostilas. Se você não cumpre, os caras caem de pau em cima de você. [...] E a ideia sempre foi essa de ser um ambiente de conversa. Então a gente professores organizando, mas não falando como professores, não sendo autoridade de conhecimento dentro daquele contexto ali. Literalmente um espaço aberto de diálogo e de conversa pra todo mundo poder colocar o que tiver que ser colocado, sobre o tema que estiver em discussão ou debate."

A ideia se materializou após um aulão que ele e os outros professores do coletivo ministraram juntos em uma escola, cujo tema foram os protestos de 2013 e 2014, e o impeachment da presidenta Dilma. Com uma justificativa política e com a vontade de falar sobre esses e outros temas, eles articularam o JORNADAS. Para o Prof. GeoB é positivo poder aprender junto, construir juntos, errar e acertar juntos.

A partir dessa avaliação, questionamo-lo relativamente à influência do coletivo e as atividades por ele realizadas em sua prática docente. Em resposta o Prof. GeoB diz que, a partir da proposta de construção de duas barragens para usinas hidrelétricas na região do Circuito das Águas, passou a incluir o tópico em suas aulas. A propósito, o tema já havia sido matéria de discussão no coletivo educador. Segundo ele, a repercussão dessa atividade foi positiva:

> “foi encaminhando para gente falar sobre a questão das represas, das barragens. Aí sim eu senti um engajamento ali. A molecada ficou interessada por que de fato não tinham as informações, não sabiam o tamanho do negócio. Quais são as implicações de ter uma barragem tão grande daquela perto da cidade. Enfim, levei mapa, mostrei na imagem de satélite do Google e fiz... Ali eu vi uma preocupação deles, a mesma de alguém que acabou de tomar contato com assunto.”

Sobre as relações entre a temática ambiental, a docência e seu envolvimento político, o professor traz uma fala cuja clareza e relevância valem a longa citação:

> “Hoje, do jeito como as coisas estão, muito em função da temática do trabalho que eu tenho feito, da tese [de doutorado] essa preocupação com a questão ambiental, o pensamento ambiental, tem feito parte mais constante do meu cotidiano. Do mesmo jeito que a Geografia virou uma espécie de vício, uma espécie de filtro, tudo que eu faço, penso e olho no mundo, de uma forma ou de outra, eu tento enxergar a Geografia ali dentro. Hoje em dia, a maior parte das vezes em que eu faço esse tipo de observação esse tipo de reflexão, a questão ambiental aparece junto. Então, hoje em dia, é meio que condição *sine qua non* de como eu me posiciono, de como eu penso, de quais são as minhas motivações, de quais são as minhas preocupações políticas mesmo onde eu tenho tentado me engajar, os eventos que eu tenho tentado participar, todos eles, hoje em dia, têm mais essa pegada de pensar a questão ambiental, de encontrar coletivos de pessoas que estão interessadas em debater essa questão de forma mais verticalizada, ir a fundo em algumas questões, que pra mim são importantes. É isso mudou, não sei se mudou, mas acrescentou algumas coisas, porque a Geografia sempre foi meu viés para entender as coisas, criando minhas pequenas teorias da vida sobre a existência sempre com a Geografia como fundo. E, hoje em dia, além da Geografia, tem essa questão do pensamento ambiental. As leituras que eu tenho feito, os autores que eu tenho conhecido, tudo isso gira em torno dessa preocupação.”

A entrevista com o Prof. GeoB ocorreu no dia 1 de novembro de 2017, na casa do entrevistado, com duração de aproximadamente 1h e 20 minutos.

Prof. Fisc

O último professor a ser entrevistado foi o Prof. Fisc, que tem 28 anos de idade e leciona há 4 em escolas públicas e particulares da região do Circuito das Águas. É bacharel em Física pela Unicamp, cursou as disciplinas do

mestrado na mesma área, mas acabou não concluindo o processo. No momento da entrevista ele estava matriculado na Unicamp como aluno da Licenciatura em Ensino de Ciências.

O professor foi uma pessoa com a qual a pesquisadora havia convivido nos tempos de escola, durante o ensino médio, de modo que ambos estavam bastante a vontade no dia da entrevista. Esse participante é uma pessoa conhecida na cidade, pois em anos anteriores candidatou-se a vereador nas eleições municipais.

A entrevista se inicia com o relato sobre os contatos com a natureza e ambientes preservados durante a infância e adolescência do professor. Para ele, esses momentos eram constantes, por morar em frente a uma área verde da cidade. Ali sempre brincou de subir em árvores e fazer trilhas com amigos. Sempre esteve ligado a ambientes preservados, o que ocorreu até antes de ir para a faculdade, com aproximadamente 18 anos. Atualmente, diz que os contatos diminuíram, pois não faz mais incursões à mata. Ele afirma que sua percepção ambiental, hoje, está centrada principalmente na apreciação estética da paisagem e que observar as serras e morros cobertos com vegetação nativa ao chegar a sua cidade natal traz uma sensação agradável.

Como a temática ambiental pouco fora trabalhada na escola esse sentimento de apreciação talvez tenha se desenvolvido por conta de sua vivência na natureza. Lembra-se pontualmente de quando sua turma plantou uma árvore de pau-brasil no jardim da escola onde estudou (escola pública).

O Prof. Fisc cursou a pré-escola e o ensino fundamental I na rede pública e os ensino fundamental II e médio na rede privada. Na escola particular, em específico, quandoa temática ambiental estava presente, sobretudo nas disciplinas de Geografia e Biologia, não era acompanhada de atividades práticas, eram apenas as discussões de assuntos que seguiam o currículo.

O professor relata que não há, em sua família, pessoas que trabalhem na área da educação ou mesmo na área ambiental. Assim, a escolha pelo curso de graduação deve-se, em grande parte, ao estímulo recebido no ambiente escolar, devido à influência de alguns professores. O Prof. Fisc conta que sempre teve interesse pelas ciências, com preferência para as questões

que tentassem explicar o funcionamento da natureza. Foi assim que escolheu a Física como área de estudo.

Em determinado momento de sua vida acadêmica, ele decidiu que não queria mais seguir com a carreira acadêmica, como pesquisador na área de Física. Aliado a essa decisão, surge um imperativo econômico e profissional, visto que estava no final do curso e necessitado de uma colocação no mercado de trabalho optou pela mudança de atuação profissional. Nesse contexto, a docência, pela qual já se interessara, foi vista como uma alternativa, em especial porque à medida que lecionava o gosto pela profissão aumentava. Já bacharel em Física, após a aproximação com a docência, ele optou por também realizar o curso de licenciatura na mesma área.

Entre as primeiras experiências profissionais e as demandas legais para exercer a docência, ele iniciou o curso de licenciatura em Física e diz que as disciplinas estão trazendo elementos novos para que ele repense sua prática. Dessa maneira, ele está conseguindo perceber os pressupostos teóricos que realmente embasam sua prática pedagógica.

Para aproveitar que a entrevista abordava as disciplinas da licenciatura e a sua tomada de decisão, questionamos sobre como ele percebia a construção do envolvimento político ao longo de sua vida e como isso teria se iniciado. Para ele isso está atrelada a um processo de ampliação de consciência, e que vinha sendo construída desde a adolescência, principalmente devido à influência de professores do ensino fundamental:

> “É o processo de conscientização, de tomada de consciência, eu acho que os professores são muito importantes nesse sentido. Alguns professores que eu tive foram muito importantes para trazer esses temas para mim, para questionar, para apresentar formas diferentes de enxergar o mundo. E acho que esse é o grande papel do professor: ter a capacidade de oferecer uma experiência diferente de mundo que a gente está acostumado no nosso senso comum.”

Questionado se, durante sua graduação, esse processo teve continuidade, ele afirma que o ambiente universitário proporcionou um salto qualitativo e quantitativo em sua participação e mobilização políticas. Segundo ele:

> “aí não tem nem o que falar. Quando eu entrei já no meu primeiro ano eu já entrei pro DCE, participei do Movimento Estudantil bastante ativamente nas greves e nas mobilizações

> de 2009. Inclusive, é interessante citar que uma das primeiras palestras que eu assisti no DCE foi com o Aziz Ab Saber. Ele estava falando sobre a Amazônia, tinha mais um cara do MST de São Paulo, onde eles estavam obviamente discutindo agricultura familiar, o modelo do Agronegócio, desmatamento, então tudo isso estava relacionado. [...] Depois a gente participou do Centro Acadêmico, então o envolvimento político dentro da Universidade é muito importante, tem muita coisa, nossa! Tem muito contato com Movimento Social dentro da Universidade."

O Prof. Fisc. foi participante ativo e membro do Centro Acadêmico da Física. Foram anos de intensa atividade política dentro e fora do contexto universitário. Ele conta que, no âmbito da universidade, os alunos que se dedicavam à militância dentro dos movimentos estudantis eram estigmatizados ou sofriam algum tipo de reprimenda:

> "Tinha professor que intimidava a gente, professor que sabia que a gente estava no Movimento Estudantil, professor que sabia que a gente estava com carro de som "atrapalhando" aula, professor que sabia que a gente estava furando aula para participar de mobilização. Eles sabiam disso."

Perguntamos então, como se sentia com essa "perseguição", ao que o professor disse ser "péssimo", pois lhe causava certa angústia e um sentimento de exclusão. Já sobre as possíveis relações das vivências universitárias e as implicações disso para sua prática docente, ele identifica o que foi possível aprender com isso:

> "a tolerância ou a capacidade de respeitar o que o adolescente já traz, o que o jovem já traz de pensamento sobre o mundo. Tentar discutir com eles pensamentos que possam ir no sentido contrário, não do que eu penso, mas no sentido contrário de valores que a gente considera universais como os Direitos Humanos. Tem jovem que tem pensamento fascista e que começa a falar besteira, que tem práticas homofóbicas, racistas, machistas em sala de aula. Então, tentar lidar com isso sem constranger, sem querer bater de frente no sentido de se tornar inimigo, porque a gente sabe que isso não leva em nada, ou não vai mudar a cabeça dele. Então, sim, com certeza, tentar entender o que aquele jovem está tentando produzir. [...] Pegar outras áreas, discutir coisas que fossem mais recentes, entendeu? A gente tem que saber ter esse jogo de cintura. E é claro que essa experiência na Física na Unicamp, com professores que não respeitavam em nada os alunos [...] essa postura dos professores, me influencia, sim, para ter uma prática docente um pouquinho mais próxima do aluno, mais humanizada."

Em outro momento, ainda sobre a construção do envolvimento político em sua vida, o docente assume que, se existe um momento no qual ele conseguiu transformar o conhecimento teórico em conhecimento prático, como um ponto de inflexão em sua vida, esse momento é identificado pelo Prof. Fisc na vivência da universidade pública.

Ainda sobre o ambiente universitário e sobre o currículo no curso de Física, indagamos sobre a presença da temática ambiental nas disciplinas ou em outros contextos. Apesar de ser considerada uma área das Ciências da Natureza, o professor relata que não teve nenhuma matéria que se relacionasse com a temática ambiental ao longo de sua graduação.

Ao aprofundarmos um pouco mais sobre as relações entre o curso e a temática ambiental, ele lembrou-se de um trabalho apresentado por um professor de Física Quântica que usava técnicas de Física Estatística para mensurar o tempo da especiação. O que o marcou nessa apresentação foi a proximidade com a Biologia e com evolução. Esforçando-se ainda em identificar as relações, o professor nos pergunta se a relação entre o corpo e o ambiente estaria abarcada pela temática ambiental. Ao respondermos positivamente o entrevistado relata que, nas disciplinas da licenciatura, tem uma disciplina chamada “Escola e Cultura”:

> “agora, eu estou fazendo com o pessoal da Arte. Então, tem bastante essa questão de explorar muito o corpo. Às vezes é meio chato, mas, é diferente, é uma perspectiva que a gente não vê, por exemplo, como a gente corporifica algumas atitudes, como a gente corporifica valores na gente mesmo! É muito louco isso, é muito louco. E a forma como a gente se relaciona com o corpo também é uma maneira de se relacionar com o meio ambiente.”

Como citado anteriormente, o professor tem grande envolvimento com outros movimentos fora do contexto escolar, no sindicato de professores, além de ser filiado a um partido político. Relativamente às possíveis relações entre tais atividades políticas e a docência, vale transcrevermos aqui a resposta na íntegra, dada a sua justeza e pertinência:

> “Eu acho que não tem uma relação direta. Acho que todas essas dimensões estão relacionadas, como eu já tinha falado, com a dimensão ética da coisa, com o nosso posicionamento ético diante do mundo. O posicionamento ético diante do mundo é que vai determinar meu posicionamento político e minha prática docente. Se elas estão relacionadas entre si?

> Estão porque ambas são reflexo do compromisso ético que eu carrego, mas não que elas estejam vinculadas entre si. A separação para mim é muito importante. Dentro da sala de aula, eu não sou um militante. Só que por outro lado, dentro da sala de aula eu não sou uma pessoa diferente, da pessoa que eu sou quando eu sou um militante. Eu não sou uma pessoa diferente, ou seja, em sala de aula eu não vou defender valores que sejam diferentes daqueles que eu defendo na minha militância. Porém a minha militância está do lado de fora da sala de aula. Então, eu tento não confundir as coisas porque eu acho que é uma desonestidade intelectual você, de certa forma, querer impor um pensamento. Porém, os valores que eu defendo em sala de aula são claramente, a palavra correta é [pausa tentando lembrar a palavra] que fazem sentido, que são coerentes, isso! Que são valores coerentes com a minha prática fora da sala de aula, seja num coletivo, seja num movimento social, seja no partido político, seja no sindicato, porque a gente faz parte de um sindicato, a APEOESP. Então, a minha atuação dentro de todas essas dimensões tem que ter como embasamento um núcleo ético central. Não pode ser diferente, não faria sentido se eu fosse uma pessoa dentro da sala de aula e, fora, eu sou outra. E a gente observa muito isto: professores que são engajados politicamente, que participam de sindicato, defendem a categoria, mas, dentro de sala de aula, se portam como professores autoritários, como professores que não dialogam com os alunos, que não têm o compromisso com a prática em sala de aula. Então, eu tento manter a coerência, porém entendendo que são dimensões diferentes do mesmo compromisso ético que eu tenho. Isso é importante."

Quanto à relação entre a temática ambiental, a docência e seu envolvimento político, o Prof. Fisc explica que essas três esferas são indissociáveis:

> "Não dá pra gente ser professor sem tomar lado, não tem como. Não tem como eu ir lá e só ensinar um conteúdo de maneira fria e objetiva, não existe isso."

Sobre suas práticas pedagógicas no tocante à temática ambiental, ele cita alguns conteúdos programáticos do currículo de Física com os quais ele introduz uma discussão mais teórica, histórica ou filosófica sobre o tema. Dentre eles estão, por exemplo, a Termodinâmica, relacionando as correntes de convecção do calor, para chegar ao efeito estufa; a ótica, explicando as ondas eletromagnéticas através das quais o calor do Sol chega até a Terra; a Calorimetria com o calor e a radiação, mas sempre optando por conteúdos que se relacionam de alguma maneira com a temática ambiental.

Seu intuito, ao trazer uma discussão mais histórica e filosófica no trabalho com a temática ambiental na disciplina de Física, é precisamente esclarecer aos alunos como o domínio da técnica de alguns processos podem fortalecer as bases de uma sociedade capitalista e acrescenta que, neste ano:

> “quando eu estava dando Termodinâmica,, eu enveredei por outra área. Eu preferi fazer uma discussão mais histórica e filosófica, do ponto de vista de como aquilo deu origem para a sociedade capitalista moderna nossa hoje, por meio do domínio da técnica, de como aquele conhecimento que foi construído naquele momento serviu para a burguesia tomar o poder político através do impulsionamento da técnica, com o aumento da produção econômica, com o aumento da riqueza e com a concentração dessa riqueza nas mãos dessa classe. Então, eu preferi enveredar para essa área para tentar fazer a discussão histórica do desenvolvimento da Ciência dentro da conjuntura do contexto social e histórico no qual ela se colocava.”

Lembra-se ainda de outra atividade com a temática ambiental que propôs aos alunos do nono ano do ensino fundamental. O Prof Fisc trabalhou as diferenças entre as fontes de energia renováveis e as não renováveis. Com a atividade, ele promoveu um debate sobre os pontos positivos e negativos da energia nuclear, sobre a diferença entre as usinas hidrelétricas e as termoelétricas, sobre a destinação dos resíduos das usinas nucleares, e sobre os impactos da queima de combustíveis fósseis.

Analisando sua prática no que tange à temática ambiental, ele conta que no nono ano, ele também leciona a disciplina de Química e, nessa aula, conseguiu relacionar a temática ambiental ao abordar a produção do gás metano:

> **“**o gás sai no pum e falei: “Imaginem um monte de vaca peidando? E o Brasil tem o maior rebanho do mundo de gado bovino, e como isso impacta diretamente na concentração desses gases na atmosfera”. Eu puxei e mostrei isso pra eles, falei: “Olha, gente, eu não sou vegano, mas acho que a gente tem que fazer essa discussão sobre consumo de carne.”

Ao identificar que o docente estabelece relações entre os conteúdos da Física, da Química com a temática ambiental de maneira mais ampla, questionamos o porquê dessas escolhas, ou seja, quais as motivações ele tinha para, em vez de abordar o conteúdo sob uma perspectiva conteudista, preferir discutir os temas a partir de uma perspectiva mais crítica, histórica e filosófica. Ele, então, responde:

> “Sei lá, minhas leituras, minha bagagem acadêmica, o que eu li, o que eu estudo me dá mais segurança para fazer essa abordagem. [...] O que motiva a gente é um compromisso ético, um compromisso ético que a gente tem. Por que que eu me motivo a falar da Revolução Industrial? Por que que eu me motivo a explicar como a sociedade funciona? Um compromisso ético que a gente carrega, e a gente acha importante, perspectivas de futuro, tudo isso depende da nossa perspectiva ética, do nosso compromisso ético com o conhecimento, com o bem-estar da humanidade, aquilo que, de certa forma, já sabe e é importante falar. Por exemplo, termodinâmica é muito legal falar, porque você entra no motor à combustão. Você vai falar da combustão e de como a gente transforma a natureza, porque, de certa forma, a gente não tem como objeto de estudo a técnica, mas a Física é uma das técnicas por meio da qual a gente pode dominar a natureza. Então, há a necessidade de uma reflexão em cima disso! Quem estuda a técnica, a gente vai deixar para a Geografia, a Geografia vai estudar a técnica, como a técnica transforma o meio geográfico, o nosso meio, o espaço. A gente [da área da Física] não estuda o espaço, não estuda a técnica, a gente é a técnica em si. Então, vou fazer esse *link* da técnica, da ciência com os impactos que aquilo vai trazer, seja para o meio ambiente, seja para a sociedade.”

Quando questionado se ele deixa tal perspectiva clara para os alunos, acrescenta:

> “Sim, porque é a forma pela qual a gente domina a natureza, a forma pela qual a gente transforma o nosso espaço, é a forma pela qual a gente constrói o espaço humano. Como o espaço humano foi construído? Através do domínio da natureza! Como a gente levantou essas paredes aqui? Esse prédio? Como meu carro funciona? Como eu vou embora para a minha casa? A roupa que estou usando, TUDO foi feito através do desenvolvimento da ciência e da técnica. Então, é importante! Todos eles têm um celular no bolso, e eu falei: “gente, vocês não sabem como funciona isso e está todo mundo usando.” É importante entender minimamente como se dá isso, esse processo, porque senão, você entra naquele processo de alienação em relação ao próprio objeto que você está usando, a alienação tecnológica. Você acha que é um mistério, uma mágica, algo muito fora da realidade e não é. E a gente não pode se alienar deste tipo de conhecimento. Não é todo mundo que vai virar físico, mas, tem um conhecimento básico. [...] Mas aí quando você fala que tem muito conhecimento humano cristalizado naquilo na forma de trabalho humano, aí você começa a puxar um pouco de reflexão. Sobre de onde aquilo veio? Como foi produzido? Quanto tempo levou para produzir isso? Qual o tipo de tecnologia que foi empregada naquilo?”

Para ele, lecionar Física agregada à temática ambiental através de um viés político é como dar:

> "ferramentas intelectuais para o jovem, para ele poder compreender outros problemas, para ele poder compreender o mundo. E essas ferramentas são importantes. É igual andar de bicicleta, é mecânico no começo, você precisa aprender mecanicamente como faz através de repetição. Até uma hora em que você aprendeu a andar de bicicleta, e a partir do momento em que você aprende a andar isso é uma ferramenta para você se posicionar diante do mundo, para você atuar no mundo, andar de bicicleta. Pode ter um monte de ideologia por trás do andar de bicicleta: a negação do carro, o transporte alternativo, a vida saudável, mas todas essas realidades vão surgir a partir do momento, elas vão emergir a partir da realização de uma atividade mecânica, sem sentido num primeiro momento que você vai ter que repetir várias vezes até dominar ela. Muitas vezes acontece isso também com o conhecimento. [...] mas são ferramentas, intelectuais que você está disponibilizando para o jovem para que no futuro ele possa fazer a leitura de mundo dele. E ele dar os valores que ele quer ou não dar para aquilo."

É interessante notar que para o Prof Fisc a escola está posta como o espaço onde a discussão sobre a temática ambiental se faz presente, mesmo que reconhecendo que em sua formação o contexto escolar não favoreceu o contato com a temática. Para ele a escola pública promove um:

> "senso maior de cidadania, pelo fato de ser um espaço, de ser um direito, encarar a Educação enquanto um direito e não como mercadoria. Talvez na pública dê mais esse sentido, um sentido mais universalizante daquilo, de contextualizar aquele conhecimento."

Ele acrescenta que a temática ambiental pode ser um dos temas mobilizadores destes sentidos no contexto da escola, principalmente quando alia-se a teoria com atividades práticas, citando o exemplo da horta:

> "A ideia da horta pode ser só um negócio de plantar alface, mas você também vai estar explicando de onde vem o alimento, como se produz aquilo, você vai estar fazendo toda uma reflexão entorno das coisas que a gente acostumou a naturalizar. [...] A gente vai no supermercado, pega a alface e leva pra casa. E de onde veio? Surgiu ali no supermercado? Entender esse processo é importante, entender que tem uma construção, que não caiu do céu, que a alface vem de algum lugar, que está vindo de algum lugar, e que está produzindo isso? Como se dá a produção disso? Qual o trabalho que tem que ser empregado para fazer aquilo? Isso tudo é legal, não só para o debate da temática ambiental, mas do próprio processo de produção na nossa sociedade. A gente pega o

> produto sempre na ponta final dele, que é quando está pronto, que é na loja. A gente não vê o caminho que aquilo fez de onde veio ou como foi produzido."

Um obstáculo para abordar a temática ambiental apontado pelo Prof. Fisc seria a falta de unidade do trabalho pedagógico desenvolvido no cotidiano da escola particular. Ao comparar com a rede pública, no que diz respeito às atividades de trabalho pedagógico coletivo (ATPC's) e espaços de formação coletiva, a falta de um horário de trabalho em conjunto na rede particular, foram apontadas pelo Prof. Fisc e pela Profª. SocGeo como fatores que dificultam a realização de trabalhos com a temática ambiental.

Ainda sobre essas dificuldades o docente cita também o currículo, que na sua visão, é muito "engessado":

> O currículo é engessado principalmente nas escolas privadas. Na escola pública, não. Na pública, você tem bastante liberdade. Só que eu não tenho experiência de dar aula de Física na escola pública, mas aí, a gente vai falar da escola pública, e a escola pública tem tantos outros problemas que a gente pode discutir, seja a formação dos professores, financiamentos, investimentos, estrutura, desigualdade social, violência. Tem fatores internos, fatores externos, tem fatores de políticas públicas. Então, a escola pública é sempre mais complicado, mas tem muito mais liberdade.

Complementa, ainda, que nas escolas particulares o foco do ensino é bastante voltado para o vestibular, o que seria um impeditivo para um trabalho mais aberto e interdisciplinar.

Apesar de ter aproximações pontuais com a temática ambiental, o docente vê maiores possibilidades de trabalho coletivo sobre ela na escola pública:

> "Porque tem ATPC na pública. Na escola particular não tem reunião pedagógica para o [ensino] médio. Não tem reunião pedagógica, a gente não senta e não conversa. Só que, de novo, a escola pública tem possibilidades, não que isso vá se concretizar."

Então, ao mesmo tempo em que aponta as facilidades que existe na escola pública devido ao trabalho coletivo e à articulação entre os professores, ele sinaliza também algumas dificuldades que poderiam impedir a efetividades das atividades com a temática ambiental e cita como exemplos: coordenações e direções que têm dificuldades de realizar suas gestões ou corpo docente

extremamente fragmentado, seja por professores que atuam em várias escolas concomitantemente, seja pela ausência de professores concursados e contratos extremamente precarizados.

O Prof. Fisc, que é integrante do coletivo educador visitado pela pesquisadora, ao ser indagado sobre possíveis contribuições dessa atividade para sua prática pedagógica, diz que, quando é chamado para substituição na escola pública, consegue abordar outros tópicos para além do conteúdo de Física e Química. Nessas aulas em que é possível desenvolver a multidisciplinaridade, o docente apresenta o documentário “Leva”, que foi indicado por um colega do coletivo, para discutir a questão da moradia e do espaço urbano, ou seja, um tema e não uma disciplina.

Ao final da entrevista, o Prof. Fisc aponta uma crítica ao coletivo educador no tocante ao público e ao objetivo principal do grupo, que, para ele, teria um caráter mais de formação docente do que de um espaço de educação informal. Segundo ele:

> “Eu acho que é legal como ações focalizadas, como a gente fez, debateu um tema e tal. Acho que funciona muito mais para a formação docente do que para o aluno. Por isso, eu falei que não sei se dá certo com aluno fora da sala de aula. Acho que seria muito mais legal focar em formação docente. Sei lá, a gente montar grupos de estudo de docentes para a gente discutir salas de aula aqui. Tem muitos professores que a gente conhece aqui. Claro que cada um tem a sua vinculação acadêmica, cada um está seguindo sua vida acadêmica, cada um tem seu ponto lá na universidade, mas aqui é onde a gente trabalha, aqui é o chão da fábrica. Às vezes, seria legal ter esse espaço de diálogo entre professores, para discutir um tema, fazer grupo de estudo. Acho que é muito mais legal do que querer trazer aluno, fora da sala de aula...”

Sua visava o aprimoramento do grupo no sentido de realizar atividades que realmente pudessem ser mais bem aproveitadas. Para ele, seriam necessários não apenas um embasamento teórico maior e melhor para tratar de certas questões, como também a promoção de eventos com objetivos mais bem definidos, evidenciando aos alunos o por quê dos eventos acontecerem fora da sala de aula.

A entrevista com o Prof. Fisc ocorreu na casa da pesquisadora no dia 2 de novembro de 2017 com duração de 50 minutos.

4 EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM RELAÇÃO À TEMÁTICA AMBIENTAL E À DIMENSÃO POLÍTICA

Após a leitura cuidadosa, reiteradas vezes e com anotações sistemáticas das transcrições das entrevistas, procuramos identificar trechos das entrevistas nos quais cada professor relatou experiências que os aproximaram tanto da temática ambiental, quanto de aspectos relacionados à um envolvimento político. Com os trechos selecionados, dedicamo-nos, inicialmente, a identificar os contextos nos quais tais experiências foram vivenciadas. Para tal, procuramos nas transcrições situações vivenciadas ao longo da vida dos professores em contextos não escolares, as experiências em contextos de formação vivenciadas na escola e as experiências por eles vivenciadas como profissionais da educação, ou seja, nos contextos vividos na escola, mas, desta feita como professores.

Assim, procuramos, na sequência deste texto, além de apresentar os trechos selecionados para cada uma das dimensões de interesse desse trabalho – a formação dos professores em relação à temática ambiental, e a formação dos sujeitos quanto à dimensão política – procuramos explicitar significados e sentidos que vieram à tona nesse processo de leitura dos discursos dos professores mobilizados pelas entrevistas que realizamos.

4.1 EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM RELAÇÃO À TEMÁTICA AMBIENTAL

4.1.1. EXPERIÊNCIAS EM CONTEXTOS NÃO ESCOLARES

Ao buscar nos discursos dos professores experiências às quais os entrevistados associam, de alguma forma, a aspectos da temática ambiental, pudemos observar que as experiências mais imediatas vivenciadas por eles em áreas rurais ou em ambientes menos antropomorfizados são sempre referenciadas. É interessante observar que tais experiências, estão muitas

vezes associadas ao período de suas infâncias e são, também, relacionadas por eles às vivências lúdicas ou brincadeiras em meio à natureza. Os excertos que seguem exemplificam passagens nas quais essas relações ficam, claramente, estabelecidas pelos professores:

> "Na minha rua. Lá em frente a minha casa tem uma área de preservação ambiental, ali. [...] A gente sempre andou ali, a gente sempre morou ali, nasci e cresci ali, na frente tinha aquele matagal com mangueira e a gente descia para brincar. Estávamos sempre brincando ali, era esse o contato mais significativo. (Prof. Fisc)"

Ou ainda

> "Aí foi fantástico né, porque esta era a última casa da rua, pra cima era tudo fazenda. Aí a gente brincava nessas fazendas, a gente pegava manga no pé, passeava nos pastos, tinha um charco aqui pra cima, que tinha… como é que chama?, a gente chamava de rojão… Taboa! Aí a gente ia coletar taboa, pra nada, mas a gente achava divertido.(Profª BioA)"

A análise do conjunto das entrevistas evidencia que situações e contatos mais diretos com a natureza, envolvendo brincadeiras, foram apontados pelos professores: BioA, BioB e Fisc. Esses momentos parecem ser lembrados como experiências que sensibilizaram os professores para a importância desse "ambiente", no qual se mora, se vive. A Profª BioB comenta que na sua infância brincava muito sozinha, observava e fazia anotações dos "bichos" que tinha em um terrário.

Por outro lado, é necessário realçar as diferentes emoções que os momentos de brincadeiras e um contato mais direto com a natureza podem despertar. No caso da Profª BioA, em um primeiro momento, o contato direto com os elementos da natureza ocasionou estranhamento e medo:

> "A primeira vez que eu vim para uma fazenda, quando eu vim para cá, eu quase morri de medo desde o mosquito, a galinha, tudo. Quase tive um treco porque era tudo novo, nunca tinha visto uma galinha na frente, na vida, a primeira vez que eu vi eu tinha 10 anos de idade. Até vir pra cá eu não tinha noção do que era ambiente. O mais próximo que eu tinha eram os parques e jardins de uma cidade grande, que é grama, que é árvore exótica, que não tem nada de natural. (Profª. BioA)

Ressaltamos que mesmo que essas emoções não sejam necessariamente prazerosas em um primeiro momento, elas cumprem um

papel importante no processo de aproximação desses professores e de significação em relação ao ambiente. Tais experiências permitem e abrem possibilidades à professora reconhecer as diferentes dimensões que essas experiências podem produzir, para assim abrir-se para outras possíveis experiências.

O sentimento ou a perspectiva de que "se pertence" a um dado "ambiente", fica muitas vezes marcada de forma enfática em algumas das entrevistas:

> "mas desde muito nova sempre eu tive essa relação, porque a cidade é pequena e é uma cidade que tem uma área rural muito grande então eu sempre morei próximo à área rural, então desde muito pequena na minha casa sempre teve horta, sempre teve galinha, sempre teve... então essa relação mais básica com a parte natural com o meio ambiente, eu sempre tive desde pequena. (Profª SocGeo)

Ainda sobre esses momentos mais diretos de brincadeiras e contato com a natureza, estão presentes as vivências onde a natureza podia ser contemplada, apreciada:

> "a coisa que eu mais gostava de ter mudado pra cá era do céu. Porque lá em São Paulo não tem estrela né, ou está encoberto com nuvem porque chove bastante, garoa bastante, ou porque tá sujo mesmo e você não enxerga o céu [...]. E aqui, qualquer noite, qualquer hora você olha pra cima e está tudo ali. Quanto mais longe da cidade, mais fantástico a coisa vai ficando. (Prof. GeoB)

Por outro lado, há algumas passagens das entrevistas em que pudemos identificar situações nas quais os professores ressaltam aspectos da dimensão estética, ao indicar, por exemplo, que o ambiente era "feio":

> "Lá nessa cidade em que eu morei até os 17, o ar sempre muito seco, porque tinha queimadas, sempre... aquela fuligem da queimada, então contato com o meio ambiente quase nenhum, tanto é que isso foi uma das coisas que me fez fazer Geografia. [...] porque é feio, é feio, não tem nada preservado, é muito feio, é uma cidade que é depressiva, suja, é muito diferente do que a gente tem aqui. (Profª. GeoA)

Essas experiências que são narradas pelos professores como experiências negativas são, em contrapartida, vistas por nós como momentos

que cumprem um papel importante no processo de sensibilização para com a questão ambiental. Nós, de nosso lado, encaramos essas experiências "negativas" relatadas pelos professores, como experiências que, embora não tenham sido relatadas como experiências prazerosas, de alguma forma, colocaram os professores em sintonia com as questões ambientais. Exatamente por isso podem ser entendidas como experiências que cumpriram um papel ao mobilizar sensibilidades em relação às suas experiências com o ambiente imediato.

É interessante observar que os professores SocHis e GeoB apontaram para experiências de contato com ambientes mais antropomorfizados que, de certo modo, foram tidas como negativas. Em passagens das entrevistas em que tais relações puderam ser identificadas, eles ressaltaram que o ambiente por eles vivenciado era construído pelos humanos. Interessante observar que até as árvores ali colocadas eram "árvores de prefeitura":

> "Lá em São Paulo eu morava na zona Leste, é tipo Selva de pedra mesmo assim, não tem nem praça, é construção. Bastante construção, assim, não tem área verde, o máximo de área verde que tem são aqueles canteiros no meio da avenida assim. Então não tinha nada assim, tinha árvore, mas eram árvores de prefeitura, colocadas em canteiros. (Prof. GeoB)

As experiências relatadas pelo Prof. SocHis enfatizam a comparação entre os ambientes por ele tidos como mais naturais e o meio urbano:

> "Nas viagens para São Paulo eu sempre fui acompanhando o trajeto pra fora do carro, as construções em volta das estradas, dentro das cidades, ao chegar em São Paulo, o rio sempre me chamou muito a atenção. Sempre me chamou muito a atenção porque não tinha terra em volta do rio Pinheiros, ou Tietê mas sim concreto, porque a minha referência era o Camanducaia, eram os rios das cidades que eu tinha visitado com meus pais, uns rios no meio da floresta, nas trilhas, na cachoeira, e na cidade (pausa) Por exemplo, sempre passava o Natal, dia 24 na casa dos meus avós no Ipiranga e depois dia 25 ia para a casa dos meus avó lá no Butantã e nesse trajeto você vê como a cidade vai se transformando. Esse lance da urbanização sempre me chamou muito a atenção. (Prof. SocHis)

É também interessante observar que essas experiências incentivaram os professores de certo modo a questionar a noção sobre o que é natural e o que

foi antropomorfizado, o que foi planejado, plantado, uma vez que colocam em xeque a noção de “natural”.

Os relatos de alguns professores associados à experiências ou práticas familiares por eles vivenciadas nos permitem relacionar tais experiências a situações que possivelmente os aproximaram da temática ambiental. Algumas delas que marcaram os professores no âmbito familiar e pessoal foram as tentativas de construção de hortas caseiras, composteiras com restos de alimentos, a troca do meio de transporte, como substituir o carro pela bicicleta são exemplos lembrados pelos professores em seus relatos. Vejamos os trechos que seguem:

> “Por exemplo assim, orgânicos, lógico que eu sempre gostei dos produtos orgânicos e sempre busquei, mas daí você vê uma preocupação também porque você quer que o seu filho não seja envenenado o tempo inteiro. A gente tentou fazer uma horta aqui em casa, que a Phoebe [cachorra] não colaborou, mas a gente tá com os tomatinhos pequenos agora em cima. Ele [filho] gosta de plantar. A gente tem pensado nisso, a gente fez ali no cantinho uma compostagem, para produzir os adubos pras plantas e com isso reduzir também a produção de lixo. (Profª. BioA)

Ou ainda:

> “minha mãe também planta em casa, em vários momentos ela foi lá colheu alguma coisa, colocou no saquinho e falou, entrega pra tua mãe [a mãe é a sogra do professor]. E o contrário também, então me vem à cabeça esse lance que daqui a pouco pode ser que a gente comece a construir um tipo de relação um pouco diferente. Eu comecei perceber que é bacana, de repente, você receber 2 tomates de alguém, de presente, é um negócio interessante! Só que não faz parte da nossa cultura. (Prof. SocHis)

Essas práticas familiares são ambientalmente desejáveis ou sustentáveis e foram apontadas como experiências que os colocaram em contato com a temática ambiental.

Outro contexto que, embora ainda desvinculado do ambiente escolar, pode ser identificado no relato de uma professora com uma experiência mais sistematizada, está relacionada com a participação em grupos religiosos. A professora Socgeo cita que o trabalho com grupos de jovens dentro da Igreja Católica a colocou em sintonia com a questão ambiental através da pastoral da Terra e do estudo da Carta da Terra, como segue:

> "Eu lembro que, até relacionando com o lance ambiental, a gente falava muito da questão da Terra, a gente trabalhou muito isso. Tiveram, acho que 6 meses, de uma turma que eu trabalhei no crisma, que a gente trabalhou só com alguns materiais da pastoral da Terra, trabalhando alguns vídeos, algumas músicas, e pensando na questão da terra. (Profª. SocGeo)

4.1.2 EXPERIÊNCIAS EM CONTEXTOS ESCOLARES

No conjunto das entrevistas, muitas foram as experiências vivenciadas no ambiente escolar, no período em que os professores cursavam a escola básica, e que propiciaram uma proximidade com a temática ambiental. No processo de análise dos trechos das entrevistas em que se fez referência a esse período, as experiências foram significadas por nós entre aquelas consideradas pelos professores como mais positivas, e as experiências consideradas menos positivas.

Em relação às experiências vistas como positivas e que estimularam um maior contato com a temática ambiental, nos chama a atenção as referências dos professores para suas experiências como alunos, nas chamadas atividades de campo. Vejamos como exemplo o posicionamento de alguns dos entrevistados:

> Eu lembro que a gente foi numa fazenda uma vez, que eu não vou nem lembrar onde era, era lá pro lado do Pantaleão, e era uma fazenda que tinha toda uma organização sustentável. Então ela mostrava a parte da plantação, a parte de irrigação como funcionava, como aquela água retornava, por causa dos lençóis. Isso eu tava na quarta série.(Profª. SocGeo)

Ou então:

> "A única coisa que eu lembro de meio ambiente foi uma visita a uma usina de cana, e eles mostraram como era feito o controle biológico, foi na 5ª série. Pra você ver como eu já gostava! Isso ficou guardado. Era o controle biológico das brocas de cana. (Profª. BioB)

Ainda em relação às experiências vistas como positivas, e que estimularam um maior contato com a temática ambiental, estão as atividades de campo desenvolvidas em ambientes mais imediatos, com o ambiente urbano ou o próprio pátio da escola, como os trechos que seguem:

> “acho que a primeira vez que eu vi falar de meio ambiente de maneira institucionalizada, na escola, foi quando a gente visitou a estação de tratamento aqui da cidade, o SAAE, quando eu tinha uns 6 anos. (Profª. SocGeo)

> “O que eu lembro foi que uma vez eu estava no (nome da escola), a gente plantou uma muda de Pau Brasil lá. (Prof. Fisc)

Ou ainda:

> “a minha escola de jardim de infância sim, era uma escola muito bacana, tinha uma área verde grande, tinha vários bichos, a gente fazia visita semanal, era legal, foi no jardim de infância. Lá em Santo André. (Profª. BioB)

Hart & Nolan (1999), ao revisar pesquisas sobre EA, fazem referência à dificuldade em termos uma resposta clara à pergunta: O que motiva alguns professores a estarem mais comprometidos com as questões ambientais e EA do que outros? Esses próprios pesquisadores chamam a atenção para os dados apresentados por vários pesquisadores que se dedicaram a descrever a importância das experiências positivas na infância, em ambientes naturais, fora da sala de aula, em áreas rurais, geralmente em ambiente preservados. Ao contrário do que se pensava sobre estas vivências:

> os resultados levaram à noção de que experiências ambientais significativas na infância podem ser uma chave para compreender a futura predisposição quando adultos para pensar e agir em nome do meio ambiente. (HART; NOLAN, 1999, p. 31, tradução da autora).

Sobre a importância de atividades fora da sala de aula, como saídas de campo, visitas guiadas e vivências em ambientes menos alterados pelas atividades humanas, podemos considerar que o interesse pela temática ambiental parece estar associada a tipos específicos de experiência inicial e reconhecem a influência dessas atividades em ações ambientais responsáveis no futuro Hart & Nolan (1999, p. 31). Vale ressaltar que essas experiências vividas em ambientes menos alterados e associada à dimensão lúdica, faz referências aos contexto escolar e não escolar. Dessa maneira e ampliando a questão de a escola estar mais ou menos aberta a discussão da temática ambiental em suas atividades pode depender, em última análise, das experiências de vida dos professores, que podem estar eles próprios mais sensíveis à estas questões, ou não.

A análise das entrevistas evidencia trechos nos quais os entrevistados fazem referência a professores que foram considerados marcantes ou influentes ao longo de suas trajetórias. Muitos professores que os cativaram e os influenciaram na escolha para a docência e de certa maneira os colocaram em sintonia com a questão ambiental. Aqui é marcante o relato da Profª GeoA:

> em específico um professor que eu tive que foi o [nome professor] do ensino médio, ele era muito bom, muito bom e ele trabalhava muito a questão do desmatamento, do desgaste do solo, por conta ali da nossa região, a questão da monocultura da cana de açúcar. Tanto que uma das coisas que eu pensava em fazer quando eu fosse pra faculdade, de pesquisa científica, era de assoreamento do córrego que tinha lá em Palmeiras. Uma professora fez uma vez com a gente lá em Palmeiras um trabalho de campo, a gente fez num sábado. Ela levou a gente pra mostrar o assoreamento do córrego, porque estava acontecendo. No ensino médio eu tive boas referências, foi bem trabalhado, foi bem legal. (Profª. GeoA)

Grande parte das lembranças dos entrevistados que citam seus professores como modelos ocorreram no contexto do ensino médio, como evidenciam os trechos a seguir:

> "Na parte Ambiental, muito do que eu aprendi em Biologia no ensino médio, que foi muito bom, eu tive professores muito bons e eu gostava bastante de Biologia, acho que eu só não fiz porque eu não gostava de Botânica, briófitas, eu não gostava. História e Geografia, elas andam juntas, a gente tem que ter um conhecimento muito grande de História para dar aula de Geografia. (Profª. GeoA)

Ou do Prof. Fisc:

> "Teve uma influência bastante grande da própria escola, dos professores na hora da escolha e eu acabei indo. Apesar de eu sempre me interessar por ciências, sempre tive interesse pelas ciências, com questões que tentassem explicar a Natureza. (Prof. Fisc)

As experiências que foram consideradas pelos professores como menos positivas, foram as atividades nas quais a temática ambiental era trabalhada de maneira teórica, com atividades em sala de aula.

> "Acho muito difícil, aí pelo menos para a minha experiência né, é muito difícil eu conseguir assimilar as questões ambientais sem essa parte prática, sem por a mão né. Sem sentir o que está acontecendo. [...] a minha relação com o meio ambiente era muito palpável, quando eu tive esse contato mais teórico não me marcou. (Profª. SocGeo)

Ou ainda:

> “na pré escola tinham algumas coisas, depois que eu já entrei pro fundamental eu não lembro de ter uma experiência com horta ou alguma coisa nas escolas que estimulasse isso [...] Agora eu não consigo me lembrar de nenhuma experiência específica a partir do fundamental I até o ensino médio desse tipo de prática. (Prof. Hist)

Dentre as passagens que nos chamaram a atenção, trazemos para nosso texto os depoimentos dos professores que mencionaram a ausência da temática ambiental ao longo da escola básica:

> “eu fiz a escola ainda no regime militar, então escola era questionário, responder exatamente a resposta que o professor tinha dado, não o que você queria responder. Não se falava de ambiente. Tudo que se falava era que o Brasil era o país do futuro, que ia produzir comida para o mundo inteiro, e que na Amazônia tudo seria cultivado, que deveria realmente ser destruído, e não tinha esse papo de meio ambiente. Não se falava nada de meio ambiente. Acho que fui passar a ter uma consciência mesmo quando eu fui pra faculdade, e fui trabalhar com a Ecologia. (Profª.BioA)

Ou então:

> “eu fui começar a ter contato com essas questões na Universidade. Na escola mesmo eu não lembro de ter aulas assim… mas uma aula que falasse sobre questões ambientais especificamente em Biologia, Geografia, eu não lembro não. (Prof. Fisc)

Essa mesma constatação é feita pelo Prof. GeoB que, quando questionado se a temática ambiental era trabalhada em sua época escolar, ele se assusta em dizer que:

> “eu vou te dizer que muito pouco. Não é um tema que eu me lembre muito, nas aulas, na época de escola, não é alguma coisa que eu ouvia muito. Pouca coisa. (Prof. GeoB)

Aqui podemos indicar que, embora a professora BioA indique que “não se falava de nada de meio ambiente”, na verdade muito se falava, porém a partir de uma perspectiva utilitarista. Quando ela traz para seus depoimentos a lembrança de que, na escola, era dito que “o Brasil era o país do futuro, que ia produzir comida para o mundo inteiro, e que na Amazônia tudo seria cultivado,

que deveria realmente ser destruído" fica evidente que as questões ambientais eram, sim, tratadas na escola. No entanto, em uma vertente muito diferente das expectativas que a professora tem hoje, uma vez que a ênfase estava na exploração da natureza e no desmatamento, como se esta fosse a condição única para a produção de alimentos no país.

Com isso entendemos que essa pode ter sido uma possível motivação para que essa professora aborde a temática ambiental, atualmente, com seus alunos, em suas práticas pedagógicas.

Outro exemplo que podemos citar sobre o fato de a temática ambiental ter estado ausente na vida escolar dos professores e que essa ausência pode ter sido a motivação necessária para que hoje eles abordem a temática ambiental em suas práticas pedagógicas é do Prof. Fisc. Ao afirmar que:

> eu fui começar a ter contato com essas questões na Universidade. Na escola mesmo [referindo-se, aqui, à escola básica] eu não lembro de ter aulas assim… mas uma aula que falasse sobre questões ambientais especificamente em Biologia, Geografia, eu não lembro não. (Prof. Fisc)

Uma experiência relatada pela Profª BioA, aponta para a falta de explicação de uma professora do ensino médio sobre o processo de evolução das espécies, como tendo sido o motivo que a fez buscar a temática ambiental e o curso de Biologia:

> "eu tinha uma professora, não sei a religião dela, mas ela não acreditava no Evolucionismo na escola. Ela foi minha professora no ensino médio de Biologia. Ela era contra a evolução, e ela falava contra a evolução. [...] Evolução era uma coisa que eu não conseguia compreender, porque eu não tinha acesso a ela, e essa curiosidade, me levou a fazer Biologia, querer entender, querer conhecer, mais do que pensar no que eu ia trabalhar. (Profª. BioA)

Já em relação ao período em que os professores cursaram a graduação, muitas foram as experiências que os colocaram em sintonia com a temática ambiental. Das experiências que os colocaram em sintonia com a temática ambiental no ensino superior, podemos citar, em primeiro lugar, os cursos das áreas das Ciências Biológicas e das Ciências da Terra que têm como objeto de estudo as questões ambientais, como a Geografia e Biologia. Seguem os trechos desses professores, relatando as atividades que os colocaram em

sintonia com as questões ambientais no ensino superior, à começar pelo o professor de Física, pertencente às Ciências da Natureza, ele relata uma experiência pontual que o marcou com relação à temática ambiental:

> "Eu vi um trabalho de um professor meu, ele foi meu professor de Quântica I e II na pós. Ele fez um trabalho sobre especiação, e apresentou esse trabalho e foi bastante interessante. Ele fez nas Ilhas Galápagos que foram as mesmas que o Darwin usou para contar a Teoria da Evolução. Então ele montou um gráfico evolutivo no tempo, onde ele mostrava em que momento acontecia a especiação. Eu me lembro desse trabalho porque foi um trabalho fantástico. (Prof. Fisc)

Esse mesmo professor faz referência, ainda às disciplinas dos cursos de licenciatura como possíveis pontes com a temática ambiental e a Educação Ambiental:

> eu não sei até onde entra a parte do corpo, nosso relacionamento com o corpo, porque isso a gente tem bastante. Acho que o corpo é muito importante para a gente ter um contato com o meio ambiente também. [...] a gente está fazendo Escola e Cultura agora, eu estou fazendo com o pessoal da Arte, então tem bastante essa questão de explorar muito o corpo. Às vezes é meio chato, mas, é diferente, é uma perspectiva que a gente não vê, por exemplo, como a gente corporifica algumas atitudes. Como a gente corporifica valores na gente mesmo! É muito louco isso, é muito louco. E a forma como a gente se relaciona com o corpo também é uma maneira de se relacionar com o meio ambiente. (Prof. Fisc)

Outros excertos das entrevistas dos professores relatando as atividades que os colocaram em sintonia com as questões ambientais no ensino superior são transcritas a seguir:

> "é temática ambiental, um estágio que eu fiz com Agroecologia, tinha uma agrônoma que eu ficava com ela, eu acompanhava o trabalho dela e que foi nessa parte de alimentação e agrotóxico. Nessa parte ela foi muito importante pra mim. Foi um estágio que a gente trabalhou num assentamento [...] Um estágio em Agroecologia e que me influenciou bastante. (Profª. BioB)

Ainda para a mesma professora:

> "Olha uma coisa que a faculdade foi legal. Foi a professora de Psicologia que levou a gente na tribo perto da represa em São Paulo. Eu fiquei totalmente decepcionada. Era a tribo e nunca vi tanto lixo jogado no chão, porque o índio não produz o lixo, ele não produz o plástico mas colocaram pra ele utilizar, eles

> jogavam saco de arroz assim ó, lata, tudo no meio da tribo deles. Tudo de alvenaria, tinha lata de lixo mas o lixo não estava na lata. Aquela coisa, não é da cultura deles o plástico, o vidro, então como utilizar uma coisa que não é da sua cultura? (Profª. BioB)

Já para o Prof. GeoB a questão ambiental:

> é aquilo que eu te disse, assim uma disciplina falando especificamente sobre o ambiente não. Até porque na Geografia tem essa discussão eterna sobre ambiente e meio ambiente. O que é a Geografia… De que maneira a Geografia se conecta com as outras Ciências Sociais… Porque ao mesmo tempo em que a gente fala do solo, a gente também fala de economia, do mesmo jeito que a gente fala de rocha, a gente fala de Demografia, e a gente consegue falar de tudo ao mesmo tempo, porque é uma Ciência de síntese, a Geografia tem essa característica, ela pega tudo o que as outras ciências produzem. E é massa. (Prof. GeoB)

Pelos depoimentos da Profª SocGeo percebemos que o contato com a temática ambiental foi restrito às disciplinas para habilitar-se em Geografia:

> Então quando a gente foi falar de regionalização, que a gente tratou bastante do espaço rural, do espaço urbano, e da relação dos dois, como que um depende do outro. Foi mais nessa situação que a gente tratou do contexto do meio ambiente, porque fora isso, o curso de Ciências Sociais em si, eu não me lembro de nenhum momento a gente ter abordado, a não ser questões muito por cima. (Profª. SocGeo)

Nos cursos ligados à grande área das Ciências Humanas, como a Sociologia e a História, as experiências que aproximaram os professores da temática ambiental são apontadas nos trechos que seguem:

> "No primeiro ou segundo ano, em várias leituras eu lembro de entrar em contato com o estilo de vida de outros povos a partir de algumas leituras que a gente faz no começo do curso, de antropólogos que vivenciam durante alguns meses, anos, como outros povos, outras etnias vivem, e no meio dessa leitura aparece ali. Muito dessa relação desses povos com a natureza, com o meio em que eles vivem. A gente vai pensando um pouco na questão das diferenças, nosso jeito de viver em relação ao jeito deles, mas não lembro de algo mais específico. (Prof. SocHis)

É interessante o depoimento do Prof. Hist. quando faz referência à disciplina de História Ambiental que, segundo o professor:

> trabalhou muito as questões da História do Brasil a partir de uma perspectiva ambientalista. Trabalhou muito as questões... esqueci o nome do historiador... que trabalhava a construção

> do Brasil, a partir da exploração ambiental, a partir da exploração das riquezas e tudo mais. Dialogava com outros historiadores, com outras áreas. Trabalhou também a questão dos conflitos no campo relacionados ao meio ambiente. A gente leu uma biografia.. não lembro se era uma biografia, do Chico Mendes, foi muito interessante. Eu não vou lembrar os autores que a gente trabalhou, mas tinha. Ele discutia muito as questões dos conflitos no campo. A questão da construção do país a partir da exploração do meio ambiente, das riquezas naturais, sempre numa perspectiva ligando tudo isso ao sistema Capitalista, foi bem interessante. (Prof. Hist)

Em contrapartida foram selecionados alguns discursos dos professores, onde é enunciada a falta de experiências com a temática ambiental:

> uma disciplina da licenciatura que falasse exclusivamente, ou que relacionasse essas questões, não tive. Até porque é isso que eu estou te dizendo, até muito pouco tempo atrás essa conversa não era tão prevalente quanto ela é hoje. (Prof. GeoB)

Ainda no contexto do ensino superior, foram citadas as vivências no meio universitário, não diretamente vinculadas à estrutura curricular do curso, mas que foram significativas para alguns professores e que proporcionaram aos entrevistados momentos de aproximação com a temática ambiental. As vivências nesse contexto se deram nos grupos de extensão vivenciado apenas pela Profª BioA e no contexto dos estágios vivenciado pela Profª SocGeo.

A Profª BioA comenta sobre sua aproximação com um grupo de extensão:

> Logo que eu entrei tinha uma galera, que já era veterana, e eles tinham um grupo de extensão que chamava BioMar. Eu fiquei curiosa e acabei participando e a gente acabou nesse BioMar trabalhando algumas coisas de Educação Ambiental, foi meu primeiro contato com Educação Ambiental. (Profª. BioA)

A Profª SocGeo comenta também sobre a temática ambiental associada às suas atividades no estágio:

> a gente fez vários cursos, então às vezes variavam os filmes. Mas teve, em algum momento a gente conversou sobre o: “História das Coisas”, quando a gente foi falar sobre Poder se não me engano, ou de Estado. Foi um dos dois, que aí a gente falava de como a natureza ela acaba sendo tão explorada quanto o trabalhador. Como existiam várias esferas de poder e como a gente exerce também um poder sobre a natureza. E isso gera um monte de problemas, eu lembro que a gente

> conversou baseado no filme e no “Ilha das Flores” também, a gente conversou um pouquinho da questão do lixo, do que é descartado do que não é, de como a gente lida com isso, esses dois. Agora o “Ilha das Flore”s foi nesse primeiro inclusive, a gente trabalhou esses dois filmes. (Profª SocGeo)

Essas experiências que, de certa forma, pertencem ao ambiente universitário, mas que não têm caráter disciplinar ou acadêmico e que favoreceram um entendimento sobre a questão ambiental, foram consideradas como vivências marcantes no tocante à sensibilização dos professores para o trabalho com a temática ambiental.

Admitimos que são muitos os desafios para a formação inicial de professores, principalmente nas universidades públicas. Pensando mais especificamente na relação entre a formação inicial e a abertura para trabalhar com a temática ambiental em sala de aula, trazemos a proposta de Campos e Tozoni-Reis:

> Alicerçados na proposta de assegurar conhecimentos teóricos, reflexão filosófica na formação inicial de professores, podemos pensar na introdução da temática ambiental de forma mais consistente e consequente para que eles possam assumir o papel de protagonistas na inserção da educação ambiental nas escolas de educação básica. (CAMPOS e TOZONI REIS 2014, p.158)

Assim apostamos na universidade pública como um importante elemento na construção de um envolvimento político dos professores bem como na construção de uma abertura maior para o trabalho com a temática ambiental.

4.2 EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM RELAÇÃO À DIMENSÃO POLÍTICA

Com os trechos selecionados, dedicamo-nos a identificar neste momento do texto, os contextos nos quais as experiências que os aproximaram da dimensão política foram vivenciadas pelos professores. Para tal, procuramos nos textos das entrevistas situações vivenciadas ao longo da vida dos participantes em contextos não escolares, as experiências familiares, as experiências vividas na escola dentre outras. Para isso, da mesma forma como organizamos o texto no item anterior seccionamos o texto em contexto não

escolar e escolar, para dar uma dimensão das experiências vividas em cada contexto.

4.2.1 DIMENSÃO POLÍTICA NO CONTEXTO NÃO ESCOLAR

Analisando as experiências de vida dos professores sujeitos de nossa pesquisa, em contextos não escolares, que os colocaram em sintonia com processos que envolveram aspectos de sua formação para a dimensão política, as referências familiares aparecem como uma primeira aproximação ao tema.

Os professores SocGeo, BioA, SocHis e GeoB apontam que a militância e a participação dos seus pais e/ou mães em sindicatos das classes profissionais, bem como as atividades de mobilização política, foram experiências que os colocaram em sintonia com essa faceta da realidade social, que é o político. Podemos evidenciar tal possibilidade nos trechos a seguir:

> Ah eu acho que desde pequena sempre fui incentivada porque como minha mãe era da área da educação, ela sempre se envolveu com sindicato, com protestos, e como ela dava aula de redação ela sempre fazia muito debate com os alunos e ela sempre, desde pequenininha ela me contava, me falava o que estava debatendo. Meu pai também, meu pai era bancário, também era envolvido com essas questões. E eu lembro que desde muito cedo, minha mãe, ia tomar banho e ela me mandava assistir o jornal e dar um resumo pra ela do que estava acontecendo, tipo, eu tinha uns 5 ou 6 anos. Aí ela já ficava instigando, falando: “Mas por quê?”. Eu lembro que em casa a coisa era sempre a dúvida, então desde muito pequena era: “Mas por que você acha isso?” Ah eu gosto de tal coisa. “Mas por que você gosta?”. Nunca era sem o “justifique” no final da pergunta (risos). Então acho que desde pequena estão me cutucando, estão sempre me cutucando. E minha avó também, minha avó é super questionadora. (Profª. SocGeo)

Da mesma forma, no trecho do Prof. GeoB essas experiências familiares são relembradas:

> “Muito pela minha mãe que sempre esteve envolvida com questões de sindicato, de participação em assembleias de professores lá em São Paulo. Meu pai, apesar de ser executivo, de trabalhar em empresas com outra pegada,

> sempre foram muito interessados. Então em casa a conversa sobre política sempre rolou bastante, eles foram ativos durante a época da ditadura, os dois. Não assim, grandes personagens da história brasileira, mas fizeram o que dava pra fazer, então esses temas acabaram sempre aparecendo em casa. Sempre bem informados os dois, sempre lendo muito jornal, enfim, sabendo do que estava acontecendo e passavam para a gente, pra mim e para o meu irmão. Esse tema sempre fez parte do nosso cotidiano. Assim mesa de jantar, momentos em que reuniam a família inteira de fim de semana, que era quando eu via os dois na verdade, aí a conversa geralmente ia pra esse sentido em termos políticos. Então é natural, faz parte do meu cotidiano pensar essas questões. (Prof. GeoB)

No depoimento da Profª. BioA a influência familiar também está presente. Parece-nos que a influência paterna com relação à sensibilização para a dimensão política foi agravada pelo contexto histórico e político da época, qual seja o período da ditadura militar. Segundo ela:

> eu sou filha de um poeta. Meu pai, apesar de ser um cara de direita, ele tinha um pensamento muito liberal, muito livre pensador. Chegou a ter problema com a ditadura militar, apesar de não ser contra, mas exatamente por ser professor, por ser poeta, todo mundo ficava na linha de frente. E a gente teve uma infância, queira ou não, que era reprimida e era guiada pela ditadura. Porque mesmo eu tendo nascido já na década de 70, que já não estava tão forte, ter vindo para o interior que muda muita coisa, no interior a represália não era grande. (Profª. BioA)

Mesmo que a influência familiar tenha sido marcante no discurso da professora, nos parece que a passagem “ter vindo para o interior que muda muita coisa, no interior a represália não era grande” indica que as marcas desse período permaneceram. O interessante a observar na experiência dessa professora é que a sensibilização para o político se dá na necessária resistência à repressão vivida no ambiente familiar, como uma postura de indignação. Ao dizer que a infância era reprimida, não apenas no sentido explícito, em outro momento a professora alega que a vontade de falar, de se posicionar a influenciou a tomar outros caminhos. Tal posicionamento parece ficar marcado no trecho que segue:

> Mas fica essa coisa né, de não poder falar, de não poder sorrir, de não poder questionar. [...] Então a prática política acho que ela nasce da indignação, pra mim, ela nasceu dessa indignação. (Profª. BioA)

Em contrapartida os professores Hist, BioB, GeoA e Fisc. não fazem referência à atividades de participação ou de mobilização política dos pais ou familiares, o que nos leva a entender que as experiências familiares foram pouco significativas no desenvolvimento de seu envolvimento político.

Outras experiências que os aproximaram da dimensão política, porém fora do ambiente escolar foram apontadas. É o caso das experiências relatadas pelos professores SocGeo e Hist que se referiram à participação nas comunidades eclesiais de base da Igreja Católica como experiências importantes no despertar desse envolvimento ao que é político. Para o Prof. Hist.

> "Como catequista eu fui obrigado a começar a estudar um pouco mais para passar os encontros e discutir e argumentar e defender aquilo que a gente passava nos encontros, talvez seja aí o grande, o ponto de mudança mesmo. Até então eu não tinha estímulo para leitura, enfim, quando eu comecei a passar o encontro de crisma que isso foi se tornando uma necessidade mesmo, estudar, para dominar um pouco do conteúdo que ia ter que passar, enfim criar um pouco de didática, metodologia, talvez seja até por isso que eu tenha me interessado por essa questão de dar aula. [...] A gente sempre teve um grupo que gostava muito de discutir, a gente defendia muito a Teologia, que inclusive para setores mais conservadores da igreja não é muito bem quista, que é a Teologia da Libertação, e a gente lia bastante coisa desses teólogos, destes filósofos, então pra gente sempre foi importante essa dimensão política da religião, apesar de eu não ser mais religioso, eu trago muito isso dessa dimensão política da religião, de disputar esse espaço mesmo, porque é um espaço importante na sociedade. [...] A gente tinha que disputar isso, acabou forçando um pouco as leituras e as discussões, que pra mim a dimensão política é essencial, é onde se manifesta na verdade essa dimensão é na discussão. Então tá muito ligado ao crisma, não consigo desassociar essa formação [política] da formação na igreja. (Prof. Hist)

O mesmo contexto de experiências foi identificado nos relatos da Profª. SocGeo:

> Eu comecei sendo catequista de crisma, e foi aí que com 14 anos eu tive que aprender a falar com crianças de 10, então ali eu precisei começar a falar em público. E procurando sempre questões sociais, porque eu fui criada dentro de uma religião, mas a minha visão de religião, que eu herdei dos meus pais, era muito relacionada com a Teologia da Libertação, com as

> comunidades eclesiais de base, então quando eu fui ser catequista de crisma foi por isso. E aí que eu comecei a me instigar, poxa, mas então porque tem desigualdade? [...] Eu acho que ali foi a minha primeira experiência de verdade com essas questões de militância mesmo, de você falar em público de você procurar estudar, pensar no que você vai falar, de você debater com as pessoas. Porque ali rolou um enfrentamento muito grande, por que querendo ou não, apesar desses setores da igreja mais tranquilos, a gente tem áreas e setores muito conservadores, principalmente aqui, que é uma cidade minúscula. (Profª. SocGeo)

Apenas o Prof. Hist. citou a participação ativa em partidos políticos, como sendo um dos fatores que estimulou seu envolvimento político:

> "Eu tenho uma participação em partidos políticos, sou filiado a um partido político, também é uma forma que eu acredito ser importante para se fazer política. A gente sempre fez muita militância, panfletagem de muita coisa, durante a campanha eleitoral a gente se dedica bastante aos candidatos que a gente acredita, nunca recebi nada, nunca tive interesse em participar da política dessa forma, foi sempre uma questão ideológica mesmo. (Prof. Hist)

Vale deixar registrado que essa é uma experiência da vida desse professor e que tem influência na sua vida profissional. No entanto, é importante, também, ter claro que é uma experiência que ocorre fora da escola, não se relaciona diretamente com o trabalho que ele faz na escola, o que é explicitado pelo professor no trecho em que responde ao questionamento sobre as relações entre as participações políticas fora da escola e sua prática docente:

> Não sei se dá pra quantificar, estabelecer uma relação mais objetiva, mas eu sei que tem. Nem que seja de forma extremamente subjetiva, eu sei que isso faz parte. Até porque eu incentivo meus alunos a ter essa participação, no grêmio estudantil, ou de outras formas, a partir de grupos de debate, já organizei alguns grupos em escolas, discussão a partir de filmes, documentários, isso pra mim é um ato político. É uma extensão. Como eu não posso fazer política partidária dentro da escola, não posso organizar um grupo como eu tive fora da escola, eu tenho que adequar essa participação à essa realidade escolar. (Prof. Hist)

Segundo os professores citados anteriormente, essas vivências, fora do ambiente escolar, além de proporcionar um contato com uma rede de amigos,

os estimulava no contato com a diversidade, com as disputas ideológicas e que foi importante para que entendessem sobre essa dimensão da vida humana.

Os professores GeoA e GeoB dizem que na infância e adolescência o estímulo à esse envolvimento político aconteceu de maneira bastante isolada. Ao contrário dos outros professores, que se envolveram em grupos de amigos, coletivos e instituições, esses professores dizem que não se envolveram e que seu despertar para a dimensão política ocorreu de maneira bastante individual, como podemos ver nos trechos:

> Acho que essa construção [política] na minha vida foi muito individual, porque a maioria das pessoas que conviveram comigo na infância e adolescência, eu não vejo nelas essa consciência de consumo, de lixo, eu não vejo isso nas pessoas que eu conheci, nos meus amigos lá em Palmeiras. Mesmo porque a realidade deles é muito fechada ali, ali é muito longe de qualquer outro maior centro urbano. [...] A vida das pessoas é trabalhar para comprar as coisas, porque é o que tem pra fazer ali. Eles não têm consciência. Por exemplo, metade da cidade.. Metade não, vamos colocar 80% da cidade trabalha nessa Usina de açúcar e álcool, então você quer que eles vão ter consciência por exemplo da queimada? Da monocultura que erode o solo? Não tem, não é coletivo, não é coletivo porque é dali que eles tiram o sustento. Da monocultura que erode o solo? Não tem, não é coletivo, não é coletivo porque é dali que eles tiram o sustento. Eu não via isso lá, eu sempre tive essa consciência, meu pai sempre trabalhou nessa Usina, trabalha até hoje, ele é aposentado mas ele continua trabalhando. Eu falava pra ele quando eu estava no ensino médio, da questão da erosão, que não pode ficar plantando a mesma coisa no mesmo lugar. Eu falava: Pai, daqui um tempo eles não vão conseguir plantar mais nada, eles vão perder todas essas terras. E ele falava pra mim: Se não plantar isso vai fazer o quê? Todo mundo da cidade trabalha lá. Quem não trabalha lá é dono de comércio. (Profª GeoA)

O Prof. GeoB também diz que:

> Eu vim para Pedreira com 12/13 anos, e aqui a galera ou já tinha essas turmas formadas, constituídas, [...] Então, eu não aproveitei isso lá em São Paulo e eu não tive chance de aproveitar aqui. Então passei a adolescência inteira sozinho. Literalmente sozinho [...] é óbvio que isso tem um peso gigante pra mim, [...] Então eu só fui começar a ter um tipo de contato mais próximo com grupos de pessoas e me encaixar em alguns lugares dentro da Universidade. Eu entrei lá com meus 17 anos e ali eu me achei. [...] E aí levou um tempo ainda, mas os coletivos vão se formando, os grupos. (Prof. GeoB)

4.2.2 DIMENSÃO POLÍTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

Passamos agora a explorar as experiências mencionadas pelos professores e que teriam colocando-os em sintonia com a dimensão política, quando de suas vivências no contexto da educação básica. Iniciamos nossa análise com a experiência relata pelo professor SocHis, reconhecendo a importância da escola pública no estímulo ao seu envolvimento político:

> "A experiência de ter estudado em escola pública e privada, de ter esse contato principalmente no Liceu[4] com pessoas de vários cantos, não que isso tenha uma relação direta com a sensibilidade política mas começa a te tirar um pouco da bolha. Quanto mais distante você está da tua bolha mais aberto ao novo você vai estar. (Prof. SocHis)

Para esse professor a dimensão política está associada à "sair da bolha", ou seja, sai da escola particular e ir para a escola pública, e assim sair de sua zona de conforto e se abrir ao que é novo e diferente.

Sobre o contexto escolar identificamos que os professores Hist. e Fisc. fazem referência à influência positiva de alguns professores. As influências das vivências escolares ocorreram durante o ensino fundamental e médio em especial, há referência a alguns professores que os instigavam a questionar, que traziam contrapontos ao senso comum, e que, de certa maneira, foram experiências consideradas positivas. Podemos identificar a importância da influência dos professores no despertar do envolvimento político dos entrevistados por relatos como do Prof. Fisc:

> Já na pré-adolescência, dos 13 ou 14 anos a gente vai se tocando. É o processo de conscientização, de tomada de consciência, eu acho que os professores são muito importantes nesse sentido. Alguns professores que eu tive foram muito importantes para trazer esses temas pra mim, pra questionar, para apresentar formas diferentes de enxergar o mundo. E acho que esse é o grande papel do professor, de ter a capacidade de oferecer uma experiência diferente de mundo que a gente está acostumada no nosso senso comum. (Prof. Fisc)

[4] Escola Estadual de ensino técnico, vinculado ao Centro Paula Souza.

O Prof. Hist. fez referência a uma situação em que seu professor de literatura, no cursinho, teria feito uma provocação quanto à leitura e interpretação de um texto em sala de aula. Ao relatar essa experiência o docente diz:

> "Eu voltei para casa muito puto e falei: "Eu vou estudar tanto que eu vou provar pra ele que eu tenho essa capacidade também." Isso me motivou muito, por um tempo, a estudar. Porque aí como que a gente sabe como a gente se despertou para as coisas? [...] Esses projetos, esses trabalhos, pode ser que não sejam percebidos na hora ali, mas com certeza faz parte de um todo que é essa provocação, que é tirar as pessoas do centro de comodidade. (Prof. Hist)

Por outro lado, foram citadas experiências menos positivas, entendidas por nós como situações que, pelo seu caráter ou modo como ocorreram, não possibilitaram contatos com essa dimensão política. Dessas situações, o Prof. Hist relatou que não participou do grêmio estudantil em sua escola e a Profª BioA, por ter feito a escola na época da ditadura, teve sua participação reprimida ou anulada. Assim também o Prof. SocHis citou que:

> Eu cheguei a participar do grêmio do Liceu, mas isso não me instigou muito, a gente se reuniu poucas vezes e pra falar sobre festa, organizar festas na escola, nada além disso. (Prof. SocHis)

Outro exemplo de vivência do contexto escolar e que pode ser tomada como menos positiva, mas que, a nosso ver, foi importante para o estímulo da professora no contato com a dimensão política, foram as práticas escolares da época em que a Profª BioA cursou a escola básica. Por se tratar do contexto da ditadura militar, as práticas dos professores na época não estimulavam a crítica, o confronto de diferentes ideias, ou seja, não estimulavam uma perspectiva crítica. Trazemos aqui um trecho onde essa situação fica explicita:

> Você não podia questionar em escola, você não podia fazer uma pergunta, você era reprimido o tempo inteiro no cotidiano. Não só politicamente [...] Era uma prática assim de exposição e de repressão o tempo inteiro. (Profª. BioA)

Segundo essa professora, sua prática política hoje, nasce dessa indignação, de não poder falar, de não poder se posicionar, onde tudo na escola era reprimido de alguma forma.

Passando para as experiências na época em que se graduaram, porém sem ser no contexto das disciplinas e cursos universitários, as vivências nos movimentos estudantis estão bastante presentes nos depoimentos dos professores. Ao serem questionados sobre como a universidade pode favorecer esta abertura ao que é político, os professores SocGeo, BioA, SocHis, GeoB e Fisc citaram a participação nos movimentos estudantis como momentos importantes no estímulo à tal envolvimento. Vejamos:

> "Em termos de política participativa, a época que eu mais participei foi na época da faculdade, eu fui dos centros acadêmicos, todos eles, todos os anos que eu fiquei lá eu estava em alguma coisa ou no CAB, o CAB foi a gente que criou, porque até então era centrinho. [...] a gente que criou este estatuto, a gente que criou o cursinho que eu nem sei se existe ainda, o cursinho da Biologia que era dentro do CAB, era um cursinho que era para a comunidade, a gente que criou esse cursinho. Foi a minha turma que montou isso, e eu acho que foi a época mais participativa. Foi a época dos caras pintadas, então foi uma época até de a gente querer falar, a gente quer falar sobre isto. Levamos muita gente para discursar lá, levamos Luiza Erundina, levamos José Dirceu, fizemos show do Tom Zé lá dentro, depois com uma conversa com ele muito legal, foi uma época bem interessante de movimentação. (Profª. BioA)

Um trecho extremamente importante que selecionamos é do Prof. Fisc, que relaciona a participação no movimento estudantil com o estímulo à sua sensibilidade à temática ambiental e à política:

> "Quando eu entrei já no meu primeiro ano eu já entrei pro DCE, participei do Movimento Estudantil bastante ativamente nas greves e nas mobilizações de 2009. Inclusive, é interessante citar que uma das primeiras palestras que eu assisti no DCE foi com o Aziz Ab Saber. Ele estava falando sobre a Amazônia, tinha mais um cara do MST de São Paulo, onde eles estavam obviamente discutindo agricultura familiar, o modelo do Agronegócio, desmatamento, então tudo isso estava relacionado. (Prof. Fisc)

Para os professores como a Profª GeoA e o Prof. Hist. a participação nos movimentos estudantis não foi direta, porém afirmam que a participação política dentro da universidade foi:

> muito maior, porque lá tinha a galera do Movimento Estudantil, o pessoal era muito engajado. Eu costumava irnas Assembleias, por mais que eu achasse que tinha muita gente tendenciosa eles não eram muito abertos a opiniões divergentes, isso era uma coisa difícil lá em Rio Claro. Você ia

> na Assembleia e se você falasse alguma coisa diferente, tinha uma galera da Geografia que era muito radical. (Profª. GeoA)

Para o Prof. Hist a participação também foi indireta, ele alega que:

> na faculdade, apesar de estar por dentro do que acontecia, ia pras greves, votava nas assembleias, mas eu nunca estive dentro do movimento estudantil ocupando algum cargo. Eu falo que eu não gosto, eu tenho dificuldade em ser liderança, tenho muita dificuldade em ser liderança, pra qualquer coisa, é difícil eu fazer alguma coisa sozinho, difícil tomar atitudes. (Prof. Hist)

A vivência no contexto da universidade também foi importante por estimular o envolvimento político através do contato com os movimentos sociais. Para os professores SocGeo e Fisc fica marcado esse contato:

> a participação na Universidade, a vivência no campus é uma coisa impressionante. Você aprender, você entender os movimentos sociais, você entender as contradições dos movimentos, você perceber que nem tudo é como você imaginava que seria, você lidar com o movimento estudantil. Bom, quando a gente tava lá a gente lidava com várias ocupações, então a gente tinha uma relação com essa galera, já era um outro contato. Protesto pra todo lado e greve. O tanto que eu aprendi nas greves que eu participei da UNICAMP é inacreditável. (Profª. SocGeo)

Outras situações vividas por essa professora no movimento estudantil propiciaram a ela o contato com a metodologia de grupos de trabalho, a qual ela utiliza hoje em suas aulas. Abaixo um trecho onde a Prof.ª SocGeo deixa explícita a importância de ter participado do movimento estudantil e os reflexos disto em sua prática docente:

> "Você aprender, você entender os movimentos sociais, você entender as contradições dos movimentos, você perceber que nem tudo é como você imaginava que seria, você lidar com o movimento estudantil. Bom, quando a gente tava lá a gente lidava com várias ocupações, então a gente tinha uma relação com essa galera, já era um outro contato. Protesto pra todo lado e greve. O tanto que eu aprendi nas greves que eu participei da UNICAMP é inacreditável. Eu fui aprender o que era Grupo de Trabalho quando a gente ocupou a reitoria em 2013, se não me engano, 2013, foi aí que eu entendi, eu falei, nossa olha que esquema interessante, a gente se divide, a gente discute em grupos menores e as pessoas conseguem se expor melhor, todo mundo é ouvido, do que aquela assembleia gigantesca. Hoje eu uso muito isso porque eu tenho salas com quase 40 alunos, ano passado eu tinha uma com 44, então quando você tem uma sala tão grande a discussão principalmente pra Sociologia não rende, não dá. Tem gente que é muito tímido que não vai abrir a boca, não vai dar tempo,

> mesmo que todos falem, não dá tempo de todos falarem. Aí esse esquema de dividir em grupos de trabalho e depois eles apresentarem uma ideia, isso foi fantástico e isso eu aprendi no movimento estudantil. Nunca tive um professor que falou disso, nunca tive um professor que explorou nada disso, eu aprendi dentro do movimento estudantil. (Profª. SocGeo)

Para o Prof. Fisc:

> Depois a gente participou do Centro Acadêmico, então o envolvimento político dentro da Universidade é muito importante, tem muita coisa, nossa! Tem muito contato com Movimento Social dentro da Universidade. (Prof. Fisc)

Outras experiências importantes no despertar desse envolvimento com o que é político estão relacionadas às experiências vividas no período universitário, a partir da participação em coletivos como o REPRESENTA JUVENTUDE, por exemplo. Após a análise das entrevistas pudemos identificar que os professores SocHis, Hist e Fisc já haviam participado juntos desse coletivo, o que se constituiu em uma experiência que os teria aproximado da dimensão política. Nas entrevistas os professores afirmam que o coletivo foi importante pois eles chegaram a organizar alguns debates com a temática do campo da política, além de unir pessoas (na época adolescentes) que eram engajadas com a participação política.

> [O REPRESENTA JUVENTUDE] Era um grupo de estudantes que num primeiro momento tinha intenção de trabalhar com Grêmio estudantil nas escolas. E foi chegando uma galera que estava entrando na faculdade na mesma época, 2007, 2008, 2009, a gente chegou a organizar alguns debates aqui, com essa temática do campo da política. [...] no Representa Juventude, eu tive oportunidade de entrar em algumas escolas, trocar ideia com a molecada. [...] lembro de ir durante a semana em 5 ou 6 escolas, com a camiseta da faculdade, fazendo questionário com os alunos, trocando ideia. (Prof. SocHis)

O Prof. GeoB sobre sua participação na vida universitária relatou que:

> participar de grupos eu nunca participei, entrar pra um grupo específico eu nunca fiz. A não ser essa questão da política estudantil. Nunca participei de algum grupo organizado assim, nunca foi meu interesse. Tive sempre participações difusas, participação em greve, participação em reunião, participação em assembleia, isso sim. (Prof. GeoB)

Ainda nesse sentido, os professores SocHis, SocGeo, BioA, BioB e GeoA relataram que a vivência no ambiente da universidade pública tenha sido favorável à sua sensibilização ao que é político devido à diversidade de pessoas e ideias aos quais tiveram contato ao longo dos anos de graduação. Para eles, estar com pessoas de diversas regiões brasileiras, com ideias, muitas vezes conflitantes às suas e o próprio contexto de estarem na universidade pública, traduziram-se em experiências únicas, como exemplificados nos excertos abaixo:

> "Foi na faculdade minha primeira experiência de assistir uma assembleia, de assistir um Seminário, um Simpósio, um Congresso, debates, a faculdade acabou me proporcionando essas primeiras experiências, e isso vai instigando a gente. Essa é uma parte importante da nossa formação política, a condição de estudante e na condição de cidadão. (Prof. SocHis)

Assim também para a Profª. GeoA:

> "abriu muito mais, muito mais. Até porque lá em Rio Claro tem gente do Brasil inteiro. Você conhece um conhece outro, conversa com um, conversa com outro, uma realidade que um tem aqui, que outro tem lá, então a sua cabeça faz assim né! (gesto de amplitude, abrindo) Você fica muito mais tolerante muito mais aberto a novas experiências, você aprende de fato. Tanto com o esquema de aulas de muitos professores, quanto no dia a dia mesmo, você aprende a escutar. Eu acho que é o mais legal na vivência da universidade pública é você sair e morar fora, porque se você não escuta, você vai morar sozinho numa kit net. E do ponto de vista político também, porque eu penso uma coisa, aí ele te fala você escuta, você tem aquela reflexão. (Profª. GeoA)

Como vimos nesses trechos, podemos dizer que a interação com os conflitos existentes no ambiente da universidade pública, a vivência com a diversidade de pessoas, estilos, maneiras de pensar, ou seja, o fato de vivenciar as contradições presentes no ambiente universitário, de alguma maneira, fizeram os participantes da pesquisa pensarem de forma mais ampla e abrangente. Trazemos o trecho da Profª BioA, dizendo:

> Quando você não tem uma representação, você não se identifica com aquilo, e aquilo não te diz respeito, então também não te interessa, eu acho que sim, que a universidade pública, que essa política da universidade pública favorece sim, essa temática mais questionadora e mais voltada para tudo. (Profª. BioA)

Analisando então, o período de graduação e formação universitária dos professores entrevistados, pudemos identificar que a participação direta nos movimentos estudantis aparece como forte experiência motivadora de um engajamento político, pelo menos para cinco dos professores entrevistados. Os professores SocGeo., BioA., SocHis., GeoB. e Fisc., tiveram participação direta nos coletivos estudantis como Centros Acadêmicos, Diretório Central dos Estudantes e Conselhos Discentes. Parece-nos que esses professores têm de certa forma maior clareza sobre a dimensão política de suas práticas pedagógicas.

Para os professores que participam do coletivo educador visitado pela pesquisadora (que organiza os eventos denominados JORNADAS) a participação política em espaços institucionalizados se inicia durante a graduação. Tais experiências se concretizam efetivamente, pela participação em ações do movimento estudantil, reivindicando melhorias na universidade, organizando semanas de estudos, propondo palestras, participando de greves, dentre outras atividades. Essas experiências foram importantes para que pudessem se organizar coletiva e politicamente dentro da universidade, e depois dela, como é o caso do Prof. GeoB:

> Assim que eu terminei o período de gestão do Centro acadêmico, o CACETE: Centro Acadêmico de Ciências da Terra, eu nunca mais voltei. Nunca mais mexi com isso porque vi que não rola. Na época eles já tinham um, tinha partido político, tinha partido político dentro do DCE da Unicamp, dentro dos centros acadêmicos, que é a prática até hoje. Aí eu fui percebendo que aquilo ali, aquele tipo de discussão, aquele tipo de conversa não me interessava. Mas apesar de não participar mais do movimento estudantil, da política estudantil, o interesse permanecia, sempre. Eu participo de greve ativamente, sempre, durante esses anos todos, de passeatas, de ir pra São Paulo, de ir pra Paulista, de fazer barulho, de levar bomba, de tomar cacetada, greve de professores, sempre, isso durante o período da graduação com muita frequência. Muito por conta do caldo ali, você fica junto com todo mundo, a galera já dando aula também e é vamos, vamos, vamos embora, pega o ônibus e vai embora, já levei muita cacetada, já corri muito de PM, já vi muita coisa e isso nesse sentido. Hoje menos frequentemente claro também você vai ficando mais cansado, mas sempre interessado, sempre sabendo. (Prof. GeoB)

Já para a Profª BioA que também teve participação ativa na fundação do Centro Acadêmico da Biologia em sua universidade, que participou do

movimento estudantil, pudemos observar que posteriormente, ao sair da faculdade ela acabou se desencantando com a questão da participação política. Essa professora, que não participa ativamente do coletivo organizador dos JORNADAS, diz que sua participação política se limitou à época da graduação e que:

> Depois, eu acho que eu sou menos participativa hoje! Mais no lance de discussão, de discussão de ideias, menos participativa em sociedade mesmo [...] Na questão política eu fui um pouco me desiludindo com algumas coisas que a gente acreditava, lutava e aí não foi do jeito que a gente esperava, se vendeu pra um lado que a gente não queria. Mas não deixei de ter o idealismo. (Profª. BioA)

Há em nossos dados de pesquisa, algo que julgamos pertinente trazer para esse momento de análise. Tanto o Prof. Hist quanto a Profª. BioB demonstram em seus discursos/suas falas, que não se envolveram ativamente com os movimentos estudantis, apesar de reconhecer a importância da articulação política realizada por esses movimentos. Ambos não constroem uma autoimagem que aponte para uma participação política ativa ou efetiva, como podemos identificar nos seguintes trechos:

> Ah tinha muitos movimentos, nossa, muitos movimentos. Eu peguei um período de muita greve, um pessoal que corre atrás, reivindica, grita e fala, se expõe [...] mas também eu não fui uma que me envolvia muito com esses movimentos, pra ser bem sincera eu não me envolvia, mas eu observava! (Profª. BioB)

Para o Prof. Hist:

> na faculdade, apesar de estar por dentro do que acontecia, ia pras greves, votava nas assembleias, mas eu nunca estive dentro do movimento estudantil ocupando algum cargo. Eu falo que eu não gosto, eu tenho dificuldade em ser liderança, tenho muita dificuldade em ser liderança, pra qualquer coisa, é difícil eu fazer alguma coisa sozinho, difícil tomar atitudes. [...] Então, o movimento estudantil por exemplo, acho que tinham pessoas que representavam melhor o movimento estudantil então nunca tive vontade de formar uma chapa, mas participava assim nas assembleias, votava. (Prof. Hist)

O que nos parece bastante importante e relevante é que o Prof. Hist. atualmente participa ativamente do coletivo JORNADAS, e demonstra, de certa maneira ser mais engajado politicamente do que a Profª BioB. Esta não

participa atualmente do Coletivo Educador a que fizemos referência e que, nos parece, não tem uma participação ou engajamento político ativo, pois, segundo a própria professora:

> Talvez essa seja até uma falha minha, eu sou uma pessoa assim: essas questões assim políticas mesmo, de movimentos e reivindicação, eu não participo muito... Em relação ao problema você tem uma ação, depois que se discute e tal.. Eu vou muito até a parte de discussão, de incentivar as observações, os questionamentos, aí chega na hora da ação, de fazer alguma coisa, é uma barreira, é uma parte que eu paro ali. (Profª. BioB)

Vale então explicitar nossa aposta de que estes espaços universitários, como o exemplo dos movimentos estudantis, podem gerar certo conflito de ideias, estimulando o pensar criticamente. Tal realidade nos levanta o questionamento: até que ponto quando o indivíduo é colocado frente a situações plurais, nas quais será levado a comparar diferentes posturas e atitudes, rever conceitos, lidar com situações conflituosas, estaria concretamente vivendo o que Mouffe (2015) nomeia por agonismo. Para a autora:

> O agonismo é uma relação nós/eles em que as partes conflitantes embora reconhecendo que não existe nenhuma solução racional para o conflito, ainda assim reconhecem a legitimidade de seus oponentes. Eles são “adversários” não inimigos. Isso quer dizer que, embora em conflito, eles se consideram pertencentes ao mesmo ente político, partilhando o mesmo espaço simbólico dentro do qual tem lugar o conflito. Poderíamos dizer que a tarefa da Democracia é tentar transformar o antagonismo em agonismo (Mouffe, 2015, p.19).

Podemos então, sugerir que uma educação que considere a ação política, que é realizada na formação para a cidadania, deveria ter como tarefa também - e não só tarefa da democracia- estimular o conflito de ideias, de modo a possibilitar aos indivíduos que transformem o antagonismo manifesto nas situações de conflito em agonismo. Assim os alunos formando-se em situações de exercício de cidadania podem compreender que suas ações, seu modo de ser e estar no mundo se constituem em atos políticos.

Reconhecer essas experiências que colocaram os professores entrevistados frente à situações, vivências e experiências vivenciadas ao longo de suas trajetórias, pode nos ajudar a entender quais os caminhos para a

formação de um sujeito político. Assim também Alves (2013) identificou a importância dessas situações para o desenvolvimento de uma sensibilidade política dos professores. A autora anuncia que:

> "parece certo que as experiências vivenciadas ao longo de suas trajetórias acadêmicas e profissionais foram, também, essenciais neste processo, contribuindo para sua própria formação como cidadãs e para o fortalecimento de suas concepções sobre o mundo e sobre a educação, o que entendemos se relacionar ao seu próprio posicionamento político (ALVES 2013, P. 131)."

Além dessas experiências vividas em espaços que não o das atividades relacionadas com a estrutura curricular dos seus cursos de graduação, são várias as passagens nas quais os professores fazem referências a atividades e experiências vivenciadas em sala de aula, em diferentes momentos do curso.

Começaremos analisando as experiências dos professores que se graduaram em cursos cujas grandes áreas de estudo são as Ciências Humanas, como é o caso da Sociologia, a Geografia e História bem como as disciplinas desses e dos outros os cursos só que voltados à Licenciatura. Podemos tomar como exemplo, inicialmente, o Prof. SocHis, quando afirma que:

> "Primeira vez que eu tive oportunidade de ter uma aula em roda, algumas foram importantes para eu entender um pouco da área da legislação, psicologia da educação foi uma matéria bacana, a que mais mexeu comigo foi uma que trabalhou com políticas públicas só que mais no contexto do Neoliberalismo, de começar a perceber que a educação acaba se tornando. Acaba ficando à mercê do grupo dirigente, da ideologia, da visão política, eu demorei um pouco para entender isso. (Prof. SocHis)

Para o Prof. GeoB as discussões ao longo da graduação também foram importantes no seu processo de sensibilização para a dimensão política:

> Porque na verdade a Geografia fala da correlação homem e natureza, no fim das contas. [...] A maior parte que esse tema aparecia, ele aparecia como uma questão Sociopolítica assim, de conflitos, de problemas, gerado por alguma faísca na relação entre a gente e o ambiente. Em áreas de disputa de terra, em desmatamento da Amazônia, de plantio de soja, de desmatamento do Cerrado, conflitos com relação a isso, populações tradicionais que vão desaparecendo sempre nessa pegada. Na cidade: coleta de lixo, como é esse negócio de enchente, e sempre que o assunto aparecia era sempre nessa briga, nesse embate. (Prof. GeoB)

O mesmo professor faz referência às disciplinas da Licenciatura como sendo importantes no seu processo de sensibilização para a dimensão política:

> várias disciplinas da licenciatura voltadas para educação, algumas boas outras nem tanto [...] eu via lá os caras cheios de ideias, cheios de vontade, altas teorias e eu ficava pensando na minha prática na escola. No começo eu meio que ficava… decepcionado assim, porque eu via aquele monte de ideias e aí eu via que na escola não era nada assim. Depois eu comecei a entender que eu tinha que participar mais, quando alguém falava alguma coisa, se eu tinha um contraponto eu tinha que falar. (Prof. GeoB)

Enquanto que a Profª GeoA cita:

> do ponto de vista político também, porque eu penso uma coisa, aí ele te fala você escuta, você tem aquela reflexão. Fala ah, pode ser que eu esteja errado, e a gente teve muito dentro de sala de aula desse tipo de discussão. A professora de Geografia Política e Geografia Regional elas trabalharam muito com a gente os dois lados. Eu achei que dentro de sala de aula a minha graduação não foi partidária, de jeito nenhum, a gente viu as duas coisas, Direita, Esquerda, Centro, enfim a gente viu tudo, tudo, tudo. (Profª. GeoA)

Já nos cursos de áreas associadas às Ciências da Natureza como a Biologia e a Física, algumas disciplinas foram, pontualmente citadas, como no caso da Profª BioB:

> "Teve uma coisa que me influenciou, eu fiz uma disciplina o ano passado, lá na UNICAMP de Educação Ambiental. Foi com o [nome do professor] e a maneira como ele dá aula foi o que mais me encantou, e eu comecei a usar também. A aula dele inteira era questionando tudo, a gente que direcionava a aula dele na verdade. Me encantou de uma forma que eu comecei a puxar muito o jeito dele pra minha aula. [...] "A partir do que a gente ia falando, as datas, ele ia explorando as coisas mais importantes. [...] Nessa disciplina eu aprendi muito com os outros alunos, aliás todo mundo tinha que rodar em vários grupos diferentes toda aula, não era pra gente sempre trabalhar com o mesmo grupo. Aliás, a gente tinha que ir virando para escutar a opinião do outro, a experiência do outro, sobre o tema que ele estava dando na aula. Tinha discussão de textos, várias formas de dar aula, mas sempre no coletivo. (Profª. BioB)

Também segue um trecho da entrevista com o Prof. SocHis:

> "Estar em contato com movimento estudantil, com alguns professores que fazem contraponto com relação a algumas coisas. A pesar de que o pessoal cria um estereótipo muito grande em relação a professores de Humanas e tal. Os mais

> instigadores que eu tive foram da faculdade de Educação mesmo, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, tem esse estereótipo de professor esquerdista, do professor grevista, do professor revolucionário… são poucos com esse discurso! (Prof. SocHis)

Alguns entrevistados fizeram referências a professores do ensino superior, que de alguma forma, contribuíram em seu processo formativo para a sensibilização para a dimensão política, como é o caso dos professores Fisc., BioA, Hist. e GeoA. A seguir apresentamos alguns trechos das entrevistas que evidenciam tais influências:

> "Poucos professores, o [nome do professor] foi um que abriu muito pra gente pensar e questionar, e provocava muito a gente, dava umas cutucadas, até na prática mesmo, que era Prática de Ensino e a Marília também, eu agradeço muito a [nome da professora] como professora de Didática que provocava muito a gente. Às vezes ela dava dois textos totalmente contrários e mandava a gente ler e lembro de uma prática que ela fez que ela deu um texto que ninguém concordava com aquilo, e ela falou: Não mas você vai ter que defender isso. Você vai ter que achar argumentos que corrobore com isso e que defenda isso. Essa coisa de você ter que pensar no diferente. (Profª. BioA)

Para a Profª BioA fica muito forte a questão da defesa de ideias, do diálogo, do poder se expressar livremente, princípios esses que, para ela, se relacionam intimamente com a dimensão política. Podemos incluir nestas vivências no ensino superior a influência de professores que os colocaram em sintonia com questões marcadamente ideológicas, como no trecho do Prof Fisc.:

> "tinha um professor que era muito bom, que eu concordava bastante com ele, era um cara da própria Unicamp, o [nome do professor] [...] quando a gente entrou no Centro Acadêmico, tinham uns textos dele. Na época que ele era aluno de graduação, ele mandava pra um jornal do Centro Acadêmico da Física, na qual ele estava discutindo, por exemplo, Ciência e Religião discutia questões da racionalidade, que eram questões progressistas. E ele também foi ideologicamente próximo de mim, mas acho que não no sentido de mudar, na verdade a gente sempre encarou muita resistência. (Prof. Fisc)

O Prof. Hist, por sua vez, aponta para um professor que:

> "Ele [nome do professor de História Ambiental] tinha um discurso político muito interessante, porque logo que ele apresentava o curso ele já falava, acho que ele foi um dos

> únicos professores que falou sobre a questão da educação pública, que a gente estava lá e tinha gente pagando para a gente estar lá, então a gente tinha que corresponder a esta expectativa porque é algo muito caro a universidade pública, então não tem como levar no relaxo até por uma questão política, porque isso sai do bolso de muita gente e valorizar o público é valorizar isso também. (Prof. Hist)

A Profª GeoA comenta também sobre uma professora que serviu de inspiração na graduação:

> Teve a [nome da professora], ela era maravilhosa, que deu Análise da Paisagem, que era legal. Foi bem legal a gente fez trabalho de campo, e ela sempre tentava associar, não só o que está explícito na paisagem, mas fazer uma contextualização histórica, era legal, eu gostava dessa aula. (Profª. GeoA)

A Profª GeoA referencia essa professora que contextualizava os conteúdos com a questão histórica da paisagem, essa contextualização é citada pela docente como um elemento importante também em sua prática docente.

Outras experiências vividas no contexto do ensino superior e que foram citadas pelos professores foram os grupos de extensão, os estágios e até a pesquisa científica. Um dos exemplos relacionados com essas experiências é o da Profª SocGeo que realizou estágio em uma empresa de comunicação e tecnologia, estágio esse que a teria aproximado da dimensão política e da docência. A Profª BioB relatou ter participado rapidamente de um grupo de extensão, mas que não teria tido muito envolvimento com o grupo.

A partir do momento em que foram definidos os participantes da pesquisa pudemos perceber que todos os professores selecionados tinham feito seus cursos de graduação em universidades públicas. Este dado obtido *a priori* suscitou-nos o questionamento sobre qual seria o papel da universidade pública no estímulo ao envolvimento político destes professores? Mesmo sabendo que a relação entre universidade pública e o envolvimento político não seria o foco principal da pesquisa, questionamos os participantes sobre como eles viam esta relação. Respondendo à esse questionamento, temos o depoimento da Profª BioA:

> "a universidade pública abre este espaço [para a participação política]. Não é só a grade curricular, você não tem só aula. Você tem todo o trabalho de extensão, você tem todo um

> trabalho político dentro da universidade, você tem um espaço político dentro da universidade, tem os centros acadêmicos, tem muita coisa de extensão universitária, que você não tem nas particulares [...] Em todo departamento tem um representante discente, em cada comitê, em cada coisa tem um representante discente, isso abre portas para a gente ser político, para a gente pensar a política mesmo. (Profª. BioA)

Para o Prof. Hist. a universidade é o local do conhecimento por excelência e diz que vivenciar as contradições do ambiente universitário trouxeram um olhar outro sobre o que é o público e sobre o ensino público. Pensando que o ambiente universitário abarca toda a diversidade de pessoas, diferentes perspectivas e correntes de pensamentos, questionamos os entrevistados sobre como essa vivência poderia ampliar a percepção política, no que a Profª GeoA responde que:

> "Eu achei que dentro de sala de aula a minha graduação não foi partidária, de jeito nenhum, a gente viu as duas coisas, Direita, Esquerda, Centro, enfim a gente viu tudo, tudo, tudo. (Profª. GeoA)

Nossa defesa aqui é que as universidades públicas podem contribuir para a formação política dos futuros professores, seja de maneira institucionalizada, através das aulas e disciplinas, ou de maneira indireta, propiciando vivências de diferentes tipos, o contato e a convivência com pessoas oriundas de diferentes realidades, e outros fatores que enriquecem a vivência pessoal, estimulando a participação no que é público, político e coletivo.

Segundo Saviani (2011) e concordamos com ele, se a universidade garante uma formação de professores que:

> assegure a apropriação, por eles, dos instrumentos teóricos para a compreensão da realidade em que vivem e atuam, que contribua para a formação de um "professor culto", que domina os fundamentos científicos e filosóficos que lhe permitem compreender o desenvolvimento da humanidade e, a partir daí, realiza um trabalho profundo de formação dos alunos a ele confiados (SAVIANI, 2011, p. 13).

Quando isso de fato acontece os professores podem vir a se tornarem importantes na transformação social. Porém não são todas as universidades, nem todos os contextos universitários que favorecem este tipo de formação.

5 EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Dentre as diferentes experiências dos professores que procuramos explorar, durante as entrevistas, incluímos no roteiro algumas solicitações com o objetivo de incentivá-los e remetê-los às experiências profissionais como docentes da educação básica. Assim, em diferentes passagens das transcrições podemos nos deparar com trechos nos quais os professores fazem referência tanto à temática ambiental quanto a aspectos da dimensão política vivenciadas na escola. Procuramos assim, nesse item, sistematizar as análises que pudemos realizar a partir dessas passagens das transcrições.

Em algumas passagens das entrevistas realizadas, foi possível identificar trechos nos quais parte dos professores entrevistados fizeram referências que nos permitem explorar possíveis sentidos sobre o papel social, ou a responsabilidade da Educação na nossa sociedade. Para os professores de Sociologia, a Educação pode mobilizar os sujeitos para um envolvimento político e coletivo, uma Educação que seja transformadora. Para a Profª SocGeo isso fica claro quando considera que:

> a Educação serve pra instigar, pra fazer as pessoas perceberem que elas são agentes sociais, que elas precisam interferir, que elas precisam se posicionar e tentar transformar as coisas. Então acho que a educação tem esse papel de entregar as ferramentas, apresentar as ferramentas para essa possível transformação e fazer com que as pessoas se instiguem. Isso tanto pra construção de uma coletividade como individual também, que a pessoa entenda seus direitos, os seus lugares e os seus não lugares, porque esses não são lugares. Por que tem tanto muro invisível? Por que eu uma pessoa não pode ir até ali e outra pode? Qual a diferença de uma pra outra? Eu acho que a Educação tem que mostrar que essas coisas existem. A gente tem que olhar além do que está sendo mostrado. A Educação tem que mostrar pra pessoa que as coisas não são tão simples quanto a gente vê, que tem muita coisa ali, muito caos. (Profª SocGeo)

Nesse mesmo sentido, nos deparamos com os do Prof. SocHis que, quando questionado sobre qual seria a responsabilidade social da Educação, responde:

> Transformar, transformação, é meio clichê, mas, não tem como fugir, transformação total. Como isso transforma cada um, acho

> que é uma coisa muito particular às vezes a gente constrói um padrão. A educação é uma ferramenta de transformação e o aluno tem que virar uma pessoa assim, o aluno tem que se transformar numa pessoa assim,.. Não, cada um tem o seu tempo pra assimilar as coisas. O contato com Paulo Freire é importante, é uma literatura que abre a cabeça da gente, instiga a gente a pensar: Quem é essa pessoa que escreveu isso, [...] Foram referências muito importantes, porque você entra numa escola, no terceiro semestre de faculdade, sem referências para fazer contraponto ao sistema, você acaba sendo engolido por ele. Então você vai reproduzir aquilo que você vê os outros fazendo, e que diferença você vai fazer ali? Nenhuma. A gente tem que ir pra escola para fazer a diferença. De algum modo a gente tem que fazer a diferença ali. Bacana seria se você estivesse fazendo a diferença junto com outros. (Prof. SocHis)

Para o Prof. Hist a Educação deve trazer aos estudantes à responsabilidade para com o planeta, pois somos uma espécie vivendo em simbiose com a Terra.

> Não dá para entender a educação se não for para analisar a partir de parâmetros civilizatórios, pra gente evoluir enquanto civilização. Não consigo imaginar mais como uma coisa individual, é lógico que isso é importante, que passa pelas questões individuais, mas eu falo muito pros meus alunos que o importante é a gente pensar em que a gente está contribuindo para a evoluir enquanto civilização. O que a gente consegue compreender do passado, e aí acho a História interessante, O que a gente consegue compreender do passado daquilo que a gente viu que o passado não foi muito bacana, não foi muito legal e conseguir transformar no futuro. Isso para mim é um processo civilizatório e a Educação é fundamental para isso. (Prof. Hist)

Para a Profª. BioA a educação também teria esse papel transformador, principalmente na formação da cidadania, e para ela Paulo Freire também é uma referência a ser lembrada:

> Formar cidadãos, formar cidadãos num sentido total, pessoas que saibam viver em grupo, viver no coletivo. [...] A gente fala muito de solidariedade no Brasil mas, a gente não vive muito no coletivo, a gente vive mais no individual. A escola [pausa] ela precisa ser plural e por isso ela precisa ser laica também! Porque só a [escola] laica consegue ser plural. Se ela não for plural ela não ensina você a viver com o outro que não é igual a você, que não tem a mesma realidade sua. Você tem que aprender a viver com esse outro e entender que você precisa do outro assim como o outro precisa de você. [...] Paulo Freire acaba criticando muito isso, e é uma prática muito real na escola particular: o professor transmite a informação e o aluno

> hoje ele não quer mais isso, porque a informação ele tem na internet muito mais facilmente. (Profª. BioA)

Para a Profª. BioB a responsabilidade dos professores e, consequentemente, da educação seria de mediar o contato do aluno com a tecnologia, filtrando informações e influenciando positivamente os alunos com relação ao consumo. Para essa professora:

> [Dizer que] é toda a responsabilidade, fica muito vago! Diante de tanta informação que a gente tem, diante de tanta coisa, tanta facilidade que a gente tem de tudo. Estou falando da escola lá que é particular, e tem muito acesso a tudo. Acho que o professor está para direcionar e filtrar muita coisa que vem na mão deles, tanto comportamento diferente que eles têm, tentar dar uma direcionada. Eles têm tudo, eles conseguem tudo que eles querem facilmente, mas qual a qualidade disso? Como eles têm tanta facilidade de tudo, acho que cabe aos professores, que é coisa para os pais fazerem na verdade, o professor está dando uma direcionada nisso. [...] Como dos pais hoje em dia vem muito pouco, grande parte é responsabilidade da escola. Porque dos pais eu não vejo muita consciência com isso não. Principalmente sobre consumismo, coisas que eles nunca param para pensar sobre o que precisa realmente ou não, aliás eles são muito incentivados ao consumismo. (Profª. BioB)

Para a Profª. GeoA educar é quebrar paradigmas, é fazer contraponto ao que hoje é visto como senso comum. Por outro lado, ela manifesta que isso deve ser realizado de maneira leve e agradável, pois a escola deve ser construtiva para agregar todas as diferentes opiniões. Ela acredita que:

> a escola é um espaço social, a gente passa muito tempo lá, os alunos também, tem que ser um bom ambiente tanto pra gente quanto pra eles, eles têm que gostar do lugar que eles estudam, a escola é deles, a escola é para eles. Esse é o ambiente que a gente tem que ter na escola. É isso que eu gosto, desse tipo de ambiente, não gosto de um ambiente onde a sala de aula seja baseada em hierarquia, eu mando vocês fazem. A gente tem que ir construindo as coisas juntos, é esse o ideal de escola que eu vejo. Acho que é por isso que dá certo até hoje, por isso que eu consigo ter bons resultados. (Profª. GeoA)

Para o Prof. Fisc, por exemplo, a Educação deve fornecer aos sujeitos as ferramentas para transformação social, ser a ferramenta para o aluno se posicionar no mundo. Ele assume isso fazendo críticas aos contextos das escolas públicas e particulares com as quais teve contato:

> A gente tem que repetir várias vezes, escrever a palavra sapo 10 vezes, escrever sílabas, como faz separação de sílaba tônica que é super chato, super sem sentido, mas são ferramentas, intelectuais que você está disponibilizando para o jovem para que no futuro ele possa fazer a leitura de mundo dele, e ele dar os valores que ele quer ou não dar para aquilo. [...] as coisas vão se construindo de maneira dialética. Não tem um salto ou um ponto de inflexão[...] Ensino médio, em tese, ele já tem que te dar essas ferramentas necessárias de compreensão do mundo. E não dá. Isso nem na pública, nem na privada. Talvez mais na pública, porque tem um senso maior de cidadania, pelo fato de ser um espaço, de ser um direito, encarar a Educação enquanto um direito e não como mercadoria. Talvez na pública dê mais esse sentido, um sentido mais universalizante daquilo, de contextualizar aquele conhecimento. Na privada, ela se torna só uma ferramenta de passar no vestibular, só nada mais. (Prof. Fisc)

O professor GeoB também entende o compromisso ético e político de ser um educador, e em seu discurso não se furta de tal responsabilidade.

> É uma questão ética de compromisso mesmo, de papel social. Os professores têm um papel social, que a gente tem que cumprir, quer dizer, a gente pode cumprir ou a gente pode não cumprir, tem essa escolha. (Prof. GeoB)

As perspectivas de Educação e de escola apontadas pelos professores são aportadas por autores como os já citados pelos próprios entrevistados como Paulo Freire, por exemplo. Este autor e outros como Severino (2002), Saviani (1985), Cortina (1997) defendem uma Educação que seja instrumento de transformação social, de construção da cidadania e de emancipação.

Na tentativa de estabelecer alguma relação dessa perspectiva de educação majoritariamente apontada pelos professores para as práticas docentes que envolvem um pouco mais a dimensão política, encontramos muitos exemplos nas entrevistas. Os professores Hist. Fisc e GeoB, por sua vez, quando fazem referência à dimensão política da temática ambiental, citam o compromisso ético, que os alerta para a necessidade de coerência entre o ser e o viver. Nesse sentido, ao ser indagado sobre o que o motiva a trabalhar a temática ambiental em sala de aula, o Prof. Fisc diz que é um compromisso ético. Vejamos seu depoimento:

> O que motiva a gente é um compromisso ético, um compromisso ético que a gente tem. [...] Um compromisso ético que a gente carrega, e a gente acha importante, perspectivas

> de futuro, tudo isso depende da nossa perspectiva ética. Do nosso compromisso ético com o conhecimento, com o bem estar da humanidade, aquilo que de certa forma já sabe e é importante falar. (Prof. Fisc)

Esse comprometimento ético com a questão também parece estar presente na prática profissional e no discurso do Professor GeoB:

> Eu sabendo mais sobre esse tema, eu vendo o tamanho do problema que têm se transformado essas questões [ambientais] eu achei que uma das minhas obrigações, por uma questão ética mesmo educacional, didática mesmo, sei lá, era tentar trazer isso para os alunos com os quais eu tenho contato. [...] você vai tendo escolhas, e um dos caminhos possíveis de escolha é o caminho da ética. E quando eu digo ética não é essa coisa chata de… É uma questão ética de compromisso mesmo, de papel social. (Prof. GeoB)

Tal perspectiva também parece ser a do Prof. Hist, quando questionado sobre a importância de trabalhar a temática ambiental relacionada à sua disciplina, ele diz que:

> "Tem um pouco a ver, porque a gente está vivendo o ápice das desigualdades, o ápice do desmatamento, o ápice de todas as crises: políticas, sociais, morais, econômicas, ambientais, se a gente não conseguir pensar enquanto civilização, enquanto sociedade, a gente vai ter sempre essas crises. Só que uma crise econômica a gente pode superar, uma crise de valores e tudo mais, agora uma crise ambiental? Como a gente enquanto espécie vai conseguir reverter um processo que pode inclusive levar à extinção da própria espécie. Tem um pouco disso, não dá para deixar de fora, e tem que ser falado, principalmente dentro de um sistema de exploração tão grande quanto é o nosso, a gente tem que pensar diferente. Não pode achar que essa lógica exploratória vai se sustentar para sempre, discutir estes temas é fundamental. Justamente quando você lida com o jovem tem uma questão muito forte do consumo, uma necessidade muito grande de consumir para ser alguém, então tem que discutir essas coisas para mostrar que o consumo não é infinito, ele tem uma limitação que é a limitação de recursos. (Prof. Hist)

Aqui podemos dialogar com a perspectiva de STENGERS (2015) sobre a intrusão de Gaia e como a questão ambiental pode ser mobilizadora de projetos civilizatórios. Para o Prof. Hist. Trabalhar com a temática ambiental na Educação é pensar no ser humano historicamente construindo o ambiente onde estamos inseridos e sendo influenciados por ele. Para Stengers (2015) existe uma "verdade incoveniente" onde os limites do crescimento econômico

estão postos pelos limites ambientais. Ainda para a autora (STENGERS, 2015) as questões ambientais ganham uma importância e uma urgência política. A partir deste entendimento, com o qual nos simpatizamos, podemos dizer que os professores, ao articular suas disciplinas com a questão ambiental relacionadas aos limites civilizatórios, tem maior clareza sobre a perspectiva política de sua atuação em relação à temática ambiental.

Para os professores citados, incluir a temática ambiental em suas práticas pedagógicas é um compromisso ético-político. De outro lado, por ser um tema transversal, a temática ambiental deveria estar presente em todos os níveis de ensino, assim como preconizam algumas políticas públicas. Porém muitas são as pesquisas (ALVES 2013, GUIMARÃES 2004, CAMPOS 2007) que afirmam que apenas a regulamentação presente nas políticas públicas sobre a transversalidade da EA não garante que a temática ambiental seja trabalhada e esteja presente de maneira concreta no cotidiano escolar. Surge então, o questionamento sobre como superar este cenário que coloca a escola como lugar da impossibilidade para a realização de atividades de EA ou que envolvam a temática ambiental?

Identificamos em nossa pesquisa, as principais motivações que os professores apresentam para trabalhar com a temática ambiental em suas disciplinas específicas, bem como as possibilidades reconhecidas por eles para o trabalho com essa temática no contexto escolar. Com isso pudemos mobilizar sentidos sobre o que, de fato, faz com que os professores de disciplinas não vinculadas às áreas das ciências naturais, busquem trabalhar a temática ambiental.

Dentre as motivações por eles apontadas está justamente esse compromisso ético-político, precisamente porque esses professores identificam a indissociabilidade dessas questões com as outras dimensões da vida humana. Já para os professores BioA e SocHis, uma das motivações para incluir a temática ambiental na escola é explorando questões relacionadas à perda de áreas verdes para a urbanização crescente e constante. Além da perda de áreas verdes, outros problemas ambientais são enfatizados, como fica explícito no relato da Profª BioA:

> As motivações [?] Acho que é quando você olha em volta e você vê assim, [...] você não acha uma área verde mais, você

> não acha mais nada de área verde. Minha motivação é essa, você pegar, ler uma notícia… [...] Você vê uma água ruim, o solo está contaminado, você vê as pessoas perdendo suas terras agora pra uma inundação de uma área para fazer uma represa que não vai servir pra nada... Isso me motiva! Quando você vê que a sociedade está indo mal, está indo mal e não está percebendo. (Profª. BioA).

Ainda é apontada como uma possibilidade para o trabalho com a temática ambiental na escola, a seriedade e o agravamento dos problemas ambientais enfrentados atualmente. Sobre isso fica evidente a motivação do Prof. GeoB:

> "Primeiro um interesse particular mesmo de ir lendo notícias e ir vendo que o poço está ficando mais fundo, que o buraco está ficando mais grave em termos das questões dessa temática. E outra por conta da minha tese, que de uma forma meio transversal fala sobre mudanças climáticas tá interessado nesse tema. [...] Por exemplo, há umas duas ou três semanas atrás, a conversa meio que foi para a gente conversar sobre… foi encaminhado para gente falar sobre a questão das represas, das barragens. Aí sim eu senti um engajamento ali. A molecada ficou interessada por que de fato não tinham as informações, não sabiam o tamanho do negócio. Quais são as implicações de ter uma barragem tão grande daquela perto da cidade. Enfim, levei mapa, mostrei na imagem de satélite do Google e fiz... Ali eu vi uma preocupação deles, a mesma de alguém que acabou de tomar contato com assunto. (Prof. GeoB)

No trecho apresentado podemos constatar também que o trabalho com a temática ambiental para ele advém da proximidade com o campo da pesquisa científica que ele desenvolve.

Podemos levar em consideração, para esses professores que se preocupam em ser coerentes, com um viés emancipatório de educação a partir de uma questão ética e que têm um ideal político mais amplo, o *habitus professoral.* Ou seja, as experiências que eles vão construindo ao longo de suas vidas, estão atreladas aos saberes docentes, e se manifestam em sua prática pedagógica. Sobre a importância dessas experiências do professor, Carlindo (2008) afirma que:

> o professor ensina na sala de aula de acordo com as representações interiorizadas ao longo de sua trajetória pessoal, as quais se entrelaçam com as representações do trabalho docente, constituindo o modo de ser professor, o que foi denominado de '*habitus* professoral', o qual é constituído ao longo da vida profissional e pessoal, por meio de escolhas

> pessoais e das percepções de mundo (CARLINDO, 2008, p. 10871).

Way (2006) em seu trabalho intitulado: El Educador, Sujeito Ético y Político explora o que ela chama de traços do perfil ético e político do educador. Esses traços de perfil apontados pela autora evidenciam os processos que um professor preocupado com o desenvolvimento ético e político dos alunos deveria se atentar. Para ela é necessário que um professor seja comprometido:

> “con la construcción de su propio ser y de la vida comunitária; Trabajar por la exigencia del cumplimiento de los Derechos Humanos; Practicar la justicia, solidaridad y responsabilidad; em ejercer la autoridad al servicio del bien común y que sus ideas, creencias, usos y prácticas sociales al servicio del bien común han de estar impregnadas del propio carácter ético y político que le confere su propio ser y su profesión de educador. (WAY,2006, p. 44)”

Neste sentido, podemos alcançar outro entendimento sobre a formação de professores, e em especial a formação de professores enquanto sujeitos políticos. Qualquer que seja esta formação, ela deveria levar em consideração fatores que passam pelas dimensões do conhecimento, dos valores e política/ética, da preocupação com o bem comum para ser uma formação que “deja espacios para la escucha atenta y responsable a sí mismo y a los otros” (WAY, 2006, p.45).

A partir das referências feitas pelos professores, faremos uma análise sobre os conteúdos e temas tratados em sala de aula aos quais eles estabelecem relação com temática ambiental. Quando os professores foram questionados sobre atividades de Educação Ambiental ou sobre os conteúdos que envolviam a temática ambiental, trabalhados por eles em sala de aula, os assuntos apontados foram: a questão da captação, consumo e desperdício de água; crise hídrica; os invertebrados e suas relações com agrotóxicos; a questão da urbanização e a arborização urbana; a questão do lixo, o descarte de materiais recicláveis e a reciclagem; o período de colonização brasileira com a exploração dos recursos naturais como: a cana de açúcar, café e pau brasil; a produção de alimentos em sistemas agroflorestais; a biodiversidade; a revolução industrial; a mineração e seus impactos ambientais; as mudanças climáticas e seus efeitos como o aquecimento global; a construção de

barragens hidrelétricas, as energias renováveis; as questões que envolvem a calorimetria e a termodinâmica.

Os professores das áreas das Ciências Humanas, a saber: SocGeo, SocHist, Hist, GeoA e GeoB, fazem tentativas de incluir a temática ambiental em suas aulas, sempre fazendo relações mais amplas com outros temas. O Prof. Hist, por exemplo, articula a temática ambiental com o sistema econômico:

> todo ano quando eu vou dar aula para segundos anos do ensino médio, é que fundamental eu não lembro se eu cheguei a dar essa aula, eu trabalhei sim com um oitavo ano, que é a Revolução Industrial. No meu currículo, toda vez que eu vou trabalhar a revolução industrial eu falo sobre as questões ambientais. Claro que numa perspectiva histórica também numa perspectiva econômica, ligando o ambiental à exploração ao surgimento do Capitalismo, a exploração capitalista, eu sempre trabalho essas questões, mas, não é uma prática à parte, está dentro do currículo. (Prof. Hist)

Dizemos que são tentativas precisamente pelo fato de o próprio professor reconhecer que a temática ambiental não é o foco central, mas é um tema paralelo, que tangencia as questões históricas de exploração da natureza. Para esse professor ainda:

> Eu falo, mas é sempre dando uma pincelada, nunca é: “vamos trabalhar com a temática ambiental a partir da revolução industrial” É mais no meio da aula que a gente fala um pouco sobre desmatamento, sobre exploração, como o mundo se configura a partir dos recursos depois do Capitalismo, primeiro no surgimento e agora. (Prof.Hist)

Já para o professor de Sociologia e História, quando indagado sobre quais assuntos ou conteúdos das disciplinas que leciona poderiam ser relacionados com a temática ambiental, ele responde:

> “O primeiro tema que me vem na cabeça é Revolução Industrial, é muito fácil puxar o gancho, não só fácil, mas necessário, então isto está presente na aula sim. Eu gosto muito de trabalhar o lance do avanço da industrialização associado ao avanço da Urbanização. Urbanização não é um tema que eu trabalho diretamente, mas é um tema que eu gostaria de aprofundar um pouquinho mais. Porque a cidade mexe muito comigo, estar sempre observando as cidades como um todo, principalmente as metrópoles, foi mexendo muito com a minha sensibilidade. (Prof. SocHis)

Para esse professor ainda a temática ambiental é algo que:

> É uma área que, a temática ambiental, eu preciso aprender a explorar melhor, é algo que ainda não entrou por completo no contexto da minha sala de aula. Sobre mineração uns dois anos seguidos eu pedi para os alunos dos oitavos fazerem uma pesquisa sobre os impactos e depois a gente fez um debate. (Prof. SocHis)

Mesmo reconhecendo a fragilidade de sua aproximação com a área ele não deixa de explorar, assuntos como o impacto das atividades de mineração, insistindo na importância do tema. Esse mesmo professor, na tentativa de aprofundar as discussões sobre a temática ambiental em sala de aula, e ainda fazendo ponte com a dimensão política, indica em sua entrevista que, em relação à questão do lixo:

> "eu continuo e vou continuar falando sobre isso. No contexto da Sociologia e da História eu não consigo falar de escravidão sem pensar nos reflexos da escravidão para a cultura brasileira hoje. Eu sempre reforço que a gente herdou uma cultura escravista, que está diretamente associado ao descarte incorreto das coisas que a gente consome. Porque é aquilo que a gente estava conversando no começo da entrevista, eu fico muito indignado com a sala de aula suja.[...] Semana retrasada eu cheguei a dar respostas um tanto quanto ríspidas pra minha diretora, porque ela chega na sala dos professores falando: Professores vamos conversar com nossos alunos, porque nossa escola está com uma servente só e não vai ter gente suficiente pra recolher o lixo. (ele) Mas que lixo você está falando? Do lixo que fica ali no balde? Do lugar reservado para o lixo estar mesmo ou do lixo que eles deixam no chão? Que a gente pouco se preocupa que a gente pouco se incomoda, e a primeira coisa que a gente vem falar… ela ainda gosta de usar esta expressão servente. Eu fico "Pê" da vida com isso. Isso me incomoda absurdamente." (Prof. SocHis)

Contextualizar e problematizar a questão do consumo e da produção de lixo é importante para uma prática docente que seja capaz de criticar o que tem sido posto enquanto práticas cotidianas que mantém um *status quo* que atende, apenas, parte do interesse de nossa sociedade. Entendemos que quando os professores fazem isto estão, de certa forma, apontando a intencionalidade de trazer à tona outras questões de fundo, a dimensão política da prática pedagógica com relação à EA, fica claramente explicitada.

Já para o professor GeoB a decisão de incluir a temática ambiental parece ser uma atitude isolada, porém consistente:

> na hora de preparar as aulas para a escola, mesmo que hoje em dia boa parte das escolas usa apostila, essas coisas, a gente sempre tem chance de ir encaixando alguma coisa. E sempre que o assunto aparece, ou sempre que o assunto permite eu tento encaixar alguma conversa ou algum debate sobre a questão ambiental. Esse ano mesmo eu estou fazendo uma experiência particular, sozinho, que é do primeiro semestre inteiro até agora, e eu consegui em todos os temas que apareceram em todos os pontos da disciplina que apareceram pra uma sala de primeiro colegial eu inclui na conversa algum tema ambiental. E deu certo assim. [...] Só que é sempre uma coisa diferente, às vezes falo de mudanças climáticas, às vezes falo do aquecimento global, quando vai falar de vegetação eu falo sobre o desmatamento. (Prof. GeoB)

Para a professora GeoA, a temática ambiental também pode ser relacionada a temas do currículo. Ela reconhece a dimensão política da temática ambiental e vai além, explicitando isso aos alunos:

> É o nosso papel, a gente trabalha no sentido até de quebrar paradigmas, porque todo santo dia, quando a gente usa a temática ambiental dentro da escola, ela é política! Ela [a temática ambiental] é política porque, por exemplo, você vai falar de indústria, você vai falar de Revolução Industrial. Eu sempre falo pra eles: Gente olha o nome, Revolução industrial: RE-VO-LU-ÇÃO, imagina a mudança que isso fez no mundo. Isso fez o quê? A gente aumentou a produção, e se aumenta a produção aumenta o quê? Aumenta o consumo. Se aumenta o consumo, as pessoas vão ser incentivadas a trabalhar cada vez mais para comprar cada vez mais. Aí a gente fala Protocolo de Kyoto, quem não assinou? Estados Unidos, porque os Estados Unidos não assinam, e as transnacionais, espalhadas pelo mundo inteiro. É o sistema Capitalista que a gente vive e isso é político. Então nesse sentido a gente bate de frente com o sistema, quando a gente está dando esse tipo de aula, e esse tipo de aula você não vai ser partidário, mas você não vai ser imparcial, aí não tem como, aí não tem como. Isso está presente todo santo dia. Eles perguntam o que a gente pensa, e nesse momento você tem que ser super cuidadoso pra ver como você vai responder. (Profª. GeoA)

Para as professoras de Biologia, área das Ciências Naturais, a temática ambiental aparece de forma a ser integrada em todos os assuntos e conteúdos. A Profª. BioA, ressalta que em sua prática pedagógica:

> É uma coisa que eu tento sempre encaixar seja em que assunto for. Você está falando até de invertebrados com aquela coisa tradicional, porque todas as escolas que eu dou aula preparam para o vestibular, e você tenta enfiar isso. Então você está falando lá de invertebrados: “Gente, mas as abelhas,olhem o que está acontecendo… A gente usa agrotóxico demais, nós estamos ficando sem abelha, nós

> vamos ficar sem comida". Essa semana mesmo como foi semana do meio ambiente, em todas as salas, mesmo o assunto não sendo meio ambiente, dei uma passada, uma discutida sobre a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris. (Profª. BioA)

Para ela a questão ambiental ganha amplitude ao ser relacionada, por exemplo, com a convivência em sociedade:

> "ontem a gente tava falando de verminoses. "Gente, precisa de Saneamento Básico", uma coisa que ontem eu joguei pra eles e eles pararam. É um primeiro ano assim bem infantil que eu tenho em uma das escolas, e muito egoístas, muito meu umbigo. Eu falei pra eles: "Tudo bem, vocês têm esgoto na casa de vocês. Vocês têm água tratada na casa de vocês. Mas vocês produzem seu próprio alimento? Ou vocês compram o alimento de quem não tem esgoto? De quem não tem água tratada? Quem garante que o seu alimento não chega contaminado?" Então, você tem, mas o outro não tem e esse outro, você depende dele. Ele faz parte de você! Ele faz parte do seu ambiente, ele faz parte do mundo ao seu redor, você não vive sozinho!" (Profª. BioA)

A professora aponta aos alunos que as questões ambientais envolvem a sociedade como um todo e não apenas um indivíduo isoladamente. Ao contextualizar a questão do saneamento básico, a prática pedagógica dessa professora explicita de forma clara a dimensão política. O saneamento básico e suas implicações poderiam ser apontados por ela apenas como mais um conteúdo do currículo de biologia, porém a professora estabelece uma reação clara entre o conteúdo que está sendo trabalhado e a dimensão política da realidade dos alunos.

Ainda pensando sobre a questão de ampliar a percepção dos alunos sobre a temática ambiental, a professora BioA propõe a reflexão e o debate de ideias, no sentido de estimular o pensar livremente.

> No magistério procurei isso, porque não dá para um professor não ser questionador, não dá, é impossível, porque como ele vai desenvolver isso no aluno se ele não for? Se ele só reproduzir? Aí fica incoerente, a gente fala uma coisa e faz outra, fala uma coisa e faz outra. Porque aí você não fala, porque você ensina pelo seu exemplo você não ensina por palavras simplesmente. (Profª. BioA)

Com essa passagem da entrevista podemos evidenciar a dimensão política explícita, na valorização ao plural, à diversidade, ao que é diferente e também a importância dada ao professor que se coloca como questionador.

Segundo essa professora, sua prática hoje, nasce da indignação, de não poder falar, de não poder se posicionar, uma vez que na época em que frequentou a escola, de alguma forma, os alunos eram reprimidos. Portanto, atualmente, a prática pedagógica dela está permeada por essa questão do "falar livremente", e nós acreditamos que essa postura seja uma maneira de confrontar a constante repressão que sofreu durante o período escolar. Ela diz que:

> acho que o falar livremente, o ter liberdade de falar. Você ter a liberdade de falar em várias coisas, ter acesso à informação. [...] Isso é muito legal, essa pluralidade, mostrar que ser plural não é ruim. Eu pensar diferente do outro não é ruim, e o outro tem o direito de pensar diferente. Hoje é mais aberto, antigamente não, ou você estava dentro da caixa ou você era eliminado daquele grupo. (Profª. BioA)

A docente alega, ainda, que a prática política, nesse sentido, nasce dessa indignação com as práticas pedagógicas de outrora, do período em que era estudante e que isso a impele a trazer para seus alunos práticas de debates que estimulem o questionamento.

A professora BioB relaciona a temática ambiental com vários temas, em um deles ela propõe a reflexão sobre a questão dos transgênicos e como isso se relaciona com a alimentação. A atividade que ela propõe se volta para o reaproveitamento de alimentos, e segundo ela:

> Acho que alimentação entra nisso né, de meio ambiente?! A gente tem um projeto legal todo ano, quando a gente está vendo sistema digestório e nutrição. Eles têm que trazer um prato, primeiro pesquisam e depois trazem um prato de comida que é feito com casca, semente, coisa que iam jogar fora. Para aproveitar melhor os alimentos. Eles têm que fazer essa pesquisa primeiro, [para saber] o que você aproveita mais os nutrientes dos alimentos e outra que você reduz o lixo que seria produzido na cozinha.

Da mesma forma, para o professor de Física os conteúdos da disciplina podem ser associados com a temática ambiental quando, ele cita, por exemplo, que:

> dá para a gente discutir um pouquinho de efeito estufa. No nono ano eu discuti, porque no nono ano eu dou Química também, aí a gente foi falar de gás metano, por exemplo. A partir do Gás Metano eu puxei e falei também do CO_2, falei que eles eram agentes do Efeito estufa, o que é o gás metano, expliquei pra eles, que o gás sai no pum e falei: Imaginem um monte de vaca peidando? E o Brasil tem o maior rebanho do mundo de gado bovino, e como isso impacta diretamente na

> concentração desses gases na atmosfera. Eu puxei e mostrei isso pra eles, falei: “Olha gente eu não sou vegano, mas acho que a gente tem que fazer essa discussão sobre consumo de carne.” Mas, foi bem pontual. (Prof. Fisc)

Podemos assim mobilizar sentidos sobre o potencial crítico que a temática ambiental pode trazer para cada disciplina. Quando dizemos que a temática ambiental pode ser politizadora, estamos nos referindo a uma ação intencional dos professores, que ao relacionar os conteúdos específicos de suas disciplinas com a temática ambiental, estão de certa forma contextualizando criticamente, ampliando a questão. Campos (2007) em sua pesquisa de mestrado observou que os professores, em sua prática docente, que:

> envolvem a dimensão política em suas aulas utilizam-se de procedimentos que propiciam o desenvolvimento dessa capacidade [a de participação política] como discussões, debates e explanações orais dos alunos a respeito de um dado problema (CAMPOS, 2007, p. 84).

Há também em diferentes passagens das transcrições, trechos nos quais os professores fazem referências às tentativas de inclusão da temática ambiental em suas aulas, explorando diversos procedimentos e recursos didáticos. Um dos temas bastante explorado pelos professores é a questão das hortas, não só como um tema, mas como um método de aproximação dos alunos com as questões ambientais.

Percebemos que, para os professores SocGeo, Hist. e Fisc. a horta poderia se constituir enquanto uma possibilidade para o trabalho com a temática ambiental, por meio da pedagogia dos projetos, principalmente na escola pública. Segundo García-Vera (2012) a pedagogia de projetos corresponde a uma perspectiva educacional, social e cultural mais ampla, que considera o aluno e seus processos de aprendizagem, de modo a questionar a educação tradicional. Ainda para a autora a pedagogia dos projetos abre possibilidades de:

> integrar en la cultura escolar los saberes experienciales: los proyectos buscan crear estrategias que partan del reconocimiento de los contextos socioculturales en los que están inmersos los estudiantes; intenta integrar a la cultura escolar problemáticas, necesidades e intereses de la vida cotidiana o aquello proveniente del “mundo de la vida”. (GARCIA-VERA, 2012, p. 688)

Essa ideia de que os professores citados apostam na pedagogia dos projetos para uma maior efetividade das atividades ou para que proporcionem momentos de integração entre o currículo e outras esferas da vida, pode ser também exemplificado, com o trecho da entrevista da Profª. SocGeo:

> Eu tenho uma esperança muito grande nos projetos das escolas. Principalmente na rede pública a gente trabalha muito com projeto e eu percebo que eles são os que mais dão resultados. Esses projetos extras. [...] As aulas tradicionais ainda têm um efeito apesar de eu achar elas muito limitadas, pelo contexto da apostila, de ser uma material do estado, muito engessado. [...] Mas eu ainda acredito muito nos projetos, eu acho que a base hoje, o Estado ele só se mantém ainda, ele só consegue funcionar porque ele tem essa linha dos projetos extra… não seria extra curricular, mas extra….. extra apostila, sei lá. Porque tem que manter o currículo, mas a gente continua com esses projetos que vão além daquela, daquele material engessado da apostila. Pra mim é ali que está o nosso respiro. É ali que a gente consegue fazer a diferença de fato e mostrar pra eles o que é a educação de verdade. (Profª. Socgeo)

A possibilidade de trabalho com as hortas é, também, mencionada pelos professores SocGeo, Hist e Fisc, como podemos acompanhar no relato da Profª SocGeo:

> Na escola que eu estou trabalhando a gente vai começar agora com um trabalho de horta, e eu falei que eu quero participar de todas as palestras, porque é algo que eu não sei fazer e eu sei que eu preciso. Porque a faculdade não me deu base nenhuma pra isso. (Profª. SocGeo)

Embora alguns deles não relacionem seus conteúdos especificamente com a questão das hortas, a construção de uma horta na escola parece estar bastante associada à percepção desses professores sobre o que é a EA ou sobre como envolver a temática ambiental na escola ou em suas disciplinas, enquanto um recurso didático. Vejamos o que o Prof. Fisc diz sobre essa possibilidade:

> ainda mais quando é feita junto com práticas, com vivências, que é a ideia da horta. A ideia da horta pode ser só um negócio de plantar alface, mas você também vai estar explicando de onde vem o alimento, como se produz aquilo, você vai estar fazendo toda uma reflexão entorno das coisas que a gente acostumou a naturalizar. (Prof. Fisc)

Sobre a questão da horta enquanto possibilidade de questionar mais concretamente a nossa relação de exploração com a natureza, trazemos o relato da Profª. SocGeo. Para ela fica bastante presente a necessidade da relação entre e teoria e prática, essa preocupação, parece ocupar um lugar central nas suas reflexões sobre o seu trabalho:

> na escola que eu trabalho, a gente vai, eu vou tentar entrar de novo com essa questão da terra, com essa questão relacionada à Agroecologia. Porque a horta vai ser pra consumo deles, então trabalhar essa questão: "Olha gente como a natureza é uma extensão da gente." "Olha como é uma continuação do que a gente é." Então acho que dá pra trabalhar muito essa perspectiva de sujeito, de identidade dentro da Sociologia. Na Geografia já é mais claro né, mais na Sociologia acho que dá pra fazer esse recorte bem interessante também. E essa relação com a exploração também de como o nosso sistema, o meio ambiente, assim como o trabalhador, assim como a mulher, assim como o negro, assim como o homossexual acabam sendo um objeto de exploração das características dominantes, [...] tudo que está em volta acaba virando objeto de exploração e a natureza não foge disso. (Profª. SocGeo)

Ainda no tocante à inserção da temática ambiental nas escolas por meio da construção de hortas, o Prof. Hist relatou que:

> eu não lembro de ter uma experiência com horta ou alguma coisa nas escolas que estimulasse isso. [...] hoje em dia tem mudado bastante, as escolas estão mais preocupadas em ter uma horta, em produzir o próprio alimento. Lá [na escola onde leciona] eles faziam isso, eles produziam na horta e tinha um dia que eles iam comer as próprias verduras que eles produziam.

Assim a horta enquanto um projeto pedagógico poderia ser considerada ao mesmo tempo um ponto de partida e de chegada sobre os conhecimentos ambientais dos alunos.

Não nos alongaremos em fazer uma distinção aprofundada sobre os aspectos particulares dos procedimentos e dos recursos didáticos utilizados, mas ressaltamos que sua escolha não é neutra, e sim geralmente, comprometida com determinada metodologia de ensino, que é fundamentada em pressupostos teóricos, filosóficos e políticos.

Na tentativa de articular os procedimentos e recursos didáticos, com as escolhas dos professores, ao explorar uns em detrimento de outros para o

trabalho com a temática ambiental, podemos dizer que essa escolha é determinada por diversos fatores. Para Amaral (2001, p. 11) a flexibilidade em escolher o método mais apropriado se deve ao ajuste à suas necessidades e convicções, e que: “Quanto maior sua experiência e seu espírito autônomo, maior sua criatividade e capacidade de “improviso”, que o liberta das imposições externas padronizadoras do ensino escolar”.

Amaral (2001), ao considerar o Ensino de Ciências, com suas controvérsias e concepções categorizou diferentes abordagens da temática ambiental na escola. Podemos aqui ampliar essa percepção para as outras disciplinas, e não só às Ciências Naturais. Dentre as categorias elencadas pelo autor, a temática ambiental é vista como eixo paralelo quando:

> os conteúdos tradicionais são mantidos intactos em sua forma convencional, predominantemente teórica e pouco associada à realidade, enquanto que os conteúdos ambientais ganham tratamento diferenciado, intrinsecamente vinculadas à realidade seja “natural”, seja construída pelo ser humano. Apresenta-se sob a estratégia metodológica de projetos que os alunos desenvolvem de forma paralela e usualmente independente dos currículos programáticos considerados essenciais, mas a eles vinculados formalmente. Os projetos tanto podem voltar se para a investigação dos fenômenos naturais como para os diferentes impactos ambientais provocados pelo ser humano. (AMARAL, 2001, p. 89)

O que tentamos explorar aqui e que é elaborado pelo autor é que, quando a temática ambiental é abordada por meio de projetos, não diretamente associada ao currículo das disciplinas, pode ser entendido, implicitamente, que os conteúdos programáticos desenvolvidos em sala de aula são hierarquicamente superiores, enquanto que a temática ambiental é apenas inserida de maneira tangente ao assunto, paralelamente, perdendo importância ou ficando fragilizada.

No caso da Profª. BioB, as práticas pedagógicas relacionadas à temática ambiental estão bastante vinculadas aos estudos do meio e saídas de campo.

> Tem algumas saídas que a gente faz de estudo do meio que a gente chama [...] Depois a gente vai, esse ano a gente foi lá no sítio duas cachoeiras, porque lá está na prática tudo o que eles viram, ele não cria gado, mas lá estão algumas do que eles aprenderam, desenharam e viram.[...] Teve um ano que a gente foi também com essa mesma ideia nos agricultores do bairro dos Pereiras e eles mostraram a agricultura lá. Esse contato com o agricultor, aproximando o agricultor. Embora

> esteja no interior, tem gente que tem sítio, mas tem aqueles que não sabem nem de onde vem a cenoura, essa aproximação aí. Foi o ano que a gente foi ver a parte da produção de mudas. (Profª. BioB)

A professora BioB também aposta bastante na relação entre teoria e prática, tentando, nas saídas de campo ou estudo do meio, relacionar os conteúdos ambientais com outras disciplinas do currículo, como explicitado no trecho a seguir:

> "A água vem dessa região do Morro Pelado, das nascentes que tem lá. Na verdade, a gente queria mostrar como ela está sendo ocupada, com sítios, a poluição dos esgotos tal. Essa água que vai ser captada, a gente ia percorrer os córregos, a primeira represa, a segunda que é da própria cidade e o SAAE fica bem no meio. A gente ia visitar a estação e eles aprendem em química a parte do tratamento. O SAAE barrou... A gente resolver fazer só metade do estudo. Porque o legal era fazer tudo, você envolve Geografia, Ciências e Química, até História, o dono do lugar ia contar, ele está lá há muito tempo e ia contar como era, ia entrar até um pouquinho de História, da região ali." (Profª. BioB)

O procedimento saídas de campo, de maneira geral, visa complementar aos estudos realizados em sala de aula. A importância desse procedimento didático há muito vem sendo investigada na área da Educação Ambiental, por diversos autores. Tais pesquisas apontam que apenas as atividades de campo, o sair com os alunos e estimular maior contato com os elementos da natureza não podem garantir aos estudantes, por si próprios, alterações significativas tanto em suas compreensões quanto em suas relações concretas e objetivas com a temática ambiental. Bitar (2010, p.20) aponta que há a necessidade de estimular uma abordagem crítica contextualizando tais saídas. Para esse autor, esses momentos, geralmente fora do ambiente escolar, são oportunidades que se bem conduzidas poderiam ampliar a visão de mundo do aluno, sendo associada a uma leitura crítica da realidade, na tentativa de unir a teoria e prática (2010, p. 44).

Os professores: SocHis e GeoA consideram que o trabalho com a temática ambiental é um assunto fácil de ser contextualizado e relacionado a outros temas do currículo. Eles relatam que há certa facilidade em usar materiais áudio-visuais e outros recursos tecnológicos para a exploração da

temática ambiental em sala de aula. Conseguimos identificar essa preocupação com os recursos didáticos nos excertos a seguir:

> "Uso vídeos, os vídeos geram uma curiosidade, geram certos impactos de primeiro momento, a ponto de deixar os alunos com vontade de falar. Tem um que chama Rio de lágrimas… Rio de lama… Um documentário bem curtinho que saiu o ano retrasado falando sobre Mariana, tem uns 9 minutos, foi filmado em 360 graus. Ilha das Flores, trabalhei durante muito tempo com o Ilha das Flores, Lixo Extraordinário, esse é um que eu preciso construir uma dinâmica em relação a ele, porque eu trabalhei com ele uma vez e não deu tempo de terminar, o semestre acabou e os alunos ficaram doidos para terminar." (Prof. SocHis)

Assim, também, a Profª. GeoA percebe o envolvimento dos alunos quando ela usa o recurso dos vídeos para abordar a temática em suas aulas:

> "se você montar um slide só de fotos os alunos ficam assim ó (gesto de boca aberta, prestando atenção), se fizer só foto, se fizer uma apresentação de 50 slides com 50 fotos, eles prestam atenção. Vídeo, você pega um vídeo na internet pra mostrar um problema, eu achei muito bom de 50 minutos lá de Mariana, eu uso no terceiro, pra mostrar pra eles. Eles gostam, eles se conscientizam, eles ficam sensibilizados, por exemplo quando tem problema com destruição de fauna, com extinção de animal, eles gostam, eles ficam sensibilizados." (Profª. GeoA)

Com esses depoimentos abrimos espaço para discutir alguns aspectos relacionados com a escola enquanto espaço fundamental para a construção de um pensamento crítico e ambiental. Consideraremos os diferentes posicionamentos dos professores, salientando limites e as possibilidades desse espaço tão rico e contraditório.

5.1 Escola: lugar das possibilidades.

Uma possibilidade relacionada ao contexto da escola pública, levantada pelo Prof. Hist para o trabalho com a temática ambiental foi a construção de um cursinho comunitário. Vejamos o comentário desse professor sobre tal proposta:

> A escola é muito cheia de contradição, o espaço da sala a aula é muito cheia de contradição, a gente tem que acelerar mas vai com o pé no freio, às vezes… [...] Então a gente utilizou o espaço da escola, a escola fica aberta aos sábados por causa

> do Escola da família, a ideia não era fazer um cursinho, mas era fazer aulas de reforço em algumas disciplinas que eles têm um prejuízo maior, por falta de professor, ou porque são disciplinas mais difíceis. [...] Aí acho que a temática ambiental pode vir a calhar pra isso, porque eles podem se emancipar a partir dessas coisas. Talvez uma aula sobre o tema pode gerar ali futuros ambientalistas. Essa é a ideia, principalmente por ser uma espaço mais próximo, são menos alunos, é uma aula informal, não é aquela coisa.. Acho que é muito mais potente!" (Prof. Hist)

Outra possibilidade relacionada ao contexto da escola pública, considerada pela Profª. SocGeo foi a facilidade de planejar as atividades com outros professores, no caso da escola pública, nos horários de Atividades Pedagógicas Coletivas, as ATPC. Para ela:

> "talvez se a gente tivesse, porque aí acho é até um problema da escola particular. Talvez se a gente se a gente tivesse um ATPC por exemplo, pra gente conversar toda semana, e falar e aí pessoal, como que tá o projeto? Que pé que tá? Se a gente tivesse esse espaço, talvez ele tivesse dado certo. Porque o nosso problema é que não encontrava todos os professores, isso, eu acho que um projeto desse na escola pública já faria mais sentido, por conta desse encontro semanal com todo o corpo docente. Isso é um problema gigantesco que eu vejo na escola particular, que não existe um momento na semana que todos os professores sentam pra debater, e é, nossa, um ponto crucial que eu vejo que dá muito certo, como eu estou nas duas redes, eu percebo que dá muito certo na escola que trabalho o APTC, dá muito certo mesmo ele adiciona muito. Às vezes as coisas não acontecem na particular por causa disso." (Profª. SocGeo)

Fato que nos chama atenção nesse relato é que a professora reconhece possibilidades mais concretas para a escola pública, pois de maneira geral, o contraponto é de indicar aspectos positivos para as escolas particulares e aspectos negativos para as escolas públicas. Nesse caso, a posição da professora se inverte. Segundo Jacobi, Tristão e Franco (2009) as práticas pedagógicas de caráter coletivo e colaborativo:

> têm se revelado como processos importantes na produção de uma cultura de diálogo, de participação, de mobilização e de potência de ação (JACOBI; TRISTÃO; FRANCO, 2009, p.63).

Essas foram algumas das possibilidades para o trabalho com a temática ambiental no contexto escolar, levantadas pelos professores.

Muitas são as responsabilidades formativas depositadas sobre a escola, sendo o local privilegiado para a troca de conhecimento, para o ensino e a aprendizagem. Muitas são também as críticas ao seu ambiente e *modus operandi.* É possível alegar que diferentes formas de interpretar o processo educativo levam a diferentes posicionamentos sobre o papel social da escola. Carvalho (1989) já considerava a importância da escola para a transformação social:

> a escola pode contribuir na luta dos trabalhadores por uma sociedade diferente. A escola pode ter um sentido positivo, e este se dá quando ela se vincula a dinâmica maior das lutas populares. Isso implica, no entanto, colocar a importância da escola, não tanto nos conteúdos que o aluno recebe, mas nas diferentes experiências que o aluno pode vivenciar, sejam elas nos campos social, cultural ou intelectual (CARVALHO, 1989, p. 181).

No que se refere ao trabalho com a temática ambiental no contexto escolar, o autor aposta na articulação entre os conteúdos escolares e a dinâmica social como um todo. Enumerando ainda algumas implicações para o trabalho com a temática:

> Isso implica reconhecer e compreender os entraves e as limitações que ela apresenta e suas razões históricas Implica reconhecer o verdadeiro papel da escola, não criando ilusões em fundadas sobre as possibilidades transformadoras do trabalho realizado no seu interior. Por outro lado, implica também reconhecer, pelo caráter contraditório da mesma, as oportunidades reais que a escola oferece no sentido de contribuir para a transformação da sociedade. Implica instrumentalizar-se para que as “brechas” oferecidas pela instituição sejam bem aproveitadas... (CARVALHO, 1989, p. 184)

Porém sabemos que a escola é um lugar onde há muita contradição e conflito, e com isso exploraremos as limitações que o trabalho com a temática ambiental nesse contexto impõe.

5.2 Limitações para trabalhar com a temática ambiental na escola

Nossa pesquisa também nos permitiu identificar alguns limites mencionados pelos professores para a consolidação de um trabalho mais efetivo com a temática ambiental no contexto escolar, tanto da rede particular

quanto da pública. Dentre esses foram apontados pelos professores a falta de tempo para programar e desenvolver atividades ou projetos que envolvam a temática ambiental. O principal caso é do Prof. SocHis, que em vários momentos da entrevista cita a falta de tempo para se envolver em mais projetos ou com atividades que abordem a temática ambiental, como podemos acompanhar pelo trecho que segue:

> Uma escola gigantesca, que poderia ter composteira, minhocário, poderia ter hortas e mais hortas, a apostila não pede pra fazer horta né. Tenho vontade mas falta tempo, para tentar desenvolver alguma coisa, eu falo pro meu coordenador aqui, eu gostaria de diminuir um pouco a quantidade de aulas que eu tenho para desenvolver projetos, vir na escola do mesmo jeito, trabalhar do mesmo jeito, as mesmas horas ou talvez mais, mas botar a mão na massa, quem vai fazer a horta o minhocário e a composteira se as pessoas não tem tempo? (Prof. SocHis)

Para os professores que lecionam em escolas particulares e também para os que lecionam em escolas públicas tanto o sistema apostilado quanto o currículo oficial do estado foram citados como fatores que engessam e dificultam o trabalho com a temática ambiental em suas disciplinas. Como exemplo trazemos o trecho:

> “O currículo é engessado principalmente nas escolas privadas. Na escola pública não. Na pública você tem bastante liberdade. Só que eu não tenho experiência de dar aula de Física na escola pública. Mas aí a gente vai falar da escola pública, e a escola pública tem tantos outros problemas que a gente pode discutir, seja a formação dos professores, financiamentos, investimentos, estrutura, desigualdade social, violência, tem fatores internos, fatores externos, tem fatores de políticas públicas, então a escola pública é sempre mais complicado. Mas tem muito mais liberdade.” (Prof Fisc)

Como fator que dificulta o desenvolvimento de atividades com foco na temática ambiental foi elencada ainda a dificuldade na formação de uma equipe de trabalho onde os colegas estejam sintonizados e comprometidos com atividades interdisciplinares, bem como a falta de um horário para planejamento coletivo desses trabalhos, como os ATPC’s das escolas públicas. O que nos chama a atenção é que os professores SocGeo, SocHis e Fisc apontam o ATPC (Atividades de Trabalho Pedagógico Coletivo, existente apenas na rede pública de ensino) como um espaço rico para o planejamento e

organização de trabalhos interdisciplinares e coletivos envolvendo a temática ambiental. Assim o Prof. Fisc:

> Porque tem ATPC na pública, na escola particular não tem reunião pedagógica para o médio. Não tem reunião pedagógica, a gente não senta e não conversa. Só que, de novo, a escola pública tem possibilidades, não que isso vá se concretizar. (Prof. Fisc)

Além desses fatores, podem ser citados a falta de recursos e investimentos, a falta muitas vezes de estrutura para desenvolver alguma atividade diferenciada, como cita o mesmo professor:

> Porque tem coordenações que não funcionam, tem direções que não funcionam, tem corpo docente extremamente fragmentado, professores que dão aula em várias escolas, professores que não são concursados, que têm contratos extremamente precarizados. E aí, como é que você faz isso diante de uma realidade como essa? A questão é que você não faz, não faz. Existem fatores que são pré-existentes que vão determinar se você vai conseguir fazer ou não. Lógico que boa vontade é o primeiro passo, mas só boa vontade você sabe que não consegue fazer as coisas, não consegue movimentar. Precisa ter estrutura, precisa ter incentivo. (Prof. Fisc)

Pontualmente, foi mencionado pela professora BioA a reclamação dos pais dos alunos de escolas particulares, que reclamam caso os filhos cheguem sujos em casa devido a alguma atividade em ambientes fora da sala de aula. Outra limitação apontada pelos professores BioA e SocHis são as exigências da escola quanto à aprovação no vestibular:

> o problema que eu vejo nelas quem manda na escola particular é o Vestibular. A escola particular ela não tem uma identidade dela, ela tem uma identidade do vestibular. A propaganda dela é a aprovação no Vestibular, o conteúdo dela é o conteúdo do vestibular. De repente eu estou dando um conteúdo que os alunos amam e que eu adoraria trabalhar mais, eu não posso porque eu tenho tempo para terminar o caderno. (Profª. BioA)

Já para o professor GeoB há uma dificuldade em qualificar o debate ambiental. O docente traz uma limitação pertinente ao trabalho com a temática ambiental na escola, pois para ele existe uma grande abertura a se conversar sobre a temática ambiental, seja na escola ou em outros contextos. Porém quando a necessidade é aprofundar criticamente o debate sobre o tema, as pessoas não se interessam genuinamente. Segundo ele:

> eu vejo dificuldade é de qualificar o debate! De falar o que precisa ser falado. Na verdade com tudo, a gente pode ficar na superfície ou a gente pode dar uma aprofundada e chegar no miolo da questão. Isso eu acho mais complicado, porque aí as pessoas não estão de fato muito interessadas. Mostrar que está preocupado com o ambiente é até uma questão desejável [...] mas preocupado com o quê especificamente, como? Por quê? Dar uma verticalizada nas questões aí a galera não está muito interessada não. E isso eu sinto com todo mundo, desde os alunos, até conversando com professores mesmo, ou em casa, com a família [...] Então não aprofunda, não verticaliza o assunto, e aí as pessoas não se habituam a pensar isso. A abertura para conversar tem, de fato, tem qualquer pessoa se você parar na rua e for falar de questão ambiental a pessoa vai junto contigo. Mas daí a qualificar uma conversa e verticalizar o debate não acontece. (Prof. GeoB)

Quatro professores (BioA, BioB, SocHis e GeoB) apontam a falta de interesse e envolvimento dos alunos como um último fator que dificultaria o trabalho com a temática ambiental na escola. O que de fato chama nossa atenção, em relação à esse último dado, é que todos lecionam em escolas particulares, apenas os professor SocHis leciona em escola públicas. Ainda assim o Prof SocHis diz que a falta de autonomia dos alunos é provocada pela instituição escolar.

Vale ressaltar que as professoras BioB e GeoA destacaram que não tem nenhuma dificuldade em trabalhar com a temática ambiental em sala de aula. Ambas lecionam em escolas particulares.

Pensamos ser interessante trazer para esse momento de análise a percepção de alguns dos professores entrevistados, que dialogam com a questão da participação em espaços não formais de ensino, como uma decorrência de suas experiências profissionais. Ou seja, a partir de suas experiências profissionais os professores percebem a necessidade e a importância de ampliar os espaços de discussão e formação dos alunos. Assim alguns deles mobilizaram-se de modo a criar o coletivo educador visitado pela pesquisadora, o que organiza os eventos JORNADAS, mencionado no item 2.1 do capítulo 2.

Os professores SocGeo, SocHis, Hist e Fisc relataram que a participação nesse coletivo se concretizou enquanto uma forma de atuação política, bem como proporcionam momentos formativos, de trocas de experiências e fortalecimento político. Inclusive os professores alegam que a

participação nos eventos organizados por eles, possibilitou uma formação para o trabalho com a temática ambiental. Podemos acompanhar o trecho:

> quando a gente foi tratar do assunto das barragens, eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. É claro que eu sabia que tinha uma movimentação, que essas barragens trariam problemas, [...] com o JORNADAS e com os debates pré JORNADAS que a gente fez, eu entendi muita coisa. [...] Eu até inclusive, vou confessar um negócio... Eu pra falar a verdade, antes de ouvir todos os argumentos, eu até pensava, mas por quê? Por que é tão ruim a barragem? Eu falava, não vai levar água lá para o bairro industrial, para Paulínia, que precisa? [...] Claro que eu fiquei quietinha em relação a isso... Porque são pessoas muito.. que eu respeito muito que estão se posicionando contra. Então eu vou ficar quieta. Quando a gente começou a conversar, depois que teve o debate, eu falei: Gente, ainda bem que eu não falei alto isso, esquece. [...] Depois eu entendi, que foi explicado, que foi colocada a questão das famílias, a questão da biodiversidade daquele local, de quem que vai lucrar com aquela mudança ambiental. Eu falei, meu Deus, até bati na boca [...] ainda bem que eu fiquei quieta, antes de aprofundar. (Profª. SocGeo)

Para o Prof. SocHis os encontros também propiciaram momentos formativos com relação à temática ambiental:

> no próprio debate sobre as barragens, pude ter acesso à informações que eu não tinha, ter essa consciência de que a temática ambiental é discutida também em determinados contextos, como a de uma Conselho municipal, em pensar que existe um Conselho específico para trabalhar essa área. E hoje isso é uma expressão que faz parte do meu vocabulário em sala de aula, quando eu tento levantar com os alunos quais seriam os mecanismos que a gente tem para poder bater de frente com o poder público, hoje eu posso falar com mais propriedade sobre o Conselho Municipal de meio ambiente, por ter tido essa experiência, esse contato. O JORNADAS foi interessante porque se tiver algum aluno meu que queira investigar um pouco mais sobre a temática do meio ambiente e da sustentabilidade, eu tenho quem indicar: “Troca ideia com o Felipe, troca ideia com a Nicole, vai conhecer o núcleo, vê as dinâmicas que eles constroem.” Agregou principalmente na construção dessa rede de contatos, e adquirir mais informações sobre o próprio funcionamento dos conselhos, ter um contato mais próximo com a legislação ambiental. (Prof. SocHis)

Já para o Prof. Hist. quando questionado sobre sua participação na organização dos JORNADAS e quanto à contribuição dessa participação para sua formação política, o docente responde:

> É algo fundamental pra gente que trabalha com educação, porque é um espaço de formação, de troca de ideias, é um lugar para poder expressar opinião, sem que seja por exemplo num... a escola é um lugar fundamental pra isso mas a escola enquanto instituição também limita um pouco as coisas, e o JORNADAS não tem a limitação, a limitação é apenas a limitação ética que a gente tem enquanto indivíduo, mas não aquela coisa do professor-aluno, o espaço é diferente, como o espaço é diferente a instituição já torna o debate diferente por ser institucionalizado. O JORNADAS como não é institucionalizado é muito importante para discutir esses temas sem a limitação da escola, então para mim é fundamental como espaço de discussão, de criação, de valores, de consciência, porque ele é muito menos limitador. [...] Então, acho que [participar do coletivo] é fundamental como um complemento da atividade docente, mesmo que lá [no coletivo] a gente não se encare enquanto docente. A relação é muito mais próxima, é uma relação de amizade até. Mas com certeza é algo fundamental. Esses espaços de trocas de ideias, tem que ter de diversas formas quer seja na escola, em comunidades de bairros, ou o Jornadas. O próprio BAR, que seja, porque tem isso, a gente sai a noite, nos bares, e discute essas coisas também, inclusive as nossas organizações do JORNADAS a maioria foi feita nesses espaços, porque é um espaço para ser ocupado mesmo. (Prof. Hist)

Com isso, podemos apontar que o contexto escolar abarca grande riqueza e diversidade de experiências na formação tanto para a temática ambiental quanto para a dimensão política. Isso exposto consideramos a importância das experiências vividas por esses professores também em espaços não escolares. Tais experiências podem, consequentemente, favorecer uma abertura maior da própria escola, representada pelos sujeitos políticos dela participantes, para uma maior interação com as comunidades do entorno. Dessa maneira seria possível uma formação social mais ampla nesses espaços, com a interação entre alunos, professores, pais, para se tornarem agentes da tão almejada transformação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre as relações entre a sociedade e outros elementos da natureza não é uma novidade e tampouco uma tarefa simples. Se a natureza se tornou um tema visceralmente e necessariamente político, como já constatou Bornheim em 1985, pensar sobre essas relações hoje, e sobre elas emitir um posicionamento, exige que consideremos diversas situações e circunstâncias, e em diferentes contextos da vida humana.

Neste trabalho retomamos brevemente o surgimento da EA, como uma das maneiras de fazer frente aos problemas ambientais que se acumulam e se agravam a cada dia. Retomamos os pressupostos da EA ligados às raízes dos movimentos ambientalistas, considerando que tais pressupostos carregam características da luta anti-hegemônica. Além de remontar esse histórico, com a ajuda de autores da área, identificamos o que se espera para campo. Autores como Trein (2012) propõem repensarmos a forma de ser e estar no mundo, indicando que para isso, seria necessária uma mudança radical na estrutura material e social da vida. Outros como Sund e Öhman (2014) indicam a necessidade de repolitizar o campo da EA.

Pensamos que uma repolitização do campo será possível quando conseguirmos (nós, educadores ambientais, professores e pesquisadores da área) ter clareza sobre as diferentes perspectivas que têm sido propostas para o desenvolvimento de práticas de EA. Como já dito, todo processo educativo tem uma intencionalidade e a depender das escolhas teórico-metodológicas, o ato educativo pode reforçar ou subverter as ideias hegemônicas postas pelo atual modelo social de produção capitalista.

Lembrando que educar é um ato político (SAVIANI, 1985), nos apoiamos na proposta de Carvalho (2006), para quem a prática pedagógica só se caracteriza, de fato, com toda a sua força, como política, quando as três dimensões, (os conhecimentos, os valores e a participação), são consideradas em sua complementaridade. Caso contrário, a prática pedagógica fica fragilizada, no seu potencial de transformação social.

Assim, nós, como outros educadores e pesquisadores da área apostamos que as perspectivas que mais se sintonizam com essa necessidade de transformação social e de politização do campo, são aquelas que se afinam à Teoria Crítica, nomeadas de Educação Ambiental Crítica.

Assim, iniciamos nossa pesquisa tendo como pressuposto a característica fortemente política que envolve a temática ambiental e a EA, e considerando a importância e o significado do trabalho dos professores para as práticas educativas que envolvam a temática ambiental. Considerando tal perspectiva, nosso objetivo foi mobilizar sentidos sobre a relação entre experiências de vida dos professores e a dimensão política da Educação Ambiental e compreender as possibilidades que diferentes experiências de vida oferecem para a sensibilização dos professores, para trabalhar a temática ambiental em suas disciplinas. Para responder a tais objetivos nos pautamos pelas seguintes perguntas de pesquisa: Que experiências de vida relatadas pelos professores, podemos compreender como significativas no processo de sensibilização para a prática educativa relacionada à temática ambiental? Que experiências podemos compreender como significativas no processo de sensibilização desses professores para a prática educativa que considere a dimensão política?

Foi assim que, considerando os discursos dos professores, construídos a partir das respostas às questões propostas a eles nas entrevistas é que tentamos construir sentidos sobre as experiências que os colocaram em sintonia para o trabalho com a temática ambiental em suas disciplinas.

No contexto não escolar, as experiências durante a infância de muitos professores com o lúdico, com as brincadeiras que ocorreram em meio à natureza, as experiências que os colocaram frente à novas emoções e sensações, relacionadas com o ambiente foram marcantes. Ainda nesse contexto, as práticas familiares que mais marcaram os professores com relação à temática ambiental foram as tentativas de viver de maneira mais sustentável, por meio da construção de hortas caseiras, composteiras, a troca de alimentos com a economia solidária, dentre outras iniciativas. Além dessas, a participação nas comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, também foram tidas como significativas por terem colocado alguns dos professores em contato direto com as questões da temática ambiental.

No contexto escolar as vivências como as saídas de campo ou estudos do meio, as visitas a fazendas ou estação de tratamento de água, plantações e até atividades realizadas fora da sala de aula como o pátio ou o jardim da escola, foram as mais marcantes. Interessante notar que a referência a professores que proporcionaram aos entrevistados um entendimento mais amplo sobre as questões ambientais ficaram marcadas em suas memórias tendo sido recorrentes em algumas das entrevistas realizadas. Ainda como experiências significativas na trajetória dos professores, podemos mencionar as vivências na universidade, as disciplinas da graduação, as disciplinas da licenciatura que de alguma maneira os colocaram em contato com a temática ambiental.

Em relação às experiências que os colocaram em sintonia com a dimensão política, fora do contexto escolar, ficam em evidência as influências familiares, quando os pais ou parentes próximos tinham uma efetiva participação em sindicatos das suas classes profissionais. Além disso, os professores fazem referências às experiências relacionadas à uma atuação política mais institucionalizada como, por exemplo, a participação em coletivos como o REPRESENTA JUVENTUDE e o JORNADAS. Da mesma forma, apontam os conflitos que enfrentaram ao participar das comunidades eclesiais de base da Igreja católica, das quais onde alguns deles participaram, como experiências que foram significativas em suas vidas.

No contexto escolar, as experiências que os aproximaram da dimensão política foram o contato com as redes pública e particular de ensino, como por exemplo do Prof. SocHis que relatou que essa vivência o fez “sair da zona de conforto”. Novamente a referência a professores que proporcionaram aos participantes um entendimento mais amplo de mundo. Isso os colocou frente à dimensão política justamente por entenderem que o político se faz questionando, debatendo, indo para além do “senso comum”.

Ainda no contexto escolar, mas no ensino superior, as experiências que os colocaram em sintonia com a dimensão política estiveram relacionadas com a participação nos movimentos estudantis, nos movimentos sociais, em estágios e grupos de extensão, bem como em algumas disciplinas específicas da grade curricular de cada curso. Podemos dizer que a interação com os conflitos existentes no ambiente da universidade pública, a vivência com a

diversidade de pessoas, estilos, maneiras de pensar, o fato de vivenciar as contradições presentes no ambiente universitário, de alguma maneira, fizeram os participantes da pesquisa pensarem de forma mais ampla e abrangente, o que ao nosso entendimento é um importante fator promotor do envolvimento com o que é político.

De maneira geral, pudemos perceber que os professores entendem a Educação como um instrumento de transformação social, de construção da cidadania e de emancipação. Consideramos, também, bastante significativo o fato de que alguns deles, ao fazer referência à dimensão política da educação ambiental, apontaram para o compromisso ético, como um pressuposto necessário ao trabalho docente alertando para a necessidade de coerência entre o ser e o viver.

Os professores realizam diversas tentativas de incluir a temática ambiental em suas disciplinas por meio de relações com os conteúdos curriculares específicos de cada disciplina. Nessa tentativa cada professor se apoia em recursos e procedimentos didáticos variados. Exploramos no texto o uso dos recursos áudio-visuais, filmes, documentários, fotos e apresentação de slides dentre outros. Pudemos perceber também que a construção de uma horta escolar é vista pelos professores como uma iniciativa que poderia ser melhor explorada para o trabalho com a temática ambiental.

A partir da análise das entrevistas identificamos que alguns professores percebem a necessidade e a importância de ampliar os espaços de discussão e formação dos alunos, para além do ambiente escolar, e, portanto, mobilizaram-se de modo a criar o coletivo educador visitado pela pesquisadora, o que organiza os eventos JORNADAS.

Com isso, podemos apontar que o contexto escolar abarca grande riqueza e diversidade de experiências na formação tanto para a temática ambiental quanto para a dimensão política. Apostamos ainda na ideia de que as atividades de EA que dialogam com outras áreas e outros temas, de certa maneia, podem contribuir para a construção dos conceitos e práticas sociais que envolvem o universo do “ambiental”, abrindo, assim, possibilidades para o fortalecimento do campo.

Entendemos, também, que o campo da EA permanece em constante disputa, e assim sendo, pesquisas que buscam explorar e mobilizar sentidos

múltiplos construídos a partir das experiências de vida dos professores para o trabalho com a temática ambiental, enfatizando sua dimensão política, podem ser vistas como de grande significado para compreendermos os processos formativos mais amplos que garantem o envolvimento e compromisso dos docentes da educação básica com essa questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOGLIA MORENO, O. B.; **La crisis ambiental como proceso. Un análisis reflexivo sobre su emergencia, desarrollo y profundización desde la perspectiva de la teoría crítica**. 2010. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) — Departamento de Didácticas Específicas, Universitad de Girona, 2010.

AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C.; Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa.** v. 45 n.155 p.56-75 jan./mar. 2015.

ALVES, B. T.; **Experiências políticas e práticas docentes em educação ambiental: trajetórias de professores de ciências da natureza**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) — Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108726>. Acesso em: 12 jul. 2016.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F.; **O método nas ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMARAL, I. A.; Educação Ambiental e o Ensino de Ciências: Uma história de controvérsias. **Pró-Posições.** Vol. 12, nº 1 (34). Março 2001.

BAKHTIN, M.; **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BIGLIARDI, R. V.; CRUZ, R. G.; O papel da educação ambiental frente à crise civilizatória atual. **Ambiente & Educação**, v. 12, n. 1, p. 127-141, 2007.

BITAR, A. L.; **Pesquisa em Educação Ambiental: A atividade de campo em teses e dissertações.** Dissertação (Mestrado em Educação) — Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K.; **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 2010.

BONOTTO, D. M. B.; SILVA, L. F.; SANTANA, L. C.; CARVALHO, L. M.; CAVALARI, R. M. F.; Grupo de pesquisa a temática ambiental e o processo educativo: concepções e práticas. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 5, n. 2, p. 41-48, 2010. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/1611>. Acesso em: 10 set. 2015.

BORNHEIM, G. A.; Filosofia e Política Ecológica. **Revista Filosófica Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-24, 1985.

CAMBI, F.; Novas emergências educativas: Feminismo, Ecologia Intercultura. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 638-641.

CAMPOS, D. B.; **A temática ambiental e o ensino de biologia: o professor enquanto sujeito ecológico**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) — Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

CARLINDO, E. P.; Trajetória de vida, formação profissional e atuação docente: referências significativas para se compreender a estrutura do habitus profissional de professoras atuantes em uma escola municipal do interior paulista. In: VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE 2008, 8, 2008, Curitiba. **Anais.** Curitiba: Editora Champagnat. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/ educere2008/anais/pdf/234_125.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.

CARSON, R.; **Primavera Silenciosa**. Tradução: Raul de Polillo. Editora: Portico. 2ª edição. 1962.

CARVALHO, L. M.; **A temática ambiental e a escola de 1º grau**. 1989. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

CARVALHO, I. C. M.; **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental**. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CARVALHO, I. C. M.; Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos de educação. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (Coord.) *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

CARVALHO, I. C. M.; A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: Sato, M. & Carvalho, I. C. M. (orgs) *Educação Ambiental*; pesquisa e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2005.

_____. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, L. M.; A Temática Ambiental e o Processo Educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. S.; LOGAREZZI, A.; **Consumo e Resíduos** – Fundamentos para o trabalho educativo. São Carlos: Editora UFSCar, 2006. Disponível em: <http://www.ufscar.br/consusol/arquivos/uma_proposta_de_terminologia.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2015.

_____. **Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil: Um Campo em Construção?** Tese (Livre-Docência em Educação Ambiental) — Departamento de Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

CARVALHO L. M.; CAVALARI, R. M. F.; SANTANA, L. C.; O Processo de Ambientalização Curricular da UNESP-Campus de Rio Claro: diagnóstico e

perspectivas. In: ARBAT, E.; GELI, A. M.; **Ambientalización Curricular de los Estúdios Superiores**: Aspectos Ambientales de las Universidades. Girona: Universitat de Girona, 2002, p. 81-88.

CORTINA, A.; Ciudadanos del mundo: Hacia uma teoria de la ciudadanía. Alianza Editorial. Madrid. 1997.

GARCÍA-VERA, N. O.; La pedagogía de proyectos en la escuela: una revisión de sus fundamentos flosófcos y psicológicos. magis, **Revista Internacional de Investigación en Educación**, *4* (9), 685-707. 2012.

GIBBS, G.; **Análise de dados qualitativos**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUIMARÃES, M.; Educação ambiental crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.) **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente (Diretoria de Educação Ambiental), 2004, p. 25-34.

HART, P.; NOLAN, K.; A Critical Analysis of Research in Environmental Education. **Studies in Science Education**, v. 34, n. 1, p. 1-69, 1999.

JABOBI, P. R.; TRISTÃO, M.; FRANCO, M. I. G. C.; A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 29, n. 77, p. 63-79, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622009000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 03/02/2018.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C.; As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente e sociedade**. São Paulo, v. XVII, n. 1, p. 23-40, jan-mar. 2014

LIMA, G. F. C.; Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, ano II, n. 5, p. 135-153, 1999.

LOUREIRO, C. F.; LAYRARGUES, P. P.; Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de Aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-71, jan./abr. 2013.

MANZOCHI L. H.; CARVALHO L. M.; Educação Ambiental formadora de cidadania em perspectiva emancipatória: constituição de uma proposta para a formação continuada de professores. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 3, n. 2 – pp. 103-124, 2008.

MATOS M. S.; A Formação de Professores/as e de Educadores/as Ambientais: Aproximações e Distanciamentos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 4, n. 2 – pp. 203-214, 2009. DOI: http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol4.n2.p203-214

MOUFFE, C.; Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, n. 3, out. 2003.

PAYNE, P. G.; Framing research: conceptualizing, contextualizing, representation, legitimization. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 49-77, 2009.

PINHEIRO, J.; O sujeito da ação política: notas para uma teoria. **Lutas Sociais**, n. 3, p. 143-163, 1997.

RODRIGUES, J. N.; GUIMARÃES, M.; Educação Ambiental Crítica na formação do educador: uma pedagogia transformadora. In: 33ª Reunião Anual da ANPED – Educação no Brasil: o balanço de uma década, 33, 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT22-6571--Int.pdf>. Acesso em:15 nov. 2016.

SANTOS, B. S.; **A difícil democracia: reinventar as esquerdas**. 1ª edição. São Paulo. Editora Boitempo. 2016.

SAVIANI, D.; Onze teses sobre Educação e Política. **Escola e Democracia**: Polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 1985, p. 91-101.

SAVIANI, D.; Formação de Professores no Brasil: dilemas e perspectivas. ***Poíesis Pedagógica***, v. 9, n. 1, p. 7-19, jan./jun. 2011.

SEVERINO, A. J.; A perspectiva dos valores na educação. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2002, p. 83-97.

SILVA, T. D.; O cidadão e a coletividade: As identificações produzidas no discurso da Educação Ambiental. In: TRAJBER, R.; MANZOCHI, L. H. (Orgs.); **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: materiais impressos.** São Paulo. Editora: Gaia. 1996.

STENGERS, I.; **No tempo das catástrofes**: Resistir à barbárie que se aproxima. (Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro.) São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SUND, L.; ÖHMAN, J.; On the need to repoliticise environmental and sustainability education: rethinking the postpolitical consensus. **Environmental Education Research**, v. 20, n. 5, p. 639-659, 2014.

TARDIF, M.; Os Professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério. In: CANDAU, V. M. (Org.). ***Didática, Currículo e saberes escolares***. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 112-128.

TORALES, M. A.; O papel dos professores: da ação escolar a ação educativo-comunitária como compromisso político-ideológico. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 1-17, mar. 2013.

TREIN, E. S.; A Educação Ambiental Crítica: crítica de que?. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 7, n. 14, agosto/dezembro de 2012.

VALENTIN, L.; **A formação continuada de professores em educação ambiental na produção acadêmica (dissertações e teses)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) — Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

VOLÓCHINOV, V.; **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

WAY E. T.; El educador, sujeito ético y político. **Revista Educación**. Vol. 15, Núm. 29. 2006. Acesso em: 23/11/2016. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/educacion/article/view/2333>

ANEXO I - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Nome:_____
DATA:_____

Idade: Há quanto tempo atua profissionalmente:

- EXPERIÊNCIAS DE VIDA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (***temática ambiental e Política***)

Trajetória escolar, acadêmica e profissional

Outras experiências significativas

Sensibilidade para questões Ambientais

- FORMAÇÃO ACADÊMICA (***temática ambiental e Política***)

Universidade, cursos realizados, pós graduação

Motivações e Atitudes relacionadas à Educação

Relação: formação e temática ambiental/ Educação Ambiental

- ATUAÇÃO PROFISSIONAL (***temática ambiental e Política***)

Sensibilidade para profissão professor

Experiências profissionais significativas

Motivações para o desenvolvimento de práticas docentes relacionadas à temática ambiental

Temática ambiental e a docência: possibilidades e limites

- SENSIBILIDADE POLÍTICA

Atividades e experiências políticas, sociais e culturais

Motivações para o envolvimento com estas atividades

Possíveis relações entre estas atividades e a docência

Possíveis relações entre estas atividades e a temática ambiental

Relações entre sua formação, o envolvimento em ações políticas, sociais e culturais com a temática ambiental e/ou a educação ambiental

ANEXO II – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE UMA ENTREVISTA

Transcrição completa da entrevista do Prof. GeoB.

Idade: 33 anos
Formado em: Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestrado em Geografia pela UNESP- Rio Claro, Doutorado em andamento na UNICAMP.
Leciona há: 13 anos
Entrevista dia: 01/11/2017

Pesquisadora
Há quanto tempo você dá aula?

Prof GeoB
Desde 2004, então são 13 anos.

Pesquisadora
Você já deu aula em escola pública?

Prof GeoB
Não, é um dos problemas da minha vida. Uma das manchas no meu currículo. É sério, é uma das coisas que eu me arrependo pra caramba.

Pesquisadora
Mas você gostaria?

Prof GeoB
Durante muito tempo eu quis e tive medo, porque eu era muito novo, eu achei que não ia dar conta. Porque hoje em dia a gente tem esse grupo de pessoas que são professores e trocar experiência é tranquilo, mas na época que eu comecei eu não conhecia ninguém. Eu ouvia as histórias, ficava sabendo de coisas e me dava um certo medo e hoje em dia eu não tenho medo, mas não tenho coragem, não tenho energia, força.

Pesquisadora
Me conta um pouco como foi na sua infância adolescência os contatos com escola, ou com o meio ambiente também.

Prof GeoB
Em casa minha mãe é professora, ela é professora do estado deu aula em escola pública desde que eu me conheço por gente. A gente é de São Paulo, então desde lá ela dava aula numa escola próxima. A gente morava na Zona Leste de São Paulo e por sorte, ela fazendo concurso conseguiu uma escola que era três quarteirões de casa. Ela ia muito pra escola, além dos dias de aula ela ia, ficava na escola muito tempo e eu ficava lá também porque não tinha com quem me deixar, eu ficava muito com ela na escola. Eu convivi muito na escola pública por causa disso, comia merenda e tudo, eu tenho essa memória, mas não de eu ter estudado na escola pública, mas de ter frequentado por causa da minha mãe.

Pesquisadora
Você estudou em escola particular?

Prof GeoB
Particular, é. Ela sempre fez questão de me deixar em escola particular. Então escola sempre foi assunto recorrente em casa por causa dela, meu pai não tem qualquer ligação com isso, ele sempre trabalhou lá em São Paulo ele trabalhava em escritório, era executivo não sei das quantas e aqui, quando a gente mudou pra cá ele virou comerciante. Sempre distante desse assunto, desse tema, mas com a minha mãe sempre foi uma conversa.
Agora nunca foi uma vontade, eu nunca pensei ao longo da vida, na escola, em ser professor. Nunca foi isso, mesmo na época do Vestibular, eu não… Na verdade eu não sabia muito bem o que fazer. Quando eu prestei vestibular eu prestei, o curso principal que eu queria era Jornalismo, porque eu sempre gostei muito de escrever. Na época, eu prestei vestibular em 2000 e 2001, prestei na USP, prestei na Federal de Santa Catarina, na Federal de Minas, Jornalismo em todas essas, fiz a PUC de Campinas por garantia, vai que eu não passo em lugar nenhum. E aí chegou a hora de fazer a inscrição na Unicamp. Na Unicamp não tem Jornalismo, como não tem até hoje, aí olhando o catálogo de cursos, com a minha mãe, sentado junto com ela, ela olhou, passou assim pela Geografia e disse: Ah, você gosta disso aqui, você sempre vai bem na disciplina, você gosta de ficar olhando mapa, você tem essas preferências, faz ué. Mas sem saber o que era, sem saber o que vinha pela frente, nada, sabia de nada. E aí deu que eu passei na Unicamp. (risos)

Pesquisadora
Em nenhuma outra você passou?

Prof GeoB
Eu passei pra segunda fase da USP, mas da segunda fase eu não passei, na Federal de Santa Catarina eu fiz, mas grana, longe, família, acabei não indo. Passei na Unicamp e fui fazer Geografia, mas sem saber de nada. Na época, o curso de Geografia da Unicamp tinha, hoje mudou, mas tinha um núcleo comum, Geologia e Geografia entravam juntos no vestibular, e durante um ano faziam as mesmas disciplinas. Então tinha uma mistura ali, meio pendendo mais pra Geologia, de disciplinas que falassem pras duas turmas. Aí eu tive que fazer disciplina de Cálculo, disciplina de Química, disciplina de Física, disciplina de Estatística, que foi um inferno na minha vida, eu reprovei várias vezes essas mesmas disciplinas e várias vezes eu quis desistir. Porque eu falei: Não é isso aqui. Eu imaginei que eu fosse vir aqui e ver mapas e conversar de países, sei lá, mas não ficar aprendendo integral e essas coisas. E aí só no terceiro semestre de verdade, no segundo ano que eu me encontrei. Eu comecei a ter aula de Geografia de verdade, com professores da Geografia, aí eu dei uma suspirada e falei: Ah é isso aqui mesmo. Isso foi esse segundo ano, 2003, entrei em 2002. No final de 2003, no segundo semestre de 2003, alguns amigos conhecidos da Geografia e de outros cursos lá da Unicamp, começaram a se movimentar para montar um cursinho comunitário. A princípio seria em Campinas, ali em Barão Geraldo, mas por uma questão de grana, de não ter as condições de montar tudo aquilo, um menino que era de Jundiaí achou um lugar lá em Jundiaí e tinha o espaço bacana pra fazer, aí a gente montou. Começo de 2004 eu comecei a trabalhar lá como voluntário, não ganhava nada, saía daqui de Pedreira, de busão, ia lá pra Jundiaí, ficava 3 horas no busão pra dar duas aulas, e voltava pra trás. Eu ficava mais tempo na estrada do que… Mas foi muito massa, a primeira aula que eu dei na vida foi pra uma sala de 250 pessoas. (risos) Foi um batismo de sangue! Eu costumo dizer que eu estava parecia uma minhoca mole, não sentia minhas pernas, não lembrava meu nome direito, foi engraçado. Hoje em dia é engraçado, na época eu fiquei desesperado. Mas foi ali que eu descobri o que era isso. Que apesar de eu nunca ter pensado em dar aula, apesar de eu nunca ter visto isso como uma alternativa, eu gostei! A hora que eu entrei na sala e comecei a falar, a molecada olhando pra minha

cara e prestando atenção no que eu estava dizendo, me fazendo pergunta, eu falei: Ah é por aqui acho. E aí começou.
E aí a questão ambiental é meio que inerente à Geografia. A gente normalmente, o tempo inteiro quando fala sobre a Geografia a gente está falando de um jeito ou de outro sobre a questão ambiental. De um jeito ou de outro, com uma preocupação maior ou menor, porque a questão dos solos, a gente fala da vegetação, e na hora de preparar as aulas para a escola, mesmo que hoje em dia boa parte das escolas usa apostila, essas coisas, a gente sempre tem chance de ir encaixando alguma coisa. E sempre que o assunto aparece, ou sempre que o assunto permite eu tento encaixar alguma conversa ou algum debate sobre a questão ambiental. Esse ano mesmo eu estou fazendo uma experiência particular, sozinho, que é do primeiro semestre inteiro até agora, e eu consegui em todos os temas que apareceram em todos os pontos da disciplina que apareceram pra uma sala de primeiro colegial eu inclui na conversa algum tema ambiental. E deu certo assim.

Pesquisadora
Isso que eu ia perguntar deu?

Prof GeoB
Deu certo pra mim! Deu certo pra mim, eu estou conseguindo fazer, de fato, eu estou montando um arquivinho de aulas com esse perfil, com esse viés. Não que os alunos estejam… Só que é sempre uma coisa diferente, às vezes falo de mudanças climáticas, às vezes falo do aquecimento global, quando vai falar de vegetação eu falo sobre o desmatamento.

Pesquisadora
São aqueles mapinhas que você às vezes posta e fica chocado de descobrir alguma coisa?

Prof GeoB
É. Aquilo lá é pra buscar material pra montar as aulas. Aí de vez em quando eu acho algumas coisas, como por exemplo, aquele dos banheiros e do saneamento básico.

Pesquisadora
E por que você fala que está dando certo pra você e não para os alunos?

Prof GeoB
Ah, porque assim, no começo do ano eles, talvez….. Ah Tati eu tô cansado. Se a gente for começar a entrar por esse lado. Algumas coisas eu. Alguma coisa.

Pesquisadora
Mas assim de você perceber que não tem feedback deles ou quê?

Prof GeoB
Deles, algumas chegam, algumas coisas alcançam, mas às vezes eles ficam impressionados às vezes ficam assustados em determinado sentido, mas 90% do tempo reflete, bate e volta na mesma hora, no mesmo movimento. Eles não se assustam, eles não se impressionam, especialmente quando falam sobre questões grandes. Quando fala sobre coisas locais micro. Aí a coisa funciona. Por exemplo, há umas duas ou três semanas atrás, a conversa meio que foi para a gente conversar sobre… foi encaminhado para gente falar sobre a questão das represas, das barragens. Aí sim eu senti um engajamento ali. A molecada ficou interessada por que de fato não tinham as informações, não sabiam o tamanho do negócio. Quais são as implicações de ter uma barragem tão grande daquela perto da cidade. Enfim, levei

mapa, mostrei na imagem de satélite do Google e fiz... Ali eu vi uma preocupação deles, a mesma de alguém que acabou de tomar contato com assunto.

Pesquisadora
Por ser um tema local ali próximo a eles?

Prof GeoB
Isso, aí pergunto do bairro falo de pessoa que conheço lá e que vai sofrer de alguma forma, que vai ser desapropriada, enfim. Agora quando falo de questões macro, globais que envolvem. Aí a coisa fica muito distante eu imagino, e eles não se preocupam, mesmo quando é uma questão global que tem interferência local. Por exemplo, as mudanças climáticas. Nada assim, não vejo nenhuma grande mobilização em termos de repensar e alterar certos hábitos.

Pesquisadora
E você acha que é porque fica muito teórico, ou muitos dados e não tem uma coisa mais concreta mais palpável?

Prof GeoB
Acho que isso e acho que o fato de…. Ah vai acontecer em São Paulo, não vai acontecer em Pedreira imagina!!! Que vai acontecer aqui? Aqui não acontece nada nunca...

Pesquisadora
E isso é um pensamento deles?

Prof GeoB
Pensamento deles eu imagino, sou eu dizendo, nunca perguntei de fato, posso perguntar um dia, mas por enquanto não perguntei. É uma experiência nova para mim, trazer esses temas com mais frequência, e eu imaginei que ia ter uma resposta melhor assim deles.

Pesquisadora
E o que te motivou a trazer, a fazer esse projeto com os primeiros do ensino médio?

Prof GeoB
Primeiro um interesse particular mesmo de ir lendo notícias e ir vendo que o poço está ficando mais fundo, que o buraco está ficando mais grave em termos das questões dessa temática. E outra por conta da minha tese, que de uma forma meio transversal fala sobre mudanças climáticas tá interessado nesse tema. E aí isso fica na cabeça permanente quando tá escrevendo a tese, pensando em tese e fica pensando nisso, nesse tema quase que 24 horas por dia.

Pesquisadora
Então está envolvido com a sua pesquisa te fez trazer essa coisa de uma maneira mais nítida mais clara mais insistente para eles?

Prof GeoB
É porque eu comecei a ficar preocupado. Eu sabendo mais sobre esse tema, eu vendo o tamanho do problema que têm se transformado essas questões eu achei que uma das minhas obrigações, por uma questão ética mesmo educacional, didática mesmo, sei lá, era tentar trazer isso pros alunos com os quais eu tenho contato. E aí dá uma certa frustração isso. Eu até comentei com eles, num dia, uma aula que eu percebi assim um desligamento total… sabe qual é o grande problema dessa questão das

mudanças climáticas?! É que quem está assustado, ali falando, são os caras que sabem o que está acontecendo. São os climatólogos, são a galera, os Geofísicos, os Geólogos, a galera que lida com essas questões mais de perto, eles estão assustados. A galera no cotidiano, do dia a dia nem sabe o que está acontecendo, não sabe o que está rolando porque não está preocupada. Então muda ciclo de chuva, de repente fica seco onde não era pra ficar. De repente fica muito calor onde não era para estar, de repente fica muito frio onde não era para estar. Os ritmos que a gente conhece do ano alteram, e a pessoa acha que é um fato isolado. Não é cara, a gente já está vivendo, a gente já está experienciando mudanças grandes, graves relacionados às mudanças climáticas. Mas literalmente é falar pro nada, quando fala dessas questões gigantes.
Agora se eu falo, por exemplo, da represa, que a represa vai encher por que não tem água, e não tem água porque desmatou, ou não tem água porque o ciclo de chuva está alterado, ou não tem água porque o solo não absorve mais, aí chega neles. Porque aí é falando de Pedreira, é falando da mata que eu conheço, é falando do sítio do meu avô que tem Eucalipto, aí eu consigo conversar com eles de fato. Eu acho interessante essa coisa da escala: Fala mundo, eles pensam: Ah vai acontecer lá em Nova Iorque, vai acontecer lá na Europa, em Pedreira não importa. Agora quando falo alguma coisa em Pedreira ou Amparo, alguma coisa que está próxima a uma escala de vida deles, aí eu vejo um pouquinho mais de engajamento deles. Mas não é nada assim: Vamos pra rua, não. Mas assim eles ficam mais interessados.

Pesquisadora
E como foi isso na sua infância? Como era trabalhada a temática ambiental na sua época escolar, na sua... ?

Prof GeoB
Ó eu vou te dizer que muito pouco. Não é um tema que eu me lembre muito, nas aulas, na época de escola, não é alguma coisa que eu ouvia muito. Pouca coisa.

Pesquisadora
E fora da escola?

Prof GeoB
Contato com esse tema? (pensando huum) Olha, nunca tinha parado pra pensar, mas, não é uma coisa que a gente falava antes. Pelo menos pra mim na minha experiência. Não é uma coisa com a qual eu tinha muito contato, eu fui começar a ter contato com essas questões na Universidade. Na escola mesmo eu não lembro de ter aulas assim… Claro que tinha aula sobre desmatamento, o professor falava, explicava sobre a questão da Amazônia, falava do Cerrado, mas uma aula que falasse sobre questões ambientais especificamente em Biologia, Geografia, eu não lembro não.

Pesquisadora
Nem no fundamental nem no médio?

Prof GeoB
Não, de verdade. Fiquei até assustado agora, eu nunca tinha parado pra pensar. Não era um tema que se conversava na época. “Na época”, parece que eu tenho 50 mil anos, eu terminei o ensino médio em 2002. Que engraçado.

Pesquisadora
E de lá pra cá essa coisa tem ficado mais séria...

Prof GeoB

Mais constante mais frequente, é.

Pesquisadora
E parece que mesmo assim,

Prof GeoB
Ainda não funcionou, ainda não pegou a galera.
Engraçado, eu não lembro nem de trabalhinhos assim, nem de na escola. Porque o fundamental eu fiz meio que assim, meio a meio, dividido, uma parte lá em São Paulo uma parte aqui em Pedreira, e eu não lembro de trabalhinho, de fazer uma maquete, de nada, nada.

Pesquisadora
Com que idade você mudou para Pedreira?

Prof GeoB
É, foi em noventa e seis, eu tinha 12 pra 13 anos.

Pesquisadora
E o que mudou do contato mesmo com o ambiente, com ambientes preservados, com a natureza, de São Paulo para Pedreira?

Prof GeoB
Ah, tudo né (risos) Tudo! Lá em São Paulo eu morava na zona Leste, é tipo Selva de pedra mesmo assim, não tem nem praça, é construção. Bastante construção assim, não tem área verde, o máximo de área verde que tem são aqueles canteiros no meio da avenida assim. Então não tinha nada assim, tinha árvore, mas eram árvores de prefeitura, colocadas em canteiros.

Pesquisadora
E você lembra do que você sentiu de contato com o ambiente já em Pedreira?

Prof GeoB
É aquela coisa assim, porque aqui em Pedreira a gente já tinha família né, a minha mãe tem uma irmã que mora pra cá, então férias, essas coisas a gente vinha pra visitar essa minha tia, aí tinham os primos, e eles tinham casa com piscina e a casa perto do rio, então eu conseguia enxergar o rio. Tinham árvores, era a imagem que eu tinha de Pedreira. O morro do Cristo que a gente subia lá pra ver, víamos aquela paisagem cheia de árvores, de coisas que eram pra mim, diferentes. Aí, quando eu mudei pra cá, eu costumo dizer pra todo mundo, a coisa que eu mais gostava de ter mudado pra cá era do céu. Porque lá em São Paulo não tem estrela né, ou está encoberto com nuvem porque chove bastante, garoa bastante, ou porque tá sujo mesmo e você não enxerga o céu, aquele céu sujo que tem lá em são Paulo. E aqui não cara, qualquer noite, qualquer hora você olha pra cima e está tudo ali. Quanto mais longe da cidade, mais fantástico a coisa vai ficando. Eu gosto, gostava já bastante do céu, quando eu ia pra faculdade eu fazia questão de ir na janela do ônibus ou da van pra ficar vendo as estrelas. E depois quando eu comecei a dirigir, aí que eu fiquei um pouco mais “livre”, porque lá em Pedreira é diferente de Amparo, a cidade é construída de um jeito que não convida a caminhar. Amparo está construída no vale, é uma cidade mais plana, dá pra você ir andando pra vários lugares, de bicicleta. E lá em Pedreira não é assim, a cidade é construída no morro, a maior parte dos bairros da cidade são no alto. Eu morava lá em Pedreira em um bairro beeem no alto, um dos bairros mais altos da cidade, pra todos os lugares que eu fosse eu tinha que subir um morro considerável na volta, então eu praticamente não saía de casa. Ou então saía,

mas xingando a mãe do guarda. Aí quando eu comecei a dirigir, eu comecei a explorar um pouco mais, aí que eu fui descobrir estrada de terra, aí que eu fui descobrir uns pedaços de lugar que na minha inocência eu estava chegando pela primeira vez, que ninguém tinha chegado. E sempre procurando por isso, então eu fui conhecer a represa, eu fui conhecer o rio, eu fui ver mata, eu fui entrar nesses lugares pelas estradas de terra e aí a coisa foi ficando mais constante. Hoje em dia ainda tenho alguns lugares preferidos assim, quando dá um certo desespero eu pego o carro e vou embora, fico lá um tempinho, meio que acalma, dá uma acalmada mesmo.

Pesquisadora
Como você descreveria o seu contato com a natureza hoje em dia? Só esses espaços de fuga assim?

Prof GeoB
De fuga, é meio que um recanto, um santuário, esse tipo. Eu gostaria de ter mais contato assim de fazer alguma coisa mais próxima. Eu, quando a gente mudou aqui pra essa casa, a intenção era na margem do Camanducaia, fazer uma horta comunitária. Mas aí eu fui conversando, conversando, conversando, e parece que é meio impossível porque a margem do rio aqui tem uma espécie de um dique, que aparentemente foi colocado ali por causa de enchente. Essa área aqui é área de enchente, então a prefeitura foi e colocou ali uma montanha de entulho e terra na margem do rio, que não pode tirar senão enche de água tudo isso daqui e a ideia ficou meio pra trás assim. Mas é assim, a relação é meio de admiração, de contemplação, eu gostaria de ser mais aventureiro, mas sou mais caseiro.

Pesquisadora
E você contou que a sua mãe era professora e seu pai sempre estava em outros meios, e como foi na infância e adolescência a aproximação com essa coisa que é mais política, de mobilização de participação, como que isso surge?

Prof GeoB
Ah, isso em casa sempre teve. Muito pela minha mãe que sempre esteve envolvida com questões de sindicato, de participação em assembleias de professores lá em São Paulo. Meu pai, apesar de ser executivo, de trabalhar em empresas com outra pegada, sempre foram muito interessados. Então em casa a conversa sobre política sempre rolou bastante, eles foram ativos durante a época da ditadura, os dois. Não assim, grandes personagens da história brasileira, mas fizeram o que dava pra fazer, então esses temas acabaram sempre aparecendo em casa. Sempre bem informados os dois, sempre lendo muito jornal, enfim, sabendo do que estava acontecendo e passavam pra gente, pra mim e pro meu irmão. Esse tema sempre fez parte do nosso cotidiano. Assim mesa de jantar, momentos em que reuniam a família inteira de fim de semana, que era quando eu via os dois na verdade, aí a conversa geralmente ia pra esse sentido em termos políticos. Então é natural, faz parte do meu cotidiano pensar essas questões.

Pesquisadora
Bacana. Eu quero voltar um pouco agora na sua graduação. Então você caiu na Geografia meio que acidentalmente e você lembra de alguma matéria, ou algumas disciplinas, ou alguma coisa que era dedicado à temática ambiental e a ensino?

Prof GeoB
A ensino sim, porque eu entrei no bacharel e licenciatura, eu fiz as duas ao mesmo tempo, por isso que eu fiquei tanto tempo na Unicamp, fiquei sete anos e meio lá, aí sim, várias disciplinas da licenciatura voltadas para educação, algumas boas outras nem tanto, mais dispensáveis, mas sim, foi uma parcela significativa da minha

formação. E o engraçado é que eu comecei a fazer as disciplinas da licenciatura já dando aula.

Pesquisadora
E como foi isso?

Prof GeoB
Foi estranho porque eu via lá os caras cheios de ideias, cheios de vontade, altas teorias e eu ficava pensando na minha prática na escola. No começo eu meio que ficava… decepcionado assim, porque eu via aquele monte de ideias e aí eu via que na escola não era nada assim. Depois eu comecei a entender que eu tinha que participar mais, quando alguém falava alguma coisa, se eu tinha um contraponto eu tinha que falar. Mas veja eu era muito imaturo, eu comecei a dar aula com 19 anos de idade, eu tinha praticamente a idade dos alunos pra quem eu dava aula. Então eu fui aprendendo meio que sozinho, meio que na raça. Porque pra cá eu de fato não conhecia muita gente, não tinha com quem trocar ideia, não tinha com quem falar trocar experiência. Tinha minha mãe, mas minha mãe era professora de outra época, de outro esquema. Ela ajudou bastante também, mas como um filtro dependendo das coisas que ela falava.
E da questão ambiental, é aquilo que eu te disse, assim uma disciplina falando especificamente sobre o ambiente não. Até porque na Geografia tem essa discussão eterna sobre ambiente e meio ambiente. O que é a Geografia… De que maneira a Geografia se conecta com as outras Ciências Sociais… Porque ao mesmo tempo em que a gente fala do solo, a gente também fala de economia, do mesmo jeito que a gente fala de rocha, a gente fala de Demografia, e a gente consegue falar de tudo ao mesmo tempo, porque é uma Ciência de síntese, a geografia tem essa característica, ela pega tudo o que as outras ciências produzem…. E é massa

Pesquisadora
Eu tenho vontade de fazer Geografia, por causa dessa característica de juntar tudo.

Prof GeoB
De falar um pouco de tudo, é possível falar de tudo. Porque na verdade a Geografia fala da correlação homem e natureza, no fim das contas. De várias maneiras, de formas mais bonitas ou menos bonitas, mas a ideia é sempre essa: de que forma a gente se relaciona com o ambiente onde a gente mora. Seja um território, um espaço, um lugar, esses nomes todos da Geografia, mas a ideia é sempre essa. Então assim, especificamente de ambiente, não. Até tive algumas disciplinas que tinham ambiente no título, não vou conseguir lembrar agora exatamente o nome das disciplinas porque faz tempo, mas tinha Ambiente e Sociedade, Ambiente urbano, tinham esses nomes, e a ementa da disciplina acabava falando mais sobre essas questões instrumentais, e é sempre uma… toda vez que esse tema aparecia.. A maior parte que esse tema aparecia, ele aparecia como uma questão Sociopolítica assim, de conflitos, de problemas, gerado por alguma faísca na relação entre a gente e o ambiente. Em áreas de disputa de terra, em desmatamento da Amazônia, de plantio de soja, de desmatamento do Cerrado, conflitos com relação a isso, populações tradicionais que vão desaparecendo sempre nessa pegada. Na cidade: coleta de lixo, como é esse negócio de enchente, e sempre que o assunto aparecia era sempre nessa briga, nesse embate.

Pesquisadora
E alguma disciplina que fazia essa união? Por exemplo, é uma disciplina da licenciatura, mas a gente vai aprender como trabalhar a temática ambiental numa sala de aula, ou trazendo essa temática como motivadora de algum tema da Educação, teve essa união?

Prof GeoB
Acho que não. Acho que não, uma disciplina que a gente fez e que passou por esses temas, mas não como, não era o objetivo da disciplina, não foi pensado pelos professores, mas foi uma disciplina, acho que a última ou a penúltima que eu fiz na Faculdade de Educação, que chamava…. Não vou lembrar…. Eram uns nomes muito compridos as disciplinas, e eram nomes muito…. (risos) Precisa ser mais objetivo, eu não lembro o nome da disciplina. A intenção era falar sobre políticas educacionais, sobre currículo, falar sobre práticas na sala de aula, como a maior parte delas fazia [delas as integrantes do grupo] e… bom enfim, a proposta final da disciplina era um seminário, que podia ser individual ou em grupo e um dos grupos que apresentou levou esse tema pra ser discutido. Era um grupo que tinha gente da Geografia, da Biologia, da Antropologia das Sociais, Antropologia, ciências políticas tal, que já davam aula e que já tinham uma prática de Educação Ambiental associada com a aula deles em escolas públicas do ensino fundamental, eu imagino que seja fundamental II, lá da cidade de Campinas.

Pesquisadora
E foi legal o seminário deles?

Prof GeoB
Foi, foi bacana, porque basicamente o que eles faziam era.. Eles chamavam de… era um trabalho de campo, saída exploratória, acho que era alguma coisa assim... Nossa faz tanto tempo (risos) que era levar a molecada pras praças da cidade, levar pros parques da cidade, a pedreira do Chapadão, o Bosque dos Alemães lá em Campinas, e aí dentro desses ambientes fazer ali uma atividade, uma dinâmica que agora eu não vou lembrar exatamente o que era que eles faziam, mas que envolvia discussões de questões ambientais. Então assim, uma disciplina da licenciatura que falasse exclusivamente, ou que relacionasse essas questões, não tive. Até porque é isso que eu estou te dizendo, até muito pouco tempo atrás essa conversa não era tão prevalente quanto ela é hoje. Engraçado, agora eu fiquei encucado com isso. Vou ver se eu acho minhas coisas antigas aí e ver se eu não estou falando besteira. Mas não tive uma disciplina assim, de vez em quando essa questão acabava aparecendo porque já tinha uma galera preocupada com essas questões. Então o que eu lembro agora é essa apresentação.

Pesquisadora
Você falou que quando você teve as disciplinas da licenciatura você já estava na sala de aula, mas você consegue ver alguma contribuição dessas disciplinas para a sua prática docente?

Prof GeoB
Sim, sim, ainda que na época fosse difícil hoje em dia eu consigo, porque… e agora! Dar aula parece que é uma coisa meio de dom. As pessoas inclusive falam isso que ser professor é meio trabalho de formiguinha, trabalho de um homem só, que você vai ali porque… Enfim aquela coisa que nos dias do professor todo mundo recebe, de parabéns pelo seu heroísmo, essas conversas. Mas não é assim que funciona, e quanto mais tempo a gente passa dentro da sala de aula mais a gente percebe que, se você não tem uma mínima preparação para lidar com trocentos tipos de situações que vão aparecer na tua frente, você vai acabar fazendo merda. E faz merdas muito grandes assim, faz merdas muito grandes... Então você precisa ter o mínimo, nem que seja o mínimo sabe o mínimo de um conhecimento, de um… de um... Não é nem um conhecimento, é uma preocupação mesmo pedagógica! Tem que estar, nem que seja um projeto teu, nem que seja uma vontade tua, mas isso não nasce do nada, você vai aprendendo. E de tudo que eu já vi acontecendo nesses anos todos dando aula é que

a gente vai.. São bifurcações da vida né, você vai tendo escolhas, e um dos caminhos possíveis de escolha é o caminho da ética. E quando eu digo ética não é essa coisa chata de… É uma questão ética de compromisso mesmo, de papel social. Os professores têm um papel social, que a gente tem que cumprir, quer dizer, a gente pode cumprir ou a gente pode não cumprir, tem essa escolha. Tem esse momento de escolha, e boa parte dessa consciência, dessa percepção de que sim, a gente tem um papel social sim, a gente tem uma responsabilidade veio dessas disciplinas. Porque é muito fácil esquecer cara, se você faz direitinho, se você constrói a sua carreira de um determinado jeito, sem querer julgar, mas se você faz sua carreira de um determinado jeito, você consegue inclusive ganhar muito dinheiro dando aula. Tem pessoas por aí que tiram a maior grana fazendo um trabalho dentro da educação, sendo professor, a gente conhece muitas pessoas assim, mas que aí a coisa fica meio em segundo plano dar aula é um meio pra ele conseguir a grana e isso vai possibilitar ele fazer o que ele tiver afim. Parece meio que voto de pobreza, para você continuar no caminho da ética você tem que ficar meio pobre… Bom, não deixa de ser verdadeiro, os caras fazem grandes trabalhos nas escolas públicas, na rede pública, e se dedica àquilo, dá 50 aulas por semana ou 60 aulas por semana, mas fazem um puta trabalho. Se acabam, mas fazem um puta de um trabalho. Enfim, não sei se eu respondi a pergunta (risos)…. Comecei a viajar aqui..

Pesquisadora
Respondeu. E na graduação essa questão da sensibilidade política? Teve alguma disciplina, alguma vivência, alguma coisa que você falou: Olha bacana. Que te trouxe essa sensibilidade ao que é político?

Prof GeoB
Então, quando eu entrei eu era muito moleque, eu entrei na universidade com 17 anos, que é uma coisa que eu não recomendo. Eu falo pros alunos: esperem mais um pouco, fica mais velho, se não você perde bastante coisa. Eu entrei com 17, eu era moleque de tudo, além de tudo, nesse primeiro ano, do núcleo comum que eu fiquei meio confuso, não sabia o que eu tava fazendo ali, mas o nome me pareceria algo importante. Ah eu entrei numa Unicamp, então eu vou aguentar vou ficar aqui porque as pessoas falam que vale alguma coisa. Depois do terceiro semestre quando eu comecei de fato a ter aulas de Geografia a primeira disciplina que a gente teve foi Sistema Mundo. Que era uma aula bem introdutória assim, bem começando a falar, numa linguagem bem simples o que depois lá na frente a gente vai ter de Geografia. O professor dessa disciplina que é o Prof. Márcio Cataia, que dá aula lá na Unicamp e está lá até hoje, foi durante a minha graduação uma grande inspiração. Não sei se porque ele foi o primeiro que eu vi falando de Geografia, não sei se por causa da maneira como ele dava aula, o jeito e as coisas que ele falava tiveram uma influência muito grande no percurso que eu fui seguindo durante a graduação. O que eu li, o que eu busquei as pessoas que eu conheci os grupos que eu formei, tudo isso meio que girou em torno desse primeiro contato com o Cataia, durante muito tempo. E a turma de orientandos dele, de iniciação científica e de mestrado sempre foi uma turma bastante engajada ali no IG da Geografia, e aí me envolvendo com essa galera eu acabei tomando os primeiros contatos. Aqui eu não tinha amigo, eu me mudei de Pedreira para São Paulo, perdi os poucos amigos que eu tinha lá, aqui eu não fiz nenhum, eu sempre fui um moleque sozinho. E aí fui pra universidade e de repente eu encontro um grupo, que tem uma mobilização política, foi meu primeiro contato.
Aí participei do centro acadêmico, montei chapa, ajudei a fundar a Atlética por incrível que pareça, fiquei bem envolvido com essas questões de política estudantil, quase fui pro DCE lá na Unicamp...

Pesquisadora
Que buxa…

Prof GeoB
É, É (risos) hoje em dia eu jamais faria aquilo de novo, mas na época foi o que precisou acontecer. Foi ai que começou. Começou e terminou na verdade, porque assim que eu terminei o período de gestão do Centro acadêmico, o CACETE: Centro Acadêmico de Ciências da Terra, eu nunca mais voltei. Nunca mais mexi com isso porque vi que não rola. Na época eles já tinham um, tinha partido político, tinha partido político dentro do DCE da Unicamp, dentro dos centros acadêmicos, que é a prática até hoje. Aí eu fui percebendo que aquilo ali, aquele tipo de discussão, aquele tipo de conversa não me interessava. Mas apesar de não participar mais do movimento estudantil, da política estudantil, o interesse permanecia, sempre. Eu participo de greve ativamente, sempre, durante esses anos todos, de passeatas, de ir pra São Paulo, de ir pra Paulista, de fazer barulho, de levar bomba, de tomar cacetada, greve de professores, sempre, isso durante o período da graduação com muita frequência. Muito por conta do caldo ali, você fica junto com todo mundo, a galera já dando aula também e é vamos, vamos, vamos embora, pega o ônibus e vai embora, já levei muita cacetada, já corri muito de PM, já vi muita coisa e isso nesse sentido. Hoje menos frequentemente claro também você vai ficando mais cansado, mas sempre interessado, sempre sabendo. Isso é outro tema que sempre que é possível, porque a Geografia pede um pouco disso também. Tinha um professor meu que dizia que “A geografia é a história do presente”. É falar um pouco sobre isso, saber alertar os alunos um pouco sobre o que está acontecendo agora. Nesse sentido continua o interesse, ainda que cansativo e desiludido, mas sempre é um tema que volta.

Pesquisadora
Você tem alguma participação em coisas fora da escola? No JORNADAS queria depois que você contasse um pouquinho como foi que começou, que surgiu. Você participa de coisas sociais, culturais, outras participações fora do ambiente da escola que você consegue fazer uma associação, ou com a temática ambiental ou com a sensibilidade política?

Prof GeoB
Cara, hoje em dia eu não estou fazendo mais nada! Estou em casa, estou virado com essa coisa da Tese, estou pirado com isso e não tenho mais participado de muita coisa não. Se eu fosse te dizer, mesmo do Jornadas, faz um tempo que não acontece mais, e muito é por conta que, a gente acaba ficando muito preso. Olha dá até uma tristeza de falar, mas é verdade, hoje em dia eu não participo mais tanto quanto eu já participei no passado.

Pesquisadora
Teve alguma coisa que te marcou?

Prof GeoB
Com relação à questão ambiental, ou educacional?

Pesquisadora
Ou política, as três.

Prof GeoB
Então eu nunca assim, participar de grupos eu nunca participei, entrar pra um grupo específico eu nunca fiz. A não ser essa questão da política estudantil. Nunca participei de algum grupo organizado assim, nunca foi meu interesse. Tive sempre participações difusas, participação em greve, participação em reunião, participação em assembleia, isso sim. Na época em que lá e campinas estava se discutindo o plano Diretor da

cidade, quando isso virou lei, quando as cidades passaram a ser obrigadas a fazer o plano diretor, eu me envolvi bastante no debate mais solitário. Ia lá pra ouvir, quando tinha alguma coisa pra dizer, falava, nos grupos de trabalho que foram organizados dentro da Unicamp e na Prefeitura de Campinas, então eu participei ativamente da produção do Plano Diretor de lá. Que depois serviu de modelo pra construção dos planos diretores da região, inclusive o daqui. Mas sempre assim, sempre como espectador e participando às vezes. Eu não consigo lembrar de alguma coisa nesse sentido, de participação em algum movimento organizado. Não consigo.

Pesquisadora
Bom, vou cutucar então tá? (risos)

Prof GeoB
Fique à vontade!

Pesquisadora
Você vê alguma contribuição dessas participações, isoladas que sejam, mas na sua docência?

Prof GeoB
Sim, sim bastante. Até hoje, eu acho que eu me repito demais, tem história que eu conto já há quase 10 anos. São coisas que aconteceram já tem bastante tempo e eu conto como se tivessem acontecido a semana passada, porque ainda têm uma grande importância pra mim assim. As participações em reuniões, as conversas que eu escutei as coisas que eu fiz, visitas.. Na Geografia a gente tem muito essa oportunidade de fazer trabalho de campo, viaja bastante, eu conheci um monte de lugar com a Unicamp. Fui pra Argentina, fui pro estado de São Paulo inteiro, fui pra Minas, fui pro Paraná, fui pro Rio de Janeiro, um monte de lugares que a gente vai por causa das disciplinas. Vai ver um determinado tipo de relevo, vai ver uma vegetação, vai conhecer uma determinada região e sempre tem história pra contar desses lugares que a gente visita. E é uma coisa que eu percebo também, a galera meio se fecha. A minha teoria é por causa dos morros, porque a galera olha e não tem horizonte, é tudo fechado pelos morros.

Pesquisadora
Aqui?

Prof GeoB
Aqui, é, Pedreira mais. A vida é pra dentro, não é uma vida pra fora. Fica pra fora depois, quando encontra a molecada que já está na faculdade, que eles saem de Pedreira e vão conhecer outros lugares, e falam, Nossa fui em tal lugar, conheci tal pessoa. Quando vive dentro da cidade como Pedreira, Amparo acho que é menos, porque Amparo é centro regional, tem mais gente de fora vindo, mais opções de sair... Pedreira tem uma estrada que sai e uma estrada que entra, não tem muita opção assim.

Pesquisadora
E você tem essa Teoria dos Morros que o pessoal é muito pra dentro inclusive na participação política, na visão com o ambiente em tudo isso?

Prof GeoB
Sim, sim, têm uma preocupação grande com assuntos locais, mas fora dali geralmente não. A tentativa é sempre de tentar mostrar que….

Pesquisadora
Que interessante!!!

Prof GeoB
É a Geografia!!! (risos) A tentativa é sempre mostrar que existe vida fora dali.

Pesquisadora
Mas você está estudando isso? Ah não é mudanças climáticas.

Prof GeoB
Mas a influência é, porque a maneira como você percebe o lugar que você mora tem a ver, mas é uma viagem minha! Eu nunca fui atrás de conversar com as pessoas pra saber se de fato tem procedência. Mas a impressão que eu tenho é essa, porque é muito marcado. Eu dei aula aqui em Amparo também muitos anos e nunca percebi isso assim tão forte. Claro que a galera tem preocupação com o primo, com o irmão, com quem conhece, mas se você fala de temas fora de Amparo, as crianças engajam, elas vão juntos. Em Pedreira não. É muito diferente. Eu já dei aula em Pedreira, já dei aula em Santo Antônio de Posse, em Jaguariúna, em Amparo em um monte de lugares e ali é onde eu sinto isso com muita força (de olhar só pra dentro). O pessoal não tem a menor curiosidade de saber o que acontece fora de Pedreira. Não se interessa, e aí eu começo a viajar porque você abre a janela de casa: Montanha, você vai andar de carro a cidade é numa panela, é um vale, é fechado, você só tem duas possibilidades de saída ou ir pra Jaguariúna ou vir pra Amparo, o resto é tudo fechado, então é uma vida pra dentro, é fechada nesse lugar.

Pesquisadora
Adorei pensar isso.

Prof GeoB
E eu nem lembro qual era a pergunta (risos)

Pesquisadora
Uma coisa que eu queria voltar é que você falou sobre sua questão de mudança, que estava sempre sozinho e que esse projeto que você está fazendo também é sozinho. Duas coisas, você acha que o fato de estar sempre muito sozinho tem interferência na sua docência, na relação com essa construção toda de mobilização, e se tem depois alguma outra atividade que você fez com a temática ambiental ou com outra temática que é em conjunto com outros professores e que deu certo? Que seja interdisciplinar ou com outros colegas.

Prof GeoB
Sim. E agora?!
Eu acho que ter passado…. Porque assim… Foi foda né cara, eu me mudei de São Paulo pra cá com 12 anos, eu saí de lá na hora em que a coisa está começando a se organizar. Quando você começa a ter a tua turma, quando você começa a ir pros lugares com amigos. Eu lembro que pouco antes de mudar eu fui pela primeira vez sozinho no shopping, que é um passeio possível lá em São Paulo, andei pela primeira vez de metrô sozinho. Fui de ônibus pra escola, essas coisas que lá em São Paulo são importantes, e fiz isso com uma turminha ali. Aí me mudei e isso cortou, quebrou. Eu vim pra Pedreira com 12/13 anos, e aqui a galera ou já tinha essas turmas formadas, constituídas, porque conhece o pai que conhece o, essa coisa, ou começaram a formar essas turmas com gente que já tinha uma certa convivência e eu fiquei de fora. Então eu não aproveitei isso lá em São Paulo e eu não tive chance de aproveitar aqui. Então passei a adolescência inteira sozinho. Literalmente sozinho

assim, não tinha amigos, não tinha com quem conversar, eu falava com as paredes, meu melhor amigo era meu cachorro. E é óbvio que isso tem um peso gigante pra mim, eu não fui pra festinhas, eu não participei de outras coisas, não fiz! Essa adolescência que todo mundo teve eu não tive.
Então eu só fui começar a ter um tipo de contato mais próximo com grupos de pessoas e me encaixar em alguns lugares dentro da Universidade. Eu entrei lá com meus 17 anos e ali eu me achei porque, eu lembro até hoje um dos primeiros dias que eu voltei da Unicamp eu voltei pensando: Ninguém sabe quem eu sou ninguém sabe de onde eu vim, ninguém sabe se eu sou de São Paulo ou de Pedreira, ninguém sabe de nada, aqui eu posso ser o que eu sempre fui e as pessoas que se aproximarem vão se aproximar por isso, eu não preciso ficar preocupado, porque nem eu as conheço e nem elas me conhecem também, tudo é novo para todo mundo. Isso me deu uma liberdade muito grande.
E aí levou um tempo ainda, mas os coletivos vão se formando, os grupos, e eu por destino ou por preferência, sei lá, acabei me aproximando desse grupo de pessoas lá da minha turma que até hoje é professor. Porque tem essa também, o pessoal que entrou comigo, eu fiz essa pesquisa informal um tempo atrás, porque montaram um grupo de whatsapp da turma, e eles queriam marcar um churrasco, esse ano faz 15 anos que a gente entrou na graduação, mas não deu certo porque ninguém tem data. Mas eu aproveitei o grupo do whatsapp pra perguntar quem ali depois de tantos anos estava de fato trabalhando com alguma coisa em Geografia, seja dando aula, trabalhando em prefeitura, seja lá o que for. Acho que tinha umas 30 pessoas no grupo e umas 10 estão fazendo alguma coisa na Geografia. Professores são a minoria. A maior parte dos que são professores concursados trabalham em prefeituras, mas são poucos, ou porque se desiludiu, começou a dar aula, não era isso foi pra outro lugar, ou porque nunca exerceu de fato, se formou em Geografia e nunca fez nada com isso.
Eu dei sorte ou por preferência de me aproximar dessa galera que até hoje continua sendo professor, que continua militando nessa seara, e ali eu me encontrei. Então até hoje a construção, a criação desse cursinho voluntário lá em Jundiaí teve uma importância gigante na minha formação. Era um cursinho voluntário porque a gente não recebia nada, recebia uma ajuda de custo quando dava pela viagem, e os alunos estudavam gratuitamente. Ali teve uma importância grande na formação e no meu entendimento sobre o que é ser professor, qual é o meu papel tal.
Eu viajei, eu esqueço a pergunta...

Pesquisadora
Relaxa tudo é importante! A outra pergunta era sobre a possibilidade do trabalho coletivo numa escola, envolvendo ou a Geografia ou outra temática.

Prof GeoB
Já houve e hoje em dia não muito mais, porque hoje em dia a escola onde eu dou aula é uma escola feita basicamente por professores mais velhos, e aí não existe muito essa troca. Mas no passado houve e eu já fiz coisas bem bacanas. Trabalhando com a molecada de vocês (professores) Rafa Mendes, com o Júlio, com o Pagan, trabalhei com uma galera que aí sim. Aí a gente senta, bate papo, e as ideias vão aparecendo e a ideia acontece. Já fiz algumas coisas bem bacanas de ciclos de debates, de aulões que a gente chamava, juntava todo mundo da escola numa sala e dar aula sobre um tema, que é inclusive de onde veio a ideia do JORNADAS. Já fizemos seminários, apresentações de trabalhos, semana de ciências, semana do que você imaginar! Já mexi bastante com isso, hoje em dia menos, por conta da demografia da escola onde eu dou aula, a maior parte dos professores são mais velhos, e aí eles não estão muito afim de criar coisas novas. Hoje menos, mas no passado já fiz bastante.

Pesquisadora

Com a temática ambiental tem alguma coisa que você lembra que foi mais especial?

Prof GeoB
Alguns aulões e seminários. Aulões assim, o maior que a gente já fez foi no Integrado em Jaguariúna. Eu o Júlio, a Flávia, o Milton que é professor de Redação, a Suelen que é professora de Literatura, a gente juntou praticamente todas as disciplinas para falar sobre o tema ambiental. E foi bacana pra caramba. Na verdade o formato meio que misturava um monte de coisa, a gente tinha apresentação formalzinha assim de trabalho, alguém que vai lá e fica lendo o papelzinho, teve aluno que se animou em fazer uma espécie de teatro, uma encenaçãozinha, como se tivessem apresentando um jornal, falando sobre notícias ambientais, que eles iam atrás, eles buscavam. Deu bastante certo. Teve aluno que trouxe poesia, teve aluno que trouxe texto, praticamente juntou a escola toda de todas as disciplinas.

Pesquisadora
Foi uma ação pontual ou era parte de algum projeto?

Prof GeoB
Era parte de um… porque lá no Integrado eles usam o material do Anglo e o Anglo tem isso. Uma determinada época do ano eles têm, como chama isso?! Uma espécie de projeto que trabalham tudo junto. Nem todas as escolas que usam o material do Anglo fazem, naquele ano o Integrado resolveu fazer. A iniciativa foi da coordenação e o tema era a questão ambiental. Aí ao invés de cada professor fazer o seu a gente resolveu todo mundo fazer junto.

Pesquisadora
Tinha um tema específico?

Prof GeoB
Não, questão ambiental. O que aparecesse estava valendo. Foi bem bacana, durou dois dias de apresentações. Foi em 2012. Qual foi o ano do Rio+20?

Pesquisadora
Foi.

Prof GeoB
Acho que 2012 porque foi por causa disso.

Pesquisadora
Você vê hoje a possibilidade de trabalhar a temática ambiental, você já me contou desse projeto que você está tentando incluir, está mais fácil ou mais difícil? Há a possibilidade de incluir outros professores? Na escola você falou que tem pouco, mas o que você enxerga de possibilidade sobre a temática?

Prof GeoB
Ainda mais agora com esse susto que eu tomei, de perceber que esse tema não era tratado, pelo menos na minha experiência, hoje em dia ele está muito mais visível, está aparecendo bastante, então trabalhar isso hoje em dia é mais fácil. Fácil no sentido de ter mais material, mais informação disponível, nesse sentido acho que é mais tranquilo de conseguir informação. Em termos de engajamento é aquilo que eu disse, na minha realidade hoje é mais complicado. É uma escola meio *sui generis* nunca tinha tido uma experiência dessas. Eu dou aula há muitos anos, mas como está sendo esse ano, como estão sendo esses últimos anos na verdade, nunca tinha acontecido. Mesmo com essa coisa que eu falei pra você das Montanhas, tinham

turmas que eu cutucava e elas iam embora. Nesses últimos anos a coisa está mudando pra caramba, eu não sei exatamente o que está acontecendo, nem sei se é geral, porque agora eu meio que perdi esse contato.
Agora a possibilidade de engajamento eu imagino que, pensando genericamente, hoje em dia deve ser mais fácil, muito mais fértil o terreno de fazer o engajamento de alunos, de professores, de coordenadores e direção que tratem desse tema, mas geralmente acaba sendo aquele tratamento meio genérico, vai falar de questões ambientais, vai falar de recicle, feche a torneira na hora de escovar o dentre, esse tipo de coisa. Não chega a ser o cerne do problema, não é exatamente.
Eu pra montar aula dessa semana estava procurando por notícias e achei um vídeo, essa semana a gente bateu um Record novo, a gente chegou a 403 partes por milhão de Carbono na atmosfera. Eu fui procurar notícias sobre isso e achei um vídeo na Globo News de uma apresentadora conversando com uma senhora que estava no Comitê da Organização Mundial Metereológica que é quem monitora essas coisas. E a senhora, na Alemanha, bastante preocupada, triste! Você via na cara da mulher que ela devia ter saído de uma reunião e que as notícias não foram boas, ela estava com um ar cansado, pesado, e uma das últimas frases que ela disse, foi assim: Eu não vejo um futuro muito bom para a espécie humana no planeta, de acordo com as informações que a gente tem. Aí corta pra apresentadora do programa, ela dá um sorriso assim, e fala: Diante dessas coisas todas que você acabou de contar pra gente, qual é o papel do indivíduo nesse processo? O que a gente pode na nossa casa, no nosso cotidiano fazer para ajudar a diminuir os índices de emissão de Gás Carbônico? Aí volta pra mulher, a mulher com uma cara tipo. Ah Você pode repensar seus atos de consumo, você pode repensar seu consumo de carne, você pode repensar…. Mas qualquer coisa que a gente faz hoje tem o que eles chamam de pegada ecológica. Aí a entrevistada falou, o mais importante é a gente começar a prestar atenção em quem a gente elege, se essa pessoa tem uma preocupação sincera com a questão ambiental, pressionar os políticos para novas legislações, porque esse problema é um problema coletivo, é um problema global, está afetando o planeta todo, as atitudes individuais são importantes, mas não são elas que vão resolver o problema. Não é você em casa, escovando o dente, usando menos água, que vai…. Claro que isso é importante, é uma questão ética importante, é uma responsabilidade, e eu transmito isso pros alunos também.

Pesquisadora
Aí você pegou essa notícia e levou pros alunos?

Prof GeoB
Levei pra eles pra falar sobre essa questão da responsabilidade. É claro que é uma questão ética importante, de não deixar a torneira aberta, de fazer as coisas, diminuir o consumo, diminuir a pegada individual de cada um...

Pesquisadora
E rolou uma discussão com os alunos depois sobre isso?

Prof GeoB
Pouca, pouca. Alguma cosia, mais do que eu já tinha visto no passado, talvez por ser alguma coisa mais próxima.

Pesquisadora
Aí você traz esses pontos? Olha galera, viu o que ela falou do individual do coletivo? E eles apáticos assim?

Prof GeoB

Isso, isso, isso. Alguns, em uma sala de uns 30 uns 5 participam só, os outros ficam meio... Eles me olham, mas eles não estão me olhando sabe?! Não falam nada, não participam.

Pesquisadora
E as dificuldades de se trabalhar a temática, tirando esse ano que você está mais nessa escola, que tem todas essas peculiaridades, mas de uma maneira geral ao longo desses anos que você dá aula, quais as principais dificuldades em trabalhar a temática ambiental dentro da sala de aula?

Prof GeoB
Dificuldade acho que nenhuma cara. A galera se interessa muito por esse tema, é uma coisa que é muito tranquila de gerar debate, então no momento em que você toca em uma desses assuntos, ou seja, em qualquer aspecto das questões ambientais a tendência é que a conversa aconteça. Muito porque está na mídia, muito porque está sendo falado com alguma frequência, algumas vezes alguns alunos por conta própria propuseram trabalhos ou atividades que tinham a ver com isso, especialmente quando eu dava aula, hoje em dia não dou mais aula no fundamental, mas quando eu estava no fundamental, a molecadinha do fundamental sempre vinha com algumas ideias assim.. O que nós podemos fazer? O que eu posso fazer pra ajudar, e eles vinham cheios de propostas. Desde fazer panfletagem até recolher lixo no rio, o que desse pra fazer eles estavam afim.
Então dificuldades de falar eu não vejo nenhuma não, o que eu vejo dificuldade é de qualificar o debate! De falar o que precisa ser falado. Na verdade com tudo, a gente pode ficar na superfície ou a gente pode dar uma aprofundada e chegar no miolo da questão. Isso eu acho mais complicado, porque aí as pessoas não estão de fato muito interessadas. Mostrar que está preocupado com o ambiente é até uma questão desejável hoje em dia, já você falar alguma coisa… enfim, existe essa.. Bom todo mundo está preocupado com o ambiente ok, mas preocupado com o quê especificamente, como? Por quê? Dar uma verticalizada nas questões aí a galera não está muito interessada não.
E isso eu sinto com todo mundo, desde os alunos, até conversando com professores mesmo, ou em casa, com a família, Ah é tá difícil, tá ruim, é e tal. Mas porque não choveu em 2013? Vamos entender o porquê não choveu em 2013, ninguém está a fim de saber, ninguém está a fim de perguntar. Todos estamos preocupados com o ambiente, mas até um limite, até aqui a gente se preocupa mais depois disso eu preciso ir ali fazer uma feijão ou algo do tipo, e aí já não dá mais pra preocupar.
E aí eu acho que a mídia tem um papel importante nisso também por que não aprofunda. Você vê no jornal, os caras têm as possibilidades, têm a grana, o tempo, a visibilidade, mas não aprofunda a questão. Dá a notícia de uma troço grave, que a gente atingiu um limite alto, grande, de concentração de Carbono na atmosfera, que vai ter consequências imensas para o planeta todo, e aí quando volta pergunta qual a responsabilidade da gente em casa, se eu diminuir o consumo de carne eu vou estar resolvendo isso. Então não aprofunda, não verticaliza o assunto, e aí as pessoas não se habituam a pensar isso.
A abertura para conversar tem, de fato, tem qualquer pessoa se você parar na rua e for falar de questão ambiental a pessoa vai junto contigo. Mas daí a qualificar uma conversa e verticalizar o debate não acontece.

Pesquisadora
Queria te perguntar sobre esses trabalhos mais coletivos, desde o cursinho, mais especificamente desse que você têm aqui, se você já participou de algum outro? Como surgiu o JORNADAS? Qual o intuito? Como tem acontecido? Qual a importância dele pra você? Qual a importância dele pra sua docência?

Prof GeoB
Vou tentar resumir. O JORNADAS é uma ideia coletiva que apareceu da vontade, da necessidade de a gente conseguir conversar sobre temas, de maneira um pouquinho mais aprofundada, e num espaço um pouco mais livre. No sentido de que dentro do ambiente escolar você tem algumas restrições, algumas limitações que precisam ser respeitadas e que às vezes acabam interferindo na qualidade do debate possível de ser feito. Nisso eu digo limitações de tempo, limitações de escopo, porque você tem que cumprir o diabo das apostilas, se você não cumpre os caras caem de pau em cima de você. O fato de você não encontrar todos os professores todos os dias, então os grupos de amizade ali ficam meio difícil, difícil porque você vai em um dia o cara vai no outro. Você não consegue montar um projeto junto para conversar junto sobre o mesmo tema. Essas dificuldades dentro do ambiente escolar e a vontade de debater alguns temas de forma um pouquinho mais profunda foi a faísca de criação do JORNADAS. A ideia partiu do Prof SocHis, foi ele que começou com o debate, e assim que ele falou a gente já marcou porque parecia uma boa ideia. E a ideia sempre foi essa, de ser um ambiente de conversa. Então a gente professores organizando, mas não falando como professores, não sendo autoridade de conhecimento dentro daquele contexto ali. Literalmente um espaço aberto de diálogo e de conversa pra todo mundo poder colocar o que tiver que ser colocado, sobre o tema que estiver em discussão ou debate. É daí que nasce. Junto com isso teve as experiências, que eu tive com professores, colegas de Filosofia, de História, aqui e lá, as experiências que o Prof. SocHis teve nas escolas, a experiência dos aulões, dessas reuniões meio que à revelia das estruturas das escolas, do engessamento que as escolas acabam criando, alguns professores se juntando e fazendo trabalhos conjuntos, com turmas dentro das escolas. Com a Profa SocGeo eu fiz também quando dava aula aqui, e sempre deu muito certo. Então era um tema, que às vezes era trabalhado uma manhã inteira, com todas as turmas, todos juntos. Normalmente no ensino médio, o último aulão que a gente deu, a gente falou sobre os protestos de 2013, 2014, de tudo aquilo que estava acontecendo de Impeachment, e foi bem massa. Aí juntou então essa experiência que a gente já tinha tido, mais a vontade de falar de coisas, fora do ambiente escolar, por conta dessas limitações e engessamento, aí surge o JORNADAS. Eu não lembro agora quantas edições foram, três ou quatro, e foi bem massa, eu acho que na verdade deveria voltar, porque eu gostei bastante de todos. A gente aprendendo junto, construindo junto, errando e acertando de vez em quando, tiveram algumas falas bem interessantes. A Marilda aquele dia na Fundação foi bem massa, e mesmo a participação, ver a molecada participando, a molecada que é aluna da gente, que está nas escolas e veio participar, falando se abrindo, revendo ex-alunos que acharam um espaço pra poder falar de temas que interessam, temas que são importantes. O feminismo, por exemplo, a questão urbana é uma questão importante, a proposta era a gente fazer um próximo sobre Educação, mas nunca foi muito pra frente. Por que será que não foi?! (em tom de interrogação mesmo, sem ser irônico ou nada) É porque eu acho que quando junta professor para falar de Educação vira muro das lamentações, todo mundo reclamando, não dá certo. É uma profissão muito pesada.

Pesquisadora
Falando em muito pesada eu vou cutucar mais um pouco.

Prof GeoB
Sim

Pesquisadora
Você pode falar o que vier na cabeça mesmo, comentários, experiências marcantes, como você vê essa ligação entre a temática ambiental, a docência, e essa sensibilidade política? As três coisas na sua vida.

Prof GeoB
Pra mim?

Pesquisadora
Pra você. Hoje, antes, o que isso te...

Prof GeoB
Hoje do jeito como as coisas estão, muito em função da temática do trabalho que eu tenho feito, da tese (doutorado), essa preocupação com a questão ambiental, o pensamento ambiental, tem feito parte mais constante do meu cotidiano. Do mesmo jeito que a Geografia virou uma espécie de vício, uma espécie de filtro, tudo que eu faço, penso e olho no mundo de uma forma ou de outra eu tento enxergar a Geografia ali dentro. Hoje em dia, a maior parte das vezes em que eu faço esse tipo de observação esse tipo de reflexão a questão ambiental aparece junto. Então hoje em dia é meio que condição *sine qua non* de como eu me posiciono, de como eu penso, de quais são as minhas motivações, de quais são as minhas preocupações políticas mesmo, onde eu tenho tentado me engajar, os eventos que eu tenho tentado participar, todos eles hoje em dia têm mais essa pegada de pensar a questão ambiental. De encontrar coletivos de pessoas que estão interessadas em debater essa questão de forma mais verticalizada, ir à fundo em algumas questões pra mim são importantes.
É isso, mudou, não sei se mudou, mas acrescentou algumas coisas, porque a Geografia sempre foi meu viés para entender as coisas. Criando minhas pequenas teorias da vida sobre a existência sempre com a Geografia como fundo. E hoje em dia além da Geografia tem essa questão do pensamento ambiental. As leituras que eu tenho feito, os autores que eu tenho conhecido, tudo isso gira em torno dessa preocupação.
E agora? Eu não sei se eu estou respondendo, se eu estou só falando, não sei se eu estou ajudando… (risos)

Pesquisadora
Está ótimo, é isso mesmo, é esse livre expressar. Você fez mestrado com o que?

Prof GeoB
Eu fiz lá em Rio Claro com a Lívia de Oliveira

Pesquisadora
Em Rio Claro?

Prof GeoB
(risos) A graduação na Unicamp o mestrado em Rio Claro. A Lívia é professora emérita da Geografia, tem 92 anos hoje. Ela me orientou de 2012 a 2014.

Pesquisadora
Por isso que teu rosto não me é estranho?

Prof GeoB
Será que a gente se cruzava lá?

Pesquisadora
Poxa, acho que sim, não sei, mas o que você estudou?

Prof GeoB

Mas não tinha nada a ver com isso, eu estava preocupado com música. Geografia e música. Eu fui estudar o bairro do Bexiga lá em São Paulo, mais especificamente eu estudava a Vai Vai, que é escola de samba, e saber como a experiência da música, como a experiência da memória que a música trazia se relacionava com o lugar, de pertencimento, de identidade, com o lugar. Em São Paulo, no Bexiga. Na verdade era falar de memória, de tempo e de Geografia, meio que uma mistura de História e Geografia e usando como fio condutor a música, o samba, em são Paulo.

Pesquisadora
Que legal!! Totalmente outra...

Prof GeoB
É, louco, mas era uma vontade que eu tinha há muito tempo e eu nunca tive espaço e a Lívia apareceu me dizendo, ó você quer fazer? Eu falei quero! Então vamos. E eu fiz, foi bacana..

Pesquisadora
Ela é dessa área? De memória, lugar?

Prof GeoB
Ela trabalha com percepção ambiental. Se você falar o nome dela lá o teu professor deve saber.

Pesquisadora
Percepção ambiental?

Prof GeoB
Rio Claro é pequeno, o campus é pequeno, então o pessoal se conhece. A Lívia é referência no mundo, ela trabalha com cartografia escolar, trabalha com percepção da Geografia, se você falar percepção ambiental ela vai ficar brava.

Pesquisadora
Mas é fazendo pesquisa que a gente descobre as coisas?! Eu descobri que duas das minhas entrevistadas fizeram graduação lá também, sem eu saber….

Prof GeoB
Aí não tinha nada a ver com a questão ambiental mesmo, era mais a piração de trabalhar com música e Geografia. O trabalho ficou bom eu acho, eu fiquei meio louco no final.

Pesquisadora
Quem não fica né?

Prof GeoB
No final ficou bacana eu gostei. Agora a tese eu voltei para a Unicamp, estou fazendo lá no IG de novo. A tese é falar de, as palavras chaves da tese são: mudanças climáticas, antropoceno, que é esse momento novo que a gente está passando, mundo e paisagem. Essas são as quatro palavras chaves. Aí em cima disso eu estou trabalhando como é que a gente, como é a percepção, como é a relação, como é a experiência desse momento em que o que era norma, o que era regra, o que é comum, o que era esperado, o que era sazonal, vai desaparecendo, e a gente vai tendo que lidar com essa nova realidade com esse novo, com esse momento diferente, que meio que aparece como um fim de mundo. Aquilo que era realidade até então vai se desmanchando, vai desaparecendo e agora a gente tem que lidar com

alguma coisa nova. A piração está indo nesse sentido. Então eu tenho lido de tudo, eu tenho lido antropólogos, eu tenho lido Geólogos, o pessoal que trabalha com Ecologia, Geógrafos claro, para tentar montar esse quadro.

Pesquisadora
Você já leu o livro, o nome dela é Isabele Stengers.

Prof GeoB
Stengers? Sim, Já

Pesquisadora
No tempo das catástrofes.

Prof GeoB
Eu li, está no meu trabalho, li essa e o, tem um outro livrinho dela que se chama Cosmopolíticas, é uma sequência, são quatro livros, mas fininhos, não é nada.. Eu nem tenho eles, tenho digitalizados.

Pesquisadora
Agora a gente está lendo Boaventura de Sousa Santos no grupo de pesquisa.

Prof GeoB
Que legal, eu já tive isso, hoje em dia não tenho mais. Eu participei, quer dizer, formalmente eu ainda participo de dois grupos de pesquisa. Um é sediado lá na Federal Fluminense no Rio em Niterói e outro é aqui na Unicamp mesmo. Um é o grupo de Pesquisa Geografia Humanista e Cultural (GHUM) e o outro é o NOMEAR que é o grupo de Pesquisa em Geografia e Fenomenologia. Ao longo desses anos todos eles tiveram isso reuniões de leitura, era bem bacana. Foi o período que eu mais li, que eu mais aprendi, mas acabou. Hoje em dia eles não têm mais.

Pesquisadora
Eles não fazem mais os encontros?

Prof GeoB
O grupo existe mais os encontros assim presenciais são muito poucos.

Pesquisadora
Isso é uma coisa muito forte da Educação Ambiental lá em rio Claro, desde que surgiu, todo mês tem reunião com todos os docentes da linha e todos os mestrandos e doutorandos. É enriquecedor.

Prof GeoB
Que massa! Foi a época que eu mais li, era um livro por mês, às vezes mais de um livro por mês, foi bem massa.

A pesquisadora encerra explicando os próximos passos da pesquisa e agradece a participação do Professor.